

GASPAR DE CARVAJAL, ALONSO DE ROJAS
E
CRISTOBAL DE ACUÑA

Descobrimientos do Rio das Amazonas

Traduzidos e anotados
por
C. de Melo-Leitão

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Pôrto Alegre

1941



BIBLIOTECA

N. 79

1972

INDICE

Prefacio	5
Relação que escreveu Frei Gaspar Carvajal	11
Descobrimto do Rio de Orellana	13
Descobrimto do Rio das Amazonas e suas dilatadas provincias	81
Novo descobrimto do Grande Rio das Amazonas	125

P r e f á c i o

As narrativas das viagens de Orellana e Pedro Teixeira são tres crônicas que se completam, descrevendo quasi o mesmo roteiro, com intervalo de um século.

São muito desiguais, iamos quasi a dizer opostas, no seu estilo. A do frade dominicano é pesada, cheia de repetições e orações incidentes, difficil de ler e acompanhar, sendo poucas as informações que nos dá da natureza e mesmo das tribus indigenas, tendo apenas interesse as que se referem às Amazonas. Ao tempo da viagem de Orellana, segundo a narrativa de Carvajal, eram as margens do Amazonas povoadíssimas, de povos em constante guerra, quasi todos hostis aos viajantes.

A narração de Acuña é leve, dividida em pequenos capítulos, dando um sem numero de notas curiosas, o que torna o opúsculo do jesuita de leitura amena e agradável. A outra, que se attribui a Alonso de Rojas, é também de facil leitura, semelhante, no estilo, à de Acuña, que dela transcreveu alguns parágrafos. Pelas traduções que se seguem poderão os leitores fazer o confronto. As dos jesuitas são quasi literais. Na de Carvajal eliminei centenas de — *o dito* —, e outras muitas repetições, procurando dividir os longos e interminaveis periodos em sentenças mais curtas e incisivas. Sem modernizar completamente o texto do velho cronista espanhol, tentei amenizá-lo.

Nasceu Gaspar de Carvajal em Trujillo, na Extremadura espanhola, aí pelo ano de 1504. Em principios de 1537 partiu para o Perú com dez outros frades da sua Ordem de S. Domingos, estando em 1538 como vigário provincial em Lima, onde fundou o primeiro convento dominicano da América. Quando por ali passou Gonçalo Pizarro, extremenho como Carvajal, a tomar posse do governo de Quito, antes confiado a Benalcazar, levou consigo o seu conterraneo, moço e enérgico, para dizer missa e confessar aos seus soldados. E ao findar o ano de 1540, quando Pizarro resolveu mandar a Orellana pelo rio Coca abaixo, em busca de comida, com os enfermos, seguiram no mesmo bergantim Carvajal e um seu irmão de hábito.

Foi ele companheiro de Orellana em toda essa épica descida do Amazonas, duas vezes alcançado pelas setas dos indigenas, em uma das quais veio a perder um olho. Chegando á ilha de Cubagua em meados de setembro de 1542, aí soube da morte do bispo Valverde pelos índios da Puna e da de Francisco Pizarro pelos do Chile. Talvez por isso tenha decidido não acompanhar Orellana á Espanha, seguindo para Panamá e d'aí para Lima. Em 1544 o vemos como viceprior do convento de Lima, e em 1548 o encontramos como prior do convento de Cuzco, de onde foi enviado pelo licenciado Pedro de la Gasca para Tucuman, com o titulo de protetor dos índios. Em 1557 foi eleito provincial de sua ordem no Perú, tendo visitado escrupulosamente os conventos da sua província. De 1575 existe, assinado por ele, honrosissimo documento no qual, dirigindo-se ao rei, "como cristão e religioso" lhe solicita que olhe pela proteção e defesa dos índios.

Escreve Toribio Medina: "Sua *Relação* da viagem de Orellana, embora escrita sem arte, é o reflexo fiel de

suas próprias impressões e do que presenciou, e até agora o único documento que se conhece daquêle memoravel successo”.

O primeiro autor que historiou a viagem de Orellana foi o cronista Fernandez de Oviedo, que se encontrava em São Domingos, quando aí aportou Orellana, já de vela para a Espanha. Como diz Toribio de Medina: “Aquella viagem seguindo a corrente do maior rio do mundo por espaço de mil e oitocentas léguas era um acontecimento tão importante para a história da geografia, ou, como então afirmava aquêle cronista, uma das maiores coisas acontecidas a homens, que valia a pena fazê-la desde logo conhecida na Europa”.

O cronista da Historia da Índias deu a noticia dessa estranha ocorrência ao cardeal Bembo, favorito de Lucrécia Borgia, e Bautista Ramusio a publicou em 1555, na sua coleção *Delle navigatione et viaggi*. Devia Oviedo ter conhecimento, além disso, do relato do padre Carvajal, pois de outro modo não se explica que, embora dê mais pormenores da viagem do que o faz o frade dominicano, transcreva no final de sua obra, com pequenas variantes, essa crônica. Manhosamente não refere Oviedo o nome de Carvajal, dizendo apenas que escreveu o descobrimento do Marañon *ad plenum*, “com algumas particularidades que eu soube pelo próprio capitão Orellana, além do que, como testemunha de vista, escreveu um devoto frade da Ordem dos Pregadores.

O livro *Guerra de Chupas*, relatando a mesma viagem, permaneceu inédito até 1881. Ficou também longo tempo inédita a *Jornada do rio Marañon* de Toribio de Ortiguera, escrita “segundo informações de alguns que nela tomaram parte”.

As primeiras obras espanholas publicadas sobre a viagem de Orellana (pois a narrativa de Oviedo apareceu antes na Italia), são a *Historia geral das Indias* de Lopez de Gomara e a *Historia do descobrimento e conquista do Perú*, ambas apoiadas sobre os dados de Garcilaso de la Vega.

Antonio de Herrera dedicou á expedição de Orellana dois capítulos da sua *Historia geral dos feitos dos castelhanos nas Ilhas e Terrafirme do Mar Oceano*, apresentando “um quadro bastante completo do successo, embora não tenha tirado todo o partido que poderia tirar dos documentos que teve à sua disposição, alguns dos quais já desaparecidos”.

Em português a primeira obra publicada sobre a viagem de Orellana é a *Relação sumária das coisas do Maranhão* do capitão Simão Estácio da Silveira.

A partir de meados do século XVII as duas viagens de Orellana e Pedro Teixeira se acham quasi sempre reunidas.

Desta última viagem foi cronista o padre Cristobal de Acuña. Nasceu ele em Burgos em 1597, pertencendo a uma familia nobre e influente dessa cidade de Castela a Velha. Ingressou na Companhia de Jesus em 1612, no colégio que os padres ali fundaram, protegidos pelos bispos e pela familia dos Sanvitores.

Recebidas por Acuña as ordens sacras, foi enviado às missões da América para o Chile e Perú, sendo nomeado professor de Teologia moral do colégio de Cuenca (de Quito), confiando-se-lhe mais tarde o cargo de reitor daquela casa.

Designado pela audiencia de Lima para, com outro jesuita, o padre André de Artieda, acompanhar a Pedro Teixeira na sua viagem de volta pelo rio das Amazonas,

embarcou em Quito em fevereiro de 1639, chegando ao Para em dezembro do mesmo ano.

Nesta expedição científica estudou minuciosamente os costumes dos povos indígenas, fazendo curiosas observações e apresentando sugestões que ainda são oportunas neste meado de século XX. No ano de 1640 já o encontramos em Espanha, onde apresentou a Felipe II o seu livro, de que damos a tradução. Pouco tempo depois fez uma viagem a Roma, como procurador da sua província, sendo, ao regressar, nomeado qualificador da suprema Inquisição. Ficou na Côrte algum tempo, vindo finalmente para Lima, onde faleceu em 1675.

Se para a viagem de Orellana houve outros dados, além dos fornecidos por Fr. Gaspar de Carvajal, para a de Pedro Teixeira não fazem os autores mais que resumir a obra de Cristobal de Acuña, quando não a transcrevem *ipsis litteris*. Encontram-se pela primeira vez reunidas as duas viagens no livro *Marañon y Amazonas*, do padre Rodriguez, no qual, são escritas, “quasi com as suas próprias palavras”, as narrativas de Garcilaso de la Vega e a de Cristobal de Acuña é copiada integralmente.

La Condamine, embora não cite o jesuita espanhol, não faz mais, em sua *Rélation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale*, que repetir em seus minimos detalhes, o livro de Cristobal de Acuña.

A outra narrativa aqui traduzida tem por título *Descobrimento do Rio das Amazonas e suas dilatadas províncias*, não havendo certeza de seu autor. Com uma série de argumentos de valor, Marcos Jimenez de la Espada a atribui ao jesuita Padre Alonso de Rojas, dizendo:

“O licenciado Antonio Leon Pinedo que por seu officio e especial encargo do Conselho das Indias no expediente da viagem do Padre Cristobal de Acuña, ao

descrever o rio das Amazonas e sua navegações e descobrimentos no livro *Paraiso no Novo Mundo* conta, embora mais brevemente que o nosso manuscrito, a primeira viagem de Pedro Teixeira, ajuntando: — De que o P. Alonso de Rojas da Companhia de Jesus escreveu uma Relação que chegou às minhas mãos, embora sem o mapa que vinha com ela. — Acrescente-se a tão autorizada notícia que a relação delicada ao conde de Castriello veio ter às mãos de D. Martin de Saavedra por intermédio de Quito e que nesta cidade residia, e talvez nessa ocasião já fosse reitor do Colégio Máximo, o padre Rojas, e que o original de que nos servimos tem a cifra e selo da Companhia de Jesus, e se veja se tudo isso não induz e convida a pôr debaixo da epígrafe da viagem de Pedro Teixeira o nome daquele religioso”.

Quanto ao mapa que acompanha o citado manuscrito, e do qual damos aqui uma reprodução, é atribuído por Fr. Laureano de la Cruz a Bento da Costa, brasileiro e piloto da armada de Pedro Teixeira, opinião com que se conforma Jimenez de la Espada, acreditando que o referido mapa foi depois apenso ao manuscrito, uma vez que o mapa original, como dizem todos os autores que a ele se referem, já não existia.

Esse manuscrito foi publicado pela primeira vez por Jimenez de la Espada em 1889. Achei que seria muito interessante juntar às duas crônicas dos padres Carvajal e Acuña esta narrativa da subida do rio, principalmente para que se observem os capítulos de que se serviu Acuña na sua obra e, como diz Jimenez de la Espada, são mais uma prova de que tal narrativa é de autoria de um Jesuíta, tendo sido encontrada por Acuña nos arquivos da Companhia. E talvez tivesse tido autorização expressa do seu irmão da Companhia para dos mesmos se aproveitar.

REL A Ç Ã O

QUE ESCREVEU FR. GASPAR DE CARVAJAL

frade da Ordem de S. Domingos de Guzman, do novo descobrimento do famoso rio grande que descobriu por inensa ventura o Capitão Francisco de Orellana desde a sua nascente até sair no mar, com cincoenta homens que trouxe consigo e se lançou à sua aventura pelo dito rio, e pelo nome do capitão que o descobriu se chamou o Rio de Orellana.

DESCOBRIMENTO DO RIO DE ORELLANA

Tudo que eu vou contar d'aqui por diante será como testemunha de vista e homem a quem Deus quiz dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento, como é este que adiante direi.

Depois que o capitão Francisco de Orellana (1) alcançou a Gonçalo Pizarro, que era o Governador, quiz este ir pessoalmente descobrir a terra onde se dizia que havia canela e como não a encontrasse nem sítio onde pudesse ser util a Sua Magestade, resolveu seguir por diante.

(1) Francisco de Orellana nasceu em Trujillo da Extremadura em 1511, pertencendo a uma familia aparentada com a de Francisco Pizarro, tendo vindo muito jovem ainda para as Indias Ocidentais, provavelmente para a America Central. Em 1535 estava ele "nas conquistas de Lima, Trujillo e Cuzco", nas quais perdeu um olho. Estava ele na recém-fundada Quito, quando teve noticia de que as cidades de Cuzco e Lima estavam sitiadas pelos indios, tendo partido imediatamente em socorro de Francisco Pizarro. Em 1538 partiu para o litoral do Pacifico, fundando em sitio mais conveniente a cidade de Santiago de Guayaquil, da qual o fez Pizarro capitão general e tenente de governador. Foi ahi que soube da nomeação de Gonçalo Pizarro, seu conterrâneo e amigo, para governador das provincias de Quito, em substituição de Sebastião de Benalcazar. Pretendendo Gonçalo Pizarro conquistar as terras do El Dourado e da Canela, pro-

Foi-lhe o Capitão Orellana no encalço com a sua gente, alcançando-o em um povoado que se chamava Quema, formado por umas cabanas a cento e trinta léguas de Quito, reunindo-se novamente aí. Querendo o Governador mandar explorar o rio, houve parecer de que tal não fizesse, pois não era razoavel seguir rio abaixo, deixando as cabanas que ficam por trás da vila de Pasto e Popayán, onde havia muitos caminhos. Quiz, porém, o Governador seguir o rio, pelo qual andámos vinte leguas, ao cabo das quais achámos umas povoações, onde determinou Gonçalo Pizarro que se fizesse um barco para navegar pelo rio que aí tinha meia légua de largura.

Embora fosse Orellana de parecer que se não fizesse tal barco, por boas e justas razões, mas que voltássemos

pez-se Orellana a acompanhá-lo. Tendo tomado posse do seu governo em primeiro de dezembro de 1540, em fevereiro de 1541 com quatro mil índios e 220 espanhóis saiu de Quito para aquela expedição. No vale de Zumaco "ou pouco mais adiante" se reuniu Orellana ao corpo expedicionário, sendo recebido por Gonçalo Pizarro com mostras de grande alegria, nomeando-o seu tenente general. D'aí seguiu Pizarro a pé em busca da canela, tendo-a encontrado ao cabo de setenta dias de marcha, mas tão escassa e em grupos tão dispersos que resultou em verdadeiro malogro da expedição. Voltando a Zumaco, seguiram, por informações do Mestre de Campo "para um rio muito grande, onde vira muitos índios vestidos que andavam em canoas", chegando à provincia que diz Pizarro ser dos Omaguas. Foi à margem desse rio dos Omaguas que se construiu o bergantim, no qual embarcaram Orellana, os dois frades e os cincoenta soldados espanhóis, passando pelos transees que são contados na crônica de Carvajal. Esse rio de onde partiram Orellana e os seus companheiros é, para Toribio de Medina, o Napo no ponto de sua confluência com o Aguarico. Chegados à ilha de Cubagua, como se lê no relato de Carvajal, resolveu Orellana seguir para a Côte, fretando ou comprando em Trinidad um pequeno barco, no qual, em companhia de Cristobal de Segovia, Alonso Gutierrez e Fernão Gutierrez de Celis, embarcou para a Es-

às cabanas e seguissemos os caminhos que levavam a terras já povoadas, insistiu Gonçalo Pizarro em que se construísse a embarcação. Em vista disso andou o capitão Orellana por toda parte a tirar ferro para cravos e, distribuindo a cada qual a madeira que havia de trazer, conseguiu com o trabalho de todos fazer o tal barco, no qual meteu Pizarro alguma roupa e índios enfermos e seguimos rio abaixo outras 50 léguas. Aí acabaram os povoados, e como já íamos muito necessitados, com falta de comida, mostravam-se todos os companheiros muito descontentes e falavam em voltar, não seguindo mais para diante, porque se tinha notícia de que havia um grande trecho despovoado.

panha, passando por São Domingos a 22 de novembro de 1542, chegando a Valadolid em meados de maio de 1543. Fazendo presentes ao Conselho os documentos que este lhes pedia, o mesmo, em informação a El-rei, dizia que “segundo a relação de Orellana e a situação em que estão este rio e as terras que diz ter descoberto, poderia ser terra rica onde V. M. fosse servida e a Coroa Real acrescentada”. E informava mais que tres ou quatro anos antes o rei de Portugal, por industria do tesoureiro Fernão d’Alvares, apresentara uma armada, que se perdeu, para entrar por aquela costa; que na casa da contratação de Sevilha se sabia que, em vista do successo da viagem de Orellana, se preparava uma outra armada para penetrar pelo rio. e que o próprio Rei de França provavelmente a ambicionaria, “parecendo portanto que convinha ao governo de V. M. que as costas deste rio se descubram e povoem por V. M. o mais breve que seja possível, sendo propício ao serviço de Deus que se tragam os naturais dessa terra ao conhecimento da santa fé católica. Recomendava o Conselho que “se encomendasse a este Orellana tal descobrimento e povoamento, por já o ter descoberto e ter noticias dela”. A 13 de fevereiro de 1544 era Orellana encarregado de ir a esse descobrimento, levando consigo 200 infantes e 100 cavaleiros, o necessario para construir as barcas que se fizessem precisas, oito religiosos, com a autorização de conquistar e povoar, em nome da Coroa de Castela e Leão, as

Vendo o capitão Orellana o que se passava e a grande penúria em que todos estavam, tendo por sua vez perdido já tudo o que possuía, pareceu-lhe que não seria honroso voltar depois de tantos prejuízos. Dirigiu-se, portanto, ao Governador, dizendo-lhe que aí deixaria o pouco que possuía e seguiria rio abaixo. Que se a sorte o favorecesse, de modo que achasse nas proximidades comida com que todos se pudessem remediar, disso daria pronto conhecimento, e que se tardasse, não se preocupasse o Governador, mas voltasse para trás, para onde houvesse comida e ali o esperasse tres ou quatro dias ou o tempo

regiões que se dilatavam para o sul do rio que havia descoberto, numa extensão de duzentas léguas medidas pelo ar, com o título de governador e capitão general das que descobrisse, com cinco mil ducados de soldo desde o dia da partida da esquadra do porto de San Lucar, e um duodécimo das rendas dessa terra até um conto de maravedis por ano. Eram pela mesma cédula nomeados o vedor, contador, tesoureiro, aguazil maior e fator, e indicado a Fr. Paulo de Torres, dominicano, "para fiscalizar como o Governador ia cumprir e guardar as determinações reais. Tinha Orellana uma serie de autorizações mas a expedição seria toda preparada a sua custa. Depois de um sem número de contratemplos e contrariedades parte afinal em princípios de junho de 1546 a conquistar a Nova Andaluzia. De acordo com o itinerário projetado Orellana rumou para as Canárias, demorando-se tres meses em Tenerife, daí passando às ilhas de Cabo Verde onde se deteve mais dois meses, tardança que lhe foi fatal, morrendo-lhe 98 pessoas da tripulação, de modo que dos quatro navios com que partira teve de abandonar um. Em meados de novembro, abandonado por mais cincoenta homens de guerra, entre os quais o mestre de campo e tres capitães, desfralda as velas em busca da costa brasileira. Assaltam-no contrários ventos; a sêde começa a fazer sentir-se a bordo e todos teriam morrido se não fossem oportunas chuvas tropicais. Uma das naus, na qual iam 77 pessoas, um cavalo e um bergantim que devia servir para subir o rio, perdeu-se perto das costas do Brasil, sem que nunca mais se soubesse nada da sua sorte. Deixando-se arrastar pelo vento norte, depois de umas cem leguas, encontram agua doce, in-

que lhe parecesse melhor, e se ele não chegasse, que não fizessem caso. Concordou o Governador em que ele fizesse como lhe aprouvesse.

Tomou consigo o Capitão Orellana à 57 homens, com os quais se meteu na embarcação que construíra e em algumas canoas que haviam tomado aos índios, começando a descer o rio com a intenção de volver logo que encontrasse víveres. Mas tudo saiu ao contrário do que todos pensávamos, pois não descobrimos comida num decurso de 200 léguas, nem nós a encontrámos, padecendo por isso grandes necessidades, como adiante se dirá. E assim

dicio certo de que aí desembocava o rio que buscavam e a 20 de dezembro, depois de quasi sossobrar nuns baixios, valendo-se das peças de artilharia como âncoras, surgiam as naves entre duas linhas, cujos habitantes forneceram aos expedicionários milho, peixe e frutas da terra. Aí durante os meses de janeiro a março de 1546 construíram um bergantim no qual mandou Orellana alguns companheiros em busca de provisões, pois já 57 homens tinham morrido de fome, depois de comidos os cães e cavalos que levavam. A diligencia foi infructifera e, mortos muitos dos tripulantes, resolveram que a nau e o bergantim navegassem de conserva em busca do principal braço do rio. Mas apenas tinham andado umas vinte léguas, a enchente da maré partiu o cabo da nau e a lançou em terra, espedaçando-a, acolhendo-se os naufragos a uma ilha onde, por fortuna, os índios eram de boa paz. Em tais circunstâncias resolveu Orellana sair outra vez em demanda do braço principal do rio no bergantim, deixando na ilha 28 ou 30 soldados e, cansado de vagar inutilmente durante 27 dias, regressou ao acampamento onde não mais encontrou os homens que aí tinham ficado.

E' que estes, impacientes da espera por Orellana, construíram um barco no qual foram em demanda do seu chefe: vão intento do qual desanimaram 10 dos 28 tripulantes, desertando ou preferindo ficar entre os índios. Os restantes, "em lutas e trabalhos esforçados, mais do que o permitia a força humana" deram afinal na ilha Margarida, onde encontraram a 25 dos seus companheiros e á mulher de Orellana que lhes

íamos caminhando, suplicando a *Nosso Senhor que houvesse por bem guiar-nos naquela jornada, de maneira que pudéssemos volver aos nossos companheiros.*

Dois dias depois que partimos e nos apartámos dos nossos companheiros, quasi nos perdemos no meio do rio, porque o barco bateu num pau e quebrou uma tábua, de modo que, se não estivéssemos perto de terra, ali acabaríamos a nossa jornada. Mas remedíámos de pronto, tirando água e pondo-lhe um pedaço de tábua, e logo começámos nosso caminho muito pressurosos. E como o rio corria muito, andávamos a vinte e a vinte e cinco léguas, porque o rio ia caudaloso, pelos muitos outros rios que nele desaguavam pela mão direita, para os lados do sul. Viajámos tres dias sem nenhum povoado.

Vendo que nos havíamos apartado do local onde tinham ficado os nossos companheiros, e que havia acabado o pouco que trazíamos como mantimento para nossa viagem tão incerta como a que fazíamos, *confabularam* o capitão e os companheiros sobre a dificuldade em que nos achávamos, e a volta, e a falta de comida, porque, como pensávamos regressar logo, não medimos o comer. Confiados que não poderíamos estar longe, resolvemos prosseguir, e como nem no outro dia nem no immediato se encontrasse comida ou sinal de povoado, seguindo o parecer

disse que o marido não acertara com o braço principal do rio e assim, por andar doente, tinha resolvido vir a terra de cristãos; e buscando comida pelo caminho, os indios lhe flecharam 17 homens; desta contrariedade e da sua enfermidade morreu.

“Enterrado ao pé de uma das velhas árvores dos bosques sempre verdes, banhados pela corrente do magestoso rio”. diz Toribio de Medina, “desse rio que ele havia descoberto, encontrava por fim repouso a seus afans e fadigas no meio daquela luxuriante natureza, que era digno sepulcro do seu nome imorredouro”.

do capitão, disse eu uma missa, como se diz no mar, encomendando a Nosso Senhor nossas pessoas e vidas, suplicando-lhe eu, embora indigno, que nos tirasse de tão manifesto trabalho e perdição, que já claramente se esboçava, pois ainda que quizéssemos volver águas acima já não era possível pela força da correnteza, e tentar ir por terra era igualmente irrealizável. Estávamos em grande perigo de morrer da grande fome que padecíamos e assim, buscando o conselho do que se devia fazer, comentando a nossa aflição e trabalhos, resolveu-se que escolhêssemos de dois males aquele que ao Capitão e a todos nós parecia o menor, e foi ir por diante, seguindo o rio: ou morrer ou ver o que nele havia, confiando em Nosso Senhor que se serviria por bem conservar as nossas vidas até ver o nosso remédio. À falta de outros mantimentos, entretanto, chegámos a tal extremo que só comíamos couros, cintas e solas de sapatos cozidos com algumas ervas, de maneira que era tal a nossa fraqueza, que não nos podíamos ter em pé. Uns de gatinhas, outros arrimados a bordões, meteram-se pelas montanhas em busca de raízes comestíveis, e houve alguns que comeram algumas ervas desconhecidas, ficando às portas da morte, pois estavam como loucos e não tinham miolo; mas como Nosso Senhor era servido que continuássemos a nossa viagem, nenhum morreu. Com semelhante fadiga iam alguns companheiros mui desmaiados, aos quais o Capitão animava, dizendo-lhes que se esforçassem e tivessem confiança em Nosso Senhor, que Ele que nos havia lançado por aquele rio, teria por bem levar-nos a porto e salvamento: e assim animou aos companheiros para que suportassem aqueles trabalhos.

No dia de ano bom de quarenta e dois pareceu a alguns de nossos companheiros que tinham ouvido tambóres de índios, uns afirmavam, outros diziam que não.

Alegraram-se, contudo, com isto e caminharam com diligência muito maior que a costumada; e como ao certo não se avistasse nenhum povoado nem naquele dia nem no seguinte, viu-se ser tudo imaginação, como de facto era. Tanto os enfermos como os sãos desmaiavam tão a miúdo que lhes parecia que já não podiam escapar. Mas o Capitão os sustinha com as palavras que lhes dizia: que nosso Deus é pai de misericórdia e toda a consolação, que repara e socorre a quem o chama no tempo da maior necessidade. De facto, na noite de segunda feira, oito de janeiro, se ouviram mui claramente tambores, muito longe do lugar onde estávamos. Foi o Capitão que os ouviu primeiro e o disse aos companheiros e todos os escutaram e, certificados, tanta foi a alegria que todos sentiram, que lançaram ao esquecimento todo o trabalho passado, porque estávamos em terra povoada e já não podíamos morrer de fome.

Logo providenciou o Capitão para que velássemos por quartos, com muita ordem, porque bem poderia ser que os índios nos tivessem sentido e viessem de noite a atacar o acampamento, como costumam fazer. Houve assim, durante aquella noite, grande vigília, não dormindo o Capitão, parecendo que aquella noite sobrepujava às demais, tanto anciavam pelo dia por já estarem fartos de raizes. Mal raiou a madrugada, mandou o Capitão que se tivessem prontos os arcabuzes, bestas e a pólvora, e que todos se armassem, pois em verdade até aqui vinham os companheiros descuidados de fazer o que deviam. Providenciava o Capitão por si e por todos; e assim, de manhã, tudo muito bem armado e posto em ordem, começámos a caminhar em demanda da povoação.

Ao cabo de duas léguas de caminho rio abaixo, vimos vir em sentido contrário quatro canoas cheias de índios a explorar a terra, e apenas nos viram, volveram

apressados, dando alarma, de tal modo que em menos de um quarto de hora ouvimos nos povoados muitos tamborres que tocavam a rebate. Eles são ouvidos de muito longe e são tão bem afinados que têm seu contrabaixo, tenor e tiple.

Logo ordenou o Capitão que os companheiros remassem a toda a pressa, para que alcançássemos o primeiro povoado antes que as pessoas se recolhessem. Efectivamente começámos a ir apressados e chegámos a uma aldeia onde todos os índios estavam esperando para defender e guardar as suas casas. Mandou o Capitão que todos saltassem com muita ordem, cada qual olhando por todos e todos por um, e que nenhum se apartasse, que vissem o que tinham nas mãos e cada qual fizesse o que lhe era determinado. Tal ânimo cobraram todos à vista do povoado, que olvidaram toda a fadiga passada, e os índios fugiram, deixando toda a comida que havia, o que não foi pouco reparo e amparo para nós. Antes que os companheiros comessem, embora tivessem muita necessidade, mandou o Capitão que percorressem toda a aldeia, para evitar que, estando recolhendo a comida e descansando, não caíssem sobre nós os índios e nos fizessem dano. E assim se cumpriu.

Aqui começaram os companheiros a vingar-se do passado, pois não faziam senão comer do que os índios haviam guisado para si e beber as suas beberagens, isto com tanta ância que não pensavam fartar-se. Mas não faziam isto às tontas pois, embora comessem como homens o que necessitavam, não esqueciam de tomar cuidado com o que lhes era necessário para defender as suas pessoas, andando todos de sobreaviso, os escudos ao ombro e as espadas debaixo do sovaco, mirando se os índios voltavam. Assim estivemos neste descanso (que tal se pode chamar pelo trabalho que havíamos passado)

até duas horas depois do meio dia, quando os índios vieram por água, a ver o que succedia e assim andavam como bobos. Avistando-os o Capitão, poz-se na barranca do rio e na sua língua, pois um pouco os entendia, começou a falar com eles e a dizer que não tivessem temor e que se chegassem, que lhes queria falar. E assim chegaram dois índios até onde estava o Capitão, que os animou e lhes tirou o medo e lhes deu o que tinha, dizendo-lhe que fossem chamar o chefe, que lhe queria falar, e que o mesmo nenhum receio tivesse de que lhe viesse a fazer algum mal. Tomaram os índios o que lhes foi dado e logo foram dar o recado ao seu senhor, que veio logo mui luzido aonde estavam o Capitão e os companheiros, que o receberam muito bem e o abraçaram, mostrando o próprio Cacique sentir grande contentamento pela boa recepção que se lhe fazia. Logo mandou o Capitão que lhe dessem de vestir e outras coisas, com as quais ele muito se alegrou, e depois ficou tão contente que disse ao Capitão que visse de que tinha necessidade, que ele lhe daria, ao que o mesmo lhe respondeu que apenas o mandasse prover de comida, que de nada mais precisava. E logo o Cacique mandou que os seus índios trouxessem comida, e com muita presteza trouzeram abundantemente o que foi necessario, de carnes, perdizes, perús (2) e pescados de muitas qualidades. Muito agradeceu o Capitão ao Cacique e lhe disse que fosse com Deus e que chamasse a todos os senhores daquelas terras, que eram 13, porque queria falar a todos juntos e dizer o motivo da sua vinda. Embora dissesse que no dia seguinte vi-

(2) Não há no Brasil perús e perdizes. Certamente o que o padre Carvajal tomava como tais aves seriam espécies de Tinamiformes (talvez de macucaua *Crypturellus undulatus*) para as perdizes e de Crácidas (provavelmente o mutum-assú *Crax globulosa*) para os perús.

riam todos, e que ele os ia chamar, ficou o Capitão dando ordens sobre o que convinha a ele e aos seus companheiros, dispondo sobre as vigílias para que, tanto de dia como de noite, houvesse muita cautela para que os índios não nos atacassem nem houvesse descuido ou frouxidão por onde tomassem ânimo para nos acometer de noite ou de dia.

No dia seguinte, à hora de vésperas, veio o Cacique trazendo consigo tres ou quatro senhores, que os outros não puderam vir por estar longe, e que no outro dia viriam. Recebeu-os o Capitão como ao primeiro e lhes falou longamente da parte de Sua Majestade, e em seu nome tomou posse da terra; e assim o repetiu com os outros que vieram depois a esta província, que, como disse, eram treze.

Vendo o Capitão que estavam em paz consigo os senhores e gente da terra, satisfeitos com o bom tratamento, tomou posse da mesma em nome de Sua Majestade. Isto feito, mandou reunir os seus companheiros, para falar-lhes sobre o que convinha à sua jornada e salvamento e às suas vidas, fazendo-lhes um longo discurso, animando-os com grandes palavras. Terminado este arazoamento, ficaram todos muito contentes por ver a boa disposição do Capitão e com quanta paciência sofria ele os trabalhos em que estava, e também lhe disseram muito boas palavras e com as que o Capitão lhes dizia andavam tão alegres que não sentiam o trabalho que faziam.

Depois que os companheiros se refizeram algum tanto da fome e trabalhos passados, vendo o Capitão que era necessário providenciar para o futuro, mandou chamar a todos os seus companheiros e lhes tornou a dizer que bem viam que com o barco e canoas que levávamos, se Deus fosse servido guiar-nos até ao mar, neles não podíamos sair com segurança. Era, portanto, preciso pro-

curar com diligência fazer outro bergantim, que fosse de maior porte, para que pudéssemos navegar, embora não houvesse entre nós mestre que entendesse de tal officio. O mais difficil para nós era fazermos os cravos. Durante esse tempo não deixavam os índios de acudir, trazer comida farta e com tanta ordem como si toda a sua vida tivessem servido. Vinham com as suas joias e arrecadas de ouro, e nunca o Capitão consentiu que se tomasse coisa alguma, nem mesmo que as mirássemos, para que os índios não entendessem que lhe dávamos apreço. E quanto mais nisto nos descuidávamos, mais ouro punham em cima de si.

Aquí nos deram notícia das amazonas e das riquezas que há mais abaixo, e quem o fez foi um índio chamado Apária (3), velho que dizia ter estado naquela terra, e também nos deu notícia de outro senhor que estava apartado do rio, metido terra a dentro, e que ele dizia possuir enorme riqueza de ouro. Este senhor se chama Ica; nunca o vimos porque, conforme disse, ficou desviado do rio.

Para não perder tempo nem gastar em balde a comida, resolveu o Capitão que logo se puzesse por obra o que se tinha de fazer, e assim mandou aparelhar o necessário e os companheiros responderam que queriam começar logo o trabalho. Houve dois homens aos quais não se deve pouco, por fazerem o que nunca aprenderam. Apresentaram-se ao Capitão e lhe disseram que eles, com o auxilio de Nosso Senhor, fariam os cravos que fossem precisos, e que ele mandasse outros fazerem carvão. Estes dois companheiros se chamavam João de Alcântara, fi-

(3) "Outras vezes se lê Aparian ou simplesmente Parian", diz o texto de Toribio de Medina, do qual nos servimos para a presente tradução.

dalgo natural da cidade de Alcântara, e Sebastião Rodriguez, natural da Galícia. Agradeceu-lhes o Capitão, prometendo-lhes o galardão e pagamento de tão grande obra. E logo mandou fazer foles de borzeguins e todas as outras ferramentas e que os outros companheiros de tres em tres dias dessem uma boa fornada de carvão. Puzeram-se eles logo à obra, tomando cada qual a sua ferramenta, e iam ao monte cortar lenha, trazendo-a aos ombros do monte para a aldeia, numa distância de meia légua e faziam os fojos, com muito trabalho. Como estavam fracos e não eram dextros naquele officio, não podiam suportar a carga. Os que não tinham forças para cortar madeira, tocavam os foles, e outros carregavam água, e o Capitão trabalhava em tudo, de modo que todos tinhamos a quem atender. Trabalhou-se com tanto afan na fábrica desta obra, nessa aldeia, que em vinte dias, com o auxílio de Deus, se fizeram dois mil cravos muito bons e outras coisas, deixando o Capitão a construção do bergantim para onde encontrasse melhor oportunidade e melhor aparelhamento.

Demorámo-nos nesta aldeia mais do que deveríamos, comendo o que tínhamos, donde resultou que d'aí em diante passámos grandes necessidades, e isto para ver se por alguma via ou de qualquer meneira podíamos ter notícia do real. Como tal não succedesse, resolveu o Capitão dar mil castelhanos (4) a seis companheiros, se se quizessem reunir e dar noticias ao governador Gonçalo Pizarro. Além disso lhes daria dois negros (5) que os

(4) O castelhano era uma moeda de ouro desse tempo, valendo a quinquagésima parte de um marco de ouro.

(5) Escreve Toribio de Medina: "Seríamos em verdade injustos se entre os companheiros de Orellana não mencionassemos também a dois negros que no curso da viagem prestaram eficazes serviços como remadores, e cujos nomes não constam de nenhum documento".

ajudassem a remar e alguns índios, para que lhe levassem cartas e da sua parte dessem noticia do que se passava. Mas só encontrou tres pessoas, porque todos temiam a morte que lhes parecia certa, pelo que haviam de demorar até chegar aonde tinham deixado o Governador, pois ele certamente já teria regressado, porque tinhamos andado 150 léguas em nove dias, a partir do ponto em que havíamos deixado o Governador.

Terminada a obra, e visto que a comida se exgotava, tendo morrido sete companheiros da fome passada, partimos no dia de Nossa Senhora da Candelária (6). Carregámos a comida que pudemos, porque já não era possível demorar mais naquele povoado: de um lado porque parecia que estávamos molestando aos naturais e queriamos deixá-los satisfeitos; do outro para que não perdêssemos mais e gastássemos a comida sem proveito, pois não sabíamos se não íamos ter necessidade dela.

Começámos assim a caminhar por esta província, e não tínhamos andado obra de vinte léguas quando se juntou com o nosso rio, pela mão direita, um outro, não muito caudaloso, no qual assentava um principal senhor, chamado Irrimorrany ou Irimara. Por ser ele um índio e senhor de muita razão e ter vindo ver o Capitão, quiz este ir à sua terra. Mas também, porque o rio vinha muito forte e muito cheio, aqui estivemos a ponto de perder-nos. (7) No encontro deste rio com o que percorríamos, pelejavam as águas e traziam muita madeira,

(6) A festa da Purificação de Nossa Senhora, também chamada de Nossa Senhora da Candelária ou das Candeias é celebrada no dia dois de fevereiro.

(7) E' muito difficil seguir precisamente o roteiro de Orellana pela narrativa do Padre Carvajal. Parece, contudo, que este rio cuja aguas pelejavam com as do rio por onde remavam, seria o Ucayali.

de uma ponta a outra, sendo muito difficil navegar por ele, pois fazia muitos redemoínhos e nos levava de uma a outra margem, mas com grande trabalho saímos deste perigo sem poder visitar a aldeia e passámos adiante, aonde tínhamos nova de outro povoado, que nos diziam estar a duzentas léguas d'ali, sendo todo o resto deserto.

E assim as caminhámos com muito trabalho de nossas pessoas, padecendo muitas necessidades e notabilissimos perigos, entre os quais nos aconteceu um grande infortúnio e não pequena demora: duas canoas, onde iam onze espanhois dos nossos, se perderam entre uma ilhas, sem saber onde estávamos nem os poder encontrar. Andaram dois dias perdidos e nós, pensando nunca os achar, estávamos cheios de tristeza; mas ao cabo desse tempo foi Nosso Senhor servido que topássemos com eles, e não foi pequena a alegria de todos, e tamanha, que parecia que havíamos esquecido todo o trabalho passado. Depois de descansarmos um dia nesse lugar mandou o Capitão que caminhássemos.

No outro dia, às dez horas, chegámos a umas povoações, nas quais estavam os índios em casa, e para não alvorojá-los, não quiz o Capitão que chegássemos até lá, mandando a um companheiro que fosse com outros vinte até onde estavam os índios e que não saltassem em suas casas nem subissem em terra, mas que com muito amor lhe dissessem a grande penúria em que íamos, e que nos dessem de comer e que viessem a falar ao capitão, que ficava no meio do rio, porque este lhes queria dar o que trazia e dizer a causa da sua vinda.

Os índios estiveram quietos e muito se alegraram em ver os nossos companheiros, dando-lhes muita comida de tartarugas e papagaios em abundância, respondendo-lhes que dissessem ao Capitão que fosse pousar em uma aldeia que estava despovoada do outro lado do rio, e que no

outro dia de manhan o iriam visitar. O Capitão apreciou muito a comida e ainda mais a boa razão dos índios, e assim fomos pousar e dormir aquela noite na referida aldeia, onde não nos faltaram em abundância os mosquitos, razão pela qual no outro dia de manhan resolveu o Capitão ir para outra aldeia que se via mais abaixo. Aí chegados, os índios não fizeram resistência, antes ficaram quietos, e aí folgámos tres dias, trazendo-nos os índios larga provisão de boca.

Um dia mais tarde saímos desta aldeia e caminhámos pelo nosso rio à vista de boas povoações. E indo assim, um domingo de manhan, numa divisão que o rio fazia, bifurcando-se, subiram uns índios, a ver-nos, em quatro ou cinco canoas, carregadas de muita comida. Chegaram perto donde estava o Capitão e pediram licença para aproximar-se porque lhes queriam falar. E quando se aproximaram lhes disseram que eram principais e vassallos de Apária, e vinham a seu mando trazer-nos de comer, e começaram a tirar das suas canoas muitas perdizes como as da nossa Espanha, porém maiores, e muitas tartarugas, do tamanho de adargas, e outros pescados. Agradeceu-lhes o Capitão e lhes deu aquilo que tinha, e depois de o ter dado, ficaram os índios muitos contentes em ver o bom tratamento que se lhes fazia, assim como em ver que o Capitão lhes entendia a lingua, que não foi pouco para que saíssemos a porto de salvamento, pois se os não entendesse teríamos por muito difficil a nossa saída. Quando os índios se queriam despedir, disseram ao Capitão que fosse à aldeia onde residia o seu principal senhor, que, conforme já expuz, se chamava Apária. Perguntando-lhes o Capitão por qual dos dois braços tomaria, responderam que eles nos serviriam de guias, que fôssemos em seu seguimento, e assim, dentro em pouco, vimos as povoações onde estava aquele Senhor.

Caminhando para lá, tornou a perguntar o Capitão de quem eram aquelas povoações e responderam os índios que ali estava o seu senhor e começaram a remar para o povoado, a dar notícia da nossa chegada e não tardou muito em que vissemos de lá saírem muitos índios, embarcando nas suas canoas, parecendo homens de guerra que nos quizessem atacar. Mandou o Capitão aos seus companheiros que estivessem com as armas aparelhadas, observando que os índios faziam, porque, se nos atacassem, não nos pudessem causar dano. E com muita ordem, remando com todas as forças, abicámos para terra, e os índios pareceram desviar-se.

Saltou o Capitão em terra com as suas armas, e atrás dele todos os demais, ficando os índios muito espantados, chegando-se mais para o interior. O entender o Capitão a sua língua foi, depois de Deus, o que nos ajudou a não ficarmos no rio. Porque se os não entendesse, nem os índios ficariam em paz conosco, nem teríamos acertado com estas povoações.

Mas era Nosso Senhor servido que se fizesse tão grande descobrimento e que o mesmo viesse ao conhecimento da Cesárea Magestade. Por outra via nem força ou poderio humano seria possível este descobrimento, que com tanta dificuldade se realizava, sem nele pôr Deus a sua mão ou sem que se passassem muitos séculos e anos.

Depois de ter chamado os índios, lhes disse o Capitão que não tivessem temor e saltassem em terra. E eles assim fizeram, aproximando-se e mostrando em seus semblantes que folgavam com a nossa vinda. Saltou o senhor em terra, e com ele muitos principais e senhores que o acompanhavam. Pediu licença ao Capitão para sentar-se, ficando toda a sua gente em pé; e mandou tirar das canoas grande quantidade de comida, tanto de tar-

tarugas como de manatis e outros peixes, e perdizes, gatos e monos assados (8). Vendo o Capitão o bom comedimento do senhor, fez-lhe um discurso, dando-lhe a entender como éramos cristãos e adorávamos um só Deus, que era creador de todas as coisas creadas, e que não éramos como eles, que andavam errados, adorando pedras e ídolos feitos. Disse-lhes sobre este assunto muitas outras coisas e também lhes disse como éramos criados e vassallos do Imperador dos cristãos, grande rei de Espanha, chamado D. Carlos, nosso senhor, de quem era o império de todas as Índias e outros muitos senhorios e reinos que há pelo mundo e que por ordem sua íamos àquelas terras, devendo dar contas do que aí tínhamos visto.

Estavam os índios muito atentos, ouvindo o que o Capitão lhes dizia e lhe recomendaram que, se fôssemos ver as amazonas, que chamam na sua língua *coniupuiara*, que quer dizer grandes senhoras, que víssemos o que fazíamos, porque éramos poucos e elas muitas, e que nos matariam. Que não parássemos em sua terra, porque elles ali nos dariam tudo de que tívessemos mistér. Disse-lhe o Capitão que não podia fazer outra coisa senão passar de largo, para dar notícia a quem o enviava, que era o seu rei e senhor.

Depois de ter falado o capitão, e parecendo que os ouvintes ficavam muito contentes, aquele senhor princi-

(8) Essas tartarugas, grandes como escudos (adargas), de que nos fala Carvajal, são principalmente as fêmeas da espécie *Podocnemys expansa*, a grande tartaruga amazonica. O que os espanhois chamam manatis são o que os portuguezes chamaram peixe-boi, abundante no tempo do descobrimento tanto no Amazonas como na foz e porção inferior de quasi todos os rios, desde o Rio de Janeiro até às antilhas. A espécie marinha é hoje rarissima; a amazonica é o *Trichecus inunguis*, muito bem descrito por Acuña, como se verá adiante.

pal perguntou quem era aquele rei, querendo informar-se melhor e ver se o Capitão discrepava em seu dizer. Respondeu-lhe o Capitão, repetindo as suas palavras, e lhe disse mais que éramos filhos do Sol e que íamos àquele rio, como já contara. Disto muito se admiraram os índios e mostraram muita alegria, tendo-nos por santos ou pessoas celestiais, porque eles adoram e têm por seu Deus ao Sol, que chamam Chise. Logo disseram ao capitão que eles eram seus e lhe queriam servir, e pediu do que necessitavam ele e os seus companheiros, pois lhe seria dado de muito boa vontade. Muito lhes agradeceu o Capitão e mandou dar muitas coisas aos outros principais, e tão contentes ficaram, que d'ali em diante nada lhes pedia o capitão que logo não lhe dessem. Levantaram-se todos e disseram ao Capitão que se demorasse na aldeia, que eles o deixariam desembaraçado, e que queriam retirar-se, mas todos os dias viriam trazer-nos de comer.

Mandou o Capitão que viessem todos os senhores a vê-lo, pois queria dar-lhes do que tinha. Vieram todos com grande abundância de comida, e foram bem recebidos e tratados pelo Capitão, que a todos repetiu o que já dissera ao principal senhor, tomando posse em todos em nome de Sua Magestade. Eram 26 os senhores, e em sinal de posse mandou pôr uma cruz muito alta, com o que se alegraram os índios, e daí em diante todos os dias vinham trazer-nos de comer e falar com o Capitão, sentindo nisto grande prazer.

Vendo o Capitão a boa aparelhagem e disposição da terra e a boa vontade dos índios, mandou reunir a todos os seus companheiros e lhes disse que como ali havia bons apetrechos e vontade nos índios, seria bom fazer um bergantim. E assim se puzeram mãos à obra. Achava-se entre nós um entalhador, chamado Diego Mexia, o qual, embora não fosse o seu ofício, deu ordem como se havia

de fazer; e logo o Capitão mandou repartir por todos os companheiros que cada qual trouxesse uma quaderna e duas estamenas (9), a outros que trouxessem a quilha e a outros as rodas, e a outros que serrassem as tábuas, de modo que todos tinham bem em que se ocupar, não sem pouco trabalho. Porque, como era inverno e a madeira estava muito longe, cada qual tomava o seu machado e ia ao monte e cortava o que lhe cabia e o carregava nas costas. Enquanto uns trabalhavam, outros ficavam de sentinela, para que os índios não lhes fizessem mal, e desse modo em sete dias se cortou todo o madeiramento para o bergantim. Terminada esta tarefa, logo foi dada outra: fazer carvão para mais cravos e outras coisas. Era uma maravilha ver com que alegria trabalhavam os nossos companheiros e carregavam o carvão, provendo-se assim tudo o mais que era necessário.

Não havia entre nós ninguém que estivesse acostumado a tais ofícios mas, apesar-de todas estas dificuldades, Nosso Senhor dava a todos engenhos para o que se tinha de fazer, pois era para salvar as vidas. Se dali saíssemos com o barco e as canoas, dando, como depois demos, com gente guerreira, nem nos poderíamos defender nem sair do rio em salvamento. Assim pareceu claramente que Deus inspirou o Capitão para que nesta aldeia se fizesse o bergantim, pois adiante seria impossível. Isto caiu muito a propósito, porque os índios nunca deixaram de nos trazer de comer em abundância, como lhes pedia o Capitão.

Deu-se tanta pressa nesta obra do bergantim que em 35 dias foi lavrado e lançado à agua, calafetado com algodão e betumado com piche, trazidos pelos índios, a pedido do Capitão. Não foi pequena a alegria dos nossos

(9) A quaderna era a peça de união da quilha do navio com a caverna; e as estamenas as peças para formar o cavername.

companheiros, por haver terminado aquilo que tanto desejavam. Havia tantos mosquitos nesta aldeia, que nos atormentavam dia e noite, sem que soubessemos o que fazer, embora com a boa pousada não sentíssemos o trabalho e nos animasse o desejo que tínhamos de ver o fim da nossa jornada.

Nesse ínterim vieram ver o Capitão quatro índios, tendo de altura um palmo a mais que o mais alto cristão. Eram muito brancos, de cabelos bastos que lhes chegavam até à cintura, com roupa e joias de ouro, e trazendo muita comida. Chegaram com tanta humildade, que todos ficámos pasmos de suas disposições e boa educação. Tiraram muita comida e a puzeram diante do Capitão e lhe disseram que eram vassallos de um grande senhor, e que por seu mandado vinham ver que éramos ou que queríamos e para onde íamos. Recebeu-os muito bem o Capitão, e antes que lhes falasse, lhes mandou dar muitas joias, que eles apreciaram muitíssimo. Repetiu-lhes o Capitão tudo o que dissera a Apária, com o que os índios ficaram muito admirados, dizendo que queriam partir para dar resposta ao seu senhor. Deu-lhes o Capitão a licença pedida, e os presenteou com muitas coisas para o seu principal senhor, e que lhe dissessem que o Capitão pedia muito que o viesse ver. Foram-se eles e nunca mais soubemos de onde eram nem de que terra tinham vindo.

Nesse lugar nos demorámos toda a quaresma, quando se confessaram todos os companheiros com os religiosos que ali estávamos e eu preguei todos os Domingos e Festas do Mandato, a Paixão e Ressurreição, o melhor que Nosso Redentor me quiz dar a entender com a sua graça, e procurei ajudar e esforçar o que pude pela perseverança no bem a todos aqueles irmãos e companheiros, lembrando-lhes que eram cristãos e que serviriam muito a Deus e ao Imperador em prosseguir na em-

prêsa e suportar com paciência todos os trabalhos presentes, até sair com este novo descobrimento, além de ser isto o que tocava às suas vidas e honras. Assim nestes sermões disse o que me parecia, cumprindo com o meu ofício, e também porque me ia a vida no bom sucesso da nossa peregrinação. Também preguei no domingo de Quasímodo, e posso testemunhar com verdade que, tanto o Capitão como todos os outros companheiros, tinham tanta clemência e espírito de santidade de devoção em Jesus Cristo e sua sagrada fé, que bem mostrou Nosso Senhor que era sua vontade o socorrer-nos. Pedia-me o Capitão que eu pregasse e todos acompanhassem em suas devoções com muito fervor, como pessoas que tinham muita necessidade de pedir misericórdia a Deus.

Reformou-se também o barco pequeno, que já vinha podre, e assim tudo muito bem aparelhado e posto em ponto, ordenou o Capitão que todos estivessem prontos e fizessem matalotagem, porque, com a ajuda de Deus Nosso Senhor, queria partir na segunda-feira seguinte.

Aconteceu-nos nesta aldeia uma coisa de não pouco espanto, e foi que quarta-feira de Trevas, quinta-feira de Endoenças e sexta-feira da Paixão nos fizeram os índios jejuar à força, porque não nos trouxeram comida até ao sábado de Aleluia e, perguntando-lhes o Capitão porque não nos tinham trazido de comer, responderam que não tinham podido tomar. Sábado e Domingo de Páscoa e domingo de Quasímodo foi tanta a comida que trouxeram, que jogávamos fora.

Para que tudo corresse como convinha e com toda ordem, foi feito alferes um fidalgo muito suficiente para o ofício, chamado Alonso de Robles, o qual, quando chegámos à terra de inimigos, mandava o Capitão que ele saltasse com alguns companheiros a recolher comida para todos, ficando o Capitão a guardar os bergantins, que

eram nessa viagem todo o nosso bem e amparo, e os índios outra coisa não desejavam, senão tirá-los.

Partimos da sede do governo de Apária com o novo bergantim de 19 joas (10) (o suficiente para navegar no mar), na véspera da festa do evangelista S. Marcos, a 24 de abril do referido ano. Seguimos pelas povoações daquele senhorio de Apária, durante mais de 80 léguas, sem encontrar índios hostis, antes o próprio Cacique veio trazer comida e falar com o Capitão e conosco. Passámos o dia de S. Marcos em um povoado seu, onde o cacique veio trazer-nos lauta refeição e o Capitão o recebeu muito bem. Era intento e desejo do Capitão que nenhum mal se fizesse aos índios, para que, se fosse possível, ficassem àquela terra e gente bárbara respeitosos mas sem nenhum descontentamento. Seria servido Deus Nosso Senhor e o Rei nosso senhor para que mais por diante, quando prouvesse a Sua Magestade, com mais facilidade se estendesse a nossa sagrada república, a fé cristã e a bandeira de Castela, e a terra se encontrasse mais doméstica para pacificá-la e pô-la debaixo da obediência do seu real serviço, como conviesse, porque ao lado de ser isso obra de prudência e caridade, era preciso observar o bom tratamento para com os índios, afim de podermos passar adiante, e que não se apelasse para o remédio das armas senão quando de todo obrigados pela própria defesa. Assim sendo, embora encontrássemos as aldeias desertas, vendo o bom tratamento que se lhes fazia, em toda essa província nos proviram de mantimentos. Ao cabo de poucos dias cessaram os índios e

(10) Desse termo empregado por Carvajal, diz Toribio de Medina: "Não podemos atinar com o que ele quer dizer com as 19 joas do bergantim de Orellana". Em vista disso deixei o termo tal qual (não tendo encontrado para ele tradução em português), nem procurar uma interpretação. E' bem possível que o dominicano quizesse dizer 19 côvados.

com isto conhecemos que estávamos fora do senhorio e população daquele grande senhor Apária. Temendo o Capitão o que pudesse acontecer pela escassez de mantimento, mandou que os bergantins navegassem com mais pressa que a costumeira. (11)

Um dia de manhan, em que havíamos partido de um povoado, vieram a nós dois índios numa canoa e chegaram perto do bergantim em que ia o capitão e entraram no mesmo. Pensando o capitão que o mais velho conhecesse a terra e nos pudesse levar rio abaixo, mandou que ficasse a bordo, deixando ir-se embora o outro para a sua casa, e começámos a seguir rio abaixo. Mas esse índio não o conhecia nem nele havia navegado, pelo que o Capitão ordenou que o soltassem e lhe dessem uma canoa em que volvesse para a sua terra.

Daí em diante passámos maiores trabalhos, mais fome e mais despovoados do que antes, porque o rio ia de monte a monte e não achávamos onde dormir, nem ao menos se podia apanhar algum pescado, sendo necessário comer o nosso costumeiro manjar, que eram ervas e, de vez em quando, milho assado. Vindo caminhando com o nosso habitual trabalho e muita fome, um dia, ao meio dia, chegámos a um lugar elevado, que pareceu ter sido povoado e apresentar possibilidades para buscar-se comida ou peixe. Era a 6 de maio, dia de S. João Ante-portam-latinam, e ali sucedeu um caso que eu não ousaria escrever se não tivesse do mesmo tantas testemunhas, ali presentes: aquele companheiro, que dirigiu a construção do bergantim, deu um tiro de balhesta numa ave que estava em uma árvore junto do rio, e saltou a noz da caixa e caiu na água. Outro companheiro, chamado Contreras, lançou um anzol no rio com uma

(11) Até essa altura navegava Orellana pela província dos Omaguas, de cujo natural pacífico ainda nos fala um século mais tarde o padre Acuña.

vara e tirou um peixe de cinco palmos. Como o peixe era grande e o anzol pequeno, foi preciso tirá-lo com cautela. Aberto o peixe, em seu bucho se encontrou a nóz da balhesta, que poude assim ser reparada, o que nos foi depois de muita utilidade porque, depois de Deus, as balhestas nos salvaram as vidas.

No dia 12 de maio chegámos às provincias de Machiparo, que é um grande senhor, e de muita gente, e confina com outro senhor, de igual importância, chamado Omaga. Os dois são amigos e se juntam para fazer guerra a outros senhores que estão terra a dentro e os vêm diariamente atacar em suas casas. Este Machiparo está assentado em uma lomba sobre o mesmo rio e possui muitas e grandíssimas povoações que reúnem cinquenta mil homens, entre os trinta e setenta anos, porque os mais jovens não vão à guerra. Nunca os vimos em todas as batalhas que com eles travámos, mas somente velhos, muito bem dispostos, com buços mas sem barbas.

A umas duas léguas desse povo vimos estar alvejando as aldeias, e não tínhamos andado muito quando vimos vir rio acima enorme quantidade de canoas, todas aprestadas para guerra, airoas e com seus pavézes, que são de carapaças de lagartos e de couros de manatís e antas, da altura de um homem, pois os cobrem inteiramente. Vinham fazendo enorme algazarra, tocando muitos tambores e trombetas de pau, ameaçando-nos, que nos haviam de comer. Logo ordenou o Capitão que se reunissem os dois bergantins, para que um auxiliasse ao outro, e que todos tomassem as suas armas, e mirassem o que tinham diante de si e vissem a necessidade que havia de defender as suas pessoas e pelejar para escapar, e que todos se encomendassem a Deus, que Ele nos havia de ajudar nesse transe em que estávamos. Nesse ínterim os índios se vinham aproximando, feitos os seus esquadrões, para cercar-nos e vinham com tanta

ordem e soberba que pareciam que já nos tinham em suas mãos. Nossos companheiros mostravam tanta coragem que lhes parecia que não bastavam para cada qual mil índios, e estes foram chegando até começar a ofender-nos.

Logo ordenou o Capitão que aparelhassem arcabuzes e balhastas. Aconteceu-nos então não pequeno contra-tempo, o dos arcabuzeiros acharem a pólvora úmida, nada podendo aproveitar, de modo que foi preciso, na falta de arcabuzes, supri-los com as balhastas. Começaram os bêteiros a fazer algum dano aos inimigos, porque estavam perto e amedrontados. Vendo os índios que tanto mal lhe fazíamos, começaram a deter-se, não demonstrando cobardia mas antes parecia que lhes crescia o ânimo, e vinha sempre muita gente em seu socorro. E cada vez que chegavam reforços, começavam a acometer tão ousadamente que parecia que queriam tomar de assalto os bergantins. Deste modo fomos pelejando até chegarmos à aldeia, onde havia uma multidão, posta nas barrancas em defesa das suas casas. Aqui tivemos uma batalha perigosa, porque como havia muitos índios por agua e por terra, de todas as partes nos faziam crua guerra. E assim foi necessário, embora com risco de perecermos todos, atacar e tomar o primeiro posto aonde os índios se opunham ao desembarque dos nossos companheiros, pois o defendiam mui corajosamente. Se não fossem as balhastas, que deram certos tiros (por onde pareceu bem ser providência divina o que succedeu com a noz da balhesta), não se conquistaria o porto. Com esta ajuda encalharam em terra os bergantins e saltou nagua a metade dos nossos companheiros, dando nos índios de maneira tal que os fizeram fugir e a outra metade ficou nos bergantins, defendendo-os da outra gente que andava nagua e que não parava de combater, embora estivesse ganha a terra, persistindo em seu maléfico propósito. Tomado o princípio da povoação, mandou o Ca-

pitão que o alferes, com vinte e cinco homens, a percorressem e expulsassem dela os índios e vissem se havia comida, porque pensava aí descansar cinco ou seis dias, para nos restaurarmos dos trabalho passados.

Foi o alferes e correu meia légua pela aldeia a dentro, não sem estorvo, pois os índios embora recusassem, iam defendendo-se como homens a quem custava abandonar as suas casas. Visto pelo Alferes o tamanho da aldeia e a sua grande população, resolveu não ir adiante, mas voltar a dar contas ao Capitão do que observara, o que fez sem que os índios lhe causassem dano. Chegado no princípio da povoação, encontrou o Capitão já aboletado nas casas, mas os índios ainda lhe faziam guerra por agua. Disse-lhe tudo o que acontecera e como havia grande quantidade de comida, tanto tartarugas nos currais e tanques, como muita carne, peixe e biscoitos, tudo em tal abundância, que daria para sustentar um batalhão de mil homens durante um ano.

Resolveu o Capitão, em vista do bom porto, recolher comida para descansar e para isso mandou a Cristobal Maldonado que levasse uma dúzia de companheiros e fosse a apanhar toda a comida que pudesse. Assim foi e, quando chegou, viu os índios tirando a comida que tinham. Tratou Cristobal Maldonado de recolher a comida e tendo já apanhado mais de mil tartarugas, voltam os índios pela segunda vez, com muita quantidade de gente e determinados a matá-los e atacar o posto onde estávamos com o Capitão. Vendo Cristobal Maldonado a revolta dos índios, chamou aos seus companheiros e os atacou, no que inuito se demoraram, porque os índios eram mais de dois mil e os companheiros que estavam com Cristobal Maldonado não eram mais que dez, tendo muito que lutar para se defenderem. Afinal conseguiram bom successo e tornaram a colher a comida, mas desta

segunda peleja vinham já dois feridos. Como a terra era muito povoada e todos os dias os índios se reformavam e refaziam, tornaram a atacar a Cristobal Maldonado tão denodadamente, com o intuito de apoderar-se de todos, e nesta arremetida feriram muito mal a seis homens, uns com os braços atravessados, outros com as pernas, e a Cristobal Maldonado traspassaram o braço e lhe deram um golpe no rosto. Aqui se viram em grande aperto e necessidade, porque os companheiros, feridos e causadíssimos, não podiam ir nem para trás nem para diante, pensando morrer todos. Queriam voltar para onde estava o Capitão, mas lhes disse Cristobal Maldonado que não pensassem em tal coisa, porque ele não cogitava em volver ficando os índios com a vitória. Reuniu os companheiros que ainda podiam lutar e se poz em defesa e lutou tão animosamente, que evitou os índios matassem a todos os nossos companheiros.

Nesse ínterim tinham os índios vindo pela parte de cima, para atacar por dois lados o ponto onde estava o nosso Capitão, pois estávamos todos cansados de muito batalhar e descuidados, julgando ter as costas seguras, porque Cristobal Maldonado andava por fóra. Parece que Nosso Senhor alumiou ao Capitão para que o enviasse, pois se tal não tivesse resolvido ou ele não se achasse onde se achou, tenho por certo que corríamos grande perigo de vida. Estávamos todos descuidados e desarmados, de tal maneira que os índios puderam entrar na aldeia e andavam entre nós, e tinham malferido a quatro dos nossos. Então os viu um nosso companheiro, chamado Cristobal de Aguilar, que se lhes antepoz, lutando muito animosamente e dando alarma. Ouvia o nosso Capitão e saiu a ver o que era, desarmado, com uma espada na mão e viu que os índios tinham cercado as casas onde os nossos estavam, havendo na praça um esquadrão de mais de quinhentos. Começou o Capitão

a dar ordens, saindo os nossos atrás do Capitão e acometeram aos índios da praça com tanto denodo que os desbarataram, causando dano aos índios. 'Mas estes não deixaram de pelear e defender-se de modo que feriram gravemente a nove dos nossos. Depois de duas horas de peleja ficaram os índios vencidos e desbaratados e os nossos mui fatigados. Assinalaram-se neste encontro muitos dos nossos, que antes não tinham demonstrado para que serviam e nem nós lhes dávamos importância. Todos mostraram bem a necessidade em que estávamos. Houve um homem que se meteu em meio dos inimigos com uma adaga e pelejou tão bem que todos nos admirámos, tendo saído com uma coxa atravessada. Chama-se ele Blas de Medina.

Passada a refrega, mandou o Capitão a saber o que acontecera a Cristobal Maldonado, e já o encontraram em caminho, que vinham, ele e todos, feridos; e um seu companheiro, chamado Pedro de Ampúdia, morreu ao cabo de oito dias das feridas recebidas.

Chegado Cristobal Maldonado, mandou o Capitão que os feridos se curassem. Eram 18, e não havia outro remédio mais que certo ensalmo, (12) mas com a ajuda de Nosso Senhor dentro de quinze dias todos estavam sãos, exceto o que morreu. Estando nisto, vieram dizer ao Capitão que os índios tornavam, e que estavam perto de nós, esperando refazer-se. Mandou o Capitão a um

(12) Esse processo de curar por meio de orações ou breves ainda hoje é muito espalhada entre a gente ignorante do interior. Sobre este trecho da narrativa anota Medina: "Prescindindo da falta de medicinas com que lutavam os expedicionários, o certo é que então, e mesmo muito depois, este processo de curar foi muito usado nas Américas, o que bastante contribuiu para fomentar a superstição de índios e negros. São muitos os reus que por este motivo foram processados pelos tribunais do Santo Ofício em Lima, México e Cartagena".

cavalheiro chamado Cristobal Enriquez para que os expulsasse dali, levando consigo quinze homens. Seguiu êste e, lá chegando, feriram numa perna a um arcabuzeiro, de maneira que o inutilizaram e, daí em diante não nos podemos aproveitar dele. Logo fez Cristobal Enriquez saber ao Capitão o que se passava, pedindo mais gente, porque os índios eram muitos e a todo momento se reformavam. Mandou o Capitão dizer a Cristobal Enriquez que, não dando mostras de retirar-se, viesse aos poucos para onde permanecíamos, pois não estavam em condições de pôr em risco a vida de um espanhol, nem tal convinha. Nem ele nem seus companheiros iam conquistar a terra, nem era essa a sua intenção, mas, pois que Deus os havia trazido por este rio abaixo, queria descobrir a terra para que em seu tempo e quando fosse da vontade de Deus Nosso Senhor e de Sua Magestade, a mandassem conquistar.

E assim, naquele dia, depois de recolhida a gente, falou-lhes o Capitão, referindo-lhes os trabalhos passados e animando-os para os do futuro, encarecendo-lhes que evitassem os ataques dos índios, pelos perigos que podiam sobrevir. Resolvemos seguir ainda rio abaixo, começando-se a embarcar comida, feito o que mandou o capitão que embarcassem os feridos, e os que não podiam ir por seu pé fossem enrolados em umas mantas e os outros os levassem nas costas, como se transporta carga de milho, para que não embarcassem coxeando e os índios, vendo tal coisa, se tomassem de coragem e não nos deixassem partir. Depois disto feito, estando prontos os bergantins e desamarrados, e os remos nas mãos dos remeiros, desceu o Capitão com muita ordem, seguido pelos companheiros. Fizeram-se ao largo no rio e não estaríamos a um tiro de pedra quando vêm mais de dez mil índios por agua e por terra, e como os de terra não nos podiam atacar, serviam para fazer algazarra; e os de água não deixavam de ata-

car com muita fúria, como homens ofendidos, mas os nossos companheiros com as balhastas e arcabuzes defendiam tão bem os bergantins que mantinham a distância aquela perversa gente. Passou-se isto pelo pôr do sol e assim, atacando-nos de tempos a tempos, seguindo-nos a noite toda, não nos davam um só momento de descanso.

Seguimos assim até ao amanhecer, quando nos vimos em meio de muitas e grandes povoações, donde sempre saíam índios de fresco e ficavam os que iam cansados. Ao meio dia os nossos companheiros já não podiam remar e íamos todos alquebrados pela noite mal passada e pela guerra que os índios nos faziam. O Capitão, para que a gente tomasse um pouco de repouso e comesse, mandou que nos metêssemos em uma ilha despovoada, que estava no meio do rio. Apenas começámos a cozinhar a comida, vieram canoas em grande quantidade e tres vezes nos atacaram, de tal maneira que nos puzeram em grande abertura. Vendo os índios que pela agua não nos podiam desbaratar, resolveram acometer por terra e por agua, porque, como havia muitos índios, havia gente para tudo. Vendo o Capitão o que os indios ordenavam, resolveu não os esperar em terra, embarcando e fazendo-se ao largo no rio, porque pensava ali defender-se melhor. Começámos a navegar, sem que os índios nos deixassem de seguir e dar combate, porque destas aldeias se tinham reunido mais de 130 canoas, nas quais havia mais de 8.000 índios e por terra era incontavel a gente que aparecia.

Entre esta gente e canoas de guerra andavam quatro ou cinco feiticeiros, todos pintados e com as bocas cheias de cinza que atiravam para o ar, tendo nas mãos uns his-sopes, com os quais atiravam agua no rio, à maneira de feitiços, e depois de contornar os nossos bergantins, chamavam a gente de guerra, e logo começavam a tocar seus tambores e cornetas e trombetas de pau, e com grande gritaria nos atacavam. Mas os arcabuzes e balhes-

tas, depois de Deus, eram o nosso amparo. Levaram-nos deste modo até meter-nos em angustura de um braço de rio. Aqui nos puzeram em grande aperto, e tamanho, que não sei se algum de nós escaparia, porque nos tinham preparado uma emboscada em terra e dali nos abarcavam. Determinaram-se os d'agua a exterminar-nos, e já estavam muito perto de nós. Vinha adiante o capitão-general, muito destacado como homem. Um dos nossos companheiros, chamado Celis, (13) fez pontaria nele e lhe deu um tiro de arcabuz no meio do peito e o matou. Logo a sua gente desmaiou e acudiram todos a ver o seu senhor, e nesse meio tempo conseguimos sair para o largo do rio. Mas ainda nos seguiram durante dois dias e duas noites, sem nos deixarem repousar, que tanto durou para sairmos das terras desse grande senhor Machiparo, (14) e que, no parecer de todos, teria mais de oitenta leguas, todas povoadas, que não havia de povoado a povoado um tiro de balhista, e as mais distantes, não se afastavam mais de meia legua, e houve aldeias que se estendiam por mais de cinco leguas sem separação de uma casa para outra, o que era coisa maravilhosa de ver. Como íamos de passagem e fugindo, não tivemos oportunidade de saber o que havia terra a dentro. Mas segundo a sua disposição e aspecto, deve ser a mais povoada que já se viu. Diziam-nos os índios da provincia de Apária que havia um grandissimo senhor terra a dentro, para o sul, que se chamava Ica, e que ele possuia grandes riquezas de ouro e prata, noticia que tivemos por certa e muito boa.

(13) Fernão Gutierrez de Celis, ensina Toribio de Medina.

(14) Esse senhorio de Machiparo coincide com a provincia de Yoriman, de que fala Acuña no numero LXI da sua narrativa, como adiante se verá, e que ele chama "a mais belicosa nação de todo o rio das Amazonas e que em primeiras entradas atemorizava a esquadra portugüesa, estendendo-se por pouco mais de 60 léguas, "mas tão sobrada de gente", como não havia em outro lugar do grande rio.

Desta maneira e com este trabalho saímos da provincia e grande senhorio de Machiparo, e chegámos a outro não menor, que era o começo de Oniguayal (ou Omaguecei). No início e entrada da sua terra havia uma aldeia a modo de guarnição, não muito grande, no alto sobre o rio, onde havia muita gente de guerra. Vendo o Capitão que nem ele nem os seus podiam suportar o muito trabalho, que era não somente a guerra mas, juntamente com ela, a fome, pois os índios, embora tivessemos de comer, não nos davam tempo pela demasiada guerra que nos faziam, resolveu tomar essa aldeia e assim mandou dirigir os bergantins para o porto. Os índios, vendo que lhes queriam tomar o povoado, decidiram defendê-lo com vigor, e assim foi que, chegando junto ao porto, começaram os índios a atacar de tal modo que nos detinham. Vendo o Capitão a resistência dos índios, mandou que com grande pressa atirassem as balhastas e os arcabuzes e remassem para encalhar em terra. Assim fizeram e conseguiram que os bergantins encalhassem e os nossos companheiros saltassem em terra e, pelejando com denodo, fizessem fugir aos índios.

Assim ficou conosco este povoado, com a comida que tinha. Era ele forte e, por ser assim, disse o Capitão que aí queria repousar tres ou quatro dias e fazer alguma matalotagem para diante. Assim descansámos e com este propósito, embora não sem guerra e das mais perigosas. E foi que um dia, às dez horas, vieram canoas em grande quantidade a tomar e desmarrar os bergantins que estavam no porto. Não conseguisse o Capitão que os balhesteiros rapidamente saltassem dentro, creio que não nos poderíamos defender. Assim com a ajuda de Nosso Senhor e com a boa manha e ventura dos nossos balhesteiros, fizemos algum dano aos índios, que tiveram por bem retirar-se e voltar para as suas casas. Estivemos tres dias neste povoado, descansando, dando-

nos boa pousada e comendo à discreção. Havia muitos caminhos que entravam pela terra a dentro e mui reais, temendo com isto o Capitão que os índios nos viessem a fazer dano, pelo que mandou que nos aprontássemos, pois não queria ficar mais tempo ali.

Começaram todos a preparar-se para partir quando lhes fosse mandado. Tínhamos andado 340 léguas desde que saímos de Apária, e destas, duzentas foram sem nenhuma povoação. Encontrámos nessa aldeia grande quantidade de biscoito muito bom, que os índios fazem de milho e mandioca, e muitas frutas de todas as qualidades.

No domingo depois da Ascensão de Nosso Senhor saímos dessa aldeia e começámos a caminhar. Não tínhamos andado obra de duas léguas, quando vimos entrar à mão direita outro rio mui poderoso e maior. Tão vasta era a entrada, que fazia tres ilhas, razão pela qual chamámos a esse rio da Trindade (15). Tanto nelas como de um e outro lado dos dois rios havia muitas e grandes povoações, e terra muito linda e frutífera. Era já no senhorio e terra de Omagua. Por serem as aldeias tantas e tão grandes e haver tanta gente, não quiz o Capitão aportar, e assim passámos todo aquele dia com alguma guerra, porque a que nos faziam por água era tão crua, que nos obrigavam a ir pelo meio do rio, e muitas vezes os índios se punham a conversar conosco, e como não os entendíamos, não sabíamos o que eles nos diziam.

A hora de vésperas chegámos a uma aldeia que estava sobre uma barranca e, por lhe parecer pequena e

(15) Esse rio da Trindade de Carvajal coincide com o Cachiguará de Acuña, ou seja o atual Purús. Os Omaguas de Carvajal não coincidem com os de Acuña. A terra de Omagua do dominicano fica muito mais perto da foz e é povoada por gente belicosa, dizendo o jesuista que os Omaguas eram gente pacífica e civilizada.

tão bem situada que se diria um recreio de algum senhor de terra a dentro, mandou o Capitão que a tomássemos. E assim nos esforçámos por conquistá-la e os índios se defenderam por mais de uma hora; mas afinal foram vencidos e nós nos assenhoreámos dessa povoação, onde encontrámos grande quantidade de comida, da qual fizemos provisão.

Havia nessa povoação uma casa de diversões, dentro da qual encontrámos muita louça dos mais variados feitios: havia talhas e cântaros enormes, de mais de vinte e cinco arrobas, e outras vasilhas pequenas, como pratos, escudelas e candieiros, tudo da melhor louça que já se viu no mundo, porque a ela nem a de Málaga se iguala. E' toda vidrada e esmaltada de todas as côres, tão vivas que espantam, apresentando, além disso, desenhos e figuras tão compassadas, que naturalmente eles trabalham e desenham como o romano.

Disseram-nos ali os índios que tudo o que havia naquella casa, feito de barro, se encontrava terra a dentro, feito de ouro e prata, e que eles nos levariam lá, pois era perto. Encontrámos nessa casa dois ídolos, tecidos de palha, de diversos modos: eram de estatura de gigantes e tinham metidas no moleto dos braços umas rodas, a modo de braceletes e outras nas panturrilhas, perto dos joelhos; as orelhas eram perfuradas e muito grandes, parecendo as dos índios de Cuzco, (16) porém maiores.

(16) Sobre esses índios de Cuzco escreve Garcilaso de la Vega: "Demás de andar trasquilados, traian las orejas horadas por donde comunmente las horadan las mujeres para los zarcillos; empero hacian crecer el horado con artificio en extraña grandeza, increíble á quien no la hubiere visto... Y porque los índios las traian de la manera que hemos dicho, les llamaban Orejones los españoles".

Os portuguezes chamavam também aos Uerequena de orelhudos, aos quais classifica Rodrigues Ferreira entre os seus homens monstruosos por artificio, "com as extremidades das orelhas rasgadas e distendidas até os ombros".

Essa casta de gente reside terra a dentro e é a que possui a riqueza de que falámos, e é como lembrança sua que aí conservam esses ídolos. Também se achou nessa aldeia ouro e prata, mas como o nosso intento era somente procurar o que comer e ver como poderíamos salvar as nossas vidas e dar noticia de tão grande coisa, não cuidávamos de obter qualquer riqueza.

Partiam dessa aldeia muitos caminhos, largos como estradas reais, pela terra a dentro. Quiz o Capitão saber aonde ia e para isso tomou consigo a Cristobal Maldonado, ao alferes e outros companheiros e começou a entrar por eles, e não tinham caminhado meia legua, quando as estradas eram mais amplas e maiores. Ao aperceber-se disto o Capitão, resolveu voltar, pois não seria prudente passar adiante, e voltou para onde estavam os bergantins. Quando regressou, já era ao pôr do sol, e o Capitão disse aos companheiros que seria de melhor aviso partir dali imediatamente, pois não convinha passar a noite em terra tão povoada, e que todos embarcassem. E assim foi que, levada a comida e postos todos a bordo, começámos a navegar já com a noite, e toda ela fomos passando por muitas e vastas aldeias, até que raiou o dia, tendo já caminhado mais de vinte léguas, que, para fugir dos índios, os nossos companheiros não paravam de remar. Quanto mais andávamos mais povoada e melhor achávamos a terra, da qual seguíamos sempre afastados, para não dar lugar a que os índios nos viessem assaltar.

Fomos caminhando por esta terra e senhorio de Omagua mais de cem leguas, ao cabo das quais chegámos a outra terra de outro senhor, chamado Paguana, que tem muita gente e muito pacífica, pois chegámos, no princípio da sua província, a um povoado de mais de duas léguas de comprimento, aonde os índios nos espera-

vam em suas casas, sem fazer mal nem dano, antes nos davam do que tinham. Desse povoado seguiam muitos caminhos para o interior, porque o senhor não reside à beira do rio, e os índios nos disseram que fôssemos até lá, pois o senhor se alegraria muito com a nossa presença. Nessa terra possui tal senhor muitas ovelhas das do Perú (17) e é muito rico em prata, segundo nos diziam os índios. A terra é muito alegre e aprazível e abundante em todas as comidas e frutas, tais como pinhas e peras, que na lingua da Nova Espanha se chamam abacates, e ameixas, guanãs e muitas outras frutas excelentes. (18)

Sáimos desse povo e fomos caminhando sempre por um território muito povoado, pois houve dias de passarmos por mais de vinte aldeias, isso pela margem que acompanhávamos, pois do outro lado não podíamos ver mais que a vastidão do rio. Assim iam dois dias pela banda direita e depois atravessávamos e íamos outros dois dias pela esquerda, pois quando seguíamos por um lado não víamos o outro.

Na segunda feira da Páscoa do Espírito Santo, passámos à vista de uma aldeia muito grande e populosa, com muitos bairros, cada qual com um desembarcadouro no rio. Nesses portos havia índios aos magotes, estendendo-se esta aldeia por mais de duas léguas e meia. Sendo tantos os índios, mandou o Capitão que passásse-

(17) Os antigos cronistas espanhóis chamavam ovelhas ou carneiros da terra ou do Perú à lhama (*Lama glama*) e à alpaca (*Lama glama pacos*), que eles encontraram já como animais domésticos entre os autóctones do Perú. A ser verdade este trecho da narrativa de Carvajal, os índios deviam referir-se a alguma região do Perú, pois nunca se encontraram os lhamas em nenhuma parte do Brasil.

(18) Aqui vai o bom frade dominicano dando às frutas o nome das que com as mesmas mais se pareciam com as que eram suas conhecidas em Espanha. Para os abacates ele dá o nome "da lingua da Nova Espanha". Quanto às outras é impossível agora saber quais fossem.

mos adiante, sem lhes fazer mal nem atacá-los. Mas eles, vendo que passávamos sem lhes fazer mal, embarcaram em suas canoas e nos atacaram, mas para seu dano, pois as balhastas e arcabuzes os fizeram voltar para as suas casas, deixando-nos ir rio abaixo.

Nesse mesmo dia tomámos uma pequena aldeia, onde achámos comida, e aqui terminou a província de Paguana, e entrámos em outra província muito mais belicosa e de muita gente que nos fazia guerra incessante. Não sabemos como se chamava o seu senhor, mas é de gente meã de corpo, muito bem tratada, com seus pavezes de pau e que defendem as suas pessoas com bravura.

No sábado, véspera da Santíssima Trindade, mandou o Capitão fundear em uma povoação onde os índios se puzeram em defesa. Apesar disso os expulsámos de casa e nos provimos de comida, achando ainda algumas galinhas. Nesse mesmo dia, saindo d'ali, prosseguindo a nossa viagem, vimos uma boca de outro grande rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos, e de água negra como tinta, e por isso lhe puzemos o nome de Rio Negro. Corria ele tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte léguas fazia uma faixa na outra água, sem misturar-se com a mesma.

Ainda nesse dia vimos outras povoações não muito grandes. No domingo da Santíssima Trindade descansou o Capitão com a sua gente nos pesqueiros de um povoado que estava numa lomba, encontrando-se aí muito peixe, que foi socorro e grande alegria para os nossos espanhóis, pois havia dias que não descansávamos. Estava esta povoação situada em uma lomba afastada do rio, como em fronteira de outros povos que lhe faziam guerra, pois estava fortificada por uma muralha de grossos troncos. Quando os nossos companheiros subiram para tomar comida, os índios a quizeram defender e se fizeram fortes dentro daquela cerca, que não tinha mais de uma porta,

havendo-se com bravura. Mas como nos víamos em necessidade, resolvemos atacá-los e, nessa determinação, acometemos pela dita porta, entrando sem nenhum risco. Os companheiros pelejaram com os índios até desbaratá-los e logo recolheram a comida, que havia em quantidade.

Na segunda feira partimos, passando sempre por províncias e povoações muito grandes, abastecendo-nos de comida o melhor que podíamos, quando esta nos faltava. Nesse dia aportámos a uma aldeia de medíocre tamanho, onde a gente nos esperou. Havia lá uma praça muito grande e no meio da praça um grande pranchão de dez pés em quadro, pintado e esculpido em relevo, figurando uma cidade murada, com a sua cerca e uma porta. Nessa porta havia duas altíssimas torres com as suas janelas, as torres com portas que se defrontavam, cada porta com duas colunas. Toda esta obra era sustentada sobre dois ferocíssimos leões que olhavam para trás, como acautelados um do outro, e a sustinham nos braços e nas garras. Havia no meio desta praça um buraco por onde deitavam, como oferta ao sol, a chicha, (19) que é o vinho que eles bebem, sendo o sol que eles adoram e têm como seu Deus.

Era esse edifício coisa digna de ser vista, admirando-se o Capitão e nós todos de tão admirável coisa. Perguntou o Capitão a um índio o que era aquilo e que significava naquela praça, e o índio respondeu que eles são súditos e tributários das Amazonas, e que não as forneciam senão de penas de papagaios e guacamaios (20)

(19) A chicha é a bebida dos índios dos Andes e ainda hoje muito usada no interior da Argentina, Chile e Bolívia. O seu preparo muito se aproxima do cachiri, ao qual provavelmente se refere Carvajal, embora empregando o termo referente à bebida que era mais sua conhecida.

(20) Não é possível saber o que seriam esses guacamaios Talvez araras ou jandaías.

para forrarem os tetos dos seus adoratórios. Que as povoações que eles tinham eram daquela maneira, conservando-o ali como lembrança e o adoravam como emblema de sua senhora, que é quem governa toda a terra das ditas mulheres. Encontrou-se também nessa praça uma casa muito pequena, dentro da qual havia muitas vestimentas de plumas de diversas cores, que os índios usavam para celebrar as suas festas e bailar quando se queriam regozijar diante do já referido pranchão, e ali ofereciam seus sacrifícios com a sua danada intenção.

Saimos logo desta aldeia, encontrando a seguir uma outra, muito grande, que tinha o mesmo pranchão e divisa. Defendeu-se muito este povo e por mais de uma hora não nos deixou pôr pé em terra, mas afinal conseguimos saltar e como os índios eram muitos e a cada hora cresciam, não se queriam render; mas em vista do dano que se lhes fazia, resolveram fugir e então tivemos tempo curto, para buscar alguma comida, porque já os índios investiam contra nós. Mas o nosso Capitão não quiz que esperássemos, pois nada podíamos ganhar na transação, e mandou que embarcássemos e nos fôssemos. E assim se fez.

Partidos daqui, passámos por outros muitos povoados, onde os índios nos esperavam em pé de guerra, como gente belicosa, com as suas armas e pavezes nas mãos, fazendo grande algazarra, gritando por que fugíamos, se eles ali nos estavam esperando. Mas o Capitão não queria atacar onde via que não podíamos ganhar honra nem levar comida e, quando havia alguma, arriscava a sua pessoa e a dos seus companheiros. Em algumas partes, os índios de terra e nós da água nos fazíamos guerra, mas como os índios eram muitos, faziam parede e nossos arcabuzes e balhastas lhes faziam grande mal, e assim passávamos adiante.

Na quarta-feira, véspera de Corpus Christi, sete de junho, mandou o capitão aportar em uma pequena povoação que estava sobre o rio, e foi tomada sem resistência. Aí se encontrou muita comida, especialmente peixe, que havia em tal abundância que pudemos abastecer largamente os bergantins. Era o peixe que os índios tinham a secar para ir vender terra a dentro. Vendo todos os companheiros que a povoação era pequena, pediram ao Capitão que descansasse ali, pois era véspera de uma grande festa. O Capitão, como homem que conhecia as coisas dos índios, disse que não falassem em semelhante coisa, pois tal não pensava fazer, pois embora o povoado lhes parecesse pequeno, tinha uma grande comarca de onde poderiam vir auxílios e causar-nos dano, e que, portanto, nos fôssemos, como costumávamos fazer, indo dormir nos montes. Os vossos companheiros pediram como mercê que se demorasse ali. O Capitão, visto que todos o pediam, embora contra a sua vontade, concedeu o que lhe solicitavam, e assim estivemos nessa povoação descansando até ao pôr do sol, hora em que os índios voltavam para as suas casas, porque, à hora em que saltámos, só havia mulheres, tendo os índios ido a cuidar das suas grangearias. Assim, sendo chegada a hora, voltaram e, encontrando suas casas em poder de quem não conheciam, ficaram muito espantados e começaram a dizer que saíssemos dali, e isto dizendo, decidiram atacar-nos.

Mas quando eles acometiam contra nossa gente, acharam-se diante de quatro ou cinco companheiros, os quais tão denodadamente lutaram, que fizeram com que os índios não se atrevessem a chegar até onde estávamos. Assim os fizeram fugir e, quando o Capitão saiu, já nada havia que fazer. Já era noite e, suspeitando o Capitão o que iria acontecer, mandou que fossem dobradas as sentinelas e que todos dormissem armados, e assim se

fez. À meia noite, à hora em que a lua saía, voltara os índios em tropel, atacando-nos por tres lados. Quando foram sentidos, tinham ferido as sentinelas e eles estavam no meio da nossa gente, e como deram alarma, saiu o Capitão gritando: “Vergonha, vergonha, cavalheiros, a eles”.

Levantaram-se os nossos e com grande fúria atacaram aquela gente que foi desbaratada e, não podendo resistir aos nossos companheiros, fugiu. O Capitão, pensando que eles haviam de vir mais uma vez, mandou fazer-lhes uma emboscada por onde haviam de voltar, e que os outros não dormissem. Ordenou que se tratasse dos feridos, o que fiz, porque o Capitão andava de um lado para outro, dando as ordens que convinha para a salvação das nossas vidas, que nisto sempre se desvelava. E a não ser ele tão sábio nas coisas da guerra, que parecia que Nosso Senhor lhe ensinava o que devia fazer, muitas vezes nos teriam morto. Estivemos deste modo a noite toda e, clareando o dia, mandou o Capitão que embarcássemos e nos fôssemos, e que se enforcassem alguns prisioneiros que tínhamos feito, para que os índios daí por diante nos cobrassem temor e não nos atacassem. Embarcámos e, feitos ao largo no rio, chegavam à povoação muitos índios e também por água vinham muitas canoas. Mas como já íamos ao largo, não tiveram como pôr em obra a sua má intenção.

Esse dia nos metemos num monte e descansámos o dia seguinte, prosseguindo a nossa viagem no imediato. Não havíamos ainda andado quatro léguas quando vimos entrar pela mão direita um rio muito grande e poderoso, maior que o que percorriamos, e por isso lhe puzemos o nome de Rio Grande (21), e passámos adiante. À mão

(21) Pelas distâncias referidas e pelo tempo gasto na viagem até aqui, esse rio Grande de Carvajal é o rio Madeira.

esquerda vimos haver umas povoações muito grandes sôbre uma lomba que chegava até à margem do rio. Vendo-as, mandou o Capitão que para lá nos dirigíssemos, o que fizemos. Vendo os índios que íamos para lá, resolveram, segundo pareceu, não se mostrar mas ficar de emboscada, pensando que saltaríamos em terra, e para isso tinham limpos os caminhos que desciam para o rio. O Capitão e alguns companheiros perceberam a maldade que se estava armando, e por isso passámos ao largo. Vendo tal coisa, levantam-se mais de cinco mil índios com as suas armas, e começam a dar gritos e a desafiar-nos, a bater com as armas umas nas outras, fazendo um tal ruído que parecia que o rio vinha abaixo.

Passámos adiante e, obra de meia légua, demos com outro povoado maior, mas aqui nos fizemos ao largo do rio. Esta terra é temperada e de muito boa disposição, mas não soubemos seu comércio, porque não nos foi permitido. E aqui acabou esta provincia e passámos a outra que nos deu não pouca canseira. Continuando nosso caminho, sempre entre lugares povoados, um dia, pelas oito horas da manhã, vimos num alto uma formosa aldeia, que ao parecer devia ser capital de algum grande senhor. Quizéramos, embora com risco, chegar até lá para vê-la, mas não foi possível porque tinha diante uma ilha, e quando quizemos entrar já a entrada tinha ficado para trás. Por este motivo passámos à vista, mirando-a. Havia nessa aldeia sete picotas, esparsas em vários lugares da aldeia, tendo pregadas nelas muitas cabeças de mortos. Por isto puzemos a este lugar o nome de Provincia das Picotas, que se estendia setenta léguas rio abaixo. Desciam dessa aldeia para o rio vários caminhos feitos a mão, tendo plantadas, de um e outro lado, árvores frutíferas, por onde se percebia que devia ser um grande senhor o desta terra,

No dia seguinte encontrámos outra aldeia do mesmo feio e, como tivéssemos necessidade de comida, fomos forçados a atacá-la. Esconderam-se os índios, para que saltássemos em terra, e vendo que já tínhamos desembarcado, saíram da sua emboscada com imensa fúria. Vinha adiante o seu capitão ou senhor, animando-os com enorme gritaria. Um dos nossos balheteiros fez pontaria nesse senhor e o matou. Vendo os índios aquilo, decidiram não esperar, mas fugir, fortificando-se dentro de suas casas, das quais se defendiam e lutavam como cães danados. Vendo o Capitão que não se queriam render, que nos tinham feito dano e ferido alguns dos nossos companheiros, mandou pôr fogo nas casas onde estavam os índios, que assim saíram delas, fugindo, dando lugar a que se recolhesse a comida que nessa aldeia, louvado Nosso Senhor, não faltou, pois havia muitas tartarugas, muitos perús e papagaios, e uma grande fartura, pois de pão e milho nem se fala. Saímos dali e logo fomos a uma ilha descansar e gozar do que tínhamos tomado. Prendeu-se nesta aldeia uma índia de muita razão, que disse que perto daqui, no interior, havia muitos cristãos como nós para aí trazidos por um senhor. Disse-nos mais que havia entre eles duas mulheres brancas e que outros viviam com índias, das quais tinham filhos. Ao que se presume, são estes os que se perderam de Diego de Ordaz (22), pelos sinais que davam, que era para as bandas do norte.

Seguimos nosso rio abaixo sem tocar em nenhum povoado, porque levávamos o que comer, e ao cabo de

(22) Em principios de 1531 saiu de Sevilha Diego de Ordaz, e, tendo chegado ao rio Marañon, no intuito de começar por aí os seus descobrimentos, foi forçado a abandonar o projeto pelas calmarias, correntezas e baixios em que se viu. Por conseguinte mandou abrir as velas, afim de sair depressa daquele sítio tão perigoso, mas Juan Carnejo, seu logar-tenente, não teve o mesmo êxito, encalhou a sua nau com perda de alguns homens, que se internaram

alguns dias saímos desta província, à saída da qual havia uma imensa aldcia, por onde nos disse a índia que devíamos ir até onde estavam os cristãos, mas resolvemos passar adiante, que para tirá-los de onde estavam, chegará a sua vez.

Dessa aldeia saíram dois índios numa canoa e chegaram até ao bergantim onde vinha sem armas o nosso Capitão, e ficaram muito tempo mirando e por muito que este os chamasse para que entrassem, e lhes desse muitas coisas, nunca quizeram, antes, mostrando o interior da terra, volveram.

Essa noite dormimos fronteiros dessa aldeia, dentro dos nossos bergantins e, clareando o dia, começámos a caminhar. Saiu da aldeia muita gente. Embarcaram os índios e vieram atacar-nos no meio do rio, por onde navegámos. Estes índios já teem flechas e lutam com elas. Tomámos o nosso caminho sem o esperar. Fomos caminhando, tomando comida onde víamos que não na podiam defender e no fim de uns quatro ou cinco dias fomos tomar uma povoação onde os índios não se defenderam. Aqui se encontrou muito milho (e também muita aveia), de que os índios fazem pão, e vinho muito bom, parecendo cerveja, havendo dele muita abundância.

entre os índios. E' o que conta Juan de Castellanos em uma das suas elegias nestes versos.

“El Ordaz escapó con buen consejo
Y fue donde llevaba sus intentos,
Mas no pudo salir el Joan Cornejo,
Con otros que pasaban de trescientos.
Muy juntos á la tierra naufragaran
Sin dalles sinsabor reventazones,
Y ansi dicen que todos escaparon
Y entraron por jamás vistas regiones,
Hasta que descubrieron y toparon
Grandes y poderosas poblaciones,
Adonde se hallaron y han valido
Multiplicando siempre su partído.”

Encontrou-se neste povoado uma adega desse vinho, com o que não pouco se alegraram os nossos companheiros. Achou-se também muito boa roupa de algodão. Havia nessa aldeia um adoratório, dentro do qual estavam penduradas muitas divisas de armas de guerra e, por cima de todas, duas mitras muito bem feitas, como as dos bispos: eram tecidas não sabemos de que, pois não eram de lan de algodão e tinham muitas côres.

Passámos adiante dessa povoação e fomos dormir do outro lado do rio, no monte, como era o nosso costume, e ali vieram muitos índios atacar-nos por agua, mas mau grado seu, tiveram de retroceder.

Terça-feira, 22 de junho, vimos muitas povoações do lado esquerdo do rio, pois indo nós pelo meio, víamos branquear as casas. Quizemos ir até lá mas não pudemos pela muita correnteza e pelas ondas, mais trabalhosas que as do mar.

Quarta-feira tomámos um povoado que estava no meio de um arroio pequeno, numa grande planície de mais de quatro léguas. Constituía este povoado uma única rua, com uma praça no meio, estando as casas de um e outro lado, e aí achámos muita comida. A este povoado, chamámos, por estar assim disposto, povoação da Rua.

Quinta-feira passámos por outros povoados de tamanho médio, mas não cuidámos de parar ali. Todos eles são arraiais de pescadores do interior.

famos desta maneira caminhando e procurando um lugar aprazível para folgar e celebrar a festa do bem-aventurado São João Batista, precursor de Cristo, e foi servido Deus que, dobrando uma ponta que o rio fazia, víssemos alvejando muitas e grandes aldeias ribeirinhas. Aqui demos de chofre na boa terra e senhorio das amazonas. (23)

(23) Sitúa o padre Carvajal o começo "da boa terra e senhorio das Amazonas" na foz do Jamundá. Sabem todos que a

Estavam estes povos já avisados e sabiam da nossa ida, e por isso nos vieram receber no caminho por água, mas não com boa intenção. Chegando perto, como o Capitão os quizesse trazer à paz, começando a falar-lhes e a chamá-los, riram-se eles e faziam burla de nós; aproximavam-se e diziam que andássemos, pois ali abaixo nos esperavam, para prender-nos a todos e levar-nos às amazonas.

O Capitão, ofendido com a soberba dos índios, mandou que atirassem neles com as balhastas e arcabuzes, para que pensassem e soubessem que tínhamos com que os ofender. Com o dano que lhes causámos, voltaram para a aldeia a dar noticia do que tinham visto. Não deixámos de caminhar e aproximar-nos das aldeias, e antes que chegássemos, a uma distância de mais de meia légua, havia pela linha dagua, aquí e alí, muitos esquadrões de índios, e como íamos andando, eles se juntavam, acercando-se das suas povoações. Havia no meio desta aldeia uma multidão, fazendo um bom esquadrão e o capitão deu ordem que os bergantins encalhassem onde estava aquela gente, para buscar comida.

E assim foi que, quando começávamos a chegar à terra, principiaram os índios a defender a sua aldeia e a flechar-nos, e como a gente era muita, parecia que choviam flechas. Mas os nossos arcabuzeiros e balhesteiros não estavam ociosos, porque não faziam senão atirar, e embora matassem muitos, não o sentiam, porque, com todo o dano que lhes fazíamos, andavam uns pelejando

lenda, das amazonas está intimamente ligada aos mairaquitãs e é curioso que quasi todas as "pedras verdes", até hoje conhecidas provenham de uma região que se estende das ribeiras do Purú às cercanias do Jamundá. Escreve a esse respeito Gastão Cruls: "Ainda em Belém confirmou-me essa asserção o Dr. Carlos Estevão de Oliveira, autor de memória ainda inédita sobre o mesmo tema".

e outros bailando. Aqui estivemos por um triz para perder-nos todos, porque como havia tantas flechas, os nossos companheiros porfiavam por defender-se delas, sem poder remar. Foi isto causa de que nos fizessem tanto mal que antes que saltássemos em terra já tinham ferido a cinco dos nossos, dos quais eu fui um deles, levando uma flecha na ilharga, que me chegou ao vazio e se não fossem os hábitos, ali teria ficado.

Vendo o perigo em que estávamos, começou o Capitão a animar e a apressar os dos remos para que encalhassem, e os nossos companheiros se lançaram à agua que lhes dava pelos peitos. Travou-se aquí mui grande e perigosa batalha, porque os índios andavam misturados com os nossos espanhois, que se defendiam tão corajosamente, que era uma coisa maravilhosa de ver-se. Andou-se neste combate mais de uma hora, pois os índios não perdiam ânimo, antes parecia que o redobravam, embora vissem mortos a muitos dos seus, e passavam por cima deles, e não faziam senão retrair-se e tornar a atacar.

Quero que saibam qual o motivo de se defenderem os índios de tal maneira. Hão de saber que eles são súditos e tributários das amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram dez ou doze. A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam.

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de

flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho.

Voltando ao nosso propósito e combate, foi Nosso Senhor servido dar força e coragem aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito destas amazonas, razão pela qual os índios afrouxaram e foram vencidos e desbaratados com farto dano de suas pessoas. Como viesse de outras aldeias muita gente de socorro e haviam de voltar, pois já se começavam a chamar, mandou o Capitão que a toda a pressa embarcasse a gente, pois não queria pôr em risco a vida de todos. E assim embarcaram, não sem sossobra, porque já os índios começavam a lutar, e vinha por agua imensa frota de canoas. Assim sendo, nos fizemos ao largo e deixámos a terra.

Desde o ponto em que deixámos Gonçalo Pizarro, já caminhámos mil e quatrocentas léguas, antes mais do que menos, e não sabemos ainda o que falta daqui até ao mar. Nestas aldeia agarrámos um índio trombeteiro, que andava entre a gente, de cerca de trinta anos de idade, e que começou a contar ao Capitão muitas coisas do interior da terra. E o Capitão o levou consigo.

Feitos ao largo do rio, nos deixámos ir à garra, sem remar, porque os nossos companheiros estavam tão cansados que não tinham forças para suster os remos. Indo pelo rio, teríamos caminhado um tiro de balhesta quando descobrimos uma aldeia, não pequena, onde não parecia haver gente, e por isto todos os companheiros pediram ao Capitão que fosse até lá, para a tomarmos, pois na outra aldeia os índios não nos tinham deixado. Disse-lhes o Capitão que não queria, pois embora lhes parecesse não haver gente, dele nos tínhamos mais de precaver do que de onde claramente a víamos. Juntámo-nos todos, e eu com os demais companheiros, e lhe pedimos como mercê. Embora já tivéssemos passado essa aldeia, o Capi-

tão, fazendo-lhes a vontade, mandou retroceder os bergantins, e como íamos costeando a terra, os índios escondidos em emboscada, entre as arvores, repartidos por seus esquadrões, para nos surpreender nesta cilada, começaram a atacar-nos e flechar-nos tão bravamente, que não nos víamos uns aos outros. Mas como nossos espanhóis vinham, desde Machiparo, providos de bons pa-vezes, não nos fizeram tanto dano, quanto nos fariam se não viéssemos protegidos por essa defesa, e de toda essa gente só a mim feriram, que me deram um flechaço num olho, que passou a flecha para o outro lado. Desta ferida perdi um olho e não estou sem fadiga e falta de dôr, posto que Nosso Senhor, sem que o mereça, me quis conservar a vida para que me emende e o sirva melhor do que até aqui. Neste meio tempo já haviam saltado em terra os espanhóis que vinham no barco pequeno, e como os índios eram tantos, os tinham cercado. Se não fosse o Capitão socorrê-los com o bergantim grande, perdiam-se e os índios os levariam. E assim o teriam conseguido antes que chegasse o Capitão se eles não lutassem com tanta coragem. Mas já estavam cansados e postos em grande abertura.

Recolheu-os o Capitão e como me visse ferido, mandou embarcar a gente. E assim se embarcaram, pois os índios eram muitos e mui encarniçados e os nossos companheiros não podiam com eles. Temia o Capitão perder algum, e não os queria arriscar em semelhante aventura, pois sendo a terra povoada, convinha conservar a vida de todos, pois de uma aldeia a outra não distava mais de meia légua, por toda aquela margem direita do rio, que é o lado sul. Para o interior, a umas duas léguas mais ou menos, apareciam grandes cidades, que estavam alvejando. Além disso a terra é tão boa e fértil e tão ao natural como a de nossa Espanha, pois entrámos nela por São João e já começavam os índios a queimar

os campos. E' terra temperada, onde se colherá muito trigo e se darão todas as árvores frutíferas. Além disso está aparelhada para criar todo gado, porque há nelas muitas ervas como em nossa Espanha, tais' como o oregão e cardos pintados e rajados, e outras muitas ervas boas. Os montes destas terras são azinhais e soberais com bolotas, porque nós as vimos, e carvalhais (24). A terra é alta e faz lombas, todas de sávanas, com erva que apenas chega aos joelhos, e há muita caça de toda espécie.

Tornando à nossa viagem: mandou o Capitão que fôssemos para o meio do rio para fugir dos povoados, que eram tantos que causava espanto. Chamámos a esta província de São João, porque em seu dia entrámos uela, e eu tinha pregado pela manhan, vindo pelo rio, em louvor de tão glorioso precursor de Cristo, e tenho por averiguado que por sua intercessão me outorgou Deus a vida.

Fomos para o meio do rio e os índios por agua em nosso seguimento, porque o Capitão mandou atravessar para uma ilha que estava despovoadá, e até ser noite não nos deixaram os índios. Chegámos à ilha depois das

(24) De vez em quando, enganado pelo que via de longe, deixa o frade dominicano dar largas á sua fantasia. O oregão (*Oreganum vulgare*) é uma planta dos países do Mediterrâneo, da familia Labiadas, empregada como tempero; ao mesmo gênero pertence a mangerona (*O. majorana*), da qual se obtém um óleo aromático, por distilação. Os cardos de Europa, que Carvajal supunha ver nas margens do Amazonas, "pintados e rajados", são ervas da familia Compostas, tribu Cináreas, de capítulos homogênicos e receptáculos pilosos e folhas espinhosas. Essa tribu é representada no Brasil pelos gêneros *Arctium*, *Cynara*, *Silybum* e *Centaurea*, donde o engano do cronista.

Quanto aos azinhais e soberais com bolotas é mais difícil adivinhar o que pretendia descrever Carvajal. Essas plantas são de familia sem representantes no Brasil e é impossível saber quais seriam as "bolotas" que ele viu.

dez horas da noite, ordenando o Capitão que não saltássemos, pois poderia ser que os índios viessem sobre nós. Assim passámos a noite em nossas embarcações. De manhã mandou o Capitão que caminhássemos com muita ordem até sair desta província de São João, que tem mais de 150 léguas de costa, povoadas, como disse.

No outro dia, 25 de junho, passámos por entre umas ilhas que pensámos que estivessem despovoadas, mas depois que nos achámos no meio delas, foram tantas as povoações que aí apareciam e vimos, que ficámos abismados. Quando nos viram, vieram sobre nós pelo rio, sobre duzentas pirogas, cada qual com vinte a trinta índios, e algumas com quarenta. Vinham mui chibantes, com diversas insígnias e traziam muitas trombetas e tambores, e órgãos que tocam com a boca, e arrabís de tres cordas. Vinham com tanta ordem e tamanho estrondo e gritaria que estávamos espantados. Cercaram-nos ambos os bergantins e atacaram-nos como homens que pensavam levar-nos. Mas as coisas lhes saíram às avessas, porque os nossos balhesteiros e arcabuzeiros tal dano lhes fizeram, que se deram por felizes em poder fugir. Em terra era coisa maravilhosa de ver-se os esquadrões que estavam nas povoações, todos tocando e dançando com umas palmas nas mãos, mostrando grande alegria ao ver que passávamos dos seus povoados. Estas ilhas são altas, embora não muito, e de terra raza, ao que parece muito férteis, e tão alegres à vista, que embora fôssemos cheios de trabalhos, não deixávamos de alegrar-nos.

Fomos costeando a ilha maior, que terá umas seis léguas de comprimento e está situada no meio do rio. Quanto à sua largura, não poderemos dizer. Foram sempre os índios atrás de nós, até expulsar-nos desta província de São João, que, como já disse, tem 150 léguas, todas percorridas por nós com muito trabalho e fome, deixando de parte a guerra, pois como fosse muito

povoada, não foi possível saltar em terra. Por toda esta ilha foram sempre as canoas e pirogas em nosso seguimento, atacando-nos quando se lhes antolhava; mas como não lhes agradavam os nossos tiros, nos iam acompanhando de vez em quando.

Na ponta desta ilha havia muito mais gente, saindo muitas pirogas de fresco, que nos atacaram. Aqui achando-se o Capitão em tão grande abertura e desejando a paz com esta gente, para ver se poderíamos tomar um pouco de descanso, resolveu falar com os índios e pedir-lhes paz, e para abrandá-los mandou deitar em uma cabaça algum resgate e atirá-la nágua. Os índios a tomaram, mas o tiveram em tão pouca estima, que faziam burla dele. Mas por isso não deixaram de seguir-nos até expulsar-nos de suas povoações que, como já dissemos, eram muitas.

Esta noite chegámos a dormir já fóra de qualquer povoação, em um carvalhal, que havia em uma grande planície, perto do rio, onde não nos faltaram temerosas suspeitas, pois vieram muitos índios a espiar-nos, e no interior das terras havia muitos povoados e caminhos que entravam por ela. Por esse motivo o Capitão e todos estavam em vigília, esperando o que nos pudesse vir.

Nesse pouso o Capitão tomou o índio que havia agarrado acima, porque já o entendia por um vocabulário que havia feito e lhe perguntou de onde era natural. Disse o índio que da povoação onde fóra feito prisioneiro. Perguntou o Capitão como se chamava o senhor dessa terra, e o índio respondeu que se chamava Couynco, e que era grande senhor, estendendo-se o seu senhorio até onde estávamos. Perguntou-lhe o Capitão que mulheres eram aquelas que tinham vindo ajudá-los e fazer-nos guerra. Disse o índio que eram umas mulheres que residiam no interior, a umas sete jornadas da costa, e por ser este senhor Couynco seu súdito, tinham vindo guar-

dar a costa. Perguntou o Capitão se estas mulheres eram casadas e o índio disse que não. Perguntou o Capitão de que modo vivem. Respondeu o índio que viviam no interior, e que ele tinha lá estado muitas vezes e visto o seu trato e residências, pois como seu vassalo ia levar o tributo, quando o senhor o mandava. Perguntou o Capitão se estas mulheres eram muitas. Disse o índio que sim, e que ele sabia, pelo nome, setenta aldeias, e os contou diante dos que aí estávamos, e que em algumas havia estado. Perguntou o Capitão se estas aldeias eram de palha. Disse o índio que não, mas de pedra e com portas, e que de uma aldeia a outra iam caminhos cercados de um e outro lado e de distância em distância com guardas, para que não possa entrar ninguém sem pagar direitos. Perguntou-lhe o Capitão se estas mulheres pariam. Disse o índio que sim. Perguntou o Capitão como, não sendo casadas, nem residindo homens com elas, engravidavam. Ele disse que estas índias cohabitam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal; e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam e o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas de guerra. Disse mais que entre todas estas mulheres há uma senhora que domina e tem todas as demais debaixo da sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama Conhorí. Disse que há lá imensa riqueza de ouro e prata, e todas as senhoras principais e de maneira possuem um serviço todo de ouro ou prata, e que as mulheres plebeias se servem em vasilhas de pau, exceto as que vão ao fogo, que são de barro.

Disse que na capital e principal cidade, onde reside a senhora, há cinco casas muito grandes, que são adoratórios e casas dedicadas ao sol, as quais são por elas chamadas caranaí, e que estas casas são assoalhadas no solo e até meia altura e que os tetos são forrados de pinturas de diversas cores, que nestas casas tem elas ídolos de ouro e prata em figura de mulheres, e muitos objetos de ouro e prata para o serviço do sol. Andam vestidas de finíssima roupa de lan, porque há nessa terra muitas ovelhas das do Perú. Seu trajar é formado por umas mantas apertadas dos peitos para baixo, o busto descoberto, e um como manto; atado adiante por uns cordões. Trazem os cabelos soltos até ao chão e postas na cabeça coroas de ouro, da largura de dois dedos.

Disse mais que nesta terra, segundo compreendemos, há camelos que os carregam, e disse que há outros animais, que não conseguimos entender, que são do tamanho de um cavalo, com pêlos do comprimento de um gêmeo e com a pata fendida; ha poucos deles, que vivem amarrados. Disse que há nesta terra duas lagoas de água salgada, de que elas fazem sal. Disse que há uma ordem para, em pondo-se o sol, não fique índio macho em nenhuma destas cidades, devendo sair e ir para as suas terras. Disse mais que muitas províncias de índios que lhes são limítrofes, elas as têm sujeitas e os fazem pagar tributo e que eles as sirvam; e que há outras com as quais vivem em guerra, especialmente com a que já dissemos, e os trazem para ter relações com elas. Disse que estes são altos de corpo e muito brancos, e muito numerosos, e que tudo o que nos referiu, ele viu muitas vezes, como homem que ia e vinha diàriamente.

Tudo o que este índio disse, já nos haviam contado a umas seis léguas de Quito, porque ali falam muito nestas mulheres, e para vê-las vêm muitos índios 1.400 léguas rio abaixo. Assim nos diziam lá em cima os ín-

dios, que quem tivesse de descer à terra destas mulheres tinha de ir rapaz e voltar velho. Disse que a terra é fria e que há pouca lenha, sendo muito abundante em todas as comidas. Também disse muitas outras coisas, e cada dia vai descobrindo mais, porque é um índio de muita razão e muito entendido, e assim o são todos os outros daquela terra. (25)

No dia seguinte, pela manhã, saímos desse carvalho não pouco alegres, pensando que já tínhamos deixado atrás toda a zona povoada o que tínhamos ocasião para descansar dos trabalhos passados e presentes, e assim começámos nossos acostumado caminho. Mas não tínhamos andado muito, quando vimos à mão esquerda grandes províncias e povoações, que estavam na terra mais vistosa e alegre que vimos e descobrimos em todo o rio, porque era terra alta, de lombas e vales muito povoados. Dessas províncias veio atacar-nos no meio do rio e fazer guerra grande cópia de pirogas. Estas gentes são grandíssimas e mais altas que os nossos homens mais altos, e andam tosquiados e todos tismados de negro, pelo que as chamámos Província dos Negros. Sairam mui luzidos e nos atacaram muitas vezes, mas não nos fizeram dano e se foram sem

(25) Foi esta narração do índio, que Carvajal procurou transcrever com fidelidade, o motivo principal das censuras de muitos historiadores a Orellana, todos repetindo quasi sempre, embora por outras palavras, o que pouco depois do sucedido escreveu Lopez de Gomara: "Entre os disparates que disse, o maior foi afirmar que havia amazonas neste rio, com as quais lutaram ele e os seus companheiros. Que as mulheres ali andem com armas e pelejem não é muito pois em Paria, que não é muito longe, e em outras partes das Indias, era esse o seu costume. Nem creio que nenhuma mulher queime e corte a mama direita para atirar com o arco, pois com ela o fazem á maravilha, nem creio que matem ou desterrem seus próprios filhos, nem que vivam sem marido, sendo luxuriosíssimas. Outros, além de Orellana, deram curso a semelhante fantasia depois que se descobriram as Indias, e nunca tal se viu nem tão pouco se verá neste rio".

ele. Não tomámos nenhuma destas povoações, por não querer o Capitão, pela muita gente que havia. Perguntou o Capitão ao índio que gente era aquela e quem a governava. Disse que aquela terra e as povoações que se pareciam, com outras muitas que não víamos, eram de um grande senhor, chamado Arripuna, que senhoreava muita terra, que se estendia rio acima oitenta jornadas, até uma lagoa que estava do lado do norte, onde governava outro senhor, chamado Tinamostón. Mas disse que este é um grande guerreiro e que sua gente come carne humana, coisa que não fazem os demais desta terra que até agora percorremos. Esse senhor não é da lagoa, mas de outra, e é ele que tem consigo e em sua terra os cristãos dos quais acima tivemos notícia, porque ele os tinha visto. Disse que ele possui grande riqueza de prata, e com ela se servem em toda a terra, mas que ouro não no alcançam. E na verdade a terra faz dar crédito a tudo o que se diz, pela sua vista e parecer.

Dois dias mais tarde chegámos a um pequeno povoado onde os índios se defenderam, mas nós os desbaratámos e lhes tomámos a comida e passámos adiante, a outra que estava junto dele e era maior. Aqui se defenderam os índios e lutaram durante meia hora, tão bem e com tanta coragem, que antes que pudéssemos saltar em terra mataram dentro do bergantim grande a um companheiro, que se chamava Antonio de Carranza, natural de Burgos. Nessa aldeia empregavam os índios alguma erva venenosa, pelo que se conheceu na ferida do nosso companheiro, que ao cabo de 24 horas deu a alma a Deus. (26)

(26) A morte de Antonio Carranza ocorreu em princípios de julho, já depois de terem passado as ilhas que ficam em frente da lagoa grande de Vila Franca. Esse período de Carvajal é de um grande interesse por ser a primeira referência ao emprego do curare pelos índios, sendo uma importante achega para a geografia dos venenos empregados pelos índios em suas setas.

Voltando ao nosso assunto, direi que se tomou o povoado e recolhemos todo o milho que coube nos bergantins, porque, como vimos a erva, resolvemos não saltar em terra nem em povoado se não fosse com demasiada necessidade, e assim fomos com cautela maior do que tínhamos tido até ali.

Caminhámos com muita pressa, desviando-nos dos lugares povoados, e um dia de tarde fomos dormir num carvalhal que havia na boca de um rio que entrava pela mão direita no de nossa navegação e tinha uma légua de largura. (27) Mandou o Capitão atravessar para dormir nesse lugar, porque parecia não haver povoação junto à costa desse rio e podermos dormir sem haver susto, embora o interior parecesse muito povoado. Parámos nesse carvalhal, mandando o Capitão pôr umas varandas nos bergantins, a maneira de fossos, para defendê-los das flechas, e não nos valeram pouco.

Não havia muito que estávamos nesse pouso quando vem uma grande quantidade de canoas e pirogas, a observar-nos, sem fazer-nos outro mal, e deste modo não faziam senão ir e vir. Aí estivemos dia e meio, e pensávamos demorar mais tempo.

Aqui se passou uma coisa não de pouco espanto e adivinhação aos que a vimos, e foi que a horas de vésperas, veio pousar numa árvore debaixo da qual estávamos acampados um pássaro do qual nunca ouvimos mais que o canto, que fazia com muita pressa e distintamente dizia *uí*, e isso disse tres vezes, velozmente. Também sei dizer que a este pássaro ou a outro, ouvimos em nossa companhia, desde a primeira povoação onde fizemos os cravos, e era tão certo que, notando que estávamos perto de qualquer povoado, no quarto d'alva no-lo dizia desta maneira -- *uí*; e isto muitas vezes. Quer dizer que era tão certa esta ave no seu canto que já o tínhamos por

(27) Era chegada a expedição de Orellana á foz do Tapajoz.

tão real como se o vissemos; e assim era que quando o ouviam, alegravam-se os nossos companheiros, especialmente se havia falta de comida, e todos se aprontavam para o combate. Aqui nos deixou esta ave, que nunca mais a ouvimos. (28)

Logo ordenou o Capitão que partíssemos deste pouso, porque lhe parecia que havia muita gente e que de noite, segundo parecia, tinham resolvido atacar-nos. Mandou o Capitão que passássemos a noite amarrados aos ramos, porque não se achou lugar para dormir em terra, e foi isto permissão divina, que se pensassem em saltar em terra, poucos ficariam ou ninguém que pudesse dar novas da viagem, segundo pareceu. E' que os índios vieram em nossa perseguição por terra e água, e assim nos andavam buscando com grande alarido, e chegaram onde estávamos e estiveram falando, porque os víamos e ouvíamos. Não permitiu Nosso Senhor que nos atacassem, pois se tal fizessem não ficaria ninguém. Assim temos por certo que Nosso Senhor os cegou, para que não nos vissem. Estivemos deste modo até raiar o dia, quando o Capitão mandou que começássemos a caminhar.

Aqui percebemos que estávamos não muito longe do mar, porque chegava o influxo da maré, do que não pouco nos alegrámos, por saber que já não podíamos deixar de chegar ao mar. Começando a caminhar, daí a um pouco descobrimos um braço de um rio não muito grande, pelo qual vimos sair dois esquadrões de pirogas, com grande grita e alarido, e cada esquadrão se dirigiu para um dos bergantins, começando a ofender-nos e lutar como

(28) E' bem provavel que esse *pássaro* que os companheiros de Orellana sempre ouviam nas proximidades dos povoados, com esse *ui*, fosse o jacamim, que é representado no Amazonas por seis espécies, todas facilmente domesticaveis e criadas pelos índios como chirimabos. O não terem mais os espanhóis ouvido o seu canto do Tapajós para baixo corrobora esta suposição, pois está de acordo com a distribuição geográfica dos jacamins brasileiros.

cães encarniçados. Se não fossem as varandas que atrás tínhamos construído, sairíamos desta escaramuça bem dizimados. Mas com esta defesa e com o dano que nosso balhesteiros e arcabuzeiros lhes faziam, pudemos defender-nos com a ajuda de Nosso Senhor. Mas afinal não escapámos sem dano, porque nos mataram outro companheiro, chamado Garcia de Sório, natural de Logorinho. Na verdade não entrou a flecha meio dedo, mas como trazia peçonha, não durou 24 horas, e deu a alma a Nosso Senhor.

Fomos pelejando dessa maneira desde que amanheceu até depois das dez horas, que não nos deram um momento de folga, antes cada hora havia mais gente, tanta que o rio andava coalhado de pirogas, isto porque estávamos em terra muito povoada, de um senhor que se chamava Nurandaluguaburabara. Havia sobre o barranco cópia de gente, olhando a guaçabara. À medida que nos iam seguindo, iam apertando o cerco, e já estavam muito assinalados com os tiros dos arcabuzes, que foram parte para que aquela gente endiabrada nos deixasse. Um foi dado pelo Alferes, que matou com um tiro a dois índios, e com o medo do estrondo muitos caíram nágua, não escapando nenhum, porque foram todos mortos, dos bergantins; o outro tiro foi dado por um biscainho chamado Perucho. Foi esta coisa muito de ver, e por isso os índios nos deixaram, fugindo sem socorrer aos que tinham caído nágua, e dos quais, como já disse, nenhum escapou.

Acabado isto, mandou o Capitão que atravessássemos para a margem esquerda do rio, para fugir do povoado que aparecia, e assim se fez. Fomos caminhando por esse lado algumas léguas, por terra muito boa, não existindo nenhuma povoação ribeirinha, parecendo que estavam todas terra a dentro, como depois soubemos ser o caso. Fomos assim costeando: vimos povoações onde não nos

podíamos aproveitar delas, que mais pareciam fortalezas no alto de morros, a umas duas ou tres léguas do rio. Não soubemos quem era o senhor que dominava esta terra, dizendo-nos apenas o índio que naquelas fortalezas resistiam, quando lhes faziam guerra.

Continuando-se a viagem, mandou o Capitão que saltássemos em terra para descansar um pouco e ver a disposição daquela terra, que tanto agradava às nossas vistas. Assim parámos dias nesse pouso, de onde o Capitão mandou que se fosse terra a dentro uma légua para ver e saber que terra era. Foram e não caminharam uma légua, quando tornaram para dizer como a terra ia sempre melhorando, que era toda de montes e campinas, aparecendo muito rasto de gente que vinha por ali à caça, não sendo prudente passar adiante, com o que concordou o Capitão.

Aqui começámos a deixar a boa terra de campos e terras altas, entrando numa terra baixa, de muitas ilhas, embora não tão povoadas como as de cima. Deixou o Capitão a terra firme, metendo-se entre as ilhas, pelas quais foi caminhando, tomando de comer onde víamos que o podíamos fazer sem dano. E como as ilhas eram muitas e muito grandes, nunca pudemos voltar a tomar terra firme de um e outro lado até ao mar. Caminhámos entre tais ilhas umas duzentas léguas, por entre as quais, e ainda umas cem mais, sobe a maré com muita fúria, havendo pois trezentas léguas de maré e mil e quinhentas sem ela, de modo que podemos contar por este rio, desde o ponto de onde saímos até ao mar mil e oitocentas léguas, antes para mais que para menos.

Indo caminhando por nosso acostumado caminho, como íamos muito necessitados e em penúria, fomos tomar uma aldeia que estava em um esteiro. Na hora de preamar mandou o Capitão para lá dirigir o bergantim grande, acertou em tomar bem o porto, e os companhei-

ros saltaram em terra. O menor não viu um pau que estava coberto pela água, e deu tal golpe que uma tábua se fez em pedaços e o barco anegou. Vimo-nos em grandíssima abertura, como em todo o rio não tivemos maior, e pensámos morrer todos, pois de todos os lados nos perseguia a sorte. Quando os nossos companheiros saltaram em terra, deram nos índios e os fizeram fugir, e crendo que estavam seguros começaram a recolher a comida. Os índios, como eram muitos, voltaram sobre eles e de tal modo os atacaram que os fizeram recuar para onde estavam os bergantins, com os índios em sua perseguição. Pois nos bergantins pouca segurança tinham, porque o grande estava em seco, por haver baixado a maré, e o pequeno cheio dagua. Assim estávamos sem ter outro remédio senão o auxílio de Deus e o de nossas mãos, que era o que nos havia de valer para tirar da necessidade em que estávamos. (29)

Mandou o Capitão dividir a gente, metade a lutar com os índios e a outra metade a calafetar o bergantim pequeno. Ordenou que o bergantim grande se puzesse em alto, de modo que flutuasse, nele ficando somente o Capitão com os dois religiosos que vínhamos em sua companhia, e outro companheiro para guardar o dito bergantim, defendendo-o dos índios pelo lado do rio. Assim estávamos todos, de maneira que tínhamos guerra por terra e a sorte pela agua. Prouve a Nosso Senhor Jesus Cristo ajudar-nos e favorecer-nos como sempre fez em toda esta viagem, trazendo-nos como gente perdida, sem saber aonde estávamos nem aonde iam, nem o que havia de ser de nós.

Aqui se conheceu muito particularmente que usou Deus de sua misericórdia, pois sem que ninguém compreen-

(29) Embora Carvajal sempre fale em bergantim grande e bergantim pequeno, sabe-se por outras *relações* que ao bergantim grande tinham dado o nome de *Vitória* e ao menor o de *S. Pedro*.

desse como fez a mercê divina e com sua imensa bondade e providência se remediou e socorreu, de modo que se calafetou e se poz uma tábua no bergantim. Ao mesmo tempo se manteve a gente de guerra, não deixando de pelejar durante as tres horas gastas na obra da nau.

O' inenso e soberano Deus, quantas vezes nos vimos em transe da agonia, tão perto da morte que, sem a tua misericórdia, era impossivel alcançar forças nem conselho dos vivos para ficar com as vidas!

Tirámos desta aldeia alguma comida, e veio tão justo o dia com a necessidade, que a noite cerrada e o fim do nosso embarque chegaram juntos. Esta noite dormimos nos bergantins, no meio do rio. No dia seguinte aportámos em um monte, onde concertámos o bergantim pequeno, de modo que pudesse navegar, levando nisso cerca de 18 dias, tornando-se a fazer cravos, nos quais de novo os nossos companheiros não trabalharam pouco. Mas havia muita falta de alimento. Comíamos o milho por grãos contados. E foi assim que um dia, pela tarde, viu-se que vinha pelo rio uma anta morta, do tamanho de uma mula, mandando o Capitão que alguns companheiros a trouxessem, indo buscá-la em uma canoa. Trouxeram-na e foi repartida por todos, de modo que a cada qual lhe coube o que comer para cinco ou seis dias, que não foi pequeno, mas muito remédio para todos. Esta anta acabava de morrer, porque estava quente e não trazia nenhuma ferida.

Acabado de concertar o bergantim e feitos os cravos para concerto do grande, partimos desse pouso e fomos caminhando em busca de praia ou lugar onde o pudéssemos tirar e concertar o necessário. No dia de São Salvador, que é a Transfiguração de Nosso Redentor Jesus Cristo (30), encontrámos a praia que buscá-

(30) Comenta Toribio de Medina que a partir de 25 de junho a cronologia da viagem se torna difficil, porque Carvajal "se limita de ordinário a dizer *há alguns dias*". Aqui ele dá uma data pre-

vamos, aonde se reformaram os dois bergantins. Fizeram-se os cabos com ervas e velas com as mantas em que dormíamos, e lhes puzeram os mastros. Demorou-se nesta obra quatorze dias, de contínua e ordinária penitência, pela muita fome e pouca comida que havia, pois só se comia o que se mariscava à beira d'água, que eram uns caracois e uns caranguejos vermelhinhos, do tamanho de rans. (31). Metade dos companheiros ia a esse afan e a outra metade ficava trabalhando. Deste modo e com esta dificuldade concluímos a obra, com grande alegria para os nossos companheiros.

Dai saímos no dia oito do mês de agosto, bem ou mal providos, segundo as nossas possibilidades, pois nos faltavam muitas coisas de que carecíamos. Mas como estávamos em lugar ondê não as podíamos obter, passávamos os nossos trabalhos como melhor podíamos. Fomos à vela, guardando a maré, bordejando de um e outro lado, sendo muito largo o rio, embora fôssemos entre ilhas, pois não estávamos em pequeno perigo quando esperávamos a maré. Como não tínhamos âncoras, estávamos amarrados a umas pedras. Mantínhamo-nos tão mal que nos sucedia muitas vezes garrar e voltar rio acima em uma hora mais do que tínhamos andado no dia todo. Quiz nosso Deus, não olhando para os nossos pecados, tirar-nos destes perigos e fazer-nos tantas mercês que não permitiu que morrêssemos de fome nem padecêssemos naufrágio, do qual estivemos muito perto muitas vezes, já todos n'água e pedindo a Deus misericórdia.

cisa, mas que não concorda com o seu relatório. A festa da Transfiguração de N. S. Jesus Cristo passa a seis de agosto. Diz ele que chegaram a essa praia no dia da Transfiguração, que aí estiveram quatorze dias e que tornaram a partir a oito de agosto. Uma das duas datas é, portanto, errada.

(31) Ainda aqui não é possível ter a menor idéia sobre esses caracois e caranguejos vermelhinhos, do tamanho de rans.

E pelas vezes que abalroámos, pode-se crer que Deus com seu poder absoluto nos quiz livrar para que nos emendássemos ou para outro mistério que Sua Divina Magestade tinha guardado e que nós os homens não alcançamos.

Fomos caminhando continuamente por sítios povoados, onde nos provemos de alguma comida, embora pouca, porque os índios a tinham retido, mas encontrámos algumas raízes, chamadas inhames, que a não encontrá-las todos morreríamos de fome.

Em todas estas aldeias nos esperavam os índios sem armas, porque é gente muito mansa e nos davam sinais de que tinham visto cristãos. Estes índios estão na boca do rio por onde saímos e onde tomámos água, cada qual um cântaro, e a uns meio almude de milho torrado, a outros menos, e a outros raízes, de modo que assim nos puzemos em condições de navegar pelo mar aonde a ventura nos guiasse e lançasse, porque não tínhamos piloto, nem agulha, nem carta de navegar, e nem sabíamos por que parte e que ponto nos dirigirmos.

A todas estas coisas supriu nosso mestre e redentor Jesus Cristo, ao qual tínhamos por verdadeiro piloto e guia, confiando em sua Sacratíssima Magestade, que Ele nos levaria a terra de cristãos.

Toda gente que há nesta parte do rio é gente de muito entendimento e engenho, pelo que vimos e pareciam por todas as obras que fazem, tanto de escultura como desenhos e pinturas de todas as côres, dos mais vivos tons, que é coisa maravilhosa de ver.

Saímos da boca deste rio por entre duas ilhas, separadas uma da outra por quatro léguas de largura do rio, e o conjunto, como vimos acima, terá de ponta a ponta mais de cincoenta léguas, entrando a água doce pelo mar mais de vinte e cinco léguas. Cresce e min-gua seis ou sete braças.

Saímos aos vinte e seis dias do mês de agosto, dia de São Luiz, e tivemos tão bom tempo, que nunca, nem pelo rio nem pelo mar, tivemos aguaceiros, o que não foi pequeno milagre que Nosso Senhor Deus obrou conosco.

Começámos a caminhar com os dois bergantins, umas vezes à vista de terra. No dia da Degolação de São João Batista, (32) à noite, se afastou um bergantim do outro, de tal modo que nunca mais nos pudemos ver, e pensávamos que se tivessem perdido. Depois de nove dias de navegação, meteram-nos os nossos pecados no golfo de Pária, pensando que era aquele o nosso caminho, e quando nos encontrámos lá dentro quizemos tornar a sair para o mar. Foi tão dificultosa a saída, que nisto demorámos sete dias, durante os quais os nossos companheiros nunca tiraram os remos das mãos, e todos estes sete dias não comemos senão umas frutas parecidas com ameixas a que chamam *fogos*. Assim com muito trabalho saímos pela boca do dragão, que tal se pode chamar para nós, porque por pouco não ficámos lá dentro.

Saímos desse cárcere; fomos caminhando dois dias pela costa adiante, ao cabo dos quais, sem saber onde estávamos, nem aonde íamos, nem o que havia de ser de nós, aportámos na ilha de Cubágua e cidade de Nova Cadiz, onde encontrámos nossa companhia e o pequeno bergantim, que chegara dois dias antes, porque eles chegaram a nove de setembro e nós a onze, no bergantim grande, onde vinha o Capitão. Tanta foi a alegria que uns e outros recebemos, como não posso descrever, pois eles nos tinham por perdidos e nós a eles.

De uma coisa estou informado e certo: que tanto a eles como a nós fez Deus grandes mercês e muito assinaladas, em trazer-nos por este tempo, que em outro os

(32) A 29 de Agosto.

troncos que andam pela costa não nos deixariam navegar, porque é a costa mais perigosa que já se viu.

Fomos tão bem recebidos dos habitantes desta cidade como se fôssemos seus filhos, porque nos abrigaram e nos deram tudo o que necessitávamos.

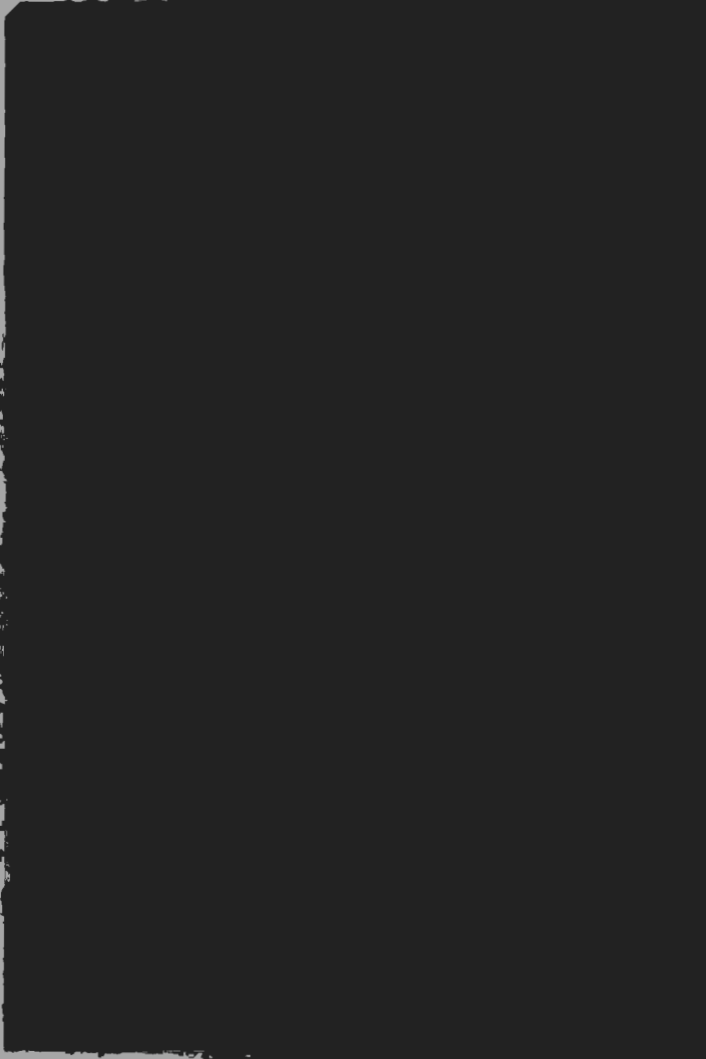
Desta ilha resolveu o Capitão ir dar contas a Sua Magestade deste novo e grande descobrimento, o qual temos que é o Marañon, porque ha desde a foz até à ilha de Cubagua 450 léguas, porque assim o vimos depois que chegámos. Em toda a costa, embora haja muitos rios, são pequenos.

Eu, frei Gaspar de Carvajal, o menor dos religiosos da Ordem de nosso religioso Pai São Domingos, quiz relatar os trabalhos e sucessos do nosso caminho e navegação, tanto para dizer a verdade em toda esta narrativa, como para tirar motivo a que muitos queiram contar esta nossa peregrinação ao contrário do que vimos e sofremos. E como a prodigalidade gera fastio, assim, superficial e sumariamente contei o que aconteceu ao Capitão Francisco de Orellana e aos fidalgos de sua companhia e companheiros que saímos com ele do real de Gonçalo Pizarro, irmão de D. Francisco Pizarro, marquez e governador de Perú.

Seja Deus louvado. Amen.

DESCOBRIMENTO
DO
RIO DAS AMAZONAS
E
SUAS DILATADAS
PROVINCIAS (*)

(*) Juntamos as notas sobre as duas crônicas da viagem de Pedro Teixeira porque em muitos pontos são idênticas, referindo-se aos mesmos personagens, tratando de igual modo dos acidentes e riquezas do rio, dos costumes dos índios, e a de Acuña transcrevendo mais de um trecho da *Relação*.



MAPA DE CALIDAD DE LA EDUCACION

Atribuido a: [Cecilia Rodríguez](#)

Ao Excelentissimo Sr. D. Garcia Mendez de Haro, conde de Castillo, dos Conselhos de Estado e Guerra de Sua Magestade, gentilhommem de sua Câmara e do seu Conselho e Presidente no Real das Indias.

EXCMO. SENHOR:

Chegou a minhas mãos, pela via de Quito, a relação e planta do rio das Amazonas, tão dilatado que, segundo nele se vê, continua a sua corrente por mil e seiscentas léguas, desembocando nas províncias do Brasil; e juntamente a intenção dos portuguezes continuarem esta navegação às províncias de Quito, aonde chegaram alguns. Fiz reparo, Senhor, nos inconvenientes que se poderiam seguir com os que se experimentam no rio Orinoco e outros navegáveis das Indias, tendo tanta diversidade de nações, tão inimigas da monarquia de Sua Magestade, infestado as suas costas. E o escrevi ao Vice-rei de Lima e ao presidente da Audiência de Quito a Sua Magestade, cuja carta junto por cópia a esta relação. E foi tal minha advertência, que correspondeu com uma real cédula sobre a matéria, que encontrei de Sua Magestade, mandada observar pelo conde de Chinchon, como ele e o presidente me escreveram. Ainda que o atrativo da fertilidade do descoberto fosse maior, comparada com o dano, não é apeteçível. Dedico a V. Excia. esta relação como ministro superior da América e como tão capaz, pelo talento que Deus se serviu de

dar-lhe, de aplicar remédio igual ao estado presente da Monarquia, perturbada pela cegueira da ambição humana, tão ávida nestas partes. O curioso do assunto desculpará o incômodo que dou a V. Excia. a quem Deus guarde os felizes anos que desejo e hei mistér. Santa Fé, 23 de junho de 1639. D. Martin de Saavedra y Guzman.

Carta que D. Martin de Saavedra y Guzman, cavaleiro da ordem de Calatrava, do Conselho de S. M., seu Governador e capitão-general do Novo Reino de Granada e presidente da real Audiência e Chancelaria que nele reside, escreveu a S. M. sobre os particulares do descobrimento e navegação do rio das Amazonas.

SENHOR:

Embora, pelo officio em que estou servindo a V. M., não me toque o que lhe suplico mande ver nesta, eu, por minhas obrigações em seu real serviço e pelo continuo desvelo que por elas tenho e em que vivo, não pude deixar de representar o que me pareceu do descobrimento que se fez para a navegação do rio das Amazonas ou Maranhão, desde o governo dos Queijos e da Canela, perto da cidade de Quito, até desembocar no mar e paragem do Brasil, com grande quantidade de ilhas em sua entrada, povoadas por diversas nações, algumas de quatro e seis léguas de circuito. As circunstâncias deste descobrimento e as utilidades que se prometem naquela província, diz a Relação que chegou a minhas mãos e remeto a V. M., e outras cartas que vi de particulares e quasi concordam todas na substância. Confesso a V. M. que, vendo o cuidado que o rio Arinoco dá neste reino e as populações que na sua boca possui o inimigo, que

navegou quarenta léguas rio acima a saquear e queimar a cidade de S. Tomé da Guiana, sem haver nesses postos mais riqueza que o tabaco e paus de tinta, deu-me cuidado este descobrimento. Pois é certo que o inimigo já terá notícias dele, sendo aquela a paragem onde de ordinário assiste com armadas e urcas, ocupando posto e sendo tão forte o de Pernambuco. Menos ocasião e caminhos quizera ver abertos para penetrar no coração desta terra firme, que se acha tão desarmada e nela se vive com tão pouca vigilância e cuidado. Com o socorro que enviei a S. Tomé e á Trindade, não ficaram na cidade nem vinte arcabuzes e poucos menos em sua comarca, descuido digno de reparo em tão dilatadas províncias. Mais descansada folgara eu em ver a real fazenda de V. M. para descobrimentos e conquistas; menos atentos os êmulos da Monarquia em não perder as ocasiões de divertí-la, sendo ponto de mais reparo no estado presente a conservação e que se reparem os danos que o tempo e o menoscabo dos índios vão causando, bem como a natureza dos espanhois que passam para estes reinos, tanto nos gastos que fazem como no pouco que para eles trabalham, e a falta de armas e munições que se experimenta. Escrevi ao conde de Chinchon, logo que soube da nova, como a quem toca a disposição do que ali se há de obrar, qual era a minha opinião, que em substância é parte do que represento a V. M., cuja Católica e Real Pessoa guarde Deus como precisa a Cristandade. Santa Fé, 29 de maio de 1939.

Depois de haver escrito a V. M., revendo algumas cédulas, achei uma que me tira o escrúpulo com que dava a V. M. este aviso, e na qual se ordenou ao marquez de Cañete que impedisse estes descobrimentos, em vista dos inconvenientes que havia em permitir aos portuguezes o livre comércio. Dela remeto cópia a V. M. e também a

remeterei ao conde de Chinchon e Presidente de Quito, para o caso de que não tenham noticia dela. D. Martin de Saavedra y Guzman. (1)

(1) D. Martin de Saavedra y Guzman, cavaleiro de Calatrava, foi o nono presidente governador e capitão geral do novo Reino de Granada, sendo recebido em 5 de outubro de 1637. Era natural de Córdoba. Começou a servir ao rei como soldado, em Barcelona, em 1614. Morreu em Madrid em 1654.

Cedula ao vice-rei do Perú para que não permita que se comunique ou passe que o governador de Santa Cruz descobriu para o Brasil.
— El Rei.

Marquez de Cañete, parente, meu vice-rei e governador e capitão general das províncias do Perú, ou à pessoa ou pessoas a cujo cargo esteja o seu governo.

Assim por cartas que me escrevestes, como por outras que recebi de diferentes pessoas dessas províncias, soube que D. Lourenço Suarez de Figueroa, governador de Santa Cruz, passou tão adiante no descobrimento daquelas terras, que chegou aos confins do Brasil, e ainda diz que se poderá ter comércio com elas, por haver caminhos dispostos e fáceis. E porque isto parece um caso de grande consideração, por muitos inconvenientes que se apresentam e entendo que poderiam resultar em abrir-se esta porta, pois além de por ali poderem entrar os portuguezes e meter suas mercadorias e escravos, tão sem poder resistir-lhes, em terras tão largas, sendo aquelas tão pobres e essas tão ricas e prósperas, não se pode duvidar que todos queiram entrar a desfrutá-las, deixando desamparadas as costas e ainda atraindo aos inimigos a comodidade daquela passagem (além de que se pode e deve evitar que estas nações se juntem, procurando que cada qual se conserve no que descobriu e possui); ordeno que atenteis muito nisto, tendo concordado e conversado com pessoas mui zelosas e inteligentes as razões

propostas e as mais que se oferecerem, tanto no espiri-
tual como em matéria de Estado e bom governo, me
envieis relação muito particular que pareça conveniente
e do que se deve fazer para impedir essa passagem, dei-
xando aos portuguezes na ignorância em que até agora
se acham, para que o não intentem; e no entretanto olhai
muito por aquilo, sem dar lugar a que se comuniquem
as terras por ali, nem se prossiga o descobrimento. E logo
me avisarei do remédio que se pode pôr no que já está
feito. Datado de Madrid, a 26 de junho de 1595. Eu,
El-Rei. Por mandado de el Rei nosso Senhor. João de
Ibarra.

Relação do descobrimento do Rio das Amazonas, hoje S. Francisco de Quito (2) e declaração do mapa onde está pintado.

§ 1.º

A cidade de S. Francisco de Quito nos reinos do Perú, não só famosa por sua situação e por estar edificada sobre montes, na mais alta cordilheira que corre por todo êste novo orbe, como também por cabeça de sua provincia e assento da real Audiência, é hoje, por

(2) Diz Fr. Laureano da Cruz o seguinte: “Despachada pelo governador do Maranhão a armada que deixámos apres-tando, com 40 canoas de bom tamanho, 1200 índios remeiros e de combate, sessenta e tantos portuguezes e mais quatro castelhanos dos seis que desceram com os religiosos, tudo a cargo do general Pedro Teixeira, pessoa de toda satisfação, levando por guia a Deus Nosso Senhor e ao irmão fr. Domingo Brieva, e por capelão ao P. fr. Agostinho das Chagas, filho de uma das provincias de Nosso Pai S. Francisco de Portugal e Presidente do convento de Santo Antonio do Grão Pará; preparadas todas as coisas necessárias para tão comprida viagem, e reunidos na praça do Curupá, que é a última que tem aquele Estado e está mais próxima da boca do nosso grande rio, — que já não tem outro nome senão o que os portuguezes com muita razão lhe puzeram de *São Francisco de Quito*, por o terem descoberto e navegado os religiosos filhos de Nosso Pai S. Francisco e da provincia de Quito, e já daqui em diante não o chamaremos de outra maneira, pois tão justamente lhe convém o nome de rio de S. Francisco de Quito, — aos 17 dias de outubro de 1637 saiu a armada portugueza da praça de Curupá”.

eleição do céu, das mais felizes cidades do mundo. Nova Menfis que Deus escolheu por metrópole de um dilatado império, pelo que se descobriu nas vastíssimas regiões das Amazonas. Por tê-lo sob a sua jurisdição e governo desta cidade famosa, hoje chave da nova Cristandade, é a que designa os ministros evangélicos que levam a fé de Cristo por aquelas extensas províncias, submetendo ás chaves de S. Pedro mais almas que as que até agora, na América, reconhecem a Deus. É a que há de dar capitães valorosos que submetam todas essas províncias e os governadores que as dirijam.

Prova de sua felicidade e de que, senhora, há de submeter a todas as nações agora descobertas, e que correndo o rio grande das Amazonas mais de 2.500 léguas, nenhuma outra cidade das Indias está próxima, pois chegaria a beijar seus muros se o não impedissem ásperas montanhas.

Mas chegará perto; o principal embarcadouro do rio dista da cidade de Quito oito dias de caminho, curta distância em regiões tão extensas.

Bem se poderia gloriar Babilônia dos seus muros, Ninive da sua grandeza, Atenas das suas letras, Constantinopla do seu imperio, que Quito as vence por chave da Cristandade e por conquistadora do Mundo. A esta cidade, pois, pertence o descobrimento do rio grande de que falamos agora.

§ 2.º

O rio das Amazonas, hoje S. Francisco de Quito, corre do Poente para Oriente, isto é, como diz o navegante, de Oeste para Léste.

Desde a providencia dos Queixos, no reino de Quito, até desaguar no mar do Norte, faz sempre o seu curso

vizinho á Equinocial, da banda do sul, por dois graus, 3, 4, 5, 6 e dois terços, na maior altura.

Tem de extensão, desde a dita provincia dos Queixos até ao mar, onde desagua por uma boca, 1.600 léguas castelhanas; isto é, pela margem que se aproxima da equinocial, porque pela margem oposta serão mais léguas, por ter mais voltas e seios o rio, que caminha todo ele serpeando por tão longo espaço. E assim, no mapa que vai com esta Relação, se entende por longitude pela margem que está vizinha á Equinocial.

§ 3.º

Ignora-se qual seja a sua extensão desde a sua nascente até chegar ao descobrimento da provincia dos Queixos. Ha quem pense que a sua origem está nas provincias do Cuzco e sua serras; outros dizem que perto do Potosi. A causa desta variedade é porque em seus princípios é muito sinuoso e dividido em vários braços e não se conhece o principio ao qual se juntam os outros rios. Se tem sua origem ou principio no Cuzco ou Potosi, será toda sua extensão, desde a nascente até à foz, de mais de 2.500 léguas.

De largura é muito variavel no descoberto, porque por umas partes se espraia uma légua, por outras duas, por outras tres, e pela boca, quando chega a desaguar no mar, pagando-lhe tributo, parece que quer dissimular a sua vassalagem e não converter-se inferior ao mar, e se converte em um novo Oceano, espraizando-se 84 léguas.

O ponto mais estreito onde este rio recolhe as suas aguas, tem meia légua, na altura de dois graus e dois terços, lugar que sem dúvida previu a Providência divina, estreitando este dilatado mar (chamemo-lo assim), dan-

do nome de rio á congregação de suas aguas. Dissímulo que usou para que nessa angustura se pudesse fabricar uma fortaleza, em sitio que impeça a passagem a qualquer armada inimiga, mesmo que venha muito poderosa. (3)

Dista este estreito 300 léguas do mar onde desagua o rio, e da foz se pode dar aviso ao forte (se ali se construisse) com canoas e embarcações pequenas, da vinda dos inimigos, em 10 ou 12 dias.

§ 4.º

A profundidade do rio é grande, como se verá no mapa pelos números que estão assinalados dentro do rio. Em alguns pontos não se acha fundo desde a boca, quando desagua no mar, subindo até ao rio Negro, distância de quasi 600 léguas.

O ponto mais razo é de 40 braças, número que o mapa assinala até ao rio Negro, não porque em todos os pontos tenha 40 braças de profundidade, pois que são muitas mais, e assinalam-se estas para significar a sua profundidade e dar a entender que o mais razo será de 40 braças. Assim, por toda esta distância podem navegar baixéis de alto bordo, como já o tentaram navegar navios inimigos, desejosos de descobri-lo; navegação que a estreiteza do rio não impede, pois, como já dissemos, é muito espriado e partido e participa das brisas do mar.

Depois da sua junção com o rio Negro, baixa muito o das Amazonas, subindo para o Ocidente, e tem de fundo as braças que os números do rio assinalam.

(3) Veja-se o número XXI da narração de Acuña — Estreiteza e fundo do rio.

§ 5.º

Todo este rio está semcado de ilhas, umas grandes, pequenas outras, em tal número que não se podem contar, de modo que não se navega distância de uma légua sem encontrar ilhas. O mapa as assinala com umas Oes verdes. As maiores ilhas deste rio são de 4 ou 5 léguas de comprimento, outras de 3, outras de duas, outras de uma e outras muito pequenas. E a estas banha o rio, por ocasião da cheia, por grandes que sejam.

Os índios habitam estas grandes em diferentes povoações e aldeias. Cultivam as pequenas, aproveitando-as para semear iucas e milho em grande quantidade. E para que com as avenidas e cheias não se perca o fruto e o trabalho da sementeira, usam da seguinte artimanha:

Cavam na terra uns silos ou covas muito profundas e ali põem a iuca e a tapam muito bem, quando as aguas banham a ilha; e depois que se retiram e a terra fica a descoberto, a tiram e comem, porque não apodreceu com a humidade.

Sempre a necessidade foi inventora, e se ensinou à formiga a fabricar celeiros nas entranhas da terra, para guardar seu grão e alimento, não é muito que desse manha ao índio bárbaro para que prevenisse seu dano e guardasse seu sustento. Pois não é certo que a Providência divina cuida mais dos homens que dos pássaros? (4)

(4) Cristobal de Acuña no número XXII de sua narrativa segue a mesma ordem deste § 5.º e transcreve, quasi *ipsis litteris*, a comparação entre os cuidados dos índios e as formigas.

§ 6.º

Desaguam neste rio, na famosa distância referida de 1.600 léguas, muitos outros rios e muito caudalosos os que vem pagar-lhe o tributo das suas correntes nas primeiras trezentas leguas. Subindo até ao fim das 1.600 descobertas, são também inúmeros os rios que desaguam. O mapa assinala os principais com os seus nomes, nas duas margens do rio.

Os mais caudalosos são tres, dos quais dois pela banda do sul. A um chamam o rio da *Madeira*, pela muita que ordinariamente arrasta, tendo de boca, ao desaguar, légua e meia; ao outro chamam *Tunguragua* (5) e tem de boca uma légua. Da banda do norte está um rio grandissimo, com légua e meia de boca e as águas tão negras, que se distinguem das outras. efeito que deu nome ao rio chamando-o *Negro* .(6)

(5) O Tunguragua é o que hoje se considera como a verdadeira continuação do Amazonas. A ele se refere Bernardo Berredo nestes termos: "Pela mesma banda do sul, oitenta léguas mais abaixo do rio Curaray, desemboca no das Amazonas o de Tunguragua, que desce da provincia dos Maynas com o nome usurpado de Maranhão; e arrogando no título a própria magestade, até se faria respeitar deste sendo seu legítimo soberano, se detendo ele algumas léguas antes o ordinário curso, lhe não deixasse politicamente consumir o grande cabedal das suas aguas, de que se alimenta tanta vanglória; porque empobrecido na profusão do largo território de uma légua, confessa logo vassalagem ao Maranhão, ou Amazonas, pagando-lhe também, para merecer o perdão da sua rebeldia, além do título comum, o de muitos e regalados peixes de várias qualidades".

(6) O nome de Rio Negro, como vimos pela crônica de Carvajal, fora posto por Orellana; era o primeiro desta série de rios Negro e Preto da nossa corografia, todos designados pela côr sombria das suas aguas (nenhum, porém, de aguas tão escuras), devida ao excesso de humus.

O piloto mór, de quem depois falaremos, tendo navegado dois ou tres dias por este rio Negro, disse que, segundo as notícias que poude obter de alguns indios, nasce este rio em umas serras vizinhas do Novo Reino de Granada e que em sua origem se divide em dois braços: um deles, com o nome de rio Negro, desagua depois de longo curso, no das Amazonas; o outro vem a desaguar no mar do Norte, à vista da ilha da Trindade, e pensam que este rio seja o famoso Orinoco. (7)

Os demais rios que, perdendo os seus nomes, morrem no das Amazonas, são comuns e quasi iguais. O mapa assinala os seus nomes nas bocas dos mesmos, marcando a distancia que há de rio a rio na margem, quando desaguam no rio grande.

§ 7.º

E' este o famoso rio das Amazonas que corre e banha as terras mais fertéis e povoadas que possui o reino do Perú e sem usar de hipérboles, o podemos qualificar pelo maior e mais célebre rio do Orbe. Porque se o Ganges rega toda a India e por caudaloso escurece o mar quando nele desagua, fazendo com que se chame *Sinus Gangeticus* e por outro nome golfo de Bengala; se o Eufrates, como rio caudaloso da Síria e parte da Pérsia é a delicia daqueles reinos; se o Nilo rega a maior parte da África, fecundando-a com as suas correntes, o rio das Amazonas rega extensos reinos, fecunda mais veigas,

(7) Vemos que a noção de uma comunicação entre as bacias do Amazonas e do Orinoco era já corrente entre os indios, que certamente amiude percorriam o Cassiquiare. O Padre Acuña contesta essa noção de seu irmão de Companhia e ainda no século passado muitos geógrafos a davam como fantasista.

sustenta mais homens, aumenta com suas aguas a mais caudalosos oceanos, só lhe falta, para vencê-los em felicidade, ter a sua origem no Paraíso, como afirmam gravíssimos autores que aqueles rios tiveram.

Do Ganges dizem as histórias que nele desaguardam trinta famosos rios e que tem areia de ouro; innumeráveis rios desaguardam no das Amazonas, que tem areia de ouro e rega terras que atesouram inúmeras riquezas.

O Eufrates assim se chama *a letificando*, como notou Santo Ambrosio, porque com suas correntes alegra os campos, de modo que os rega este ano, assegurando abundante colheita para o seguinte.

Do rio das Amazonas afirmam os que o descobriram, que seus campos parecem Paraísos e suas ilhas jardins, e que se a arte ajudar a fecundidade do solo serão paraísos e jardins bem tratados. (8)

§ 8.º

Lucano celebra a felicidade da terra regada pelo Nilo nestes versos:

*Terra suis contenta bonis, non indiga mercis
Aut Jovis; in solo tanta est fiducia Nilo!* (9)

Não necessitam as províncias vizinhas do rio das Amazonas dos estranhos bens; o rio é abundante de pes-

(8) Este parágrafo sétimo é integralmente copiado pelo padre Acuña, quasi sem discrepância de uma vírgula, no seu número XVIII.

(9) "A terra satisfeita com seus bens, não se sente necessitada de mercadorias ou de Jupiter, tal é a sua confiança exclusiva no Nilo". Estes versos são do livro VIII de *Pharsalia*. Eles são igualmente copiados pelo padre Acuña, no mesmo número em que copia o parágrafo anterior.

ca, os montes de caça, os arcs de aves, as árvores de frutos, os campos de messes, a terra de minas, como depois veremos.

Este novo Ganges, pois, este alegre Eufrates, este fecundo Nilo é o que Deus descobriu neste século para glória da Coroa de Espanha e para bem de infinitas almas.

§ 9.º

A causa do descobrimento foi a seguinte:

Muitas vezes houve o desejo e a inquietude de descobri-lo, tanto pelo mar como pelos reinos de Quito e nunca chegaram a navegá-lo todo. Os muitos que o tentaram não chegaram a cumprir os seus desejos.

Afinal o zelo pela salvação das almas poude mais que a cobiça do ouro.

Lançando-se rio abaixo alguns religiosos em companhia de soldados espanhóis, cujo caudillo era o capitão João de Palácios, chegaram à provincia dos Encabelados, muito numerosos, onde se alojaram, desejosos os religiosos de fazer a sua conversão e os espanhóis de ajudá-los.

D'ali, por justos motivos, voltaram a Quito alguns dos religiosos, outros ficaram com os espanhóis. Em certo encontro que com eles tiveram os indios, foi morto o capitão João de Palácios.

Achando-se sem chefe, desampararam a provincia, dividindo-se em dois bandos. Alguns dos religiosos e parte dos soldados voltaram para Quito; outros seis soldados com dois religiosos leigos, chamados Fr. André de Toledo e Fr. Domingos de Brieva, deixaram-se levar pela correnteza do rio, numa canoa, sem outra intenção, ao

que penso, mais que levados por divina inspiração e obrigados pela falta de mantimentos. (10)

§ 10.º

Foi bem claro que Deus favorecia esta viagem, porque os ajudou com alguns sucessos milagrosos.

O primeiro foi que, na dúvida de qual a margem do rio que seguiriam, deitaram sortes com muitos santos escritos em papel e por duas vezes saiu S. Jorge à mão direita, que dá para as bandas do sul.

(10) Esta viagem, conhecida por *Viagem dos Leigos*, deu lugar a azeda disputa entre a Companhia de Jesus e os Franciscanos sobre o mérito do descobrimento do rio das Amazonas. Em 1641 o padre Fr. José Maldonado, natural de Quito e Comissário geral de todas as Índias pela Ordem Franciscana, fez imprimir em Madrid um opúsculo, contando a viagem dos dois irmãos leigos franciscanos, com título *Relação do Descobrimto do rio das Amazonas, por outro nome do Maranhão, feito pela Religião de nosso Pai S. Francisco por intermédio dos Religiosos da Província de S. Francisco de Quito. Para informe da Católica Magestade do Rei Nosso Senhor e seu Real Conselho das Índias*. A esta relação de Fr. Maldonado contestou o Provincial dos jesuitas em Quito, em 1643, com outra, intitulada *Relação apologética, tanto do antigo como do novo descobrimento do rio das Amazonas ou Maranhão, feito pelos religiosos da Companhia de Jesus de Quito, e novamente adeantado pelos da Seráfica religião da mesma Província*, escrita pelo padre Barnuevo.

Fr. Laureano da Cruz conta como estavam os religiosos em companhia do Capitão João de Palácios na província dos Encabelados, e como uma imprudência desse capitão foi causa do ressentimento desses índios, "gente tão fidalga, que nem dos próprios pais toleram um piparote". E assim resume a viagem dos dois irmãos leigos da sua religião:

"Postos já a saldo e dando graças a Nosso Senhor, tratámos de ir para o real de Anete, por ser melhor sítio havendo ali casas e comida, coisa que não havia na ilha (onde se tinham refugiado depois do ataque dos índios e morte de Palácios). Estávamos já de partida, quando surgiram alguns

O segundo foi que, abrindo-se a canoa, embarcação pequena e velha, Fr. Domingos, religioso de reconhecida virtude, a tocou com a mão, invocando o favor divino, e a deu concertada, de sorte que puderam navegar nela.

soldados com uma novidade que me causou muito cuidado; e foi o caso que havia entre eles um português, chamado Francisco Fernandes, marinheiro, que dizia ter estado no Grão Pará, lá na costa do Brasil, e que o nosso rio de Napo sem dúvida ia sair naquelas paragens; e que, estando lá, tinha tido notícias que em meio daqueles rios estava o Eldorado e a Casa do Sol; e que se descessem por nosso rio, dariam naquelas grandezas; com o que inclinou os ânimos de alguns audaciosos. Eu procurei o quanto pude dissuadi-los, e para evitar os perigos a que se queriam arrojar, fiz durante a noite, quando todos dormiam, que um soldado atirasse rio abaixo uma canoa grande que tínhamos, e assim se fez. Com o que, no outro dia, faltando a canoa em que os soldados queriam ir, esmoreceu um pouco a sua determinação. Mas não parou nisto nem foi possível detê-los, antes, combinados seis deles, aprontaram outra canoa, embora pequena, e com os índios que lhes deram, se prepararam para partir. O irmão Fr. Domingos de Brieva e Fr. André de Toledo, com melhor espírito e mais coragem que eu, movidos pelas notícias que lhes tinham dado de muitas nações de gentios que havia em nosso rio de Napo ou do Maranhão abaixo, achando esta ocasião, não a quizeram perder; e aproveitando-se de uma cláusula de nossa patente na qual o R. P. Provincial ordenava que os religiosos da missão que quizessem ir para Quito fossem, e os que quizessem ficar ficassem, com a bênção de Deus e grandes esperanças do descobrimento daquelas nações e sua conversão, partiram por nosso grande rio abaixo a 17 de outubro do dito ano (1636), véspera do evangelista S. Lucas, com os seis soldados e dois índios na canoa pequena.

Caminharam pois os dois religiosos pelo grande rio Napo ou Maranhão junto com seus companheiros e no segundo dia de sua navegação encontraram numa praia a canoa grande que eu fiz lançar pelo rio abaixo. Embarcaram nela, deixando a outra que levavam, e proseguiram sua viagem. Fugiram logo os dois índios que lhes haviam dado, e só eles e bem providos passaram adiante, em busca do seu descobrimento. Já tinham caminhado os servos de Deus 200 léguas sem gente

O terceiro: — chegando ao forte de portuguezes, do qual depois falaremos, livres de perigos sem conta, a canoa afundou na praia do mar sem poder ser mais aproveitada, como quem diz — até ali fui útil, e como já os deixava em terra de cristãos e com outras embarcações, ela, por inutil, ia a pique.

O quarto: — entrando em terra de inúmeros bárbaros, e muitos deles caribes, não não lhes fizeram mal, mas antes lhes deram sustento para sua viagem.

O quinto: — afirmam os soldados que Fr. Domingos, levados pelos índios para visitar seus enfermos, invocava sobre eles o dulcíssimo nome de Jesus e com o contacto de suas mãos os punha sãos.

Não duvido que Deus fizesse estes milagres; o que será de estranhar é que aqueles infieis não vissem

nenhuma (por estarem os povoados dos gentios que há por ali afastados do rio), quando chegaram á provincia dos Omaguas, onde foram providos de mantimentos de que iam muito necessitados. Foram continuando sua viagem, reconhecendo as povoações de gentios que iam encontrando pelas margens do nosso grande rio, e passando adiante sem estorvo nem contradição alguma, perto das conquistas de Portugal (sem ter encontrado o Eldorado nem a Casa do Sol), chegaram a uma provincia que chamamos Trapajosos, onde os seus moradores, cubicosos e atrevidos, despiram os pobres e lhes tiraram o pouco que levavam. Desta maneira continuaram a viagem, até que, poucas léguas adiante, ao cabo de três meses de navegação, chegaram a uma praça de portuguezes que se chama Curupá, que é a primeira de suas povoações e a que está mais perto de onde desemboca nosso grande rio no mar. Foram ali muito bem recebidos, e o capitão-mór daquela praça, chamado João Pereira de Cáceres, pessoa de muita caridade, os fez vestir a todos e regalá-los. E para memória deste descobrimento quasi milagroso daqueles servos de Deus, mandou que se tirasse fora da gueva aquela canoa em que tinham vindo e a puzessem junto da igreja. Não foi possível, embora com muita gente se procurasse tirá-la, e assim ficou naquella mesma práia onde aportaram”.

indício, a meu ver claro, de que Deus quer dilatar sua fé entre aquelas gentes.

§ 11.º

Chegaram os religiosos e soldados, depois de muitos dias de navegação, ao *Grão Pará*, povoação de portugueses, e dali passaram ao *Maranhão*, cabeça do governo. E resultou de sua chegada que o governador português daquelas províncias enviou uma armada de 47 canoas, com general, soldados e muitos índios, ao descobrimento certo do rio, os quais chegaram a Quito, como depois diremos.

Na boca do rio das Amazonas, na margem que fica da parte do Sul, em meio grau de latitude, há uma povoação de portugueses, que chamam a cidade do Grão Pará. Tem esta cidade para sua defesa um castelo erguido sobre uma penedia, na boca do rio em frente ao mar, e uma enseada em forma de ferradura.

O forte tem parapeitos que dão para o rio e para a enseada, coberto de telha até à retirada das peças, para defesa das carretas em que estão postas vinte peças de artilheria: duas de até 90 libras de bala, 18 de oito, dez e doze libras de bala; e na praça d'armas, embora pequena, há casa de residência para o capitão e outra, separada, para a munição, feita de pedra.

Está construído todo o forte com muralha de terra-pleno sobre base de cantaria e com fosso; na porta há ponte levadiça, mas tem reduto de duas portas com troneiras.

Há dificuldade na entrada dos navios neste porto, e ordinariamente esperam a maré para não tocar nos recifes que fazem saliência na ponta da enseada.

§ 12.º

Subindo o rio acima 40 léguas, há outra povoação pequena de portuguezes, do lado do Sul, que chamam Camutá, a qual não tem defesa nem forte.

Mais acima, a cem léguas dele, está o castelo dos portuguezes, onde chegaram os dois religiosos e seis soldados, que dissemos que desceram pelo rio. Está construída essa fortaleza em um lugar alto, à margem do rio, com plataforma e nela quatro peças de artilharia de ferro coado, uma de quatro, outra de cinco, outra de sete e outra de oito libras de bala, postas em carretas de madeira, baixas e voltadas para o rio, com parapeitos até aos peitos.

Logo se segue a praça d'armas e uma casa de munição, onde vive o condestavel da artilharia. Todo o sitio está cercado por uma muralha com cimentos de pedra.

Pela parte de fora tem fosso, e na entrada ponte levadiça de madeira, de modo que, levantada a ponte, está bem defendido o forte.

Fora dele vivem os soldados portuguezes e os índios amigos, e ali perto do forte ha outras povoações de índios, sujeitos aos soldados.

Até êste castelo chegou muitas vezes o inimigo holandês e se fortificou na margem contrária, que fica da banda do Norte; e quando os soldados portuguezes os viram alojados, deram sobre eles mais de dez vezes em diversos anos e os venceram e tiraram os fortes que haviam construído, fazendo prisioneiros os que ficaram vivos. De modo que houve ocasiões em que tiveram em seu poder, cativos, mais de 1.600 holandêses.

Entre os despojos colheram uma nau grande com 20 peças de artilharia, onde vinha o grande piloto *Matamatiyo*, que por ordem dos governadores das ilhas rebeldes

vinha de propósito para descobrir êste rio e chegou com a sua nau até à provincia dos Tapajós, que dista do Pará úzentas léguas.

§ 13.º

Do Grão Pará, correndo a costa do mar, para as bandas do Sul, pelo rumo de Leste Sueste, distante 130 léguas, há uma cidade chamada *S. Luis do Maranhão*, numa ilha que está na boca do rio Maranhão, que desagua no mar.

Está êste lugar na altura de dois graus e dois terços, ao Sul. Esta cidade é metrópole de todas as povoações que o portugûes tem nestas partes, e onde assiste o governador.

Há na cidade do Maranhão tres conventos de religiosos, um de S. Francisco, outro de Nossa Senhora do Carmo e outro da Companhia de Jesus. Na cidade do Grão Pará há dois conventos, um de frades Franciscanos, e outro de Carmelitas.

Em todo êste Governo e suas povoações não há mais de seis clérigos sacerdotes, que administram os sacramentos, como operários para tão copiosa messe. Como é possível que possam os ministros do Evangelho, zelosos da salvação das almas, tolerar tal desamparo? Em todas as doutrinas e povoados são os religiosos os curas.

Há tres anos que saiu do Grão Pará para a Espanha um padre da Companhia, chamado Luis Figueira, homem grave e antigo, o qual foi informar ao rei do estado destas provincias e particularmente de algumas ilhas que estão no rio das Amazonas, para que acudam com ministros evangélicos que ensinem a fé aos naturais delas, que são quasi infinitos, e só com muitos ministros se pode acudir

a todas. Tinha êste padre ordem de Sua Magestade para informá-lo do estado das provincias, e assim foi fazê-lo pessoalmente.

§ 14.º

Nestas povoações de portuguezes há poucas mulheres que sejam de sua qualidade. Se viessem de Espanha, seriam bem recebidas.

Os índios que estão reduzidos nas terras que os portuguezes possuem, e os que são amigos e podem, convertidos, receber a fé católica, são mais de um milhão. Falam diferentes linguas e entendem todos uma lingua geral que corre toda a costa do Brasil. Muitas nações de índios do rio das Amazonas, subindo pelo rio mais de 400 léguas, também entendem esta lingua.

§ 15.º

A cidade do Maranhão foi primeiro fundação de francezes, aos quais venceu e expulsou daquele ponto Jerônimo de Albuquerque e depois Gaspar de Sousa. Os dois entraram na cidade e mataram 600 homens ao inimigo e o despojaram. E vieram ao Brasil porque souberam que o inimigo estava estabelecido naquelas paragens e dali infestavam as costas do Brasil, fazendo presas de importância. Desde êsse tempo não voltou o inimigo a possuir a terra.

Havia na ilha do Maranhão, que tem dezoito léguas de circuito, mais de 60 aldeias de índios e em cada qual mais de 300 guerreiros, quando o portuguez aí penetrou.

Alguns anos depois vieram os portuguezes conquistando os índios da costa até ao ponto onde costumavam vir

navios holandêses e francêses, mas não tinham povoações, e assim foi facil aos portuguezs edificar cidade na boca do rio das Amazonas.

Da parte dos índios houve opposição e com eles tiveram encontros e batalhas os portuguezs, com morte de muitos soldados e grande número de índios. Desde a fundação do Grão Pará até hoje, há uns dezoito anos, estão aquelas provincias com a Coroa de Portugal.

§ 16.º

Com a chegada dos dois religiosos de S. Francisco e dos seis soldados, com as noticias que deram do rio que tinham navegado, determinou o Governador (11) enviar gente prática que o descobrisse inteiro e chegasse até à cidade de Quito. Para isto nomeou por general dêste descobrimento a Pedro Teixeira (12), o qual com 47 canoas de muito porte e com 70 soldados portuguezs e 1.200 índios de voga e guerra, que com as mulheres e os

(11) Quando os dois leigos franciscanos chegaram ao Maranhão era pela segunda vez Governador geral do Maranhão Jácome Raimundo de Noronha, que occupava esse cargo de 29 de maio a 28 de novembro de 1630 e para ele fôra novamente eleito em 9 de outubro de 1636, nele se conservando até 27 de janeiro de 1638.

(12) Nasceu Pedro Teixeira em Castanheda, a duas léguas de Coimbra. Pouco se sabe de sua vida até que acompanhou a expedição de Caldeira Castelo Branco, para fundar o Pará. Em 1616 se apodera de uma nau holandêsa e a destrói, enviando os seus canhões para o Pará. Em 1625 derrota e desaloja o holandês de seus fortes no Xingú e expulsa os inglêses da margem esquerda do Amazonas. Em 1626 sobe êste rio e o Tapajós para castigar os naturais e escravizá-los. Em 1629 toma a fortaleza de Taurege ou Tocujós (inglêsa segundo Markham, e holandêsa segundo o P. Figueira). Em 1637 sobe o Amazonas, chegando até Quito, via-

meninos de serviço seriam ao todo 2.500 pessoas, partiram do Grão Pará no descobrimento do rio em principios de agosto do ano de 1637.

Durou a navegação até chegar a Quito tanto tempo (13), porque vinham com grande vagar descobrindo os rios e marcando os portos.

O piloto-mor, que tem medida todas as jornadas e distâncias, diz que se poderá navegar o rio, subindo por ele, em dois meses.

Todo este rio das Amazonas, nas ilhas, nas margens e terra a dentro, está povoado de índios e tantos em número, que para dar uma ideia da sua multidão disse o piloto-mor desta armada, Bento da Costa, homem prático nestes descobrimentos, que navegou o rio e todos os que nele

gem que é relatada por Alonso de Rojas e Cristobal de Acuña e, servindo-se destes documentos, por Bernardo Pereira Berredo. A 28 de fevereiro de 1640 tomou posse do cargo de capitão-mór do Pará e seu governador, exercendo o mesmo até 26 de maio do ano seguinte, passando o governo a Francisco Cordovil Camacho, no intento de seguir para Portugal. Diz Berredo: "Deixou Pedro Teixeira o governo do Grão Pará com merecida mágua daqueles moradores, que se lhes fez inconsolavel dentro de poucos dias com o fatal golpe da sua perda; porque, quando dispunha sua jornada para Lisboa, lhe embaraçou uma doença tão aguda, que lhe tirou a vida; mas se foi esta breve na duração do Mundo, a immortalizaram as suas ações para as memórias dele".

(13) Começou a viagem de Pedro Teixeira a 28 de outubro de 1637 (tendo saído do Maranhão para a cidade de Belém a 25 de julho). Nesta viagem gastava ele parte da sua fortuna, dizendo Berredo que "tinha ajudado muito para os seus apressos os cabedais do mesmo Comandante, generosamente distribuidos", chegando a Quito um ano depois: em fins de outubro, segundo Berredo, em 24 de junho, afirma Jimenez de la Espada, mas pela narração do padre Acuña a verdade está com Berredo, pois o vice-rei não demoraria cinco meses para ordenar a immediata volta "pela carência que tinha o Rei de bons soldados para defender as costas do Brasil".

entram até chegar a Quito, marcando a terra e anotando suas propriedades, que são tantos e sem número os índios, que se do ar deixassem cair uma agulha, há de dar em cabeça de índio e não no solo. Tal é a sua quantidade, que não podendo caber em terra firme, se arrojam para as ilhas.

Não só o rio das Amazonas está tão povoado de gente, mas também os rios que nele desagüam, pelos quais navegou o dito piloto tres e quatro dias, e disse que cada rio é um reino muito povoado e o rio grande um mundo inteiro, maior que o até agora descoberto em toda a América. De modo que tem por certo que são mais os índios destes rios que todõ o resto das Índias descoberto; porque as províncias são sem conta e o interior da terra está tão povoado como as margens, de sorte que si todos os sacerdotes que há hoje nas Índias se occupassem no trabalho de tão extensa vinha, estariam bem occupados e faltariam ministros. (14)

(14) Comparando-se as narrativas de Carvajal e dos Jesuitas já observamos uma sensível diminuição dos índios nas margens do Amazonas, principalmente em sua porção próxima do mar. Em meados do século XVII escrevia Antonio Vieira: "Sendo o Maranhão conquistado no ano de 1615, havendo achado os portuguezes desta cidade de S. Luis até ao Curupá mais de quinhentas povoações de indios, todas mui numerosas e algumas delas tanto que deitavam quatro e cinco mil arcos, quando eu cheguei ao Maranhão que foi no ano de 1652, tudo isto estava despovoado, consumido e reduzido a mui poucas aldeotas, de todas as quais não poude André Vidal ajuntar oitocentos indios de armas, e toda aquela gente se acabou, ou nós a acabámos em pouco mais de trinta anos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores, que depois de sua entrada até áquele tempo eram mortos dos ditos índios mais de dois milhões d'almas.

§ 17.º

Até agora não há outros cristãos nestes rios, senão os poucos que os portuguezes converteram no Maranhão e Grão Pará e nas demais povoações.

A muitos destes doutrinam os Padres da Companhia, que andam em perpétuas missões, visitando-os, convertendo-os, batisando-os, porque de outra maneira não podem acudir a todos nem estar em pouso fixo, pela falta que há de obreiros. Além daqueles postos que visitam, tem algumas situações próprias.

Perguntado Frei Domingos, religioso de quem acinia falámos, se no Pará e terras havia visto muitos cristãos, respondeu :

“Desenganem-se, não há cristãos neste grande mundo descoberto sinão os que são doutrinados pelos benditos padres da Companhia de Jesus”. (15)

Todo este copioso rebanho está sem pastor, vendido aos seus vícios e sujeito ao demônio, condenando-se cada dia infinitas almas por falta de obreiros evangélicos, deixando o campo livre a Lúcifer, para que reine em tão vas-

(15) Na *Relação Apologética* escreve o padre Rodrigo Barnuevo (ao qual já nos referimos), contando a viagem dos leigos franciscanos e de sua chegada á cidade de S. Luis: “Ali encontraram padres da Companhia de Jesus, ocupados também na boca do rio, na doutrina e ensino dos seus infieis; de cujo reitor nos trouxe carta Fr. Domingos de Brieva a este colégio de Quito. E perguntando se havia cristandade entre aqueles índios, respondeu, dizendo: Desenganem-se, padres, que não há cristandade senão onde doutrinam os padres da Companhia”. A comparação destes dois trechos é mais um argumento (aliás não aproveitado por Jimenez de la Espada) em favor da autoria do relatório que vamos traduzindo ser de um Jesuita.

tas províncias e seja adorado daqueles miseráveis, que vivem nas trevas e nas sombras da morte, sem que haja quem os alumie com a luz do santo Evangelho.

§ 18.º

As nações que habitam no rio principal e seus tributários são muitas e diferentes em costumes; em sua maioria não são belicosas. Algumas têm coragem, mas nenhuma delas é muito brava nem fera. Isto se entende para o descoberto, porque não há noticia das demais nações que habitam a terra firme. Todos são idólatras que adoram deuses falsos. Não têm ritos nem cerimônias para venerá-los, nem templos de seus ídolos, nem sacerdotes.

Temem aos feiticeiros, aos quais consultam, e estes ao Demônio, de quem recebem oráculos, e com embustes enganam aos miseráveis índios.

Quasi todas estas nações andam nuas, os homens de todo o corpo, as mulheres da cintura para cima, tapando o restante com umas como tangas.

§ 19.º

Os índios *Omaguas* vestem camisetas e mangas de algodão pintadas com pincel e de diversas côres, azul, amarelo, alaranjado, verde e vermelho, muito finas, de onde se conclue que há madeira ou hervas de tinta. (16)

Nas margens do rio das Amazonas um dos seis soldados que desceram o rio com os religiosos de S. Francisco

(16) Entre a viagem de Orellana e a de Pedro Teixeira emigraram os omaguas muito mais para léste. Carvajal ainda os refere no Alto Amazonas, em território castelhano. Os dados de Acuña concordam com os de Mauricio de Heriarte, que os situa setenta léguas acima da foz do rio Negro. Os

sabia falar a lingua dos Omaguas e assim, encontrando-se com índias em uma canoa, lhes poz gargantilhas de ave-lório e outros dices e lhes disse em sua, lingua que não lhes fariam mal, porque não eram gente de armas. Que isto repetissem aos seus maridos e lhes trouxessem comida.

Responderam elas que já tinham ouvido dizer que os homens barbados não lhes faziam mal, e que elas iriam fazer com que lhes trouxessem comida.

Foram-se e dentro em breve vieram até onde estavam este soldado e os seus companheiros, mais de quinhentos homens e mulheres, carregados de milho, mandiocas e tararugas.

Disseram estes índios ao soldado que os entendia, que nas bandas do Norte, aonde iam uma vez por ano, havia umas mulheres, e ficavam com elas dois menses e se dessa união tinham parido filhos, os traziam consigo, e as filhas ficavam com as mães. E que eram umas mulheres que não tinham mais de um seio, muito grandes de corpo, e que diziam que os homens barbados eram seus parentes, e que os levassem allí. (17)

A estas índias chamam comumente Amazonas.

Omaguas ou Cambebas, com as suas cabeças achatadas “que mais pareciam mitras de bispos que cabeças de gente” já quasi extintos, ainda se encontram nas mesmas paragens em que os viram os companheiros de Pedro Teixeira, conforme verificámos pelo mapa inédito de Raimundo Lopes. Anotando o manuscrito de Heriarte, diz o Visconde de Porto Seguro: “Não duvidamos entretanto que esses tais Aguas (que outros dizem Jurimaguas, e de que ainda no século passado havia tipos em Alvellos) e os mais que seguiam pelas margens do Amazonas acima (todos usando por armas as *palhetas* e as *esgaravatanas*) fossem já originariamente de raça *umaua* ou *omagua*, embora da mesma raça não fossem mais puros representantes, ou *Omaguas* verdadeiros, como diz Acuña, os que senhoreavam as margens do grande rio, mais acima da foz do Jutai”.

(17) Vimos na narrativa de Carvajal que um indio prisioneiro contou a Orellana que a umas sete jornadas da margem do Amazonas havia uma nação de mulheres, com setenta

§ 20.º

Esses mesmos soldados e os dois religiosos, quando desceram o rio, chegaram a umas mui dilatadas provincias, cujos habitantes são chamados pelos portuguezs *Estrapajosos*. (18)

aldeias, de casas feitas de pedra, tendo como rainha Conori, servindo-se as mais nobres em baixelas de ouro e prata, com adoratórios ou caranaíns com ídolos de ouro e prata, e trajando "mantos apertados, de finissima lan de alpaca, o busto descoberto, os cabelos soltos até ao chão e as cabeças com corôas de ouro da largura de dois dedos. Que estas mulheres iam á força conquistar os indios com os quais tinham relações, guardando consigo as filhas e matando ou entregando aos pais os filhos varões.

E' em Alonso de Rojas que encontramos pela primeira vez essa referencia á falta de um seio e do seu parentesco com os europeus (homens barbados).

E' claro que a designação de Amazonas foi dada a essas mulheres pelos cronistas e pelos europeus que de tais mulheres ouviam falar, não havendo na boca de nenhum indio essa expressão, como, por lamentavel equívoco, refere Porto Seguro ao anotar Heriarte.

(18) Frei Laureano da Cruz, relatando a viagem dos dois irmãos leigos diz que estes *Tapajós*, muito cubiçosos e atrevidos, despiram aos pobres e lhes tiraram o pouco que levavam". Parece que os dois irmãos ou não concordavam em seus relatos, pois com Pedro Teixeira apenas subiu um deles, ou contavam de modos diferentes a mesma história.

Os Tapajós ora são escritos pelos cronistas Tapajosos, ora Estrapajosos, ora Tapajozes. Deles conta Heriarte em 1662: Esta provincia dos Tapajós é mui grande e a primeira aldeia está assentada na boca de um rio caudaloso e grande, que comumente se chama dos Tapajós. E' a maior aldeia e povoação que por este distrito conhecemos até agora. Bota de si 60 mil arcos, quando manda dar guerra, e por ser muita a quantidade de indios Tapajós, são temidos dos mais indios e nações e assim se teem feito soberanos daquele distrito. São corpulentos, e mui grandes e fortes. Suas armas são arcos e flechas, como as dos mais indios destas partes, mas

Estes agasalharam aos religiosos e soldados e por sinais lhes disseram que fossem com eles por um rio acima, em cuja margem encontraram uma grande aldeia. Meteram-nos em uma casa muito grande, com madeiras lavradas, forradas de mantas de algodão, entretecidas de fios de diversas côres, onde puzeram uma rede para cada qual dos seus hóspedes, feita de folhas de palmeira e bordada de diversas cores, e lhes deram para comer caça, aves e peixes.

Nesta aldeia viram os soldados caveiras de homens, arcabuzes, pistolas e camisas de pano. Disto deram depois noticia aos portuguezes e lhes disseram que aqueles índios tinham morto alguns holandêses que chegaram até áquelas provincias, sendo deles aquelas caveiras e armas. (19)

§ 21.º

Vivem estas nações em contínuas guerras umas com as outras. Usam flechas, dardos e outras armas semelhantes a estas.

Os Omaguas jogam bem o dardo, porque são muito dextros neste gênero de arma.

as flechas são ervadas e venenosas, de modo que até agora se lhe não tem achado contra, e é a causa por onde os outros índios os temem; porquanto em ferindo com as flechas não há remédio de vida. São em extremo bárbaros e mal inclinados. Teem ídolos pintados a quem adoram e a quem pagam dízimo das sementeiras, que são de grandes milharadas, e é o seu sustento, que não usam tanto de mandioca para farinha, como as demais nações”.

(19) Essas caveiras, roupas e armas, que segundo o P. Rojas, pertenciam aos holandêses, mortos pelos Tapajós, para o P. Acuña, como se vê no número LXXVI do seu *Novo Descobrimiento* eram de tripulantes de uma grande nau inglêsa,

Os Trapajosos usam flechas e veneno tão fino e eficaz, que não ha contraerva.

Muitas destas nações, senão a maioria, são caribes, muito apreciadoras de carne humana, e assim comem os seus prisioneiros, sendo este o motivo principal das suas guerras. Mas também lutam para tirar as terras uns dos outros.

§ 22.º

Muitas vezes, no tempo que durou a navegação desta pequena armada, vieram a ela índios em grande quantidade, com canoas pequenas, mostrando-se afaveis com os portuguezes. Embora a princípio os temessem, pela novidade da gente, que nunca tinham visto, e aos quais chamavam *filhos do sol* (20), depois que communicavam com os soldados e deles recebiam algumas bugiganças, como facas, anzóis e muitas vezes pedaços de pano rasgado, que punham como reliquia no pescoço, lhes traziam depois sortimento de milho, mandioca, bananas, canas doces e muito peixe, tudo isto em abundância e liberalmente, sem pedir pagamento.

Os índios nunca atacavam os espanhois no rio nem fora dele, e se alguma vez saltavam em terra os soldados e entravam pelos montes cerca de uma légua a descobrir a terra, iam adiante índios amigos, aos quais atacavam os da terra, mas em chegando os soldados, fugiam os ini-

(20) Essa designação de *filhos do sol* que Alonso de Rojas diz ter ouvido dos índios com referência aos portuguezes, conta Carvajal que foi Orellana quem atribuiu aos espanhois tal ascendência quando, no ponto onde foi construido o bergantim grande, vieram ve-lo varios caciques. A um deles "disse mais o Capitão que éramos filhos do sol".

migos e depois, chamados, vinham de paz e ofereciam sustento com liberalidade. (21)

§ 23.º

Todas as margens destes rios estão inteiramente povoadas de árvores tão altas, que sobem até às nuvens.

A terra a principio é chan, e depois se vão erguendo umas altíssimas serras; aqui e ali se descobrem os campos com vales ou savanas, sem árvores, e algumas capoeiras.

Tudo o que o piloto mor percorreu terra a dentro do rio, e montanha limpa de mato e povoada de árvores muito boas, altas e grossas. Há uma grande variedade de madeiras de que se podem fabricar navios em qualquer parte da distância deste rio.

As especies de árvores são muitas: cedros, ceibos e outras de desmesurada grossura.

Há em algumas margens pau campeche, granadilha, uma madeira corada que parece brasil e grande quantidade de salsaparrilha.

Há muitas resinas nas árvores, em tanta abundância, que com ela breiam as canoas e se podem calafetar muitos navios.

(21) Também neste ponto são antagônicas as notícias de Carvajal sobre os espanhóis da descida de Orellana, recebidos em toda a parte, desde que deixaram os Omaguas, com animosidade, e em contínuas lutas e sobressaltos, e a subida da esquadra de Pedro Teixeira, tão bem agasalhada por toda a parte. O que parece mais certo é que o dominicano exagerou, para dar maior realce à proeza do seu capitão, pois era tal a segurança na subida, que Pedro Teixeira poude mandar adiante um simples batelão, no feliz stratagemma de que nos dá conta Acuña.

A construção de naus é muito facilitada nestas montanhas, tanto pela grande abundância de madeiras e de breu, como pelo muito algodão que se colhe, haver grande abundancia de pencas de que se faz a pita, e palmeiras com que se podem fazer enxárcias tão fortes como as de cânhamo.

Das árvores, por serem muito grossas, se lavram com facilidade as canoas. Nas províncias do Maranhão e Grão Pará se constroem muito grandes. O modo de lavrá-las é o seguinte: cortam o tronco da árvore, dando-lhe o tamanho que querem e toda a largura do tronco, e depois de terem decotado os ramos, o vão escavando por dentro, deixando-lhe de boca meia vara, e por ali o esvaziam. Logo enchem a cavidade de agua quente e o cercam por fora de fogo, com o qual a madeira de tal modo amolece, que, pondo-lhe dentro uns paus, o vão abrindo o quanto querem, deixando o fundo com quatro ou seis dedos de espessura e os lados com dois ou tres, de modo que estas canoas chegam a ter de largura, as mais estreitas duas varas e as mais ordinárias nove palmos. E depois que lhe deram toda a largura que querem, tiram a agua e o fogo e a madeira torna a endurecer. Algumas destas embarcações podem comportar cem homens. Entre as árvores deste rio ha uma que os portuguezes chamam *curapiniona*, de tanta estima como o pau brasil; madeira muito galante, porque toda ela é ondeada, como camalote, com ondas negras, e da qual se lavram canoas e escritórios mui curiosos (22).

(22) Há aqui algumas informações interessantes, mas nem todas confirmadas. Deixando de parte esses cedros e ceibos, que Rojas referia pela semelhança com tais árvores suas conhecidas, nunca mais se registou a presença no Brasil do pau campeche (a leguminosa *Haematoxylon campecheanum*) da América Central. Há no Amazonas duas salsaparrilhas, ambas do género *Smilax*,

§ 24.º

Têm os índios muita carne de monte, como sejam antas, vacados, porcos monteses, icotecas (23), pacas, coelhos e outros animais comestíveis.

Há nas montanhas grande cópia de macacos de diferentes espécies e alguns tão grandes que a um, depois de morto, não o poudo carregar um negro.

No Maranhão há alguns cavalos e éguas. Espera-se que estes gados se multipliquem, de modo que encham os campos que são muito férteis. Do Brasil trouxeram os portuguezes no principio das fundações, cabras e porcos, de que há hoje grande quantidade. Trouxeram também um carneiro e uma ovelha, e embora a ovelha tivesse parido, não se criou o cordeiro, porque com o viço da terra estava tão gorda, que não lhe deu leite e o deixou morrer; e assim não multiplicaram.

Há muitas aves silvestres e árvores do rio, regaladas, para o sustento humano, como sejam peruas do monte, pauxis e perdizes do tamanho de galinhas, em grande abundância. A algumas matam, flechando-as; a outras

da familia Liliáceas, sendo a salsaparrilha verdadeira do Amazonas, segundo Ducke, a *Smilax papyracea*. O nome de salsaparrilha é dado à raiz seca de várias espécies sul-americanas de *Smilax*. O breu, tão abundante no Amazonas, é fornecido por várias árvores das familias Anacardiáceas e Leguminosas, mas principalmente por árvores da familia Burseráceas do género *Protium*, conhecidas vulgarmente na Amazônia por breu-branco. Essa *curupiniona* é a muirapinima (*Brosimum guianense*) árvore da familia Moráceas, ainda hoje muito apreciada pelo seu achamaloitado. Há uma leguminosa, a *Zollernia paracensis*, de aspecto semelhante, a que chamam na Amazônia muirapinima preta.

(23) Icotecas está aí por cutias, de que há no Amazonas pelo menos três espécies bem distintas: *Dasyprocta croconota*, *D. fuliginosa* e *D. nigricans*.

levantando-as dos seus pousos, vêm revoando cair no rio e ali as apanham com a mão. No Pará e Maranhão há muitas galinhas de Espanha.

Todas estas províncias são abundantes de mantimentos e capazes, se nelas se semcassem as sementes de Espanha, de tudo produzir com abundância.

As frutas são muitas e diferentes; todas as que são próprias das Índias aí são melhores e mais regaladas que em outras partes. Em algumas províncias há cana doce muito alta e muito grossa e por todo o rio há infinidade de cacáu, tanto que se podem encher naus. Há muito tabaco, e beneficiado é muito bom.

Todas as províncias ribeirinhas são tão temperadas, que não há calor que enfade nem frio que fatigue, nem variedade que seja molesta, mas uma primavera contínua. De manhã faz algum frio e o ano todo é uniforme, porque não variam os tempos por estas terras. Debaixo da linha os dias são iguais.

Os campos que não estão com sementeiras produzem flores e os outros têm grande quantidade de batatas, sem cultivo algum da terra, que por si as produz.

A montanha em certos lugares é espêssa e aberta, e por todo o rio suas margens são sombreadas de árvores e palmeiras, que dão cocos em abundancia. Das palmeiras fazem os índios vinho regalado.

§ 25.º

Há muitas frutas silvestres na montanha e nas margens do rio, e nos troncos das árvores se colhe grande quantidade de mel de abellia. A cera é preta e, beneficiada, passa à côr amarela. No Maranhão e Pará não se

gasta de outra para missas. Acha-se mel em todo o rio, que é um regalo navegar-se por ele.

Todos os anos são aprazíveis e a terça é um retrato da que Deus prometeu ao seu povo, e se tivesse os gados da Judéa, diríamos que a regavam arroios de leite e mel.

Afirmou o piloto-mor que, por muitos elogios que digam do rio e suas províncias, são ainda mais os bens que há nelas, e se a arte ajudasse a natureza, poderiam lavrar-se jardins onde nem a diversidade de temperaturas nem as inclemências dos tempos poderiam ofender aos homens.

Na província chamada *Culiman* (24), vizinha dos Onaguas, que tem mais de 200 léguas, é certo haver ouro e muito. Isto se deduz porque os índios trazem placas de ouro penduradas nas orelhas e narizes, das quais os portugueses resgataram algumas, no valor de mais de 50 ducados, com os índios que vinham ás praias, porque não

(24) Afí está Culiman por Solimões, que Mauricio de Heriarte escreve Sorimões, descrevendo-a com estas palavras: "Nesta província dos Sorimões haverá trinta léguas. Todas são terras baixas e de muitas léguas. Estão povoadas de aldeias de bárbaros em que dizem estão as Amazonas, e que os índios que vivem nestes lagos têm comércio com elas: o que parece fábula, pois, entrando neles e andando-os, se não acharam tais Amazonas, sinão quantidade de botos, a que os índios chamam parajaguas. A canafístula, que é o que há nesta província, é infinita, e muita salsaparrilha, e canela.

"E' esta província mui povoada de gentios com muitas aldeias, abastecidas de mantimentos e de muitas madeiras, de que fazem canoas pequenas e as vendem a outras nações. Há muita quantidade de cedros. Os naturais são de natureza má, não consentem, nem querem paz com outras nações. São mui agudos de engenho, muito curiosos em lavrar obras de madeira, com ferramenta de pedra, e ossos de animais. Trazem chapéus feitos de palma. Andam nós como os demais. As armas são palhetas, frechas, e dardos de arremesso. O governo, clima e qualidade da terra como o da província dos Aguas".

entraram terra a dentro. Perguntando-lhes de onde tiravam aquele ouro, responderam que de umas serras próximas, onde o havia em muita abundância, que, se cavassem a terra com os picões que traziam nas mãos, tirariam o que quizessem. A própria côr da terra desta província e de outras, indica que é terra de ouro. Entre as outras placas acharam uma, que um índio trazia nas orelhas, pendente de um fio de ouro muito fino e muito bem trabalhado, cujo lavor só poderia ser feito por quem conhecesse a arte de ourives. Não se pode saber quem fosse o artífice, por não haver intérprete que perguntasse aos índios; presume-se que haja por aquelas províncias alguns naturais que trabalham de ourives.

Acharam também os soldados em alguns pontos prata e sinais dela e de muito cobre, e se presume ser terra de muitos minerais. Mas por estar em poder de bárbaros, não se aproveitam as suas riquezas.

Por todas as partes corre este famoso rio manso e ledado, de modo que todo ele é navegavel, sem corrente que impeça ás embarcações. E por mais que se estreitem as suas aguas, nunca o rio esquece a sua mansidão, antes melhor, pela parte mais estreita, que é de meia légua, onde vão encanadas as aguas de inumeraveis rios, a corrente é mais mansa, sem que haja sumidouro das aguas nem marulhada que assombre: condição ordinária dos grandes rios, que quanto mais fundo têm, mais dissimulam o ruído, seguros da sua riqueza e caudal, de que fazem ostentação van os pequenos riachos, pois desde que se despenham das montanhas as torrentes, baixam fazendo barulho e dizendo que têm caudal de água.

Admira ver a grandeza deste rio que, como rei dos outros, nunca se quer descompôr e antes guarda sua magestade com passos graves. Se já não é para dizermos que não elevar-se em vagalhões, não ferverem as aguas,

nem contenderem os rios quando se encontram com este grande das Amazonas, nem quando se apertam no estreito, o fazem para convidar os ministros evangélicos, facilitando-lhe a passagem, para que o naveguem e visitem as suas provincias, oferecendo levá-los sobre os seus ombros com toda a segurança e regalá-los com a fecundidade dos seus campos.

§ 26.º

Os índios têm as suas aldeias em todas as margens deste rio, sendo umas grandes, outras pequenas. Outros vivem ordinariamente afastados, em diferentes barrancas. Os portuguezes encontraram uma aldeia tão grande de uma e outra banda do rio, que, navegando o dia todo á sua vista, começando a navegação tres horas antes do amanhecer até ao pôr do sol, não puderam dar fim aos edificios nem achar lugar em que alojar-se que não estivesse occupado com casas, e umas em seguida às outras. Os que descobriram o comprimento desta povoação não puderam saber se era muito larga. Disse o piloto que pareceu estreita.

As casas e edificios de todos os índios são de madeira, lavradas com curiosidade e cobertas de palha; não há nenhuma de pedra nem coberta de telha. Por dentro estão limpas e com asseio; não usam joias senão as que dissemos da provincia dos Tapajós.

Em torno destes galpões viram os portuguezes muitas caveiras de homens; suspeitaram que fossem de gente que eles tivessem morto e comido.

As redes onde dormem são de folhas de árvores ou de palha.

§ 27.º

O piloto-mor, principal descobridor deste rio, diz que convém muito que S. M. mande edificar no lugar estreito, já assinalado, e ponha nele guarnição para impedir a passagem do inimigo holandês, para que não suba o rio e se apodere das suas provincias. Porque como a navegação é sem perigo, manso o rio, abundantes os mantimentos e os índios pouco belicosos, será facil ao inimigo navegar este rio e aproveitar-se das riquezas e frutos da terra (25).

§ 28.º

Esta fortaleza servirá de custódia material de tão extensas provincias. Para a custódia espiritual convida Deus, por Isaias, aos ministros evangélicos, para que a guardem e a defendam:

Ite, angeli veloces, ad gentem convulsam et dilaceratam: ad populum terribilem, ad gentem expectantem (26).

(25) Foi neste ponto estreito, aproveitando as sugestões de Pedro Teixeira, que os Portuguezes construíram o forte de Óbidos.

(26) O versículo em parte copiado pelo P. Rojas é o segundo do capitulo XVIII, e se refere especialmente à conversão da Etiópia, sendo aplicado pelo Jesuita ao Novo Mundo. Diz ele, segundo a tradução da vulgata: "Ite angeli veloces ad gentem convulsam et dilaceratam: ad populum terribilem, post quem non est alius: ad gentem expectantem et conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram ejus". E que o padre Matos Soares traduz: "Ide mensageiros velozes, a uma nação dividida e despedaçada; a um povo terrível, o mais terrível de todos; a uma nação que está esperando, e que é calcada aos pés, cuja terra é cortada pelos rios".

Por anjos certo é que de ordinário se entendem nas divinas letras os apóstolos e ministros do Evangelho. A frase *ad gentem expectantem sub Linea sunt* admite o seguinte sentido: “Anjos meus — diz Deus aos operários de suas vinhas — que cultivais o campo da minha igreja e, missionários do Evangelho, o levais por provincias remotas, apressai os passos, accelerai os vãos *ad gentem expectantem sub Linea sunt*; isto é, como explica Mendoza, *ad gentem super quam est Linea, ut destruat*. Visitai velozes a gente que está no extremo perigo de sua salvação, condenada sem dúvida a eternos castigos, se os não socorrem os ministros evangélicos”. Ou quererá dizer: “Ide velozes, anjos meus, ás innumeraveis provincias sobre as quais deitei os meus cordeis para edificar uma nova Igreja; livrai-a da infidelidade em que vive e fabricai nela o edificio da fé; ide á gente que vive debaixo da Linha e para visitar suas provincias se passa muitas vezes a equinocial; ide *ad gentem convulsam et dilaceratam*, a uma gente miseravel, entregue as mãos dos seus vícios, a quem destroem as paixões, às nações que aguardam o nosso socorro”.

Quem não executará a ordem de Deus, como a apresenta o seu profeta? A quem não enternecerão os suspiros da gente que espera? Quem, se tem zelo pela glória Divina, consentirá que o demônio cause tão miseravel destroço nas almas? Quem não apressará os vãos como anjo, que para socorrer *a gente que vive debaixo da Linha*, deve ter velozes os passos, segundo a ordem de Deus: *ite angeli veloces?*

E para que não haja demoras que retardem os dos ministros, Deus tudo facilita, porque os infieis estão esperando de portas abertas, para recebê-los; a navegação do rio os convida com sua facilidade, as águas com seus

peixes, a terra com seus regalos e a temperatura com sua doçura. E uma vez que Deus com tanto afeto exorta a esta missão, confio em sua Divina Magestade que hão de vir infinitos missionários que tirem da sombra da morte estas almas e as levem ao céu, fazendo o ofício de anjos.

NOVO DESCOBRIMENTO
DO GRANDE
RIO DAS AMAZONAS

PELO

Padre CRISTOBAL DE ACUÑA, S. J.

Ao Excelentissimo Senhor

CONDE DUQUE DE OLIVARES (27)

A quem, Senhor, devemos acudir, com este Novo Mundo descoberto, sinão àquele que, para aliviar aos do seu Amo, sobre os seus próprios ombros gostoso sustentaria, si pudesse, todo o resto do Orbe? Que outro Atlas não se fatigaria sob tamanha carga, senão quem, com esforço mais que varonil, afronta maiores e desmedidos pesos? Quem, por mais zeloso que se mostre do engrandecimento do seu Rei, não esmoreceria, receiando novas dificuldades, senão aquele que, quanto maiores se apresentem, mais lhe apetece, para que mais brilhe o seu amor, mais realce a sua fidelidade? E quem, para dizê-lo de uma vez, senão o Excelentissimo Senhor Conde Duque, poderá patrocinar tão grandiosa empresa, da qual depende a conversão de infinitas almas, o engrandecimento da Real Coroa, e a defesa e guarda de todos os tesouros do Perú?

Por isso deponho em mãos de V. Excelencia este *Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas*, a que fui por ordem de sua Magestade e o que com o maior cuidado averigui, com toda exatidão copiei em breves

(27) Gaspar de Guzman, conde de Olivares e duque de San Lucar, nasceu em Roma a 6 de janeiro de 1587 e morreu exilado em Toro a 12 de julho de 1645, tendo sido o primeiro ministro onipotente de Felipe IV de 1621 até 1643.

folhas, embora fosse digno de volumes inteiros; para que por tão sublime artifice seja acrescentada esta preciosa pedra à Coroa do nosso grande Rei Felipe Quarto, a quem Deus nos guarde.

Bem pode V. Excelencia aceitar esta dádiva, certo de que em tudo é grande, e ainda mais do que sem dúvida parece, que se assim não fôra, nem eu a ofereceria, nem mereceria de tais mãos ser aceita. Porque, se o dilatado Imperio da Etiópia alcança tão glorioso renome por ocupar a sua jurisdição novecentas léguas de extensão: se a grande China, por encerrar, em duas mil de circuito, quinze Reinos diferentes, espanta ao mundo por sua grandeza; e se a vastidão que se proclama do Perú, se reduz a cerca de mil e quinhentas léguas, que se medem desde o novo Reino de Granada até aos últimos confins do Reino do Chile; com que sobrada razão, sobre tudo o que foi descoberto, adquirirá o título de grandioso o Rio das Amazonas, pois na extensão de quasi quatro mil léguas de contorno, encerra mais de cento e cinquenta nações de línguas diferentes, bastando cada qual por si para formar um dilatado reino, e todas juntas um novo e dilatado Império, o qual, favorecido e amparado, sob a égide de V. Excia., poderá parecer grande aos olhos de Sua Magestade, a cujos pés e aos de V. Excia. ofereço, para esta conquista, tanto a minha pessoa como a de outros muitos da minha religião, se de nós se quizer servir V. Excelência, cuja vida o Céu faça prosperar com os aumentos que a sua pessoa, zelo e fidelidade merecem.

De V. Excelência criado

CRISTOBAL DE ACUÑA (28)

(28) Veja-se a biografia resumida de Cristobal de Acuña no prefácio.

Ao leitor

Nasceram, curioso leitor, tão irmanadas nas coisas grandes, a novidade e o descrédito, que mais parecem gêmeos de um parto; e pelo mesmo motivo que a admiração repara com cuidado no que é novo, periga o crédito no entender dos mais discretos. E embora seja verdade que a eficácia da curiosidade natural nos inclina a conhecer as novidades, a incerteza da sua veracidade priva o entendimento de maior deleite, de que sem dúvida gozaria se, persuadido do certo, pudesse deixar de lado toda perplexidade no duvidoso.

Desejando, portanto, trazer à vista de todos o novo descobrimento do grande rio das Amazonas (a que fui por ordem de Sua Magestade, como depois verás), e temendo que, embora seja apreciado pelo novo, não deixe sofrer restrições quanto à sua exatidão, quiz assegurar-te de ambos.

O primeiro, com o prometer-te um novo Mundo, Nações novas, Reinos novos, modo de viver novo e, para dizer-te em uma palavra, um Rio de água doce, navegado por mais de mil e trezentas léguas, desde as suas nascentes à sua foz, e cheio de novidades.

O segundo, ao pôr-te diante dos olhos as obrigações da minha pessoa, de Religioso da Companhia de Jesus, de Sacerdote, de Legado de Sua Magestade, e outras, que

nem te importam saber nem a mim o contá-las. E se com tudo isto te persuadires, serei recompensado do amor com que trabalho: ouve aos que de fora, com testemunhos jurados, dão valor a esta Relação.

Vale.

Certificado do Capitão-Mor deste descobrimento Pedro Teixeira

Pedro Teixeira (29), Capitão-Mor atualmente nesta Capitania do Grão Pará, e cabo da gente de Guerra, que foi no descobrimento do Rio das Amazonas, de ida e volta, até à cidade de S. Francisco de Quito, nos reinos do Perú:

Certifico e afirmo com juramento, pelos Santos Evangelhos, que é verdade, que por ordem de Sua Magestade, e por particular provisão despachada pela Real Audiência de Quito, veio em minha companhia, desde a dita cidade até à do Pará, o Reverendo Padre Cristoval de Acuña, Religioso da Companhia de Jesus, com seu companheiro, o Reverendo Padre André de Artieda, na qual viagem ambos se houveram, no tocante ao serviço de sua Magestade, para que foram enviados, como seus bons e fieis vassallos, observando e anotando tudo o que era necessário para dar narração exata e completa do descobrimento, a que se deve dar inteiro crédito, melhor que a nenhum outro, dos que foram na dita jornada. É no tocante às obrigações do seu Hábito e serviço de Deus, acudiram sempre como costumam fazer os da sua Religião: pregando, confessando e doutrinando a todos os do exército, esclarecendo-os em suas dúvidas, reconciliando-os em suas renzilhas, animando-os em seus trabalhos e pacifi-

(29) Veja-se a nota 12.

cando-os em suas discussões, como verdadeiros pais de todos; passando os mesmos incômodos e trabalhos que qualquer dos soldados particulares, tanto na comida como em tudo o mais.

E não só fizeram os ditos padres esta jornada à sua custa, sem que sua Magestade para a mesma lhes desse nenhum socorro, como, ao contrário, tudo o que traziam, tanto de sustento como de medicina, era comuns de todos os necessitados, aos quais sempre acudiram com grandíssima caridade e amor.

E por ser verdade tudo o que aqui se contém, dei este certificado, assinado por minha mão e selado com selo das minhas armas.

Nesta cidade do Pará, aos tres de março de mil seiscentos e quarenta anos.

O Capitão-Mor,
PEDRO TEIXEIRA

CERTIFICADO

Do Reverendo Padre Commissario das Mercês

Frei Pedro de la Rua, Religioso de Nossa Senhora das Mercês, Commissário geral de minha Ordem nos Estados do Maranhão e Pará: (30)

Certifico a todos os que a presente virem, como os Reverendos padres Cristoval de Acuña e André de Artieda, seu companheiro, Religiosos da Companhia de Jesus, vieram desde a Provincia de Quito, em companhia da armada portugueza, que de volta do descobrimento do Rio das Amazonas desceu por ele até à cidade do Pará, costa do Brasil e governo do Maranhão, acudindo

(30) A ordem de Nossa Senhora das Mercês foi fundada em Barcelona no ano de 1233, para libertação dos escravos. E' de ver o cuidado do padre Acuña para demonstrar a veracidade da sua narrativa (talvez escarmentado pelas críticas severas feitas ás noticias sobre a viagem de Orellana), pedindo certificados do principal chefe da famosa expedição e do frade commissário das Mercês, ambos seus companheiros de viagem. Em companhia de Pedro Teixeira iam, além dos dois Jesuitas, alguns frades de Nossa Senhora das Mercês, tendo como commissário Fr. Pedro de Santa Maria de la Rua e o capelão da armada, o padre franciscano Fr. Agostinho das Chagas. Fr. Antonio de Brieva a eles se reuniu no porto de Napo, tendo sofrido, já perto de Curupá, a fratura de uma perna, por ter caído uma árvore em cima dela.

durante todo o tempo que durou a viagem, como verdadeiros filhos de sua religião, confessando, pregando e consolando a todos os do exército, e acudindo-os em todas as suas enfermidades e necessidades, como verdadeiros pais de todos.

Cumpriram igualmente com o que por parte da Real Audiência de Quito, em nome de sua Magestade se lhes havia recomendado, no tocante a fazer averiguações das coisas principais do dito rio das Amazonas, o que fez o Reverendo Padre Cristoval de Acuña, com o cuidado que se verá pela relação, ao qual julgo que se deve dar inteiro crédito, por ser pessoa desinteressada, e que só por amor ao serviço de Deus e do Rei empreendeu tão trabalhosa jornada.

De tudo isso posso dar fé, como testemunho de vista, porque viemos juntos durante toda a viagem.

E por ser verdade, dei esta, firmada com o meu nome e selada com o selo da minha Religião.

Nesta cidade do Pará, aos dezenove de março de mil seiscientos e quarenta anos.

Comissário,

FREI PEDRO DE SANTA MARIA E DE LA RUA

CLÁUSULA

Da provisão real dada pela audiência de Quito, em nome de sua magestade, para este descobrimento

Na conformidade do que foi acordado por meu presidente e Ouvidores, de que devia mandar dar esta minha carta e provisão Real, para todos vós e a cada um em particular; e tive por bem e vos mando, que sendo com ela requeridos, pelos ditos Padres Cristoval de Acuña e André de Artieda, Religiosos da Religião da Companhia de Jesús, ou por qualquer deles, vejais os autos acima insertos, e em seu cumprimento lhes dareis (fazendo-lhes de tudo o mais breve aviamento) boa passagem de que tiverem mistér para o melhor exito de sua missão e bons resultados que dela espero hão de advir, sem que nisso lhes seja posto estorvo nem impedimento algum, qualquer que seja o motivo ou a razão, pois do contrário me considerarei por desservido.

E vos recomendo e rogo, senhor Padre Cristoval de Acuña, que, em cumprimento do provido por meu presidente e Ouvidores, e na conformidade da nomeação feita em primeiro lugar por vosso Prelado e do que em sua petição vem declarado, que, tendo sido entregue esta minha carta, por parte do meu Fiscal, tomeis conhecimento do que nela se contém, e a guardeis, cumprais e

executeis; e em seu cumprimento partais desta minha cõrte com o vosso dito companheiro, para a dita província do Pará, em companhia do Capitão Pedro Teixeira, e mais gente de milícia que com ele vai, tendo, como haveis de ter, particular cuidado em descrever com a maior clareza que vos fôr possível, a distância de léguas, povoações de Indios, rios e paragens particulares que há desde o primeiro ponto de embarque até à dita Cidade e porto do Pará; informando-vos com a maior certeza que puderdes, de tudo isso, para dar noticia cabal, como testemunha de vista, ao meu Real Conselho das Indias; e que se vejam as necessidades das ditas Provincias, como mando que o façais, comparecendo pessoalmente com esta minha carta, de parte da minha Audiência de Quito, ante o meu Prêsidete e Ouvidores do dito Real Conselho; e sendo necessário informar disso à minha Real pessoa, o fareis, enviando relação de tudo ao Acórdão da minha Audiência de Quito.

E na vossa falta confio no dito Padre André de Artieda, com o cuidado e pontualidade e zelo com que os de vossa Religião costumam servir-me; e como é negócio tão importante ao serviço de Deus nosso Senhor e ao nosso, o bem e conversão de tantas almas, como se tem noticia que há nas ditas províncias recentemente descobertas, se assim o fizerdes me darei por bem servido de vós e da vossa Religião.

Dada em Quito aos vinte e quatro dias do mez de Janeiro de mil seiscentos e trinta e nove anos.

O Licenciado D. Alonso Perez de Salazar. — Doutor D. Antonio Rodriguez de San Isidro y Manrique. — O Licenciado D. Afonso de Mesa y Ayala. O Licenciado D. João de Valdés y Llano. — O Licenciado D. Gerónimo Ortiz Zapata. — Secretario D. João Cornejo.

RELAÇÃO

NUMERO I

Notícias deste grande rio

Quase com as primeiras vistas daquela parte da América, que hoje tem o nome de Perú, nasceram em nossa Espanha, embora por notícias confusas, ardentes desejos do descobrimento do grande rio das Amazonas, chamado, por erro comum, entre os poucos versados em Geografia, rio do Maranhão: não só pelas muitas riquezas, dos quais sempre se suspeitou, nem pela infinidade de gentes que habitavam as suas margens, nem pela fertilidade das suas terras e pelo aprazível do seu clima, mas principalmente por entenderem, com fundamentos não pequenos, que era ele o único canal, como que a rua direita que, correndo pelo coração do Perú, se sustentava de todas as vertentes que suas altíssimas cordilheiras tributam ao mar do Norte.

NUMERO II

Francisco de Orellana descobre este grande rio

Acenderam-se tais desejos no coração de Francisco de Orellana (31), que no ano de mil quinhentos e quarenta, com alguns companheiros, em frágil embarcação, se fiou nas correntes deste grande rio (que desde então tomou também o nome de Orellana).

Passando á Espanha, pela relação que fez das suas grandezas, a Cesárea Magestade do Imperador Carlos Quinto mandou dar-lhe tres navios com gente e todo o necessário, para que volvesse a povoá-lo em seu Real nome.

Para isto partiu no ano de quarenta e nove, mas com tão adversa fortuna que, morrendo a metade dos soldados nas Canárias e Ilhas de Cabo Verde, com os mais, que cada dia iam diminuindo, chegou à boca deste grande Rio tão falto de gente, que forçoso lhe foi abandonar dois navios, que até aquele porto havia conservado. Não se sentindo com forças para mais, prosseguiu a sua aventura em duas lanchas de bom tamanho, por ele fabricadas, e com toda a sua gente entrou rio acima.

Passadas poucas léguas, reconheceu que não havia de ter bom fim, e passando todos para uma única em-

(31) Veja-se sobre a viagem de descida de Orellana o relatório de Fr. Carvajal.

barcação, retiraram-se pela costa de Caracas, até chegar à Margarita, onde todos sucumbiram e com eles as esperanças de que sua Magestade entrasse na posse do que tanto se desejava e de si prometia (32).

(32) Sobre a segunda e malograda viagem de Orellana escreve Berredo: "Persuadiu de sorte as encarecidas preciosidades do famoso rio das Amazonas ao Imperador Carlos V, que depois de alguns anos, não só lhe fez mercê da sua Conquista com o governo dela, mas também para facilitar-lhe lhe mandou pôr prontos tres navios com a boa equipagem de maior numero de quinhentos homens, em que entravam muitos de conhecida distinção pela do nascimento.

Com esta esquadra saiu do porto de San Lucar em 11 de maio de 1549, tão lisonjeado das suas esperanças, que só aqueles, que o seguiam, tinha por venturosos; porém fazendo escala nas ilhas Canárias e de Cabo Verde, a sua gente sentiu de tal sorte a corrução dos ares, que lhe faleceu muita parte dela; e continuando na mesma derrota já com tamanha perda, experimentou a última, logo no principio da subida do rio, que buscava; porque depois de forcejar quanto lhe foi possível para vencer as suas correntes em duas lanchas, a que se achava reduzido, não só tornou a retroceder até à sua boca, mas com tanta desgraça, que retirando-se pela costa de Caracas à ilha Margarita, dizem que ali morrera com o maior numero dos poucos companheiros, que lhe haviam ficado" — Garcilaso de la Vega diz que Orellana morreu no mar e Gabriel Soares que "veio a falecer na mesma boca deste rio, de sua doença, d'onde sua mulher se tornou com a mesma armada à Espanha".

Não é exato que Carlos V tivesse fornecido as tres naus, mas apenas permitiu que ele aprontasse à sua custa uma armada, prometendo mercês depois do descobrimento.

NUMERO III

Entra por este rio o tirano Lope de Aguirre

Tornaram-se a avivar estas esperanças vinte anos depois, que foi o de quinhentos e sessenta, com a entrada que por ordem do Vice-rei do Perú fez neste grande Rio o General Pedro de Orsua (33), arrostando as suas águas com um bom exército, para ser testemunha de vista das suas grandezas, que só se conheciam por noticias a seu respeito publicadas.

(33) O vice-rei do Perú era D. André Furtado de Mendonça, marquez de Canhete, que nomeou a Pedro de Orsua Conquistador das Amazonas, saindo este da cidade de Cuzco no ano de 1560, com grande exército, entre os quais se contavam D. Fernando de Guzman, havia pouco chegado à América, e Lopo de Aguirre. Diz Berredo: “Era Pedro de Orsua um cavalheiro muito estimado no Perú pelas boas partes, de que se compunha o seu merecimento; e chamados também aqueles espanhois das novas esperanças desta expedição, quando chegou a Quito, se achava já com mais de quinhentos, em que entravam muitos de cavallo, todos tão luzidos como bem armados; mas prudentemente advertido das trabalhosas marchas, com que atravessando Gonçalo Pizarro a província de Quixo, tinha buscado o Maranhão pelo rio da Coca ou dos Cofanes, procurou descobrir outro caminho menos arriscado, e o conseguiu com grande fortuna; porque depois de fabricar as embarcações, que lhe pareceram necessárias, entrando pelo rio *Yutai* (a que Padre Manuel Rodrigues chama *Yetaú*) por um braço, que se comunica com o *Yuruá*, passou a este, que o meteu no mesmo Maranhão ou Amazonas na altura já de cinco graus ao sul da linha.

Mas teve tão mal successo, que foi morto á traição pelo tirano Lopo de Aguirre (34) o qual se proclamou não só como general, mas também como rei, prosseguindo a viagem começada. Mas não permitiu Deus que ele acertasse com a boca principal, por onde este rio desagua no Oceano (que desdiria da fidelidade de Espanhois descobrir um tirano, coisa de tanta importância ao nosso rei e senhor); mas, deixando-se levar por braços do mesmo, veio a desembocar pela Costa em frente da Ilha da

(34) Conta Berredo: "Amotinando-se contra ele a maior parte de seus soldados, capitaneados por D. Fernando de Gusmão e Lopo de Aguirre, traidoramente lhe tiraram a vida; e passando logo a desatino mais abominavel, aclamaram rei ao tal D. Fernando, que desvanecido com tão alto título, o recebeu de tão poucos súditos, sem mais outro domínio, que o daqueles penhascos.

"Foi a principal causa da sublevação uma bela dama, de que se acompanhava Pedro de Orsua; porque namorado da sua formosura o infame Aguirre, influiu os ânimos daqueles espanhois a uma ação tão feia, para saciar o seu apetite; e assistido depois dos inescusados cúmplices, deu novos exercicios á sua aleivosia, cometendo a segunda de matar também ao ridículo rei, que tinha aclamado.

"Porém nestas maldades não pararam ainda as de tão vil homeni; porque constituido, em prêmio delas, no governo absoluto, assassinou por vezes mais de duzentos daqueles mesmos, que lhe obedeciam; e com os que ficaram, por mais unidos á sua tirania, desembocando o rio das Amazonas, se transportou à Margarita, que saqueou com novas crueldades; mas passando logo a outras ilhas, para continuá-las, foi vencido e morto pelos seus moradores; tendo também por última cometido já a maior de todas na inocente vida de uma menina, a que ele mesmo havia dado o ser, com o pretexto bárbaro, de que lhe não chamassem filha do traidor, como se as memórias, depois de registadas nos bronzes das estampas, não ficassem sendo de eterna duração".

Trindade, em terra firme das Indias de Castela, onde, por ordem de sua Magestade, lhe tiraram a vida, e lhe cobriram as casas de sal, como hoje se mostram naquelas regiões. (35)

(35) Entre as malogradas expedições de Orellana e de Pedro de Orsua, houve uma tentativa portugueza, por parte de Luis de Melo da Silva, filho do Alcaide-mór de Elvas Antonio de Melo. Levado pelas tempestades, a sua nau arribou na ilha Margarita, onde ele encontrou ainda alguns dos soldados de Orellana, e tais foram as informações que os mesmos lhe deram das riquezas daquellas terras, que ele se foi a Portugal, com o fim de organizar uma armada para vir explorar o rio das Amazonas. Demos agora a palavra a Berredo: “El-Rei D. João, que conhecia bem que para a conquista e povoação de tão vasto país necessitava este fidalgo de maiores esforços, que os de seus cabedais, quiz mostrar de sorte a distincção com que o tratava, que generosamente o ajudou também com tres navios e duas caravelas; e vendo-se ele com um poder mais proporcionado ao projeto da sua expedição, lhe deu logo principio, tão cheio de ânimo como de esperança.

“Com esta armada se fez à vela Luiz de Melo do rio de Lisboa; mas como poucas vezes saem verdadeiras as felicidades, que asseguram só as lisonjeiras promessas do mundo, antes de montar a chamada barra do Maranhão, naufragou nos seus baixos; com successo, porém, menos infeliz que o de Aires da Cunha; porque das suas embarcações salvando-se ainda uma caravela, que tomou a nado com alguns companheiros, se recolheu nela a Portugal; e continuando-lhe a grandeza de El-Rei, lastimado também da sua desgraça, o despachou logo para a Índia, donde, recolhendo-se para a sua pátria, depois de muitos anos, no mês de Janeiro de 1573, tão cheio de glória militar como de riquezas, com o constante ânimo de as empregar generosamente no descobrimento do mesmo Maranhão, se perdeu na nau S. Francisco, de que era capitão Pedro ou Francisco Leitão da Gamboa, que o mar trouxe sem dúvida, porque não houve mais notícias dela”.

NUMERO IV

Outros intentam este descobrimento

Esses mesmos desejos do descobrimento deste rio levaram o sargento-mór Vicente dos Reis Vilalobos, Governador e Capitão General dos Quixos, jurisdição da província de Quito, a que se oferecesse com bom acompanhamento, a principiá-lo por aquela parte: em cuja conformidade despachou a Católica pessoa do nosso grande Rei Felipe Quarto, que ainda vive (e viva felizes anos!), uma cédula à Audiência e Chancelaria de S. Francisco de Quito, para que se determinassem as condições que fossem convenientes para o dito descobrimento, mas tendo nesse interim terminado o dito Governador as suas funções, não foi levado a efeito.

Também não tiveram melhor êxito os ardentes desejos de Afonso de Miranda, a quem sucedeu no cargo, por frustrá-los a morte.

Esta igualmente suspendeu as alevantadas empresas em que o Governador José de Villamayor Maldonado, Governador muito antes dos dois, do mesmo Governo dos Quixos, consuniu o melhor da sua vida, buscando com ardente zelo submeter a Deus e ao rei a infinidade de Nações dêste Rio, das quais se tinham confusas notícias; e pondo-as em execução por muitas partes, na medida dos seus desejos,

NUMERO V

Bento Maciel intenta este descobrimento

Esta mesma ância despertava não somente os ânimos dos Castelhanos, pelas partes do Perú, mas se estendia ás costas do Brasil, moradia dos Portuguezes, que quizeram, com o zelo que sempre manifestam em engrandecer a sua Coroa, começando da foz deste Rio, buscar a sua nascente e indagar das suas grandezas.

A isto se ofereceu Bento Maciel Parente (36), que era então Capitão-mór do Pará e é atualmente Governador do Maranhão. Em cuja conformidade se lhe despachou uma real Cédula, no ano de vinte e seis, para que levasse a cabo os seus intentos, os quais cessaram por querer sua Magestade servir-se da sua pessoa na guerra de Pernambuco.

(36) Bento Maciel Parente tomou posse do cargo de capitão-mór do Pará em 18 de julho de 1622. Em 20 de maio de 1623 chegou a Belém “pela escala de Pernambuco uma caravela, que levava a seu bordo o capitão Luis Aranha de Vasconcelos com especiais ordens do Ministério de Madrid, para sondar o rio das Amazonas e reconhecer todos os sítios que occupavam nele os holandêses, e mais nações da Europa com intruso domínio”. A 18 de junho saiu de Belém Bento Maciel Parente, levando como auxiliares aos capitães de infantaria Pedro Teixeira, Aires de Sousa Chichorro e Salvador Melo, em socorro de Luis Aranha que estava em perigo no Curupá. Aí chegado, construiu um forte que guarneceu com 50 soldados, intitulado-se “deste mesmo tempo por diante primeiro descobridor e conquistador dos rios Amazonas e Curupá”. Não foi ele adiante desse ponto, não porque o tivessem chamado para a defesa de Pernambuco, mas por voltar ao seu cargo em Belém.

NUMERO VI

Manda-se a Francisco Coelho que faça esta

Parece que não se aquietava o coração do nosso Rei até ver realizada coisa que tanto se desejava, e que de si tanto prometia. E embora malograssem todos os projetos e expedições, que para esse fim ordenava a prudência humana, nem por isto deixava de insistir no principal intento, para o que despachou, aí pelos anos de trinta e tres ou trinta e quatro, uma cédula real a Francisco Coelho de Carvalho (37), que nessa ocasião estava como Governador do Maranhão e Pará, com a ordem expressa de que desde logo se fizesse o dito descobrimento, e que não havendo

(37) Foi Francisco Coelho de Carvalho o primeiro Governador nomeado para o Estado do Maranhão, depois das escusas de D. Diogo de Cárcano, castelhano naturalizado, e de D. Francisco de Moura (que "pedia demasiadas assistências). Antes de ir assumir o seu Governo esteve Francisco Coelho em Pernambuco, na defesa contra os holandêses. Só em 1626 tomou ele posse do seu cargo, chegando a S. Luis em 3 de julho, a bordo de um navio "a que seguiam quatro caravelões". A 15 de abril de 1627 saiu da cidade de S. Luis a bordo de um patacho, indo a visitar a capitania do Grão Pará. Em 1628 novamente mandou visitar a capitania por seu filho Feliciano Coelho. Foi este que por mais de uma vez entrou pelo rio das Amazonas, nunca passando, porém, do forte de Gurupá. Morreu Francisco Coelho em Cametá a 15 de setembro de 1636.

a quem enviar, fosse ele em pessoa a pô-lo em execução, tanto era o desejo de sua Magestade de que se efetuasse o que por todas as partes se intentava e por nenhuma chegava à devida execução. Mas tão pouco a teve nesta ocasião, por não se julgar o Governador com forças suficientes para poder dividi-las, quando o Holandês infestava cada dia as suas costas, e apenas tinha gente para poder resistir aos seus ataques.

Mas não é de admirar que humanas traças malograssem, quando o divino designio já tinha disposto o modo quase milagroso com que se havia de fazer este grandioso descobrimento, que foi como aqui direi.

NUMERO VII

Navegam este Rio dois Religiosos leigos de São Francisco

A cidade de São Francisco de Quito, que é uma das mais famosas de toda a América, está edificada sobre montes, na mais alta Cordilheira que corre por todo aquele novo Orbe, a menos de meio grau da banda do Sul da linha Equinocial, e Capital de uma província, que é a mais fértil, mais farta, mais aprazível e de melhores ares que nenhuma outra do Perú, e que na multidão de naturais, cortezias, boa educação e Críandade deles, a todas se avanta.

Sáiram desta cidade, durante os anos de trinta e cinco, trinta e seis e principios de trinta e sete, alguns Religiosos de São Francisco, por ordem dos seus superiores, em companhia do Capitão João de Palácios (38) e outros soldados, para que proseguissem, estes no temporal e

(38) Corria o ano de 1636 quando os missionários franciscanos de Quito, depois de infelizes e infructíferas tentativas de catequese dos indios Cenbos e Becabas do alto Putumaio, se recolheriam ao convento. Dois deles, o provincial Fr. Lourenço Fernandes e um irmão leigo, Fr. Domingos de Brieva, se hospedaram na casa do tenente general da provincia dos Cofanes, capitão Gabriel Machacon, residente na cidade de Alcalá do rio do Ouro ou Aguarico. Poucos dias depois da partida do P. Comissário, aí esteve outro leigo, Fr. Pedro Pecador, que, sabendo que Machacon tinha nas margens do

aqueles no espiritual, no descobrimento deste rio, começado, havia mais de trinta anos, pelos padres da Companhia de Jesús, e pelos Cofanes, onde os naturais mataram cruelmente ao Padre Rafael Ferrer, como paga da doutrina que lhes ensinava.

Chegaram os ditos religiosos de São Francisco à Província dos Encabelados, muito numerosa em gente, mas muito pequena para o ardente zêlo com que estes servos de Deus, como sempre costumam, a pretendiam reduzir ao grêmio da Igreja. Demoraram-se entre os naturais alguns meses, e vendo o tempo que perdiam, pois Deus não havia ainda sazonado a messe, uns voltaram para o seu convento de Quito, ficando os outros em companhia dos poucos soldados que quizeram permanecer ao lado do seu Capitão, que poucos dias depois viram por seus olhos succumbir às mãos daqueles a quem iam fazer tanto bem. Forçoso lhes foi abandonar a terra e, enquanto todos os demais se dirigiam para Quito, dois religiosos Leigos, chamados Frei Domingos de Brieva e Frei André de Toledo (39), com seis soldados, em uma pequena embarcação, se deixaram levar pela correnteza, rio abaixo, sem outra intenção, ao que se pode imaginar, se não levados por divino impulso, que a tão fracos instrumentos tinha confiado o primeiro descobrimento deste Rio.

Napo um capitão e regedor de Alcalá, chamado João de Palácios, filho de Pedro Palácios, conquistador dos Cofanes, pediu licença ao seu anfitrião para acompanhar Palácios, encontrando-se na província dos Encabelados, com esse capitão e mais cinco religiosos de S. Francisco: Fr. João Calderon, commissário, Fr. Laureano da Cruz, Fr. Domingos de Brieva, Fr. Pedro da Cruz e Fr. Francisco de Pinha.

(39) Veja-se a nota 10.

NUMERO VIII

Chegam os religiosos ao Maranhão

Deus favoreceu o intento destes dois religiosos; e depois de muitos dias de navegação, em que bem experimentaram a sua providência, chegaram á cidade do Pará, povoação de Portugal, que está situada a quarenta léguas de onde este rio desemboca no Oceano, e jurisdição do Governo do Maranhão, havendo passado sem dano algum por imensas provincias de Bárbaros (e muitas deles Caribas, que comem carne humana), dos mesmos recebendo o necessário sustento para chegar ao cabo de sua empresa.

Passaram logo á cidade de S. Luiz do Maranhão, onde residia o Governador, que era então Jácome Raimundo de Noronha (40), eleito, ao meu ver, mais por providência divina que pela voz do povo, pois nenhum outro arcaria com tantas dificuldades nem se oporia a tão contrários pareceres, se não tivesse o zêlo e deveres que lhe competiam, de servir desinteressadamente neste descobrimento ao seu Deus e ao seu Rei.

A ele, pois, deram os religiosos notícia de sua viagem, que foi como de pessoas que cada dia vinham fugindo das mãos da morte, e o mais que puderam esclarecer foi dizerem que vinham do Perú, haviam visto muitos índios e que se atreveriam a voltar por onde tinham descido, havendo quem quizesse seguir esta derrota.

(40) Era Jacome Raimundo de Noronha provedor mór da Fazenda Real, quando morreu Francisco Coelho. Sabendo deste successo por Antonio Portilho, se fez eleger pela câmara de S. Luiz, tomando posse do governo a 9 de outubro, nele permanecendo até 27 de janeiro de 1638, quando foi substituído

NUMERO IX

E' nomeado para essa conquista a Pedro Teixeira

Ficaria confuso neste estado o nosso descobrimento e mal poderia sua Magestade tomar resolução do que conviria ao seu Real serviço, se o Governador, como já disse, não tomasse a peito aclarar estas sombras e, contra o parecer de todos, enviar gente rio acima, até à cidade de Quito, para que com mais atenção e menos receios notassem tudo o que nele encontrassem digno de atenção.

Para semelhante empreza nomeou por cabeça e caudilho de todos a Pedro Teixeira (41), por sua Magestade Capitão dos descobrimentos, pessoa a quem o céu havia sem dúvida escolhido para esta ocasião, pois só a sua prudência e a noção dos seus deveres permitiram levar a cabo o que ele cometeu e fez, em serviço do seu rei nesta jornada, não só com gastos e perdas de sua fazenda, mas também com muito dispêndio de sua saúde, embora nada disso fosse coisa nova em quem, durante os largos anos que serviu a sua Magestade, nunca buscou outros interesses que o dar honrada conta de tudo o que se lhe encarregou, que foi muito, e em ocasiões de não pouca importância.

por Bento Maciel Parente, donatário da Capitania do Cabo do Norte, por doação de Felipe IV, datada de 14 de junho de 1637.

(41) Veja-se a nota 12.

NUMERO X

Pedro Teixeira começa a sua viagem

Saiu, pois, este bom caudilho dos confins do Pará (42) aos 28 de outubro de mil seiscentos e trinta e sete anos, com quarenta e sete canoas de bom tamanho (embarcações de que adiante falaremos) e nelas setenta soldados portuguezes, mil e duzentos indios de voga e guerra, que, juntos ás mulheres e moços de serviço, passariam de duas mil pessoas.

Durou a viagem cerca de um ano, tanto pela força das correntes, como também pelo tempo que, em preparar subsistência para tão numeroso exército, era forçoso se gastasse, e principalmente por caminharem sem guias certos, que os pudessem dirigir sem rodeios nem dilações pelos caminhos mais curtos.

E como tiveram de seguir este caminho tão comprido, e pelos incômodos que nele se passavam, começaram os

(42) Para a expedição de subida do rio das Amazonas, levando como guia, embora inexperto, ao irmão leigo Fr. Domingos de Brieva, foi nomeado comandante, com todos os poderes de General do Estado e patente de capitão-mór Pedro Teixeira, tendo por mestre de campo ao capitão de infantaria Antonio de Almeida Azambuja, e mais o sargento-mór Felipe de Matos Cotrim e os capitães de infantaria Pedro da Costa Favela e Pedro Baião de Abreu. Em 25 de julho estava Pedro Teixeira em Belém, de onde passou a Cametá. E' este ponto que Acuña chama "confins do Pará".

índios amigos a demonstrar pouca vontade de prosseguir, e de fato alguns voltaram para as suas terras.

Receoso o Capitão-mor de que os mais fizessem o mesmo, e o deixassem impossibilitado de continuar viagem, usou de manha, já que nem o rigor nem a fôrça bastavam para conservar os que estavam vacilantes.

Embora se encontrasse em meio do caminho, fingiu estar muito próximo do termo e, aprestando oito canoas bem guarnecidas de remeiros e soldados, mandou-as ir adiante, como se fossem preparar alojamento para o restante do exército, mas em verdade não eram senão descobridoras do melhor caminho, no qual, mil vezes duvidosos do certo, titubeavam.

NUMERO XI

Adianta-se o coronel Bento Rodrigues

Pedro Teixeira nomeou cabo desta esquadrilha ao coronel Bento Rodrigues de Oliveira (43), filho do Brasil e pessoa que, criada toda a sua vida entre os naturais, bem lhes conhece os pensamentos e, com pequenas mostras, adivinha o que têm no coração, com o que é conhecido, temido e respeitado de todos os índios daquelas conquistas, e no presente descobrimento foi de não pequena importância a sua pessoa para levá-lo a termo com a felicidade que se conseguiu.

Chegou, pois, o coronel com a sua esquadra, depois de vencidas muitas dificuldades, ao porto de Payamino, dia de São João, aos vinte e quatro de junho de mil seiscentos e trinta e oito anos, que é a primeira residência de Castelhanos que, por aquelas partes, sujeita á jurisdição de Quito, assenta nas margens deste grande rio, embora pelo Napo (do qual depois se fará menção) houvesse tido toda a armada melhores portos, mais edificações e menos perdas, não só de índios como de bens.

(43) Deste Coronel Bento Rodrigues sabe-se apenas o que informa Acuña. O estratagema de que usou Pedro Teixeira teve começo em 27 de fevereiro de 1638, pouco além da ilha grande das Areias.

NUMERO XII

O capitão deixa o exército na província dos encabelados

Ia o Capitão-mor seguindo sempre os rastros e avisos que o seu Coronel lhe deixava nas dormidas, com o que, de novo animado, cada dia pensavam que o imediato seria o último da jornada. Sustidos com estas esperanças, chegaram a um rio (de que já falámos acima), povoado todo de naturais: de paz em tempos passados, mas já rebeldes pela morte do Capitão Palácios (44).

Pareceu este sítio aprazível para deixar ali acampada toda a força do exercito, nomeando por capitão e cabo

(44) Conta Fr. Diego de Cordoba y Salinas: Muito consolados no Senhor se achavam nesta provincia (dos Encabelados) os cinco religiosos e dois leigos, catequizando a uns e batizando a outros. Os indios queriam e estimavam aos religiosos, e, mesmo a forma, os levavam a suas casas e os regalavam com muito carinho. Sucedeu nesse ínterim outra não menor contradição do Demônio para impedir os frutos que tanto o perturbavam, e foi que o capitão João de Palácios maltratou a um índio principal, o qual, ofendido, convocou aos demais, e todos vieram sobre os espanhois com as armas nas mãos. O capitão, mais imprudente que valente, se lançou a eles com espada e rodela, mas em breve lhe tiraram a vida, e a nós a esperança de poder ir adiante naquela conversão”.

de todos a Pedro da Costa Favela (45), para que, com a companhia que levava sob as suas ordens, ali se conservasse até nova ordem; e ficou também com a sua o capitão Pedro Baião, pessoas que mostraram nesta ocasião o valor com que durante tantos anos haviam exercitado a milícia, e a fidelidade com que obedeciam às ordens dos seus superiores, pois a pé quedo esperaram onze mezes, sem nunca intentar outra coisa, apesar-de ser a terra doentia, os mantimentos nenhuns, si não os que buscavam com as armas, e êsses tão minguados que apenas parece podiam ser suficientes para conservá-los com vida.

Mas bem convencido estava o Capitão-mor dos que deixara em semelhantes riscos, que só a morte os poderia afastar do cumprimento das suas ordens.

(45) Pedro da Costa Favela e Pedro Baião tinham sido nomeados por Jácome Raimundo de Noronha para acompanharem a Pedro Teixeira como chefes de duas companhias de infantaria.

NUMERO XIII

O capitão-mor chega a Quito

Com esta confiança e poucos companheiros, continuou Pedro Teixeira em seguimento do seu Coronel, que já se encontrava desde alguns dias na cidade de Quito. (46)

(46) Neste ponto a narrativa de Berredo, com os dados do Padre Manuel Rodrigues, completa a de Acuña. Diz ele que Pedro Teixeira chegou á provincia dos Encabelados em 3 de julho, deixando aí parte de suas tropas e continuando com poucos companheiros até Paiamino, onde desembarcou em 15 de agosto. E continua: "Neste lugar achou as canoas do Coronel Bento Rodrigues de Oliveira com as alegres novas da sua jornada, que seguindo logo pelos mesmos passos com um total desprezo das asperzas, e esterilidade do País, que lho dificultavam, chegou à cidade de Baeça, onde foi socorrido por ordem já da Real Audiência de Quito, que executou tão generosamente o seu Comissário, que se chamava N. Pinto, que não satisfeito de dispender só o cabedal alheio, gastou muito do próprio, assim na profusão da hospedagem de oito dias, assistida sempre de plausíveis festejos, como na abundância de mantimentos para todo o caminho, em que não mostrou menos a grandeza de ânimo; e montados já os portuguezes em cavalos e mulas, saíram desta povoação em 14 de outubro.

"Com poucas jornadas chegou Pedro Teixeira à aldeia de Pupas, doutrina de religiosos franciscanos, junto da qual havia também uma povoação de Castelhanos, onde o esperava o coronel Bento Rodrigues de Oliveira com todo o corpo do seu destacamento, depois de ter gozado por muitos dias dos regalos de Quito; e aqueles moradores, para darem mais evidentes provas do seu contentamento nas muitas festas com que os

Aí foram bem recebidos e agasalhados, tanto dos Seculares como dos Eclesiásticos, mostrando todos o prazer que sentiam em ver, em seu tempo, e por vassallos de Sua Magestade não só o descoberto, senão também navegado, desde a sua foz até suas primeiras nascentes, ao afamado rio Amazonas.

receberam aos novos hospedes, entrou a de touros, que correram dois dias, acrescentando a generosidade de permitirem aos nossos indios que matassem todos com as suas frechas; o que fazendo eles com grande destreza, se multiplicavam os aplausos do povo”.

“Já em Baeça tinha Pedro Teixeira recebido cartas de D. Afonso Peres de Salazar, Presidente da Real Audiência de Quito, do Bispo daquela Diocese, e dos Prelados principais, das Religiões, com os parabens da singular vitória, que havia conseguido na sua jornada, e vivas expressões dos alvoroços, com que o esperavam, para a festejarem com as demonstrações que ela merecia; e vendo-se agora cinco léguas só da mesma cidade, avisando-a da sua vizinhança, lhe chegou logo a cortezã resposta, de que continuando a sua marcha, fizesse alto no santuário de Na. Sa. de Guapulo, que fica na distância de meia légua, para as formalidades da sua entrada; mas estava ela tão ajustadamente prevenida, que ocupando o sítio sinalado, com toda a boa ordem da disciplina militar, revestidos de capas de asperges, os sacerdotes daquele templo o receberam com o sagrado hino do *Te Deum*, acompanhado da sonora harmonia de um grande número de instrumentos e vozes; e conduzindo-o pelo meio dela para a Capela Mór (onde achou uma rica cadeira de veludo carmezim, franjada de ouro, com almofadas da mesma qualidade) depois de fazer devota oração, lhe puzeram patente, com a mais reverente solenidade, a Imagem milagrosa, que se rebuçava com seis véus.

“Saindo da igreja Pedro Teixeira, para continuar o seu caminho, achou junto á porta excelentes cavalos com preciosos jaezes: onde montando logo a maior parte dos seus soldados, celebraram muito os castelhanos a dextreza de todos. Mas pouco se tinha adiantado quando teve maiores fundamentos para a sua glória, porque encontrou a nobreza de Quito ricamente vestida, cortejando o Tribunal da Câmara, que em corpo de cerimônia lhe deu os

Não foi menor a parte que nestes regozijos tiveram todos as Religiões daquela cidade, que são muitas e mui respeitaveis, oferecendo-se cada qual por si, com obreiros fieis, para desde logo entrarem a trabalhar na grande e inculta vinha de imensos bárbaros, dos quais se lhes dava notícia por seus novos descobrimentos.

parabens de sua chegada por uma discreta oração cheia de elogios, que recitou um dos seus ministros.

“Era o Presidente deste Tribunal D. João Vasques da Cunha, cavalheiro do Hábito de Calatrava; e tendo já posto a Pedro Teixeira no melhor lugar dele, com as ultimas cláusulas das boas vindas, o foi encaminhando para a cidade; na qual cresceu de sorte o festivo concurso de um e outro sexo, que se fez trabalhoso o despejo das ruas para a passagem de tamanho triunfo até à Real Audiência, que é o supremo Tribunal do Reino de Quito, que obedece ao governo geral do Perú. E entrando nele bem assistido de cortejos, os acrescentou muito o seu Presidente, porque saindo alguns passos da sua cadeira (que se cobria de um custoso docel de veludo carmezim, guarnecido de ouro) depois de o abraçar com afetuosas demonstrações, engrandeceu com elegantes termos a heroicidade da ação, tratando-a também como parto legítimo do valor Português, para maior glória de Pedro Teixeira; ao qual conduzindo para outra casa, se esteve informando, pelo espaço de mais de uma hora, de todos os sucessos do seu descobrimento; mas não o divertindo este cuidado, do que devia ter na acomodação de tão honrados hospedes, ao mesmo tempo que os despediu, e recomendou muito a quem pertencia.

NUMERO XIV

Resolução do vice-rei do Perú

Recebida naquela Real Audiência de Quito a notícia, que bastava para dar plano concreto do muito que às duas Magestades Divina e humana importava acudir com brevidade ao bom êxito de negócio tão importante, não se atreveram os senhores Presidente e Ouvidores a resolver coisa alguma, sem primeiro dar conhecimento ao Vice-rei do Perú, que era então o Conde de Chinchón (47).

Este, depois de consultar sobre o assunto a gente mais ponderada da cidade de Lima, Côrte daquele Novo

(47) Jerônimo Fernandez de Cabrera Bobadilla y Mendoza, conde de Chinchon, chegou a Lima, como vice-rei do Perú em 14 de janeiro de 1629, governou até 18 de dezembro de 1639, voltando então para a Espanha, onde sua esposa tornou conhecida a quina como remédio antifebrífugo.

A chegada da armada portugueza a Quito deixava perplexa a Audiência, não tanto por medo de que os baixéis de Holanda e Inglaterra subissem até lá, mas porque já temiam a rebelião portugueza (pouco depois uma realidade) e que novamente divididas

Mundo, resolveu por carta sua ao Presidente de Quito (que era o licenciado D. Alonso Perez de Salazar), datada de dez de novembro de seiscentos e trinta e oito, que o Capitão Pedro Teixeira voltasse logo com toda a sua gente à cidade do Pará, pelo mesmo caminho por onde tinha vindo, dando-se-lhe todo o necessário para a

as terras dessa Nova Andaluzia entre as duas coroas, tivessem os súditos lusitanos fácil acesso ao vice-reino do Perú. Levaram ao conde de Chinchón as consultas da Real Audiência e o relatório de Pedro Teixeira o Jesuíta P. Pedro Dorado e o piloto-mór Bento da Costa (autor do mapa que publicamos). Diz Montesinos no *Ofir Peruano*: “Consultou o vice-rei a matéria com pessoas inteligentes. Cometeu o informante ao licenciado D. Fernando de Saavedra, alcaide da Côrte mais antigo e pouco depois ouvidor da Audiência dos Reis, e após nova consulta sobre o caso ao Licenciado Montesinos, que lhe declarou algumas coisas, em verdade repugnantes, que vinham na relação e informou de certas notícias, roteiro e mapa, tomou a sua resolução”. Foi esta a de que Pedro Teixeira voltasse imediatamente para o Pará.

Em Quito continuava a população em grandes festejos aos portugueses, com gerais luminárias, fogos de artifício e touradas.

Enquanto se esperava a resposta de Bobadilla y Mendoza, o capitão Pedro da Costa, que ficara com o grosso do exército, comunicava que os Encabelados haviam morto alguns soldados e que a sua gente tinha feito prisioneiros uns 50 índios, querendo fazer justiça. Mas como não havia certeza de que estes fossem os culpados, não os tinha castigado. Dizia mais que alguns soldados tinham morrido sem confissão, pedindo que lhe mandassem, para dizer missa e confessar, Fr. Agostinho das Chagas.

viagem, pela falta que tão bons capitães e soldados fariam sem dúvida naquelas fronteiras, que de ordinário são infestadas pelo inimigo Holandês, mandando juntamente que, se fosse possível, se dispuzessem as coisas de modo que fossem em sua companhia duas pessoas dignas, às quais se pudessem dar fé pela Coroa de Castela, de todo o descoberto e do mais que na viagem de volta se fosse descobrindo.

NUMERO XV

O general D. João de Acuña se oferece para a jornada

Poz a todos perplexos a execução desta última ordem de Vice-rei, pelos muitos inconvenientes que à primeira vista apresentava.

Não faltavam, contudo, seculares zelosos do serviço de sua Magestade, que à porfia desejava cada qual ser um dos nomeados para tamanha empreza. Mas quem entre todos se mostrou mais ancioso por novas ocasiões em que prosseguir no serviço do seu rei, o que já fizera por mais de trinta anos, e os seus antepassados por toda a vida, foi D. João Vasques de Acuña, Cavaleiro do Hábito de Calatrava, tenente de Capitão General do Vice-Rei do Perú e atualmente corregedor, por sua Magestade, de espanhois e naturais, na mesma cidade de Quito e sua comarca, o qual oferecia não só a sua pessoa mas igualmente os seus bens para, à própria custa, pagar soldados, comprar mantimentos, dispôr munições, fazer todos os gastos necessários para tão longa viagem, só com o interesse, que sempre teve, de que seu Rei e Senhor fosse servido.

Não surtiu efeito o seu bom desejo, por não dar licença quem podia e a negou, atendendo à falta que poderia fazer, deixando o cargo que exercia atualmente.

Não quiz Deus que tão honrados desejos ficassem de todo frustrados, dispondo as coisas de modo que, já que ele não ia, fosse em seu lugar o padre Cristobal de Acuña, Religioso da Companhia de Jesus, seu irmão, tendo como grande felicidade poder por este modo oferecer ao serviço de Sua Magestade coisa que tanto estimava, e tão de perto lhe tocava, o que aconteceu como adiante se conta. (48)

(48) A versão de Frei Laureano é levemente diferente. Diz ele, que, conhecida em Quito a determinação do Vice-Rei, o padre provincial da Companhia de Jesús, padre Francisco de Fuentes "havia oferecido por uma petição para tal missão os padres Cristobal de Acuña e Andrés de Artieda", o primeiro reitor do Colégio de Cuenca e o segundo professor de Teologia no seminário de Quito, "aos quais os senhores da Real Audiência despacharam com as suas provisões e recados necessários". Antes (ou ao mesmo tempo) o licenciado Perez de Salazar, presidente daquela Audiência, pretendia essa espinhosa missão para um filho seu, e para o corregedor João Vasquez de Acuña. Diz mais Fr. Laureano: "O que negociaram os servos de Deus (os Franciscanos) não soube, mas soube por certo que o general D. João de Acuña foi de Quito para Potosi como corregedor e o licenciado D. Alonso Perez de Salazar para Charcas, como presidente. Com o que se poz silêncio a este negócio".

NUMERO XVI

A real audiência nomeia o padre Cirstobal de Acuña para esta jornada

Vendo o licenciado Suarez de Poago, fiscal da Real Chancelaria de Quito, já de partida a Armada Portuguêsa e considerando, como fiel Ministro de Sua Magestade, as muitas vantagens e nenhuns inconvenientes que d'aí podiam advir, achou de bom aviso que dois religiosos da Companhia de Jesus a acompanhassem, notando com cuidado tudo o que fosse digno de reparo neste grande rio, com cuja notícia passassem à Espanha, para dar uma relação segura de tudo ao Real Conselho das Indias e, sendo necessário, ao Rei Nosso Senhor, em sua Real Pessoa.

Como o pensou o Fiscal, assim o propoz ao Real Acórdão, e a todos parecendo boa a proposta, dela se deu conhecimento ao Provincial da Companhia de Jesus, que nessa ocasião era padre Francisco de Fuentes, o qual, estimando a honra que se fazia à sua Religião, em confiar-lhe coisa de tamanha importância, e cubiçoso de que por esta via se lhe abrisse a porta por onde entrassem os seus filhos, a levar a nova luz do Santo Evangelho a tão grande número de almas, que neste grande rio jazem na sombra da morte, nomeou em primeiro lugar, para esta empreza, ao padre Cristobal de Acuña, religioso professo, e atual reitor do colégio da Companhia na cidade

de Cuenca, jurisdição de Quito; e em segundo lugar, por seu companheiro, ao padre Andrés de Artieda, lente de Teologia no dito Colégio da mesma cidade de Quito.

Aceita pelos senhores da Real Audiência a nomeação dos dois Religiosos da Companhia de Jesus, se lhes mandou uma Provisão Real (cuja cláusula puzemos no começo desta narrativa), na qual se lhes ordena que, sendo com ela requeridos, partam imediatamente da cidade de São Francisco de Quito, em companhia do Capitão Mor Pedro Teixeira, e chegando à do Pará, passem à Espanha, a dar conta ao rei, nosso Senhor, em sua real pessoa, de tudo o que cuidadosamente tiverem notado no decurso da viagem.

NUMERO XVII

Saem os padres de Quito

Obedecendo logo ao que se lhes ordenava, aos 16 dias do mez de Fevereiro de 1639 deram principio a tão longa viagem, que durou por espaço de dez mezes, até chegaram á cidade do Pará, em cujo porto entraram aos 12 de Dezembro do mesmo ano. (49)

Aí chegaram depois de haver calcado com suas plantas os alcantilados cerros, que com o licor das suas veias alimentam e dão o primeiro sustento a este grande Rio, e caminhado sobre as suas ondas até onde, dilatado em oitenta légua de boca, paga caudaloso tributo ao mar Oceano; depois de haver notado com muito particular cuidado tudo o que nele há digno de reparo; depois de haver marcado sua altura (29), assinalado por seus nomes os rios que lhe são tributários, reconhecido as nações que se sustentam em suas margens, visto a sua fertilidade, apreciado os seus recursos, experimentado o seu clima, communicado com os seus naturais e, finalmente,

(49) Iam mais em companhia de Pedro Teixeira, além dos dois Jesuitas, os Religiosos da Ordem Calçada de Nossa Senhora das Mercês, Pedro de la Rua Cirne, João das Mercês e Diogo da Conceição, tendo como seu superior a Fr. Afonso de Armejo, que veio a falecer em viagem, sendo substituído por Fr. Pedro de La Rua, fundador dos conventos da mesma Ordem nas cidades de Belém e São Luís.

depois de não haver desprezado nada do que nele se contém e de que foram testemunhas.

Assim, como a pessoas com tantas obrigações de serem pontuais no que se lhes há encomendado, peço a todos os que lerem este relato, que me dêem o justo crédito, pois eu, uma destas testemunhas, e em nome e por parecer de ambas, tomei a pena para escrevê-lo.

Digo isto porque poderá ser que outras narrativas venham à luz, talvez não tão ajustadas à verdade como convinha. Esta o será e tanto, que de modo algum nela porei coisa que não possa, de frente erguida, testemunhar com mais de cinquenta Espanhois — Castelhanos e Portugêses, que fizeram a mesma viagem, afirmando o certo por certo e o duvidoso como tal, para que em assunto tão grave e de tanta importância, ninguém se atreva a acreditar mais do que o que se afirma nesta narração.

NUMERO XVIII

O Rio das Amazonas é o maior do orbe

É o formoso Rio das Amazonas, que percorre e banha as mais ricas, férteis e povoadas terras de todo o Império do Perú o que de hoje em diante podemos, sem usar hipérboles, qualificar como o maior e mais célebre do Orbe. Porque se o Ganges rega toda a India, e por caudaloso escurece o mar quando desagua nele, fazendo com que êste perca o nome e se chame Sinu-Gangético, ou por outro nome Golfo de Bengala; se o Eufrates, como Rio afamado da Síria e parte da Pérsia, é a delícia daqueles reinos; se o Nilo rega o melhor da Africa, fecundando-a com as suas correntes, o rio das Amazonas rega mais extensos Reinos, fecunda mais veigas, sustenta mais homens e aumenta com as suas águas mais caudaloso Oceano; só lhe falta, para vencê-los em felicidade, ter sua origem no Paraíso, como daqueles rios nos afirmam graves Autores.

Do Ganges, dizem as histórias que nele desaguam trinta caudalosos rios e que em suas praias se vêem areias de oiro; no Amazonas desaguam inumeráveis rios, há areias de oiro e rega terras que atesouram em si infinitas riquezas.

O Eufrates assim se chama, como notou Santo Ambrósio, porque com suas correntes alegra os campos,

de modo que os regados este ano tem assegurada abundante colheita no ano seguinte.

Do Rio das Amazonas se pode afirmar que as suas margens são em fertilidade Paraisos, e se a arte ajudar à fecundidade do solo, será todo ele uma série de aprazíveis jardins. A felicidade da terra, regada pelo Nilo, foi celebrada por Lucano nestes versos:

*Terra Suis contenta bovis, non indigna mercis
Aut Jovis; in solo, tanta est fiducia Nilo (50).*

Não necessitam as províncias ribeirinhas do Rio das Amazonas dos estranhos bens; o Rio é abundante em pesca, os montes em caças, os ares em aves, as árvores em frutas, os campos em messes, a terra em minas e os naturais, que a habitam, em grandes habilidades e agudos engenhos para tudo o que lhes importa, como iremos vendo no decorrer desta história.

(50) Compare-se com o parágrafo sétimo da narrativa de Alonso de Rojas.

NUMERO XIX

Nascimento do rio das Amazonas

Dou, portanto, princípio a ela pelo nascimento e origem deste grande Rio das Amazonas, até agora sempre oculto, querendo cada terra fazer-se mãe de tal filho, atribuindo às suas estranhas os primeiros sustentos que lhe dão o ser, chamando-o pelo nome de Rio Marañon, erro tão difundido naquelas regiões, que a cidade dos Reis, Empório de todas as de América, se gloria de que as Cordilheiras de Guanuco dos Caballeros, à distancia de setenta léguas do ponto onde está situada, dão berço a êste afamado Rio e cortam os primeiros cueiros numa lagôa que aí se encontra. (51)

E em verdade não está muito fora do caminho, pois embora não seja esta a origem do Rio das Amazonas, é pelo menos a de um dos mais famosos que ele converte em sua própria substância e, alimentado por suas águas corre mais brioso o seu curso.

Quer também o novo Reino de Granada aumentar o seu crédito, imputando às vertentes do Macoá, o primeiro nascimento deste Rio, que em sua origem chamam os naturais de grande Caquetá, embora sem nenhum fundamento, pois em mais de setecentas léguas não se miram

(51) E' esta nascente, no lago Lauricocha, a que lhe attribue Berredo e foi durante muito tempo tida como a real.

estes dois rios, e quando se encontram, como reconhecendo ao seu maior, torcendo o Caquetá seu curso, vem pagar vassalagem ao das Amazonas.

Por outras muitas partes quer o Perú honrar-se com o princípio e nascimento deste grande Rio, celebrando-o e festejando-o como ao Rei dos demais. Mas de hoje em diante não o permitirá a cidade de São Francisco de Quito, pois a oito léguas de seu assento tem encerrado este tesouro, nas fraldas da Cordilheira, que divide a jurisdição dos Quitos, ao pé dos cerros, chamados um Guamamá e o outro Pulca, distantes entre si menos de duas léguas, dos quais dá este por mãe ao recém-nascido uma grande lagôa e aquele uma outra, que não é tão ampla, embora de muita fundura e perfurando um cerro, que invejoso do tesouro que de si oferecia, com a força de um terremoto se lançou em cima, pretendendo afogar em seus inícios tão grandes esperanças, como daquele lago se prometiam ao mundo. Destas duas lagoas, que ficam vinte minutos abaixo da linha Equinocial, para o lado do Sul, tem seu princípio o grande Rio das Amazonas. (52)

(52) E' difficil, às vezes, saber quais as que atualmente correspondem às designações de Acuña

NUMERO XX

Seu curso, latitude e longitude

Este rio faz o seu curso de Oeste para Leste, como dizem os navegantes, isto é, de Poente para o Oriente, sempre vizinho da linha Equinocial da banda do Sul, por dois graus, tres, quatro, cinco e dois terços na maior altura. Tem de comprimento desde a sua nascente até que desagua no mar, mil trezentos e cincoenta e seis léguas castelhanas, bem medidas, e segundo Orellana mil e oitocentas. Caminha sempre serpeando em voltas mui dilatadas, e como senhor absoluto de todos os outros rios que nele desembocam, tem repartidos os seus braços, que são como fieis executores seus, por meio dos quaes lhes vai encontro, e cobrando deles o devido tributo de suas aguas, os volve a incorporar no Canal principal. E é coisa digna de notar que tal seja o hóspede que recebe, tais os introdutores que lhe manda; de modo que com braços ordinários recebe aos rios mais comuns, acrescentando outros maiores, para os de mais conta; e alguns que são tais, que quasi se lhe podem pôr ombro com ombro, ele próprio, em pessoa, com toda a sua corrente lhes sai a oferecer a hospedagem. De amplitude e largura varia muito, porque por umas partes se espraia uma légua, por outras duas, e por outras muito mais, guardando tanta estreiteza em tantas léguas, para com maior liberdade, dilatado em oitenta de boca, pôr-se barba a barba com o mar Oceano.

NUMERO XXI

Estreiteza e fundo do Rio

O maior estreito onde este Rio recolhe as suas águas, é de pouco mais de um quarto de légua na altura de dois graus e dois terços. Lugar sem duvida previsto pela Divina Providência, estreitando este dilatado mar doce, para que em sua angustura se pudesse construir uma fortaleza que impeça o passe a qualquer Armada Inimiga, por muitas forças que traga, se por acaso entrar pela boca principal deste grande Rio; porque entrando pelo Rio Negro, no mesmo se terá de pôr a defesa. Está esta angustura a trezentas e sessenta léguas do lago de onde em oito dias, com embarcações ligeiras, à vela e a remo, se pode dar aviso muito antes que o Inimigo as aviste.

A profundidade deste Rio é grande, e em certos pontos é tal que não se acha fundo; desde a embocadura até ao Rio Negro, que é uma distância de quasi seiscentas léguas, nunca lhe faltam trinta ou quarenta braças de altura no canal principal; d'aí para cima vai variando mais, ora com vinte, ora com doze, e ora com oito, muito em seu começo, fundos suficientes para qualquer embarcação, que embora a corrente o impeça, não faltam de ordinário todos os dias tres ou quatro horas de brisas fortes, e ás vezes o dia inteiro, com que as vencer.

NUMERO XXII

Ilhas e sua fertilidade e frutas

Todo este Rio está povoado de ilhas, umas grandes, outras pequenas, tantas em número que não se podem contar, porque se encontram a cada passo; as ordinárias são de quatro ou cinco léguas; há outras de dez e de vinte; e a que habitam os Tupinambás (dos quais depois falaremos), tem mais de seis léguas de circunferência; há também muitas outras muito pequenas, que servem aos naturais para as suas lavouras, tendo nas maiores a sua habitação. Estas ilhas de menor porte, e ás vezes, as maiores ou uma grande parte das mesmas, são inundadas todos os anos pelo Rio, fertilizando-as assim com as suas lamas, de modo que nunca podem alegar título de estércis, mesmo que por muitos anos continuados se lhes peça a produção ordinária, que são o milho e a iuca, ou mandioca, alimento comum de todos e do qual há grande abundância; e embora parecesse estar exposta a grandes diminuições e perdas em tão poderosas avenidas, a natureza, mãe comum de todos, deu a estes bárbaros meio fácil para a sua conservação. Colhem a iuca, que são umas raizes, das quais se faz o caçabe, pão ordinário de todas aquelas costas do Brasil, e cavando na terra uma cova ou córtes profundos, as enterram neles, deixando-os muito bem tapados durante todo o tempo que duram as enchentes, passadas as quais arrancam as raizes e as beneficiam para

seu sustento, sem que por isso percam um ponto do seu valor. E se a natureza ensinou a formiga a guardar nas entranhas da terra, como em celeiro, o grão que há de ser o seu alimento durante todo o ano, não é muito que desse atilamento ao Indio, por mais bárbaro que seja, para prevenir seu dono e guardar o seu sustento; pois é certo que a Divina Providência mais cuida dos homens que dos animais brutos.

NUMERO XXIII

Gêneros de bebidas que usam

E' êste, como já disse, o pão quotidiano, que sempre acompanha às demais viandas. E não só serve de comida, mas igualmente de bebida, a que são em geral mui inclinados todos os naturais, para o que fazem umas grandes tortas delgadas que, cozidas no forno, ficam como biscoitos, de modo que duram muitos mêses; guardam a estas no mais alto de suas casas para conservá-las livres das umidades da terra, e quando as querem aproveitar, deitando-as dentro d'água as desmancham; e cozidas lhes dão o ponto que necessitam: repousam este caldo, e frio é de ordinário o vinho que eles usam, que ás vezes é tão forte que, como se fosse vinho de uvas, os embriaga e lhes faz perder o juizo. Com este vinho celebram as suas festas, choram os seus mortos, recebem os seus hóspedes, fazem as suas sementeiras e as colhem. E finalmente não há ocasião em que se reúnam, que não seja este o azougue que os ajunte e liga que os detenha. Fazem também, embora não seja tão comum. outros gêneros de vinhos, nunca lhes faltando de que lancem mão, por muito inclinados que são à embriaguês; eles o fazem de quaisquer frutas silvestres, tão abundantes nas árvores, e que desfeitas em agua lhes dão com o seu sumo tal sabor e força, que muitas vezes excede a cerveja, bebida tão usada em todas as Nações estrangeiras. Uns guar-

dam estes vinhos em enormes talhas de barro, como as de nossa Espanha; outros em pequenas pipas, que fazem de uma só peça, em troncos escavados, e outros em grandes vasilhas, tecidas de ervas, dando-lhe por fora e por dentro um tal betume que não se perde gota do líquido que nelas se recolhe.

NUMERO XXIV

Frutas que teem

São muitas as viandas que acompanham a este pão e vinho, não só de frutas como bananas, pinhas, goiabas, abios, castanhas muito saborosas, que chamam no Perú castanhas da serra e na verdade mais se parecem com estas do que com aquelas, embora as chamem assim por nascerem em uns cocos que se parecem com o ouriço da castanha. Tem palmeiras de diversas qualidades, umas produzindo sazoados cocos e outras gostosas tâmaras que, embora silvestres, são de ótímo sabor; e outras muitas espécies de frutas, todas próprias de terras quentes. Posuem também raizes muito alimentícias, como sejam batatas, mandioca mansa, a que os Portuguezes chamam macacheira, carás, trufas da terra e outras, que assadas ou cozidas, são tão gostosas como substancia. (53).

(53) As bananeiras são plantas paleotropicais, mas já os descobridores as encontraram crescendo espontaneamente ou cultivadas pelos indígenas. Não é possível identificar essas pinhas de que fala Cristobal de Acuña. Há na América tropical 110 espécies do género *Psidium* conhecidas vulgarmente pelo nome de araçás e algumas pelo de goiabas. A espécie mais comum, largamente cultivada, é o *Psidium guajava*. As castanhas da Serra do Perú são as sementes da Lecitidácea *Allantoma cylindrica*. Na Amazonia é mais comum a castanha do Pará, chamada na Amazônia simplesmente castanheira ou tocari; é como a da serra, da mesma familia Lecitidáceas, segundo alguns autores, pertencendo a duas espécies, segundo outros a um só, a *Bertholetia excelsa*. A macacheira, mandioca doce (ou aipim dos sulistas) é a raiz da *Manihot aipi* Pohl, da familia Euforbiáceas. O nome de carás é dado a um grande número de plantas da familia Dioscoreáceas, do género *Dioscorea*, de tubérculos comestíveis.

NUMERO XXV

Peixe Boi e Pescados deste Rio

Contudo do que mais se alimentam e que, dizem, lhes faz pratos, é o incontável pescado, que com incrível abundância colhem todos os dias, às mãos cheias, neste Rio. Mas entre todos o que como Rei aí domina, e do qual está povoado todo o Rio, desde as suas nascentes até que desagua nos mares, é o Peixe-boi, peixe que de tal só tem o nome, pois não há pessoa que, quando o come, não o tenha por carne temperada; é do tamanho de um bezerro de ano e meio e na cabeça, se tivesse chifres e orelhas, não se diferenciaria dele; tem por todo o corpo alguns pelos, não muito compridos, a modo de cerdas moles, e se move dentro d'agua com dois braços curtos, que em forma de pás lhe servem de remos, de baixo dos quais mostra a fêmea os seus peitos, com que nutre com leite os filhos que pare. (54)

(54) A descrição de Acuña é das mais perfeitas e nenhum há que se lhe avante, até chegarmos a Wallace. No livrinho de Gould, tão afamado, não se tem nenhuma idéia desse animal. O peixe boi amazonico é o Sirênio *Trichechus manatus* (e não *Manatus inunguis*). O último congresso internacional de Zoologia, dando razão ao que já escrevia Alexandre Rodrigues Ferreira, resolveu que o nosso peixe boi é do gênero *Trichechus*, ficando o gênero *Manatus* para o africano. A boa descrição de Wallace pode ser lida no livrinho de José Veríssimo — *A pesca na Amazônia*. A descrição mais completa que se conhece é a de Alexandre Rodrigues Ferreira, publicada no Volume 60 da Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía.

Do couro, que é muito grosso, fazem adargas os guerreiros, e tão fortes, que bem curtido, não o atravessa uma bala de arcabuz.

Este peixe só se sustenta de erva que pasce, como se fosse boi verdadeiro, donde adquire a sua carne tão bom gosto, e é de tanta sustância, que com pequena quantidade fica uma pessoa mais satisfeita e com mais fôrças que se comesse o dobro de carneiro.

Debaixo dágua sustém pouco o anhélito e assim, onde quer que ande, levanta a meúde o focinho para cobrir novo alento, donde vem a sua total destruição, pois ele mesmo se vai mostrando ao seu inimigo; vêem-no os Índios e o seguem em pequenas canoas, e esperam que, querendo respirar, tire fora dagua a cabeça, e cravando-o com os seus harpões, que fazem de conchas, lhe tiram a vida; dividem-no em porções médias, que assadas em grelhas de pau, duram, sem estragar-se, mais de um mês.

Não fazem dele chacinas para o ano todo (e que são de muito preço) por não haver sal em abundância, que o que empregam para temperar as suas comidas é muito pouco, e feito de cinzas de certa qualidade de palmeiras, que mais é salitre que sal.

NUMERO XXVI

Tartarugas do Rio e como as guardam

Mas já que não lhes é dado conservar estas chacinas, não lhes falta indústria para terem carne fresca durante todo o inverno, que, embora não seja tão gostosa como aquela, é mais san e não menos proveitosa.

Fazem para isto uns currais grandes, cercados de paus, e cavados por dentro, de modo que, como lagoas de pouco fundo, conservem sempre em si a água de chuva.

Feito isso, no tempo em que as tartarugas saem a desovar nas praias, elles também deixam as suas casas, e emboscando-se nos postos conhecidos, por ellas mais frequentados, esperam que, saindo à terra, venha cada qual occupar-se em fazer a cova onde pretende deixar os ovos; saem nesta ocasião os Indios, cercam-nas pelo lado da praia, por onde devem fazer a sua retirada para a água, e de chofre acometendo sobre ellas, em breve tempo se vêem senhores de grande quantidade, sem outro trabalho que o de as virar de pernas para o ar, com o que, sem se poderem mexer, as mantêm todo o tempo que querem, até que ensartadas todas em vários cordéis, por uns furos que lhes fazem no casco, lançadas na água, remando elles em suas canoas, as levam a reboque sem nenhum trabalho, até metê-las nos currais que fizeram, onde as soltam, dando-lhes por prisão aquelle estreito cárcere, e alimentan-

do-as com ramos e folhas de árvores, as mantêm vivas por todo o tempo que necessitam.

São estas tartarugas tão grandes e maiores que rodelas de bom tamanho; é sua carne como de vitela; as fêmeas teem no bucho, quando as matam, mais de duzentos ovos cada uma, um pouco maiores e quasi tão bons como os de galinha, embora de mais difficil digestão. Estão nesse momento tão gordas, que de duas se tira uma botija de manteiga, a qual, temperada com sal, é tão boa, mais gostosa e dura muito mais que a cozida de vacas; serve para frigir peixe e para quaisquer gêneros de guisados, em que aqui se usa a melhor e mais delicada manteiga. (55).

Apanham estas tartarugas em tal abundância, que não há um destes currais que não tenha de cem tartarugas para cima, com o que nunca sabem estes bárbaros que coisa seja a fome, pois uma só basta para satisfazer uma família, por muita gente que tenha.

(55) Muito se tem escrito sobre a tartaruga do Amazonas, *Podocnemis expansa*, Quelônio pleurodiro da familia Pelomedúsidas. Entre os trabalhos melhores e mais minuciosos, podem ser lidos com proveito a Memória sobre o Iuararetê de Alexandre Rodrigues Ferreira, publicada nos Arquivos do Museu Nacional; o trabalho de João Martins da Silva Coutinho, publicado no Volume IV do Boletim do Museu Goeldi e o livro de José Verissimo, já citado — A pesca na Amazônia.

NUMERO XXVII

Modos de pescar que usam

Com facilidade maior gozam os moradores deste Rio de todas as qualidades de peixes que encerra, pois nunca receando que lhes falte para o dia seguinte, pensam em prover-se no anterior, senão que se sustentam com o que hoje apanham, dispondo-se para comer amanhã nova colheita.

O modo de pescar é diferente, conforme as variações do tempo e as enchentes ou vazantes das águas. Assim, quando estas baixam tanto que já os lagos secam, sem ter comunicação com o Rio, usam de uma espécie de trovisco, que naquelas costas chamam timbó, da grossura de um braço, pouco mais ou menos, e tão forte, que machucados dois ou tres destes paus, e batendo com eles a agua que ainda naqueles lagos mantém os peixes, apenas estes chegam a provar do seu vigor, todos se deixam apanhar com as mãos. (56)

Mas o modo ordinário com que em todos os tempos e ocasiões se apoderam de quanto peixe vive neste abastecido rio, é com as flechas que com uma mão arre-

(56) O nome de timbó é dado a várias leguminosas dos géneros *Tephrosia* e *Lonchocarpus* e ainda hoje é muito empregado para intoxicar os peixes, num processo de pesca condenado,

messam de uma pázinha que sustentam, e cravadas no peixe, lhes faz o ofício de boia, para conhecer onde, depois de ferida, se retira a presa, a que com presteza se arrojam, e agarrando-a, a recolhem nas canoas. Este modo de pescaria não se limita a uma ou outra qualidade particular de peixe, mas em geral se estende a todos, que nem uns por grandes, nem os outros por pequenos, são privilegiados, passando todos pela mesma rasoura. (57)

Com ser estes peixes, como já disse, de tão diversas qualidades, são muito bons de gosto, e muitos deles de particularíssimas propriedades, como é a de um peixe, que os Indios chamam Peraque, que é a modo de uma enorme enguia, ou por melhor dizer, como um pequeno congro, o qual tem a propriedade que, enquanto estiver vivo, quantos lhes tocam tremem do corpo inteiro enquanto dura o contacto, como se tivessem um calafrio de quartans, cessando tudo no instante em que dele se apartam. (58)

(57) E' a pesca chamada com sararaca, bem descrita por José Veríssimo.

(58) O Poraquê é um peixe Teleosteo, da ordem Ostariofícos, familia Ginótidas (*Gymnotus electricus*) ao qual se referem todos os cronistas da Amazônia e descrito em magnificas páginas por Humboldt. Ultimamente tem sido assunto de uma série de pesquisas, para estudo dos seus órgãos elétricos.

NUMERO XXVIII

Caças do monte e aves de que se sustentam

Podia bem ser que a estes naturais, enfatiados de comer somente peixe, embora tão bom, lhes apetecesse, de vez em quando, alguma carne, e assim lhes proviu a natureza aos seus caprichos, povoando-lhes a terra-firme com muitas qualidades de caças, como sejam: antas, que são do tamanho de uma mula de um ano, e muito parecidas com ela na côr e disposição, e o gosto da carne não difere do de vaca, embora um pouco adocicada. (59)

Ha também porcos montezez, não javalis (os dois gêneros muito diversos) que teem o umbigo nas costas, e de que estão povoadas quasi todas as Indias; sua carne é muito boa e muito san, como também o é a de outra espécie destes mesmos animais, que se encontra em muitas partes, muito semelhante aos nossos porcos caseiros. (60) Há veados, pacas, cotias, iguanas, Yagotis

(59) As antas são os Tapíridas neotrópicos. O padre Acuña conhecia do Perú a anta negra, andina, com a qual comparava a nossa (muito parecida com a mula na côr), de espécie diferente, o *Tapirus terrestris*.

(60) E' muito interessante este trecho do padre Acuña, embora dê os nossos porcos do mato como providos do umbigo no dorso, erro aliás ainda repetido por Marcgrav, que pelo mesmo tempo (1442) escrevia: "O taiassú dos brasileiros é um porco sil-

e outros animais, próprios das Índias, de boas carnes e de bom gosto, que pouco ficam a dever ás mais regaladas de Europa. (61)

Ha perdizes nos campos e criam em suas casas algumas galinhas das nossas, cuja semente desceu do Perú, e de uns a outros se foi estendendo por todo o Rio. Este, nos muitos lagos que forma, sustenta infinidade de patos e outras aves aquáticas, para quando elles as queiram aproveitar. E o que mais admira é o pouco trabalho que custam todas estas coisas, como se pode deduzir do que cada dia experimentávamos em nosso Real, de onde, depois de chegarmos à dormida, e depois de ocupados os Indios amigos, que nos acompanhavam, em fazer barracas suficientes para todo o alojamento, no que se consumia muito tempo, se repartiam uns por terra com cães, em busca de caça, e outros por agua, só com os seus arcos e

vestre, tendo o umbigo nas costas". Acuña é mais preciso quando chama a atenção de que javali e taiassús são gêneros diversos. Hoje os nossos dois porcos do mato estão colocados em distintos gêneros: o catete é *Pecari tajacu* e o queixada *Tayassu pecari*. Infelizmente até ao presente ainda não tivemos um mastozoólogo, que pudesse resolver os problemas da nossa fauna, e o pouco que se tem escrito é lamentavelmente confuso.

(61) Os veados que Acuña deve ter visto na Amazônia seriam o galheiro *Odocoileus suacuapara* e algumas variedades do mateiro *Mazama rufa* de chifres simples. Para as cutias veja-se a nota 23. As pacas, facilmente reconhecíveis por seu pelágio pintalgado, pertencem a três espécies, sendo as brasileiras subespécies do *Cuniculus paca* (L.). A iguana ou sinimbu (*Iguana iguana*) é um lagarto grande, alcançando até mais de metro e meio de comprimento, verde, facilmente reconhecível por sua crista espinhenta que lhe percorre todo o dorso. Como o tejú é muito apreciada por sua carne. E' o tipo de Saurios da família Iguânidas. Os Yagotis de Acuña são os jabotis, Quelónios terrestres, Criptodíros, da família Testudinidas (*Testudo tabulata*) de amplíssima distribuição geográfica,

flechas, e em poucas horas os víamos vir estes carregados de peixe e aqueles com caça suficiente para que todos ficassem fartos. E isto não era um dia ou outro, mas todos quantos durou a viagem, que foi tão demorada como já disse. Maravilha digna de admiração e que só se pode atribuir à Paterna Providencia daquele Senhor que, só com cinco pães e poucos peixes, sustentou cinco mil homens, ficando-lhes o braço são e as mãos cheias para maiores liberalidades.

NUMERO XXIX

Clima e temperatura do rio

O clima do Rio e de todas as Províncias que lhe são circunvizinhas é temperado: de modo que nem há calor que enfade nem frio que fatigue, nem variedade que seja moléstia; porque, embora se reconheça algum gênero de inverno, não é causado pela variação dos Planetas e do Sol, que sempre nasce e se põe a uma mesma hora, mas pelas inundações das aguas, que com as suas umidades impedem por alguns meses as lavouras e frutos da terra; e é por isso que de ordinário nos regemos naquelas partes do Perú, de climas tão diferentes, para conhecer e distinguir o verão do inverno; de maneira que todo o tempo em que a terra nos produz frutos chamamos verão e, ao contrário, o inverno aquele em que por algum motivo estão impedidas as colheitas. Estas são duas por ano neste Rio, não só de milho, um de seus principais alimentos, como também de outras sementes próprias da terra. E' verdade que as mais próximas das Cordilheiras de Quito gozam de mais calor que o restante do Rio, pelas muitas brisas que de ordinário refrescam os pontos mais próximos das costas do mar, se bem que este calor, quando maior, seja igual como o comum de Guayaquil, Panamá ou Cartagena, refrescando-se em grande parte com os contínuos aguaceiros de quase todos os dias, trazendo a todas estas terras a grande vantagem de conservar por

muito tempo os seus mantimentos incorrutos, como experimentámos nas Hóstias, com as quais todos os dias dizíamos Missa, e que depois de cinco menses e meio de sairmos de Quito, estavam tão frescas como se tivessem poucos dias de feitas. Por se terem acabado por este tempo, não experimentámos o quanto poderiam durar, coisa que admira aos que percorremos diferentes climas das Indias e sabemos por experiência a facilidade com que em terras quentes se corrompem mesmo coisas de maior sustância. Não são os sois deste Rio, com avizinhar-se tanto da Equinocial, nocivos, nem se conhecem serenos que façam dano, do que posso dar bom testemunho, pois raras vezes, em todo o tempo em que por ele naveguei, deixei de passar as noites inteiras ao relento, sem que nunca me causassem nem uma dor de cabeça, ao passo que em outras partes um pequeno raio de Lua costuma me causar mui desmedidas. E' bem verdade que nos primeiros dias, quase todos os que vínhamos de terras frias, tivemos quatro febres, que com outras tantas sangrias nos deixaram livres. Nem tão pouco há neste Rio ares corrutos, que tão de repente deixam estropiados aqueles a quem mais ferem, como à custa da sua saúde, e às vezes de sua vida, sentem muitos em quase todo o Perú. E se não fosse a praga de mosquitos, tão abundantes em muitas paragens, se poderia chamar à boca cheia um dilatado Paraiso.

Disposição da terra e drogas medicinais

Desta apacibilidade do seu clima nasce sem dúvida a frescura de todas as suas margens que, coroadas de várias e formosas árvores, parecem que à porfia estão de contínuo desenhando novas paisagens, em que a natureza se esmere e a arte aprenda.

Embora pelo comum seja terra baixa, possui também altos bem proporcionados, campinas desembaraçadas de arvoredos e cobertas de flôres, vales que sempre conservam a umidade e, mais ao longe, montes tão elevados que com razão podem passar com o nome de Cordilheiras.

Nestes incultos bosques têm os naturais conservada, para as suas doenças, a melhor botica de simples, que há no mundo descoberto. Porque aqui se colhe canafístula mais grossa que em parte alguma, a salsaparrilha mais perfeita (62), as gomas e resinas salutíferas mais abundantes, o mel de abelhas silvestres mais a cada passo, e tanto, que raramente se chega a uma paragem onde não se encontre a gente gastando-a, não só em medicina, para

(62) A verdadeira canafístula (*Cassia fistula*) é uma árvore indiana, hoje muito cultivada no Brasil como planta ornamental. Os cronistas davam esse mesmo nome a várias cássias referindo-se *Acuña* provavelmente a espécie desse mesmo gênero, talvez a *Cassia amazônica* e *C. spruceana*. Para as salsaparrilhas ver a nota 22.

o que é muito saudável, mas também sustentando-se dela, por ser de gosto delicioso, e aproveitando a cera que, embora negra, é boa e arde tão bem como qualquer outra. Aqui o azeite de andiroba, que é uma árvore, inestimável para curar feridas (63). Aqui o de copaíba (64), árvore também, e ao qual não iguala o melhor bálsamo. Aqui se encontram mil qualidades de ervas e árvores de particularíssimos efeitos; e há ainda por descobrir outras muitas, que poderiam descrever um segundo Dioscórides e terceiro Plínio e todos teriam bem que fazer para averiguar as suas propriedades.

(63) A andiroba verdadeira é uma árvore alta, de casca cinzenta, flôres pequenas, amarelas e vermelhas, com cápsulas quadri-oculares, da família Meliáceas (*Carapa guyanensis*). A ela se referem quasi todos os cronistas.

(64) O nome copaíba é extensivo a várias espécies de Leguminosas do género *Copaifera* (*C. martii*, *C. multijuga*, *C. guianensis*, *C. reticulata*, *C. glycyarpa*). Do óleo de copaíba escreve Barbosa Rodrigues: "Existe o óleo desde o branco aquoso, passando pelo amarelo até o muito escuro e consistente, oferecendo cada espécie uma nuance e uma consistência. O melhor e o mais resinoso é o escuro. É um óleo acre, amargo, de cheiro característico, com resina líquida e nauseante, que no mais escuro, no fim de algum tempo se solidifica no fundo dos vasos, com um aspecto de cera. Os índios empregam de preferência os mais escuros". Para o mesmo autor copaíba significa árvore de vagens pequenas.

NUMERO XXXI

Madeiras e apetrechos para navios

As árvores neste Rio são sem conta, tão altas, que sobem às nuvens, tão grossas que causam espanto; um cedro medi com as minhas mãos que tinha trinta palmos de circunferência. Produzem quasi todas tão boas madeiras, que não se podem desejar melhores, porque são cedros, ceibos, pau ferro, pau vermelho e outros muitos, já conhecidos daquelas regiões e experimentados como os melhores do mundo para fabricar embarcações, as quais neste Rio, melhor e com menos despesa que em qualquer parte, se poderão lançar nagua, acabadas e perfeitas, sem que se necessite da nossa Europa mais que o ferro para a cravação. Porque aqui, como digo, estão as madeiras, a pedir por boca; aqui a enxárcia tão forte como a de cânhamo, de certas cascas de árvores, das quais se fazem amarras, que por si sós seguram as naus em tormentas desfeitas; aqui o piche e breu tão perfeitos como os da Arábia; aqui o azeite, tanto de árvores como de peixe, para dar-lhes ponto e abrandar a sua dureza; aqui a excelente estopa, a que chamam embira, que tanto para calafetar as naus como para corda de arcabuz não se conhece outra melhor; aqui o algodão para o velame, é a semente que melhor produzem os campos; e aqui, finalmente, a multidão de gente, de que depois diremos, com o que nada falta para fabricar quantos galeões se queiram pôr em estaleiro.

NUMERO XXXII

Quatro gêneros de coisas proveitosas que há neste Rio

Há neste grande Rio das Amazonas quatro gêneros que, cultivados, serão sem dúvida suficientes para enriquecer não a um mas a muitos Reinos. O primeiro são as madeiras, que além de haver muitas de tanta curiosidade e estima como o melhor ébano, há tantas das comuns para embarcações, que se poderiam mandar para outras regiões, certos sempre de que, por muito que se tirem, nunca se poderão exgotar. O segundo gênero é o cacau, de que suas margens estão tão cheias que algumas vezes as madeiras que se cortavam para o alojamento de todo o exército eram quasi exclusivamente as das árvores que produzem este tão estimado fruto da Nova Espanha, e de todos os lugares onde sabem o que seja o chocolate. Esse fruto beneficiado é de tanto proveito, que a cada pé de árvore correspondem de renda todos os anos, fora todos os gastos, oito reais de prata; e bem se vê com que pouco trabalho se cultivam estas árvores neste Rio, pois sem nenhum benefício da arte, só a natureza as enche de abundantes frutos. O terceiro é o tabaco, que se encontra em grande quantidade e muito crescido entre os moradores ribeirinhos; e se se cultivasse com o cuidado que pede esta semente, seria dos melhores do mundo, porque na opinião dos entendidos, a terra e clima formam tudo o que se

pode desejar para grandiosa colheita. As maiores, que a meu ver, se deveriam emprender neste Rio, são as de açúcar, que é o quarto gênero que, como o mais nobre, mais proveitoso, mais seguro e de maiores rendimentos para a Corôa Real, e do qual há tempos tanto diminuiu o tráfico no Brasil, mais se deveria tomar a peito, e procurar desde logo instalar muitos engenhos, que em breve tempo restaurassem as perdas daquela costa. Para o que não seria mistér nem muito tempo nem muito trabalho, nem, o que hoje se receia, muita costa; pois a terra para cana doce é a mais famosa que há em todo o Brasil, como podemos testemunhar, os que percorremos aquelas regiões: porque é toda ela um maçapê contínuo, que é o que os lavradores desta planta tanto estimam e com as inundações do Rio, que nunca duram senão poucos dias, ficam tão fertilizadas que antes seria para temer o demasiado viço.

E não será novidade naquela terra levar cana doce, pois por todo este dilatado Rio, desde as suas nascentes, sempre a fomos encontrando, que parece dava desde logo mostras do muito que depois se multiplicará, quando se queiram fazer engenhos para tratá-la. Estes serão de mui pequeno custo, por haver, como disse, as madeiras à mão e a água em abundância, e só se precise de cobre, o que com muita facilidade fornecerá nossa Espanha, certa do bom pagamento que por ele havia de receber. (65)

(65) E' este um dos capítulos mais notáveis do livrinho de Acuña por mostrar o alto tino desse jesuita, que em pleno século XVII dava conselhos que ainda são da mais palpitante atualidade. Tanto os gêneros *Theobroma* (da família Esterculiáceas) como *Nicotiana* (da família Solanaceas) são próprios da América tropical. São hoje bem conhecidos, para que precisem esclarecimentos de uma nota. Não se sabe mais qual seja a pátria de origem da cana de açúcar; as que Acuña encontrava já eram cultivadas, não sendo elas conhecidas dos indígenas.

NUMERO XXXIII

De outros gêneros de estima que aí se encontram

Não só estes gêneros podia prometer este novo mundo descoberto, com que enriquecer a todo o Orbe, mas também outros muitos, que, embora em menor quantidade, não deixariam de auxiliar com o seu quinhão para o enriquecimento da Coroa Real, como são o algodão, que se colhe em abundância, o urucú, com que se obtém um vermelho perfeito, que os estrangeiros estimam grandemente; a canafistula, a salsaparrilha, os óleos que competem com os melhores bálsamos para curar feridas, as gomas e resinas perfumadas, a pita, de que se tira o mais estimado fio, e da qual há grande abundância, e outras muitas coisas que cada dia a necessidade e a ambição virão trazendo à luz.

NUMERO XXXIV

Riquezas deste Rio

Não trato das muitas minas de ouro e prata de que se tem noticia no descoberto, e que forçosamente se descobrirão adiante, que, se meu juizo não me engana, hão de ser mais e mais ricas que todas as do Perú, mesmo que entrem nelas as do afamado cerro de Potosi. E não digo isto aereamente, e sem fundamento, apenas levado, como alguém possa pensar, pelo desejo que mostro de engrandecer este Rio, mas estribado na razão e na experiência; esta eu a tenho do ouro que encontrámos em alguns Índios deste Rio, e das notícias que deram das suas minas; aquela me obriga a fazer o seguinte raciocínio:

O Rio das Amazonas recebe em si as vertentes das terras mais ricas da América, pois pela banda do Sul desaguardam nele caudalosos rios, que descem uns das proximidades do Potosi, outros de Guanuco, Cordilheira próxima da cidade de Lima, outros do Cuzco, e outros de Cuenta e Gibaros, que é a terra mais rica em ouro que há na terra descoberta.

De modo que por esta parte quantos rios, quantos mananciais, quantos arroios, quantas fontezinhas vertem para o Oceano no espaço de seiscentas léguas, que vão desde Potosi a Quito, todos rendem vassalagem e pagam párias a este rio, como também o fazem todos os que

descem do novo Reino de Granada, não inferior em ouro a todos os demais.

Se este Rio, portanto, é a rua direita e o principal caminho por onde se sobe ás maiores riquezas do Perú, bem posso afirmar que é o dono principal de todas.

Além do que, se o Lago Dourado tem o ouro que a opinião lhe atribue; se as Amazonas habitam, conforme o testemunho de muitos, entre as maiores riquezas do Orbe; se os Tocantins em pedras preciosas e abundância de ouro são tão afamados do Francês; se os Omaguas com os seus haveres alvorotam o Perú, e um Vice-rei logo mandou a Pedro de Orsua com grosso exército à procura deles; neste grande Rio tudo se encontra: aqui o Lago Dourado, aqui as Amazonas, aqui os Tocantins e aqui os ricos Omaguas, como adiante se dirá. E aqui finalmente está depositado o imenso Tesouro que a Magestade de Deus tem guardado para enriquecer com elle a do nosso grande Rei e senhor Felipe Quarto.

NUMERO XXXV

O descoberto tem quatro mil léguas de circuito

Tem de circuito este dilatado Império, segundo boa Cosmografia, cerca de quatro mil léguas; e não penso que exagero, porque, se só de comprimento, medidas com cuidado, tem mil trezentas e cincoenta e seis, e conforme Orellana, que foi o primeiro que o navegou, mil e oitocentas; e para cada rio que entra nele de uma e outra banda, segundo boas informações dos naturais, que povoam as suas bocas, mais de duzentas léguas de cada lado e, por muitas partes, nem mesmo em mais de quatrocentas se chega a qualquer povoação dos Espanhois, encontrando sempre Nações diferentes, fôrça é que lhe concedamos de largura pelo menos quatrocentos léguas no ponto mais estreito, que com as mil trezentas e cincoenta e seis, ou, segundo Orellana, mil e oitocentas de comprimento, lhe darão de circuito, segundo bôa Arimética, muito pouco menos das quatro mil que já disse.

Multidão de gente e de diferentes Nações

Todo este novo mundo (chamemo-lo assim) é habitado de bárbaros de distintas províncias e Nações, das quais posso dar fé, chamando-as por seus nomes, e assinalando as suas situações, umas de vista, outras por informações dos Indios que nelas haviam estado. Passam de cento e cincoenta, todas de linguas diferentes, tão dilatadas e povoadas de moradores como as que vimos por todo este caninho, como depois diremos.

São tão seguidas estas Nações, que dos últimos povoados de umas, em muitas delas, se ouvem lavar os paus nas outras, sem que tamanha vizinhança os obrigue a fazer as pazes, conservando perpetuamente contínuas guerras, em que cada dia se matam e se cativam inúmeras almas; desaguadeiro ordinário de tanta multidão, sem o qual já não caberiam naquela terra. Mas embora entre si se mostrem belicosos e de brios, nenhuns têm para com o Espanhol, como se observou em toda a viagem, na qual nunca o bárbaro se atreveu a usar contra os nossos de outra defesa sinão a de que estão sempre prevenidos os covardes: a fuga que têm muito à mão, por navegar em umas embarcações tão leves que, encostando à terra, as carregam nos ombros, e arrojando-se com elas a um lago, dos muitos que tem o Rio, deixam burlado a qualquer inimigo que com a sua embarcação não possa fazer outro tanto.

NUMERO XXXVII

Armas de que usam os Indios

Suas armas são, em uns, azagaias means e dardos lavrados de madeiras duras, bem aguçados nas duas pontas, e que atirados com dextreza atravessam com facilidade o inimigo.

Em outros são estólicas, armas em que os guerreiros do Inca, grande Rei do Perú, eram mui dextros; são estas estólicas uns paus achatados, de uma vara de comprimento e tres dedos de largura, em cujo remate, na parte de cima, fixam um dente de osso, onde se prende uma flecha de nove palmos, com a ponta também de osso, ou de madeira muito dura que, lavrada em forma de harpão, fica como garrocha, pendente daquele a quem fere; eles a seguram a esta com a mão direita, na qual têm a estólica pela parte inferior e, fixando-a no dente superior, a disparam com tal força e acerto, que a cinquenta passos não erram tiro. (66)

(66) Essa interessante arma dos Omaguas é descrita pelos cronistas portugueses com o nome de palheta, ou com o nome impróprio de balestilha. Alguns preferem essa designação estólica, usada pela primeira vez por Acuña. Parece ser o mesmo que os indios do Xingú chamam tribol. E' pena que nem Acuña nem Rodrigues Ferreira, que nos deixou uma estampa magnífica de um Cambeba usando a sua palheta, tivessem registado o nome que lhe dão os Cambebas, nem essa designação tribol se tenha generalizado.

Com estas armas pelejam, com estas flecham a caça, e com estas são senhores de qualquer pescado, por mais que se lhes queira esconder entre as ondas; e o que mais admira, com estas físgam as tartarugas, quando, fugindo de ser reconhecidas, só de quando em quando, e por um tempo muito breve, mostram a cabeça em cima das aguas, atravessando-lhes o pescoço, unico ponto em que, por estar livre das conchas, se pode fazer tiro.

Usam também para a sua defesa de escudos, que fazem de canas bravas, fendidas ao meio e tecidas apertadamente umas com as outras, que embora mais leves, não são tão fortes como as outras que já referi, de peixe-boi.

Algumas destas nações usam de arcos e flechas, armas que entre todas as demais é sempre respeitada, pela força e presteza com que ferem.

Abundam as ervas venenosas, de que fazem em algumas nações uma peçonha tão eficaz, que ervadas com ela as flechas, em chegando a tirar sangue, tiram juntamente a vida.

NUMERO XXXVIII

Seu comércio é pela agua, em canoas

Todos os que vivem às margens deste grande Rio estão congregados em grandes aldeias e, como Venezianos ou Mexicanos, todo o seu trato é por agua, em pequenas embarcações, que se chamam canoas; estas ordinariamente são de cedro, de que a Providência de Deus abundantemente os proviu, sem que lhes custe o trabalho de cortá-lo ou tirá-lo do monte, enviando-o pelas avenidas do Rio, que, para suprir a esta necessidade, o arranca das mais distantes Cordilheiras do Perú, e o põe às portas de suas casas, onde cada qual escolhe o que mais à conta lhe parece.

E é de admirar, vendo que entre tanta infinidade de Indios cada qual necessita, pelo menos para sua família, de um dois paus, dos quais lavra uma ou duas canoas, como de facto as tem, a nenhum lhes custa mais trabalho que chegando à margem, deitar-lhe um laço quando vai passando, e amarrá-lo aos umbrais de suas portas, onde fica preso, até que, havendo já baixado as aguas, e applicando cada qual a sua indústria e trabalho, lavra a embarcação de que tem necessidade.

NUMERO XXXIX

As ferramentas que usam

As ferramentas de que se utilizam para trabalhar, não só as suas canoas, mas também as suas casas e o mais de que hão mistér, são machados e enxós, não temperados por bons officiais nas ferrarias de Viscaia, mas forjadas nas frágoas de seus entendimentos, tendo por mestra, como em outras coisas, a necessidade. Esta lhes ensinou a cortar no casco mais duro da tartaruga, que é a parte do peito, uma prancha de um palmo de comprimento e pouco menos de largura, que curada no fumeiro, e afiada numa pedra, é presa num cabo, e com ela, como bom machado, embora não com tanta presteza, cortam o que desejam.

Deste mesmo metal fazem as suas enxós, servindo-lhes de cabo para elas uma queixada de peixe-boi, que a natureza formou com a sua volta, de propósito para tal fim.

Com estas ferramentas lavram tão perfeitamente, não só as suas canoas, mas também mesas, táboas, assentos e outras coisas, como se tivessem os melhores instrumentos de nossa Espanha.

Em algumas nações são êstes machados de pedra trabalhada a poder de braços, que adelgaçam de modo que, com menos receios de quebrar-se, e mais depressa que com os outros de tartaruga, cortam qualquêr árvore, por grossa que seja.

Seus escopros, goivas e cinzeis para obras delicadas, que as fazem com grande primor, são dentes e colmilhos de animais, os quais encabados em seus paus, não fazem menos bem o seu officio que os de fino aço.

Quasi todos teem em suas provincias algodão, uns mais, outros menos; mas nem todos dele se aproveitam para vestir-se, mas antes quasi todos andam nús, tanto os homens como as mulheres, sem que a vergonha natural os vexa, a não querer parecer que estão no estado de inocência.

NUMERO XL

Dos seus ritos e Deuses que adoram

Os ritos de toda esta Gentilidade são quasi em geral os mesmos; adoram Idolos que fabricam com as suas mãos, attribuindo a uns o poder sobre as aguas, e assim lhes põem por divisa um peixe na mão; a outros escolhem por donos das lavouras e a outros por protectores de suas batalhas.

Dizem que estes Deuses desceram do Céu, para acompanhá-los e fazer-lhes bem: não usam de nenhuma cerimônia para adorá-los, mas antes os têm esquecidos a um canto até ao momento em que necessitam deles: assim, quando têm de ir à guerra, levam na proa das canoas o Idolo em que depositam as esperanças de vitória; e quando saem a fazer as suas pescarias, deitam a mão àquele a quem entregaram o domínio das aguas; mas nem em uns nem em outros fiam tanto, que não reconheçam possa haver outro maior.

Deduzo isto do que nos succedeu com um destes bárbaros, se bem que êste não o mostrava ser na grandeza do seu discurso; o qual havendo ouvido algumas coisas do poder do nosso Deus, e visto por seus olhos que, subindo rio acima o nosso exército, e passando por meio de tantas nações tão belicosas, voltava sem sofrer nenhum dano, o que, julgava, era força e poder do Deus que o

dirigia, veio com grandes âncias pedir ao Capitão Mór, e a nós, que em pagamento da hospedagem e bom agasalho que nos fazia, não queria outra mercê, senão que lhe deixássemos ali um Deus dos nossos, que como tão poderoso em tudo, o conservasse e aos seus vassallos em paz e com saúde, e igualmente lhes pudesse acudir com o necessário mantimento de que necessitavam.

Não faltou quem o quizesse consolar, deixando em sua aldeia arvorado o Estandarte da Cruz, coisa que costumavam fazer os Portuguezes entre os Gentios, não com zelo tão bom como a ação em si parece mostrar, servindo-lhes o Santo Madeiro, erguido como elevado símbolo, de capa para encobrir as suas maiores injustiças, como são os contínuos cativeiros dos pobresinhos Indios, que, como a mansos cordeiros, levam em rebanhos para as suas casas, para vendê-los a uns e servir-se com rigor dos outros.

Levantam pois os Portuguezes, como digo, a Santa Cruz, e em paga do bom acolhimento que os naturais lhes fazem em suas aldeias, a fixam no mais alto do lugar, dizendo-lhes que a devem conservar sempre intacta; succede por acaso, ou que a Cruz tenha caído com o tempo e se desfeito, ou que maliciosamente eles, por ser Gentios e não reconhecer estima nela, a derrubaram: com o que logo lhes dão os Portuguezes a sentença, e os condenam a todos os daquela aldeia como escravos perpétuos, não só durante a sua vida, mas para todos os seus descendentes.

Por este motivo não consenti que se levantasse a Santa Cruz, e juntamente por não dar ao bárbaro, que nos pedia um Deus, ocasião de idolatrar, attribuindo àquele madeiro o poder e Divindade do que nele nos redimiu.

Entretanto o consolei com assegurar-lhe que o nosso Deus sempre lhe faria companhia, que lhe pedisse aquilo de que necessitasse, e tivesse confiança nele, que um dia o traria ao seu verdadeiro conhecimento.

Bem persuadido estava êste Indio de que não eram os seus Deuses os mais poderosos da terra, pois queria livremente que lhe deixassem outro maior, a quem obedecer.

NUMERO XLI

Um Indio se fazia Deus

Do mesmo parecer que o anterior, mas de maior malícia, se mostrou outro bárbaro, o qual, não reconhecendo poder nem Divindade em seus ídolos, ele próprio se fazia Deus de toda aquela terra.

Tivemos dêste notícia algumas léguas antes de chegar à sua habitação, e mandando-lhe a nova de que traziamos conosco o verdadeiro Deus, e mais poderoso que ele, lhe pedimos que nos esperasse quieto.

Assim o fez, e apenas chegaram as nossas embarcações a fundear em suas praias, quando, ancioso de saber do novo Deus, saiu em pessoa a perguntar por ele.

Mas embora se lhe declarasse quem era, como o não pode ver com os seus olhos, ficou em sua cegueira, fazendo-se filho do Sol, aonde afirmava ir em espírito todas as noites para melhor dispôr no dia seguinte do Governo universal que lhe incumbia.

Tal era a malícia e soberba deste bárbaro.

Melhor discurso e entendimento mostrou outro quando, interrogado por que motivo, estando os seus companheiros retirados no monte, receosos da aproximação dos Espanhois, só ele, com alguns de seus parentes vinha tão sem temor meter-se em suas mãos.

Respondeu que considerava que dessa gente que havia subido uma vez por meio de tantos inimigos, e tornava a descer sem nenhum prejuizo, poderiam seus homens, como senhores de todo este grande Rio, voltar uma e muitas vezes a navegá-lo e examiná-lo; e que havendo de ser assim, não queria andar sempre sobressaltado dentro de casa, mas vir logo de bom grado reconhecer por amigos aos que os outros teriam de receber à força.

Bom discurso, e que a Divina Magestade permitirá que um dia vejamos posto em execução.

NUMERO XLII

Dos feiticeiros que há

Proseguindo com o fio de nossa história e voltando aos ritos destas Nações: é para notar a grande estima em que todos teem aos seus feiticeiros, não tanto pelo amor que lhes demonstram, como pelo receio em que sempre vivem dos danos que lhes podem fazer. Teem para usar de suas superstições e falar com o demônio, o que lhes é muito ordinário, uma casa que só para isto serve, onde com certo grau de veneração, como se fossem relíquias de Santos, vão recolhendo todos os ossos dos feiticeiros que morrem, ossos que conservam pendurados no ar, nas mesmas redes em que dormiam em vida. Estes são os seus Mestres, seus pregadores, seus conselheiros e seus guias; a eles recorrem em suas dúvidas, para que os esclareçam, e deles necessitam em suas maiores inimizades, para que lhes dêem ervas venenosas com que tomar vingança dos seus inimigos.

No enterrar os seus defuntos mostram diferenças, porque uns os conservam dentro de suas próprias casas, tendo sempre em todas as ocasiões presente a memória da morte, que se com êste fim o fizessem, as teriam sem dúvida mais ajustadas; outros em grandes fogueiras não só queimam os cadáveres, como tudo o que em vida possuíram. E tanto uns como os outros celebram as suas exéquias por muitos dias com prantos contínuos, interrompidos com grandes bebedeiras.

NUMERO XLIII

São estes Indios de natural manso

São em conjunto todos estes Genticos de boa disposição, bem encarados e de côr não tão tostada como os do Brasil, tccm bons entendimentos e rara habilidade para qualquer trabalho manual.

São mansos e de natural dócil, como se verificava com os que às vezes vinham ao nosso encontro, que com grande confiança conversavam, comiam e bebiam entre os nossos, ssm nunca reccar-se de nada.

Davam-nos as suas casas para morar, recolhendo-se todos juntos em uma ou duas das maiores da aldeia; e com receber infinitos agravos de nossos Indios amigos, sem que fosse possível evitá-los, nunca correspondiam com más obras.

Tudo isso junto com a pouca afeição por tudo que toca ao culto dos seus deuses, como o demonstram, prometem grandes esperanças de que, se lhes dessem notícia do verdadeiro Creador dos Céus e da terra, com pouca dificuldade abraçariam a sua Santa Lei.

NUMERO XLIV

Trata-se especialmente das coisas do Rio e de suas entradas

Falei até aqui, em geral, de tudo o que toca a este grande Rio das Amazonas. Já é ocasião de ir descendo em particular a declarar as suas entradas, dizer quais os seus portos, averiguar das aguas de que se alimenta, desentranhar as suas terras, assinalar as suas alturas, notar as propriedades de suas nações e finalmente não deixar coisa digna de saber-se, que, como testemunha de vista e pessoa enviada por sua Magestade para só-zinho inquirir de tudo, poderei, talvez melhor que os outros, dar razão, com bastantes fundamentos, do que tomei a meu cargo.

Não trato aqui da principal entrada deste Rio pelo mar Oceano nas costas do Grão Pará que essa, já há muito tempo, como conhecida e caindo debaixo da linha Equinocial nos últimos confins do Brasil, é percorrida e sabida de todos os que querem navegar naquelas paragens.

Nem tão pouco faço menção, de propósito, daquella por onde o tirano Lope de Aguirre saiu em frente da Trindade, por ser ella transversal, e que directamente não se entra por ella neste Rio, senão que tendo a outras por mãe principal, de lance em lance, se vem a dar em braços, que dele derivam a sua origem.

Só é meu intento tirar a limpo e assinalar com o dedo todas as portas por onde, das bandas do Perú, podem os moradores daquelas Conquistas ter entrada certa para este grande Rio: ao qual, como já disse, por uma e outra banda de suas margens vem ter grande número de outros caudalosos, por cujas correntes, quem as seguir, forçosamente virá a ter a esta principal; mas como não se sabe com certeza de que cidades ou províncias trazam suas nascentes, não se pode tratar coisa segura de suas entradas.

Mas o poderei fazer de umas oito, em que nenhum conhecedor daquelas terras poderá achar dificuldade: tres destas para o lado do novo Reino de Granada, que está ao Norte deste Rio; do lado do Sul veremos outras quatro, e uma debaixo da mesma linha Equinocial.

NUMERO XLV

De tres entradas que há pelo novo Reino

A primeira entrada que, pela parte que dá para o novo Reino de Granada, está descoberta para este immenso pélagos de aguas doces, é pela provincia de Micóá, que pertence ao Governador de Popayan; seguindo as correntes do grande rio Caquetá, que é o dono e senhor de todas as vertentes que lhe chegam de parte de Santa Fé de Bogotá, Timaná e o Caguan, e muito afamado entre os naturais, pelas grandes Provincias de Gentios que vivem às suas margens.

Este Rio tem muitos braços por dilatadas Nações, e tornando a incorporá-los no principal, forma grande quantidade de ilhas, todas habitadas de infinitos bárbaros. (67)

Corre sempre pelo rumo do das Amazonas, acompanhando-o, embora de longe, e lançando nele, de vez em quando, alguns braços, cada um dos quais bem poderia ser corpo de qualquer outro caudaloso Rio; até que, recolhendo todas as suas forças, na altura de quatro graus, peito por terra se lhe entrega. Por um destes

(67) O rio Caquetá ao receber o Apaporis penetra em territorio brasileiro, sendo aí conhecido pelo nome de rio Japurá ou Iapurá. Em sua parte inferior dá ele uma série de *furos* para o Solimões, formando uma rica rede de canais e lagos, confundindo-se as aguas dos dois rios a partir do furo Auatiparaná, sendo pouco precisa a sua foz.

braços que mais se avizinha da Provincia das Aguas, de cabeça chata, é por onde se há de sair para gozar das grandezas do nosso grande Rio das Amazonas, porque sucederá, a quem se deixe levar pelos que mais se inclinam para a banda do Norte, o que aconteceu há anos passados ao Capitão Fernão Perez de Quesada, que, tendo entrado por este rio com trezentos homens, e deixando-se levar para a parte de Santa Fé, deu na Provincia do Algodonal, e mesmo indo com tal reforço de gente, foi obrigado a retirar-se com mais pressa do que a que tinha levado na entrada.

A segunda porta, que podemos assinalar a este Rio pela parte do Norte, é pela cidade de Pasto, jurisdição também do Governo de Popayan, de onde, atravessando a Cordilheira com alguns inconvenientes de mau caminho e a pé, que a cavallo é impossivel, chegando ao Putumayo, e navegando Rio abaixo, se virá a sair no das Amazonas, à altura de dois graus e meio, a tresentas e trinta léguas do Porto de Napo. (68)

Por este mesmo caminho, saindo, como disse, da cidade de Pasto, e, passada a Cordilheira, aproximando-se dos Lucúmbios, que não estão muito longe do Rio, chamado Aguarico, por outro nome Rio do Ouro, se pode sair por ele a este principal, quasi debaixo da linha, no princípio da Provincia dos Encabellados, que é a noventa léguas do dito porto de Napo.

E esta é a terceira entrada que se pode tentar pela parte do Norte. (69)

(68) O rio Içá ou Putumaio vem lançar-se no Amazonas antes do Japurá, sendo pequeno o seu percurso em território brasileiro.

(69) Acuña vai descrevendo as tres entradas do Amazonas de Norte para o Sul, tratando por isso, em ultimo lugar do rio Aguarico (de aguas ricas) assim chamado pelos conquistadores por transportar muito ouro de aluvião, sendo também chamado rio do Ouro.

NUMERO XLVI

Outras entradas

A porta para este grande rio, que está debaixo da Equinocial, cai no Governo dos Quixos, mais próxima de Quito, na cidade dos Cofanes, de onde, pelo rio da Coca, logo se colhe o canal principal do nosso das Amazonas, embora, pelas muitas correntes que traz, até encontrar-se com o de Napo, não é tão boa a navegação como será pelas outras partes que participam a banda do Sul. (70)

A primeira de todas, embora não seja a melhor, é pela cidade de Ávila, no mesmo Governo dos Quixos, de onde, com tres dias por terra, se vem a dar no rio Payamino, pelo qual a Armada Portuguêsa saiu a aportar na jurisdição de Quito.

Desemboca este rio entre o Napo e o Coca, naquella paragem que chamam as Juntas dos Rios, a vinte e cinco léguas do porto de Napo.

Abrimos a esta mesma Armada, para a volta de sua viagem, uma porta melhor que a que havia descoberto na subida, com muito trabalho e perdas: que é pela cidade de Arquidona, também no Governo dos Quixos e jurisdic-

(70) Esse rio da Coca, pequeno afluente do Napo, é o primeiro que aparece no mapa de Bento da Costa, formando uma forquilha com o rio Paiamino, do qual não refere o nome, mas onde há essa indicação: "Por aqui saiu a armada portuguêsã".

ção de Quito, donde com um só dia de caminho, a pé por ser inverno (que em tempo de verão podia ser feito a cavallo) demos no porto de Napo, rio caudaloso e no qual os moradores de todo aquele Governo tem depositado o seu tesouro, tirando de suas margens, todos os anos, o ouro de que necessitam para os seus gastos.

E' muito abastecido de peixe e suas ribeiras de caça, com boas terras, que agradecidas a pouco trabalho dos lavradores, rendem transbordantes frutos.

E é este o principal caminho por onde, com maior comodidade e menos trabalho, poderão descer ao rio das Amazonas todos aqueles que, pela provincia de Quito, o queiram navegar.

Porque, embora por lá se diga que, perto da aldeia de Ambato, que está a dezoito léguas da cidade de Quito, a caninho do rio Bamba, há entrada para um rio que sai neste principal, se não a impede algum salto que haja nas correntes, é muito adequado este vale para vir a sair para o dito rio, setenta e sete léguas abaixo do porto de Napo, com o que se economisar^á todo o caminho dos Quixos.

NUMERO XLVII

Outras entradas a este Rio

Pela parte da Provincia de Macas, que cai debaixo da mesma jurisdicção e Governo, de cujas serras desce o rio Guraray, seguindo a sua caudal, se pode também sair ao das Amazonas, na altura de dois graus, a cento e cincoenta léguas do Napo, distância bem povoada de diferentes Nações. (71)

E é esta a sétima entrada deste Rio.

A oitava e última é por Santiago das Montanhas, provincia dos Maynas, terras banhadas por um dos mais caudalosos rios que pagam tributo ao das Amazonas, aí com o nome de Marañon e em sua foz, e em muitas léguas antes, de Tumburagua.

E' este Rio tal que, em mais de trezentas léguas, de onde aos quatro graus desagua no principal, se receia a sua navegação, tanto por sua profundidade como por suas precipitadas correntes. Mas com as grandes notícias dos muitos bárbaros que aí existem, maiores dificuldades são aplainadas pelos que zelam pela honra de Deus e bem das almas, em busca das quais nele entraram, em princípios do ano de mil seiscentos e trinta e oito, dois Religiosos da

(71) O rio Curaraí é mais importante que o rio Aguarico, indo desembocar também no rio Napo, mais a Léste.

minha Religião, pelos Maynas, dos quais tive muitas cartas em que não acabavam de enaltecer a sua grandeza e as inúmeras Províncias de que cada dia iam tendo maiores notícias.

Junta-se este Rio com o principal das Amazonas a duzentas e trinta léguas do porto de Napo.

NUMERO XLVIII

Rio de Napo

Tem sua origem este, tantas vezes por mim referido, Rio de Napo, nas fraldas de um páramo a que chamam de Antezana, que fica a dezoito léguas da cidade de Quito, e embora tão vizinho da linha, é de maravilhar que ele, como outros muitos que em várias Cordilheiras coroam aqueles povoados, sempre cobertas de neve, servem para abrandar o calor que, forçosamente, segundo afirma Santo Agostinho, a zona Tórrida havia de fazer aquelas terras inhabitáveis, ficando com este refrigério, das mais aprazíveis e temperadas de todo o mundo descoberto.

Corre este Rio de Napo, desde as suas nascentes, entre grandes penhascos, com o que não é navegável até que, no porto onde os moradores de Arquidona têm os ranchos dos seus Indios, mais humano e menos tumultuoso, consente sobre os seus ombros ordinárias canoas que servem ao tráfego e ainda por quatro ou cinco léguas não olvida o seu orgulho. Daí em diante, humilde, até incorporar-se com o Rio da Coca, que está a umas vinte cinco léguas, com muito fundo e grande serenidade, oferece boa passagem a melhores embarcações. Aí está a confluência dos rios onde Francisco de Orellana, com os seus, fabricou o barco em que navegou por este Rio das Amazonas.

NUMERO XLIX

Aqui mataram ao Capitão Palácios

A quarenta e sete léguas desta confluência, para a banda do Sul, está Anete, aldeia que pertenceu ao Capitão João de Palácios, morto às mãos dos naturais, como já dissemos.

E a dezoito léguas deste sitio desemboca, do lado do Norte, o rio Aguarico, bem conhecido, tanto por seu clima menos são, como pelo ouro que dele se tira, do que tomou também o nome de Rio do Ouro.

E em sua foz, de um e outro lado, principia a grande Província dos Encabelados, que, correndo pela banda do Norte por mais de cento e oitenta léguas, e gozando sempre das aguas que o grande Rio das Amazonas espraia por vastos lagos, desde as suas primeiras noticias acendeu ardentes desejos de submetê-la à toda a jurisdição de Quito, pela imensa multidão de Gentios de que está povoada. E de facto, em várias ocasiões, se começou a executar, embora a última, em que o intentava o Capitão João Palácios, lhe saísse tão mal como já vimos. (72)

(72) Estes índios, diz Maurício de Heriarte, são os "Icaguates, a que chamam os Encabelados por trazerem os cabelos mui compridos em demasia, que ás vezes lhe arrastam pelo chão, assim os homens como as mulheres, atados com cordas de moritim

aurea (?). Usam de milho, mandioca e chontas (?)". Segundo o mesmo autor os jovens não trabalham, tratando só "de fazer filhos para aumentar a sua geração". E continúa: "São estes índios de pouco valor. As armas são dardos de arremesso, adargas com que se cobrem, grandes lanças, feitas todas de pau. São grandes ladrões traidores. Seus instrumentos são tambores de pau, as casas pequenas, com as paredes de casca de árvores. Andam nós ainda que alguns tragam camisetas; as mulheres cobertas as partes vergonhosas com panos que fazem de uma estopa que tiram das árvores. São amigas de concertar a cabeça com fitas que fazem de moritim. São mui sujos em seu comer, e mais que todos os outros: dormem em redes de moritim e de tucum, feitas de diferentes modos que as dos mais índios do rio. Comem carne humana, são mui vingativos mas de pouco ânimo. Usam enterrarem-se em covas com todo o seu cabedal, que é bem pouco, por serem pobres e preguiçosos, o que tudo levam para servirem na outra vida. Põem-lhe de comer todos os dias na cova, dizem que para ter forças para andar, isto por espaço de um ano, e todos os mais deste rio fazem o mesmo: ao cabo do qual lhe pisam os ossos, e os queimam, e feitos cinza, os bebem eminhos, com o que tiram o dó".

NUMERO L

Aqui ficou a Armada Portuguêsa, Provincia dos Encabelados

Nesta Provincia, à boca do rio dos Encabelados, que fica vinte léguas abaixo da do Aguárico, onde ella tem o seu princípio, ficaram estacionados, por espaço de onze mêses, quarenta soldados da Armada Portuguêsa, e mais de trezentos Indios amigos, dos que levavam em sua companhia.

Embora em começo encontrassem boa acolhida nos naturais da terra e, em retribuição, deles recebessem os mantimentos necessários, não durou por muito tempo tanta confiança em peitos nos quais ainda fervia a sanha com que haviam derramado o sangue do Capitão Espanhol, e como este por seu lado também pedia vingança contra os seus agressores, receosos de que se lhes havia de castigar o seu atrevimento, por um nonada se alvorotaram, e matando tres dos nossos Indios, se puzeram em armas para defender suas pessoas e terras.

Não se descuidaram os Portuguezes, que como mal sofridos e pior acostumados a semelhantes liberdades dos Indios, quizeram logo pôr por obra o castigo desta revolta. Tomaram as armas, e com a sua coragem costumeira, cometeram de tal sorte que, com poucas mortes, apanharam vivas mais de setenta pessoas, a que mantiveram presas

até que, mortas umas e fugidas as outras, não ficou ninguém.

Posto neste estado o esquadrão Português, que, se quizesse comer, era obrigado a buscar das mãos do inimigo, ou perecer, determinaram fazer correrias terra a dentro, e por bem ou á força livrar-se desse vexame.

Entravam uns e os outros ficavam no Real, e tanto estes como aqueles não deixavam de ser molestados pelo inimigo que, reunindo os seus, acudia a fazer todo o dano que lhe era possível, como o fez em muitas embarcações, destroçando umas e fazendo em pedaços as mais frágeis.

E não foi este o maior dano que dele se recebeu, senão o que em suas emboscadas causavam aos nossos Índios, degolando os que puderam ter em mãos, embora pagassem com tresdobradas vidas dos seus as que tiraram aos nossos: castigo pequeno para os rigorosos que os Portuguezes costumam executar em semelhantes casos.

Os primeiros Espanhois que os descobriram, chamaram a estes Indios com o nome de Encabelados, pelos cabelos compridos que usam tanto os homens como as mulheres, e que em algumas passam dos joelhos.

Suas armas são dardos, sua habitação casas de palha, feitas com curiosidade, e seus mantimentos os ordinários de todo o Rio.

Mantêm contínuas guerras com as nações circunvizinhas, que são os Seños, Becabas, Tamas, Chufias e Rumos. (73)

(73) Essas inúmeras nações de gentios de que fala Acuña rapidamente, com a entrada dos *civilizados*, ou fugiram para o interior ou foram exterminadas, de modo que hoje é muito difícil, em alguns casos mesmo impossível, identificar essas tribus a que se refere o jesuita na sua narrativa. Destas várias nações circunvizinhas dos Encabelados já Heriarte apenas se refere aos Rombos (Rumos de Acuña), como sendo indios corpulentos, fortes e bem

Correm defronte desta província dos Encabelados, pela banda do Sul, as dos Auixiras, Iurufunes, Zaparas e Iquitos, que terminam encerrados entre as aguas deste Rio e o de Curaray, onde também ambos se convertem em um, que é a quarenta léguas dos Encabelados, a quasi dois graus de latitude. (74)

RIO TUNGURAGUA

A oitenta léguas de Curaray, da mesma banda, desemboca o famoso rio Tunguragua que, como já disse acima, baixava pelos Maynas com o nome de Marañon; faz-se de tal modo respeitar do das Amazonas, que, tendo este reunido todo o seu caudal, detém algumas léguas antes o seu curso ordinário, dando lugar a que aquele, espriado por mais de uma légua de boca, lhe entre a beijar a mão, pagando-lhe não só o tributo ordinário que cobra de todos, senão outro, muito abundante, de muitas qualidades de peixe, que até à boca deste rio não se conhecem no das Amazonas.

dispostos, de mulheres bem parecidas, “mais brancas que os outros índios. As armas são dardos de arremesso, e rodelas ou pavezes mui grandes, que fazem de couros de anta secos ao sol, que são fortísimos: apenas os passa uma bala de escopeta. Quando vão à guerra se armam com cortiça dos arvoredos. Andam nús. Seu mantimento é milho, caçaba e mandioca. Comem caça, que há por alí muita, para cujo efeito criam cães”.

(74) Conta Berredo que vinte léguas abaixo da foz do Aguarrico, nessa província dos Encabelados, fez Pedro Teixeira fundar uma povoação, “que também servisse de baliza aos Dominios das duas Coroas (de Castela e Portugal), conforme as instruções do seu regimento”, povoação a que chamou Franciscana. Com o ceremonial do costume, diz o escrivão: “...pelo que eu Escrivão tomei terra nas mãos e a dei na mão do Capitão Mór, e em nome de El Rei Nosso Senhor Felipe IV o houve por metido, e investido na dita posse pela Coroa de Portugal no dito sítio, e mais terras, rios, navegações e comércio”.

NUMERO LI

Província dos Aguas

Sessenta léguas mais abaixo de Tunguragua começa a melhor e mais dilatada Província de quantas encontramos em todo este grande Rio, que é a dos Aguas, chamados comumente Omaguas, nome impróprio que lhes puzeram, tirando-lhes o nativo, e ajustado à sua residência, que é a parte de fora, que isto quer dizer Aguas. (75)

(75) Sobre esses Aguas de Acuña já escreve Berredo: "Aos Cambebas chama o Padre Cunha (seguido também do Padre Samuel Fritz) Omaguaz ou Maguaz; é certo que equivocadamente por lhe trocar o nome pelo de outra nação". Os Cambebas, que por seu natural manso, se adaptaram ao contacto dos Europeus, são referidos por todos os viajantes e deles dá Alexandre Rodrigues Ferreira uma magnífica figura, e larga descrição. Maurício de Heriarte também aos mesmos se refere com pormenores. Diz ele: "Usam de muito tabaco e bom, que é o seu contrato. E' gente cuidadosa, trabalhadora e forte. Costumam andar vestidos com camisas e calções, a seu uso: as mulheres com mantas e camisões, em que mostram ser mais honestas que os mais índios do rio. São as mulheres grandes fiandeiras e tecedeiras. Fazem as roupas que vestem e muitas que levam por trato a outras províncias. Os corpos enterram, porquanto estes índios não comem carne humana, nem outro gênero de carne. Seu sustento é peixe-boi e de mais gênero de peixe, frutas e mandioca que se come crua, cozida e assada. Não usam de farinha senão de caçabe. Têm infinitos escravos que lhes fazem as lavouras nas margens do rio, com ferramentas de pedra e de casca de tartarugas. São estes índios mui feios por terem as cabeças chatas. São corpulentos,

Tem esta província mais de duzentas léguas de comprimento, continuando-se as suas aldeias tão a meude, que apenas se perde uma de vista e já se descobre outra.

Sua largura parece ser pequena, pois não passa da que tem o Rio, em cujas ilhas, que são muitas, e algumas muito grandes, têm as suas moradias; mas considerando que todas ou estão povoadas ou cultivadas, pelo menos para o sustento destes naturais, se poderá fazer uma idéa dos muitos Indios que vivem em tão dilatada distância.

Esta gente é a mais inteligente e de melhor governo que há em todo o Rio, proveito que lhes trouxeram os que estiveram, não há muitos anos, no Governo dos Quixos, de onde, forçados pelo mau tratamento que se lhes fazia, se deixaram vir rio abaixo, até encontrar com a força dos de sua Nação; e neles introduzindo algo que haviam aprendido com os Espanhois, lhes puzeram alguma disciplina.

Andam todos vestidos com decência, tanto os homens como as mulheres, as quais, do muito algodão que cultivam, tecem não só a roupa de que necessitam, como outra muita que lhes serve para o comércio com as Nações

fortes e tidos por todos por valentes e assim são temidos de todos os índios comarcãos. Governam-se por Principais nas aldeias; e no meio desta província, que é dilatada, há um principal, ou rei deles, a que todos obedecem com grandíssima sujeição, e lhe chamam Turucari, que quer dizer o seu Deus; e ele por tal se tem. As armas que usam são arcos, frechas e palletas, e lanças grandes com que vão dar guerra aos naturais da terra firme, e deles sacrificam alguns e dos mais se servem em suas lavouras. Conservam os naturais os dentes são e sem dor, com uma erva, que entre si têm, com que os untam. Fazem grandes canoas de cedro, em que vão dar guerra aos índios naturais da terra firme. Os instrumentos com que fazem suas festas, sacrificios e bailes, a que são muito inclinados, são trombetas de tristíssimo som, feitas de tabocas e uns tambores de pau cavado por dentro, e com uns paus cobertos de resina os tocam como atabales, que se ouvem muito longe”.

vizinhas, que estimam com razão o trabalho de tão hábeis tecelans; fazem panos mui vistosos, não só tecidos de diversas cores, mas pintados com estas com tal habilidade que é difficil distinguir uns dos outros.

São tão submissos e obedientes aos seus principais caciques, que estes não precisam mais de uma palavra para ver logo executado o que ordenam.

São todos de cabeça chata, o que causa fealdade nos varões, embora as mulheres melhor o encubram com o muito cabelo; e está neles tão apegado o uso de ter as cabeças achatadas, que desde que nascem os filhos, os metem na prensa, tomando-as pela frente com uma tábua pequena, e pela parte do cérebro com outra tão grande, que, servindo de berço, recebe todo o corpo do recém-nascido, o qual, posto de costas sobre esta, e fortemente apertado com a outra, fica com o cérebro e a frente tão planos como a palma da mão; e como estas aperturas não dão logar a que a cabeça cresça mais que dos lados, vem a desproporcionar-se, de modo que mais parece Mitra de Bispo mal formada que cabeça de pessoa.

Têm por uma e outra banda do Rio continuas guerras com as províncias estrangeiras, que, pela do Sul, entre outras, são os Curinas, em número tal, que não só se defendem da infinita multidão dos Aguas, como ainda sustentam as armas contra as demais nações que, pelo lado de terra, lhes dão continuados combates.

Pela banda do Norte tem estes Aguas por inimigos aos Teamas que, segundo boas informações, não são menos nem menos corajosos que os Curinas, pois também sustentam guerras com os contrários que tem pelo lado de terra.

NUMERO LII

Destino dos escravos que cativam

Servem-se estes Aguas dos escravos que cativam em suas batalhas para tudo o que precisam, tomando-lhes tanta afeição, que com eles comem num prato, e pedir-lhes que os vendam é coisa que lhes dá muito pesar, como por experiência o vimos em muitas ocasiões.

Chegávamos a uma aldeia destes Indios e eles nos recebiam não só em paz, mas com danças e provas de grande regozijo, com grande liberalidade oferecendo para o nosso sustento tudo o que tinham.

Compravam-se-lhes panos, tecidos e pintados, que com vontade davam; tratavam da venda das canoas, que são os ligeiros cavalos em que andam, e sempre saíam satisfeitos.

Mas em falando nos escravos e apertando-os para que os vendessem, *hoc opus hic labor est*, aqui era o descompadrear, aqui o entristecer-se, aqui as traças de ocultá-los, e aqui o procurar-se safar de nossas mãos; mostras certas de que mais os estimam e mais sentem vendê-los que desfazer-se de tudo o mais que possuem.

E ninguem diga que o não quererem vender os Indios aos seus escravos, nasce de os ter para comer em seus banquetes; que é um dito com muito pouco fundamento, inventado pelos Portuguezes, que andam metidos nesta

aleivosia e com isto querem desculpar a sua injustiça. Porque ao menos nesta Nação tudo averigui de dois Índios dos que tinham subido com os mesmos Portuguezes, e eram naturais do Pará, os quais, fugidos de Quito, vieram a ser escravos dos Aguas, com os quais estiveram oito mêses, e foram a algumas guerras em sua companhia: tempo bastante para conhecermos seus costumes.

Estes asseveraram que nunca os tinham visto comer os escravos que traziam. O que costumavam fazer com os mais principais e valentes, era matá-los em suas festas e reuniões gerais, receando maiores danos, se os conservassem com vida, e, arrojando os corpos no Rio, guardavam como troféu as cabeças em suas casas, que eram as que por todo o caminho vínhamos encontrando.

Não quero com isto negar que há neste Rio gente Caribe, que em certas ocasiões não tem horror de comer carne humana.

O que quero persuadir, é que não há em todo ele açougues públicos, nos quais todo o ano se pesa carne de Índios, como o propalam os que, a pretexto de evitar semelhante crueldade, usam com eles de uma ainda maior, fazendo com seus rigores e ameaças escravos aos que não o são.

NUMERO LIII

Sítio frio onde se poderá colher trigo

A cem léguas, pouco mais ou menos, das primeiras povoações destes Aguas (que caem tres graus da Equinocial) e vêm a ser o coração desta dilatada Província, chegamos a uma aldeia onde estivemos tres dias, com tanto frio, que os nascidos e criados nas terras mais frias de Espanha, tivemos necessidade de juntar roupa à ordinária.

Causa admiração tão repentina mudança de temperatura, e perguntando aos naturais se aquilo era coisa extraordinária naquela povoação, me asseguraram que não, porque todos os anos, durante tres luas, que assim contam eles, e é o mesmo que dizer tres menses, experimentavam aqueles frios, e que, conforme o que afirmaram, são os de Junho, Julho e Agosto. Mas eu, ainda não bem satisfeito com o que me diziam, quiz com melhor fundamento fazer inquisição da causa de frio tão penetrante, e achei que era uma grande serra, ou páramo, que da banda do Sul e terra a dentro está situada, pela qual passam os ventos todos aqueles tres menses, e gelados pela força das neves de que está coberta, causam tais efeitos na terra circunvizinha.

E sendo isto assim, não há dúvida de que neste sítio se dará trigo muito bom, e todas as demais sementes e frutas que produz a comarca de Quito que, embora situada debaixo da linha, semelhantes ares, passados por novos cerros, a habilitam a tais maravilhas.

Rio Putumayo e nações que há nele e no Yetaú

A dezeseis leguas destas aldeias, da banda do Norte, desemboca o grande rio Putumayo, bem conhecido no Governo de Popayan, por ser tão caudaloso que, antes de desaguar no das Amazonas, entram nele trinta caudalosos rios: chamam-no os naturais destas paragens Uçá.

Desce das Cordilheiras de Pasto para o novo Reino de Granada, tem muito ouro e, segundo nos afirmaram, está povoado de Gentios, por cuja causa se retiraram com alguma perda os Espanhois que por ele desceram há poucos anos.

Os nomes das Províncias que o habitam são: Yurunas, Guaricús, Yacariguaras, Pariannas, Ziyus, Atuais, Cunas, e os que mais em seu começo, de um e outro lado o povoam, como senhores deste Rio, são os Omaguas, aos quais os Aguas das ilhas chamam Omaguasyetê, o que quer dizer Omaguas verdadeiros. (76)

A cincoenta léguas desta boca, do lado contrário, encontrámos a de um formoso e caudaloso rio, que trazendo sua origem de perto de Cuzco, morre no das Amazonas à altura de tres graus e meio; chamam-no os natu-

(76) São estes Omaguas verdadeiros ou Omaguasietê de Acuña os Omaguas de Carvajal e de Heriarte. Monteiro de Noronha, em 1768, ainda refere, como vivendo nas margens do Putumayo, os Passé, Xomana, Miranda, Tumbira, Pirana, Içá, Tecuna e Cacatapirá.

rais Yetaú, e tem entre eles muito renome, tanto por suas riquezas como pela multidão de nações que sustenta, como são os Tipunas, Gunarús, Ozuanas, Morúas, Naunas, Conomonas, Marianas e os ultimos, que mais se avizinham dos Espanhois que povoam o Perú, são os Omaguas, que dizem ser gente riquíssima de ouro, que trazem, em grandes placas, pendentas das orelhas e narizes, e se não me engana a memória, segundo o que li na história do tirano Lope de Aguirre, era esta a provincia dos Omaguas, a cujo descobrimento ia Pedro de Orsua, enviado pelo Vice-rei do Perú, pela fama, que havia corrido, de seus muitos haveres. Mas o não encontrar-se com ela nasceu de que, tomando a sua entrada por um braço do Rio que sai algumas leguas mais abaixo, quando desembocou no das Amazonas, já ficavam estas Nações tão acima, que lhe foi impossivel voltar a elas, receoso do ímpeto das correntes, e principalmente pelo pouco prazer com que seus soldados hesitavam.

Este rio Yetaú é muito rico em pesca e caça e, segundo as informações dos seus habitantes, por ele se pode navegar com facilidade, por ser de sufficiente fundo e as suas correntes moderadas. (77)

(77) No mesmo roteiro de Monteiro de Noronha, vemos que esse capitão-mor ainda encontrou, em 1768, nas margens do Jutai (o Yetaú de Acuña) os Papajana, Uraicú e Marauá.

NUMERO LV

Fim da Província dos Aguas e do rio Cuzco

Seguindo o curso de nosso Rio principal, demos às quatorze léguas, na ultima aldeia da dilatada província dos Aguas, que acaba em um lugar muito populoso e de muitos soldados, que como primeira força, por esta parte resistem ao ímpeto dos seus inimigos, dos quais no espaço de cincoenta e quatro léguas, nenhuns povoam as margens deste rio, de modo que dele se avistem os seus ranchos, mas um pouco retirados para dentro, em Terra-firme de onde, por pequenos braços, saem a buscar o de que necessitam.

Estes são da banda do Norte os Curis e Gusrabas, e da do Sul Cachiguarás e Tucuriys. Mas embora não pudéssemos avistar a estas Nações, como digo, demos com a boca do Rio que com razão podemos chamar do Cuzco, pois segundo um regimento desta navegação, que vi de Francisco de Orellana, está Norte-Sul com a mesma cidade de Cuzco. Entra no das Amazonas em cinco graus de altura, e às vinte e quatro leguas da ultima aldeia dos Aguas. Chamam-no os naturais Yuruá. e essa aldeia, estendendo-se até as suas margens, fica como isolada entre os dois Rios. E é este por onde Pedro de Orsua desceu do Perú, se a minha fantasia não me engana.

NUMERO LVI

Província onde se achou ouro

Vinte e oito léguas mais abaixo do rio Yuruá, na mesma banda do Sul, em terra de altíssimas barrancas principia a mui povoada nação dos Curizaris, que, seguindo sempre uma das margens, se estende por espaço de oitenta leguas, tão continuadas as suas aldeias, que mal se passavam quatro horas sem de novo encontrar outras e, às vezes, durante todo um meio dia não cessávamos de mirar os seus ranchos.

Encontrávamos a maioria destas sem gente, que com falsas novas de que vínhamos destruindo, matando e escravizando, quasi todos se tinham retirado para os montes, além do que eles são de seu natural mais esquivos que outros quaisquer deste Rio.

Entretanto não mostram menos governo e policia, como se pode observar, tanto pelos muitos mantimentos de que estavam prevenidos, como também pelos móveis de suas casas, que para o beneficio das coisas tocantes à vida eram dos melhores de todo o Rio.

Teem nas barrancas, onde moram, barro muito bom para toda qualidade de vasilhas, e, aproveitando-se dele, fazem grandes olarias, nas quais fabricam talhas, panelas, fornos onde cozem as suas farinhas, caçarolas, jarros, alguidares e até sertans bem feitas, tendo tudo isto prevenido para comércio com as outras Nações que, obri-

gadas pela falta que sentem destes gêneros em suas terras, vêm fazer grandes carregamentos deles, recebendo em pagamento as coisas de que estes precisam. (78)

À primeira aldeia desta Nação, vindo Rio abaixo, chamaram os Portuguezes, na subida, aldeia do Ouro, por nela terem encontrado e comprado algum, que em pequenas lâminas os Indios traziam pendentes dos narizes e orelhas, que foi tocado em Quito e se achou ser de vinte e um quilates.

Como os naturais viram a cubiça dos soldados, e que tão a peito se tomava fazer diligência para que lhes entregassem mais daquelas plaquinhas, logo as recolheram todas, sem que apparecesse mais nenhuma, o que também se observou na volta.

De modo que, embora vissemos muitos Indios, só um trazia duas nas orelhas, bem pequenas, com as quais fiz escambo.

(78) Mauricio de Heriarte assim se refere ao rio do Ouro: "Nessa província está um rio a que chamam o rio do Ouro, por dizerem os índios que por ele abaixo vinham pedaços pequenos de ouro. E' pequeno e povoado de uma nação de índios Iguanais, gente muito bem disposta, algum tanto branca, e de boas feições, e tem boa quantidade de aldeias ainda que pequenas. Tem estes contrato de louça que levam a vender a outras partes. As armas destes indios são palhetas, frechas e dardos de remesso ervados. Criam quantidade de galinhas. Vivem quietos por estar sós neste rio e não haver nele outra nação que lhes dê guerra".

NUMERO LVII

Minas de Ouro

Na subida da Armada não se poude averiguar com fundamento coisa alguma de quantas se encontraram neste Rio, porque nunca tiveram linguas, com os quais pudessem fazer indagações, e se de algo pareceu aos Portuguezes que poderiam dar conta, era do que por sinais tinham entendido, as quais eram tão incertas, que cada qual as applicava ao que tinha em seu pensamento.

Tudo isto cessou na volta, querendo Nosso Senhor favorecer a esta jornada, com provê-la de ordinário de bons linguas, por meio dos quais se averiguou tudo o que se contém nesta relação.

A que a mim me deram das minas de onde se tirava este ouro é a que aqui direi.

Defronte desta aldeia, um pouco mais acima, da banda do Norte, entra um rio chamado Yurupazi, subindo pelo qual, e atravessando em certa paragem por terra tres dias de caminho até chegar a outro que se chama Yupurá, por ele se entra no Yquiari, que é o rio do Ouro, onde do pé de uma serra que ali está o tiram os naturais em grande quantidade; e este ouro é todo em pontas e grãos de bom tamanho, dos quais formam, à força de batê-los, as placas que, já disse, penduram das orelhas e narizes.

Os naturais que traficam com os que tiram este ouro se chamam Managús, e os que habitam o Rio e se

ocupam em tirá-lo, Yumaguaris, que quer dizer tiradores de metal; porque Yuma é o metal, e Guaris os que o tiram, e chamam a qualquer metal com este nome geral de Yuma, e assim para qualquer ferramenta das nossas, como eram machados, machetes e facas, usavam deste mesmo vocábulo Yuma.

Difícil parece a entrada a estas minas, pelos inconvenientes que mostra em mudar de rios e abrir caminhos por terra, e assim não me satisfiz até descobrir outra mais fácil, de que adiante diremos.

NUMERO LVIII

Usam orelhas e narizes furados

Todos estes bárbaros estão nus, tanto homens como mulheres, sem que lhes sirva a sua riqueza mais que de um pequeno atavio com que adornar orelhas e narizes, que quasi todos trazem furados, e nas orelhas são tais que a muitos lhes cabe o punho pelo buraco, que na parte de baixo, onde costumam pender os brincos, trazem occupado por um maço de folhas apertadas.

Pelo lado da frente de todas estas aldeias altas, é terra chan e fechada, assim de outros rios como dos braços que o Caquetá estende por suas margens, que isolada em grandes lagos corre por muitas léguas, até que todos incorporados no Rio Negro se juntam com o principal.

Estas ilhas estão povoadas por muitas nações, mas a que mais se estende, por ser a mais populosa, é a dos Zuanas.

NUMERO LIX

Entrada para as minas de ouro

A quatorze leguas desta aldeia, que chamamos do Ouro, da banda do Norte, sai a boca do rio Yupurá, que é por onde se entra no do Ouro e esta é a mais segura e direta entrada para chegar com brevidade a avistar a terra que tão liberal oferece os seus tesouros.

A altura da boca deste rio é de dois grãos e meio, como é também a de uma aldeia que, quatro leguas mais abaixo, da banda do Sul, está situada sobre uma grande barranca, no desembocar de um caudaloso e claro rio que os naturais chamam Tapi, e tem em suas margens imensa multidão de Gentios que se chamam Paguanas.

São todas estas terras que, como disse, por espaço de oitenta leguas ocupa esta Nação dos Curuziraris, muito altas, de lindas campinas e ervas para o gado, arvoredo não muito cerrado, lagos abundantes e que prometem muitas e boas comodidades aos que as povoarem.

NUMERO LX

Lago Dourado

Vinte léguas abaixo do rio Tapi, desagua no das Amazonas o Catuá que, formando na boca um grande lago de aguas verdes, tem as suas origens a muitas léguas de terra adentro, da banda do Sul, com suas margens tão povoadas de Bárbaros como todas as demais, posto que lhe leve vantagem, pelo número de diversas Nações, um outro rio, que com o nome de Araganatuba, seis léguas mais abaixo desagua da parte do Norte, pelo qual também comunica o Yapurá, de que falámos.

Chamam-se estas nações Yaguanais, Mucunes, Mapiarús, Aguaynaús, Hutrinas, Mariarús, Yamaruas, Terrús, Yiguiyas, Guanapuris, Piras, Mopiritús, Ignaranís, Aturiaris, Magaguas, Mafipias, Guayacaris, Anduras, Caguaraús, Maraymumas e Guanibis. (79)

Entre estas nações, que todas são de diferentes linguas, segundo as noticias que se tem pelo novo Reino de Granada, está o desejado Lago Dourado, que tão inquieto traz o espírito de toda a gente do Perú. Não o afirmo com certeza, mas um dia permitirá Deus que saia-

(79) O roteiro de Monteiro de Noronha, de 1768, ainda cita as seguintes tribus ou nações: Pela margem esquerda os Maria-rana, Uepuri, Poiana, Coeruna, Gepuá, Caratú, Jueruna, Mariaia, Araruá, Periatí, Miranha, Caniari, Japurá e Macú; e pela margem direita os Marauá, Caiuucena, Pariana e algumas outras.

mos desta perplexidade. E não a haja com o nome de um Rio que desemboca da banda do Norte, a dez e seis léguas da Araganatuba, e se chama como ele, devendo-se deduzir que ambos são um só, que por dois braços distintos desagua no das Amazonas. A vinte e duas léguas desse último braço termina a populosa e rica nação dos Curuziraris, povoadores de um dos melhores pedaços de terra que encontrámos em todo este Rio.

NUMERO LXI

Provincia de Yoriman

Duas léguas mais abaixo começa a mais conhecida e belicosa Nação de todo o rio das Amazonas, e que, em sua primeira entrada, atemorizava a Esquadra Portuguesa: — a de Yoriman. Está da banda do Sul, ocupando não só a terra firme de suas margens mas também grande parte de suas ilhas. Embora não conte se não pouco mais de sessenta léguas de extensão, como se aproveita das ilhas e terra-firme, é tão sobrada de gente que em parte alguma vimos reunidos mais bárbaros do que nela. São comumente mais bonitos e de porte mais gracioso que os outros. Andam nús, e logo se percebe que confiam no seu valor, pois com grande segurança entravam e saíam do nosso acampamento, vindo todos os dias ao Real mais de duzentas canoas cheias de meninos e mulheres, com frutas, peixes, farinhas e outras coisas que trocávamos por avelórios, agulhas e facas.

Está a primeira aldeia desta Provincia na foz de um cristalino rio, que mostra ser mui caudaloso pela força com que impele as aguas do principal. Estará sem dúvida, como todos os outros, mantendo em suas margens outras inúmeras nações, das quais não soubermos os nomes, por passarmos por sua boca sem parar.

NUMERO LXII

Uma aldeia de mais de uma légua de extensão

A vinte e duas léguas da primeira aldeia de Yorian está situada a maior que encontrámos em todo Rio, ocupando as suas casas mais de uma légua de extensão e como não vive em cada casa uma família só, como acontece ordinariamente em nossa Espanha, mas que pelo menos se abrigam debaixo de cada teto quatro ou cinco, e muitas vezes ainda mais, disso se poderá deduzir a multidão de toda esta aldeia, que nos esperou pacífica em suas casas, sem fugir ninguém, dando-nos todos os mantimentos que precisámos, e que já faziam falta ao exército.

Aqui estivemos cinco dias, durante os quais se fizeram para matalotagem mais de quinhentas fânegas de farinha de mandioca, com o que houve o que comer para todo o resto da viagem. Prossequimos esta, topando muito a meude com povoações desta mesma nação. Mas onde existe sua maior fôrça é trinta léguas mais abaixo, em uma grande ilha, cercada por um braço que arroja o rio principal, em busca de outro rio que lhe vem pagar tributo; e também pelas margens deste novo hóspede são tantos estes naturais que, com razão, mesmo que não seja mais que por sua quantidade, se fazem temidos e respeitados de todos os outros.

NUMERO LXIII

Rio dos Gigantes

Dez léguas adiante do rio referido termina a provincia de Yorinan; e passadas outras duas, desemboca na banda do Sul um famoso rio, que os Indios chamam Cachiguará.

É navegavel, embora em parte com algumas pedras; tem muito peixe, grande cópia de tartarugas, abundância de milho e mandioca, e todo o necessário para facilitar a sua entrada.

É povoado este rio por várias nações, que começando por sua foz, e continuando por ele acima, são as seguintes:

Os Cachiguarás, que tomam o mesmo nome do rio, Cumayaris, Guaquiaris, Cuyariyayanas, Curucurus, Quantanis, Mutuanis, e por fim e remate de todos estão os Curiguerês, que, segundo as informações dos que os tenham visto, e que se ofereciam para levar-nos a suas terras, são gigantes de dez e seis palmos de altura, muito valentes, que andam nus, trazem grandes argolas de ouro nas orelhas e nariz, e para chegar às suas aldeias são necessários dois mezes contínuos de viagem desde a boca do Cuchiguará. (80)

(80) Este rio dos Cuchiguarás ou dos Gigantes é, segundo Chandless, o Purús. Os Curiguerês, de que fala Acuña, pelas informações que lhe davam os indios ribeirinhos, são os mesmos Curiqueans, aos quais se refere igualmente o padre Simão de Vas-

Pelo das Amazonas abaixo, da banda do sul, ocorrem os Caripunás e Zurinas, a gente mais hábil, que há em todo ele, em trabalhos manuais. Sem mais ferramentas que as que eu citei acima, fazem bancos em forma de animais, com tanto primor, e tão apropriados para o descanso do corpo, que nem a comodidade nem o engenho os podia imaginar melhores.

Fazem estólicas, que são as suas armas, de madeiras muito bonitas, tão caprichadamente que com razão as cubiçam as outras nações.

E o que mais é, tiram de um tosco pedaço de madeira um Idolozinho, tão ao natural, que com eles teriam também que aprender muitos dos nossos Escultores.

E não só todas estas obras servem para seu entretenimento e comodidade, mas também lhes são de muito proveito, obtendo por elas, em troco, entre as outras nações, tudo que precisam.

concelos, em 1663, na sua *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, e que Olavo Bilac compara a muitos morubixabas atuais que “apesar do tempo e dos vernizes, se os não trazeis por beiços e narizes, os botoques guardais nas almas brutas”.

NUMERO LXIV

Rio Besururú e suas nações

A trinta e duas léguas donde desagua este rio Cuchiguará o faz, também da bando do Norte, um outro, chamado entre os naturais de Basururú, que dividido, pela terra adentro em grandes lagos, a tem toda partida em muitas ilhas, todas povoadas por infinitas nações.

São terras altas, e que nunca se anegam, por maiores que sejam as inundações; são muito fertéis em mantimentos, tanto de milho, mandioca e frutas como de caça e peixes, com o que os naturais vivem fartos e se multiplicam cada dia mais. (81)

Chamam-se em geral todas as nações, que habitam este dilatado rio, Carabayanas, e em particular as províncias, em que estão divididas, são as seguintes:

(81) Bernardo Pereira Berredo corrige a geografia do padre Acuña (cuja narrativa resume nos seus *Anais Históricos do Estado do Maranhão*), desde o Papurá até ao Negro nos dois parágrafos seguintes: “726. Quatorze léguas mais abaixo, dous graus e meio ao Norte da Linha, entra o Papurá, tão abundante de cacau como de baunilhas; quatro léguas ao sul, na mesma altura, o de Tefé (a que o padre Cunha dá nome de Tapy), povoados ambos de numerosa gentilidade; e vinte e seis léguas adiante, pela mesma banda, o rio Cuará, um dos mais caudalosos, que desembocam no das Amazonas; mas até agora se não tem navegado, respeitando-se sempre o grande poder do seu gentilismo, que se faz formidável.

“727. Pouco mais abaixo corre o Marmiá; e vinte e duas léguas da sua povoação, descansou cinco dias a nossa armada, na principal de todas, com tanta abundância de mantimentos, que se forneceu dos necessários para o resto da sua viagem com grande fortuna. Continuando pela parte do Norte fica o Cudajá; e na distância de quarenta e duas léguas, seguindo outra vez o rumo do Sul, entra também no das Amazonas o rio Yanapuary com es-

Caragoanas, Pocoanas, Vrayaris, Mafucaruanas, Quererús, Cotacarianas, Moacaranas, Yaribarus, Yariucaguacus, Cumaruruayanas e Curuanaris.

Usam estes Indios de arco e flecha; ha entre alguns deles ferramentas de ferro, como sejam machados, machetes, podões e facas. Perguntando com cuidado, pelos linguas, de onde lhes vêm, respondem que as compram dos naturais que por ali estão mais próximos do mar, aos quais as dão uns homens brancos como nós, que usam as nossas mesmas armas, espadas e arcabuzes, que na costa do mar teem sua residência e que só se distinguem de nós no cabelo, que todos os têm amarelos, sinais suficientes para podermos concluir com clareza que são os Holandêses, que para as bandas do Rio Doce, ou Felipe, há dias tomaram posse.

No ano de trinta e oito deram com copiosa força na Guiana, jurisdição do novo Reino de Granada, e não só se apoderaram dela, como foi tão improvisado que, não podendo os nossos tirar o Santissimo Sacramento, ficou cativo em mãos de seus inimigos que, como sabiam quão estimada é esta prenda entre os Católicos, esperavam por ela grande resgate, para o que se preparavam, quando saímos daquelas partes, boas companhias de soldados, que com ânimo cristão iam a dar as suas vidas para resgatar ao seu Senhor, com cujo auxílio sem dúvida se lograriam tão bons desejos.

paçosa boca de cristalinas aguas. Ao Cuarí chama o padre Cunha Catuá; ao Mamiá Yoriná; ao Cudajá Araganatuba; e ao último Cuxiguará (que o padre Samuel, na sua carta geográfica, nomeia Cuchiuará) todos tão abundantes de cacau como de tapuias”.

O rio Cudajá de Berredo ou Araganatuba de Acuña não é mais que um furo mais importante do Japurá ao Solimões, tendo em seu curso os lagos Amaná e Cudajá. O Ianapuarie de Berredo (o Cuchiguará a que já nos referimos na nota anterior) é o Purús. No roteiro de Monteiro de Noronha cita ele para o Coari os indios Catauixi e Juna (expulsos pelos Mura); no Purús ou Catauixi e Itatapiia, além dos Irizu e Tiari, já quase extintos.

NUMERO LXV

Rio Negro

Menos de trinta léguas completas abaixo de Basururú, do mesmo lado do Norte, na altura de quatro graus, sai ao encontro do das Amazonas o maior e mais formoso rio, que em mais de mil e trezentas léguas lhes presta vassalagem.

E tão poderoso em sua entrada, que é de légua e meia de largura, parece que se envergonha de reconhecer outro maior, e embora o das Amazonas, com todo o seu caudal, lhe deite os braços, não se querendo submeter, ombro com ombro, sem respeito algum, apossando-se da metade de todo o rio, o acompanha por mais de doze léguas, distinguindo-se claramente umas águas das outras, até que, não sofrendo o das Amazonas tanto arrogância, revolvendo-o em suas turvas ondas, o faz entrar no caminho e reconhecer por amo o que ele queria vassalar.

Chamaram os Portuguezes, e com muita razão, a este grande rio o Negro, porque em sua boca e muitas léguas para dentro, a muita profundidade que tem e a limpidez da água que para ele flue de imensos lagos, fazem parecer tão negras as águas profundas, como se

de propósito fossem tintas, embora fora do seu natural sejam cristalinas. (82)

Nas cabeciras faz o seu curso de Oeste para Leste, embora as voltas sejam tantas, que em distâncias muito curtas muda de rumo com frequência; o que traz por muitas léguas, antes de entrar no das Amazonas, é o de Poente pra Oriente. Chamam-no os naturais que o habitam — Curiguacurú.

Mas os Tupinambás, dos quais depois falaremos, lhe puzeram o nome de Uruna, que em sua lingua quer dizer agua negra.

Como também chamaram ao principal das Amazonas Paranaguacú, que significa rio grande, para distin-

(82) Do rio Negro e da sua comunicação com o Orinoco encontramos frequentes referências em todos os cronistas do Amazonas. Vemos que Acuña diz que Lopo de Aguirre por ela foi ter à ilha Margarita, onde encontrou a morte. Berredo escreve: "Sessenta léguas mais abaixo do Ianapuarí (o Purús atual), quatro graus ao Norte, desemboca o grande rio Negro (onde temos hoje uma fortaleza), comunicado já com outro caudaloso, chamado Branco (que confina com Suriname, Colônia Holandêsa) povoados ambos de muitas nações de gentilismo, e algumas delas missionadas pelos Religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo; porém sendo a mais populosa a dos Manaus, não admitiu até ao presente a prégação do santo Evangelho. Pouco adiante, pelo mesmo rumo, o rio Matari (Missão dos padres Mercenários), que tem a sua fonte em uns formosos lagos; e ainda que não faz menção dele o padre Cristovam da Cunha, o conheceu bem o padre Samuel, como se vê da sua carta". Aliás o mapa de Bento da Costa, piloto de Pedro Teixeira, embora não dê os nomes, já desenha de modo muito aceitavel, não só o rio Negro, como o Branco e os ramos de oeste do Negro, reconhecendo-se o Uaupês e o Cassiquiare. Na *Participação do Rio Negro* de Alexandre Rodrigues Ferreira se tem ótima e minuciosa descrição do estado deste rio em fins do século XVIII. Parece que Acuña não tinha conhecimento do relatório de Carvajal, pois atribui aos portugueses o nome do rio Negro, que o dominicano diz ter sido dado por Orellana.

gui-lo de outro menor, mas muito caudaloso, que chamam Paranamirí, isto é, rio pequeno, que desagua da banda do Sul, uma légua antes do rio Negro, e que afirmam ser muito povoado de diversas nações, a última das quais anda vestida e usa chapéu, sinal certo de que confinam com os Espanhois do Perú.

Os que residem nas aguas do Rio Negro são grandes Províncias, a saber: Caniçuaris, Aguayras, Yacuncarais, Cahuayapitis, Manacarús Yanmas, Guanamá, Carapanaris, Guarianacaguas, Acerabarís, Curupatabas; e os que primeiro povoam um braço que este rio lança, por onde, segundo informações, se vem a sair no Rio Grande, em cuja boca, no mar do Norte estão os Hollandêses, são os Guanaranaquazanas.

Usam todas estas nações de arco e flecha, muitas delas ervadas com peçonha.

São todas as deste rio terras altas, de ótimo solo, e que, cultivadas, prometem quaisquer frutos, mesmo os de Europa em alguns logares; tem muitas e boas campinas, cobertas de sazonados pastos, para poderem nelas pastar inúmeras cabeças de gado.

Produz grandes árvores de boas madeiras para qualquer tipo de embarcações e edificios que, não só com elas, mas também com pedra muito bôa, abundante neste rio, se podem construir.

Suas margens são povoadas de toda a qualidade de caça e seus peixes, em verdade, são tantos como no das Amazonas, por serem suas aguas tão claras, tanto que nos lagos que forma, terra a dentro, sempre se colhem às mãos cheias.

Ha em sua foz bons sítios para fortalezas, e muita pedra para fabricá-las, com que se poderá defender a entrada ao inimigo que quizer ir por ele ao principal, embora eu julgue que, não nesta paragem, mas muitas léguas mais para dentro, no braço que desemboca no rio

grande que, já disse, desagua no Oceano, é onde mais seguramente se devia pôr toda a defesa, com o que ficaria de todo tomado o passo ao inimigo para todo este novo mundo, o que, cubiçoso, há de tentar dentro de algum tempo.

Não me atrevo a afirmar se o rio grande, onde desemboca êstè braço do Negro, é o Doce ou o Felipe, embora muito me incline para este último, segundo boas demarcações, pois é este o primeiro rio de consideração que, passadas algumas léguas, entra no mar depois do cabo do Norte. O que posso determinadamente assegurar é que de modo algum é o Orenoco, cuja boca principal cai em frente da Ilha da Trindade, mais de cem léguas abaixo donde desagua o rio Felipe, pelo qual saiu no mar do Norte Lope de Aguirre. E como ele o navegou, qualquer outro poderá entrar, por onde uma vez abriu caminho.

NUMERO LXVI

Os Portuguezes tentam entrar pelo rio Negro

Estava a Armada Portugueza, na viagem de volta, acampada na boca do rio Negro, aos 12 de Outubro de seiscentos e trinta e nove, quando, considerando-se já na porta de suas casas, volveram os olhos, não para os aumentos que traziam, que esses eram nenhuns, mas sobre as perdas que haviam tido no espaço de mais de dois anos em que andaram neste descobrimento, que não eram poucas.

Inteirados, por outro lado, que os serviços prestados à sua Magestade nestas conquistas nenhuma recompensa teriam em terras onde os que mais sangue deramaram em semelhantes ocasiões, estão hoje aniquilados e morrendo de fome, por não poderem comparecer diante de quem os poderia premiar, determinaram atrair para o seu desejo as boas graças do Capitão-Mor.

Procuraram persuadi-lo de que, uma vez que a própria pobreza os obrigava a buscar algum recurso com que ir vivendo e as notícias dos muitos escravos que os naturais possuíam no interior deste rio Negro, não permitisse deixar passar a ocasião que se oferecia, sem que delas se aproveitasse, dando ordem para que a gente seguisse esta derrota, pois com os muitos escravos que se arrancassem deste rio, quando não levassem outra coisa, seriam bem recebidos pela gente do Pará, e sem eles seriam tidos, sem dúvida, por homens inúteis, pois pas-

sando por tantas e tão diferentes Nações, e havendo encontrado tantos escravos, voltavam com as mãos vazias; ainda mais havendo homens, nestas Conquistas, que sabem, às portas de suas casas, fazer os escravos de que se servem.

Dava mostras o Capitão Mor de atender ao que pediam, talvez por aqueles serem muitos e ele um só, e assim deu permissão para que se puzessem velas nas embarcações, porque havia vento de popa favoravel para a entrada solicitada.

Estavam todos alvoroçados com esta determinação, e ninguém se prometia menos de um elevado número de escravos, e houve quem não se contentasse com menos de trezentos, que lhe tocariam como quinhão.

Cuidado e não pequeno me poderia dar esta resolução, se eu não conhecesse o nobre espírito do nosso Caudilho, desinteressado de semelhante aventura, e estava eu mui confiante de que ele seguiria em primeiro lugar o que fosse para bem do serviço de ambas as Magestades...

Com esta confiança, depois de ter dito Missa, recolhendo-me à parte com o meu companheiro, desejosos de impedir por todos os meios intentos tão desviados, fizemos o seguinte papel.

NUMERO LXVII

Requerimento feito ao Exército

Os padres Cristoval de Acuña e André de Artieda, Religiosos da Companhia de Jesús, pessoas às quais el-Rei, nosso Senhor, por uma Real provisão despachada por sua Real Audiência da Cidade de São Francisco de Quito, nos Reinos do Perú, aos vinte e quatro dias do mez de Janeiro do presente ano de mil seiscentos e trinta e nove, manda e encarrega que, tendo vindo em companhia desta Armada Portuguêsa, por todo êste grande Rio das Amazonas, novamente descoberto, tomemos noticia suficiente, e a mais clara que possa ser, das nações que nele habitam, rios que se lhe juntam e o mais que seja necessario para que no Real Conselho das Indias se faça uma idéa perfeita desta empresa, e que assim tendo feito, com a maior brevidade possivel passássemos à Espanha a dar conta de tudo à sua Magestade, sem que pessoa alguma nos possa impedir a execução de todo o referido;

Como mais largamente constará pela dita Real provisão, que vem em nosso poder, e, sendo necessário, estamos prontos para mostrá-la a todos, como fizemos a alguns dos principais chefes deste exército;

Tendo ouvido pelo falar de muitos, e pelas velas que se dispõem para a navegação, que o Capitão-Mor Pedro Teixeira e os mais Capitães e Officiaes mores desta armada, em cuja companhia viemos por mandado de Sua Magestade, intentam dilatar mais a viagem, en-

trando-se pelo rio Negro, em cuja boca atualmente nos achamos, com o intuito de dele arrancar peças escravas, e levá-las como tais para as suas fazendas do Pará e Maranhão, como costumam fazer em todas as entradas que do rio Pará fazem aos naturais que habitam em seus confins;

E porque nisto se há de gastar forçosamente muito tempo, ao dizer de pessoas experimentadas em semelhantes entradas, e haverá outros muitos inconvenientes;

Por acudir à obrigação que nos corre, e para desengano nosso perante a Real pessoa de sua Magestade, em seu nome, falando com o devido acatamento, requeremos ao Capitão Mor Pedro Teixeira, ao Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, ao Sargento Mor Felipe de Matos, aos Capitães Pedro da Costa e Pedro Bayon, a aos demais oficiais vivos, que atualmente se acham governando este exército na boca deste Rio Negro;

Que, como sua Magestade já tem notícia, pela Real Audiência da Cidade de Quito, e por seu Vice-rei do Perú, do despacho de nossas pessoas para os fins acima referidos, e da brevidade com que se esperava haveríamos de chegar à sua Real presença, pois, segundo o dito Capitão Mor Pedro Teixeira e outros muitos de sua companhia asseguraram aos senhores da dita Real Audiência de Quito, que havíamos de estar no Pará dentro de dois meses e meio, e d'aqui a seis dias se cumprirão oito mezes que saímos da dita Cidade de Quito e ainda faltam seiscentas léguas, deste porto até ao Pará, de cuja demora podem resultar muitos e graves inconvenientes, como sejam, demorar sua Magestade a fortificação deste rio, que há tantos anos deseja que se descubra, esperando a brevidade com que nós havíamos de chegar com as informações dele, e neste ínterim apoderar-se o inimigo de suas principais entradas, coisa de que resultará grande prejuízo para a sua Real Coroa;

E juntamente tão bons e esforçados Capitães, como aqui vão, sem dúvida farão grande falta à fortaleza do Pará, aonde, se o inimigo chegasse, estando eles ausentes, seria muito certa a sua perda;

Além disso, os Indios deste rio Negro, onde se pretende entrar, são, na opinião de todos, gente muito belicosa, e de arco e flecha ervada, com que nos poderão fazer muito dano, ainda mais vendo a pouca força dos Indios amigos que nos restaram; muitos dos quais estão enfermos, e outros são rapazes sem experiência de guerra, e todos sem nenhuma vontade de fazer a dita entrada, de que pode resultar a perdição total deste exército, além do que, indo com pouco gôsto, poderá acontecer que nos fujam, como fizeram na maioria os que saíram do Pará, principalmente vendo-se às portas de suas casas;

Aqui acrescentamos que os escravos que se pretende arrancar, há muita dificuldade se se pode fazer em boa consciência (exceto os que forem necessários para linguas) porque esta terra é nova, e embora haja cédula de sua Magestade (como se diz) para fazer escravos, isto só na jurisdição circunvizinha do Pará e Maranhão e com as outras qualidades que se requerem, e os deste rio não se sabe a que jurisdição pertencem;

E dado o caso que nenhuma das razões tenha força, e se conseguisse o fim que se deseja da dita jornada, que é arrancar grande quantidade de escravos, estes mesmos, pelas poucas forças que temos atualmente para guardá-los e defendê-los, poderá ser que sejam a ruina total e destruição de todos;

Por tudo isso e pelo mais que pudesse apresentar em desserviço de ambas as Magestades Divina e humana, e prejuizo da salvação de tamanha inensidade de almas como há neste rio;

De novo uma e outra vez volvemos a requerer ao dito Capitão Mor Pedro Teixeira, Coronel, Sargento-

Mor, Capitães e Officiais vivos que atualmente governam este exército, que não dando lugar a dilação, que não sejam do serviço de Deus e de sua Magestade, com toda a brevidade se procure que continuemos a nossa viagem do Pará, para dali passar à Europa, a cumprir com o fim e obrigações de nosso mandato, e se possa acudir com presteza, tendo-o assim sua Magestade por bem, à salvação de tantas almas como se descobriram neste novo Mundo, e que miseráveis jazem nas sombras da morte;

E se o dito não fosse suficiente para obrigar a que todos juntos prossigamos nossa viagem com a dita brevidade, requeremos de novo, com a Real provisão, que para ele trazemos ao dito Capitão Mor Pedro Teixeira, e aos outros officiais do exército, que para isso tiverem mão, dando-nos o aviso necessário e passagem para garantia de nossas pessoas, se nos consinta prosseguir sem demora a nossa viagem, que embora seja com risco de inimigos, tudo pospomos para cumprir com o que sua Magestade nos manda em sua Real Provisão;

E fazendo o contrário, protestamos de todos os inconvenientes e danos que da demora que houver na dita jornada se seguirem, e de dar conta disto ao Real Conselho das Índias, e á Real pessoa de El-Rei nosso Senhor, como se ordena que o façamos;

E finalmente para salvaguarda de nossas pessoas, e demonstração de que desejamos cumprir efetivamente com o que nos mandam, pedimos se ordene ao Escrivão nomeado deste exército, nos dê testemunho de tudo o que neste requerimento se contém, e do que a ele nos fôr respondido, etc.

NUMERO LXVIII

Continua a viagem do rio Madeira

Feito este papel e comunicado ao Capitão Mór, que muito se alegrou por já ter quem se puzesse do seu lado, e reconhecendo a fôrça dos argumentos, mandou immediatamente recolher as velas, cessar com os preparativos e dispôr tudo para que no dia seguinte, tornando a sair pela boca do rio Negro, continuássemos todos a nossa viagem pelo das Amazonas abaixo.

Assim o fizemos, e a quarenta e oito léguas demos com o grande rio da Madeira, assim chamado pelos portuguezes, pela muita e grossa que trazia quando por ele passaram, mas o seu verdadeiro nome entre os naturais, que o habitam, é Cayari. (83)

(83) Pela margem esquerda do Amazonas encontramos, depois dos Manaus, como grupo principal, os Aruaque, concordando nesse ponto o Mapa Agostini e o inédito de Raimundo Lopes. No rio Madeira o grupo principal é, segundo Agostini, o dos Mura, assinalando Lopes os Araras que se estendem muito para Leste. Heriarte ao falar do Madeira apenas diz: Neste rio há um barro mui cheiroso de que fazem os moradores igaçavas, que são como talhas grandes e pequenas, que a vender levam por outras partes a troco de algodão e fio para atarem as frechas, e por milho e tabaco e outras coisas que lhes são necessárias. No roteiro de Monteiro de Noronha cita ele como nações ribeirinhas do Madeira os Araras, Urupá, Pama, Turá, Matanami, Orupá, Tocumá, Mami, Cauaripuna, Iqui, Jauareticuara e os terríveis Mura, de cujas frechas ervadas já fala Carvajal

Desce da banda do Sul e, segundo o que averiguámos, se forma de dois caudalosos rios que juntam algumas léguas para dentro, pelos quais, segundo boas demarcações e segundo as informações dos Tupinambás, que por ele desceram, é por onde, e mais depressa que por qualquer outra parte, se há de descobrir saída para os mais próximos rios da comarca de Potosi.

Das nações deste rio, que são muitas, as primeiras se chamam Zurinas e Cayanas, e logo se vão seguindo os Urutihans, Anamaris, Guarinumas, Curanaris, Ere-punacas e Abacatis.

E desde a boca do rio, correndo pelo das Amazonas abaixo o povão os Zapucayas, Urubutingas, que são muito habéis em fabricar coisas de madeira; atrás destes se seguem os Guaranaguacas, Maraguas, Quimaús, Buraís, Punouys, Oregatús, Apcras e outros cujos nomes não pude averiguar com certeza.

Ilha grande dos Tupinambás

A vinte e oito léguas da boca deste rio, caminhando sempre pela mesma banda do Sul, está uma formosa ilha, que tem sessenta de comprimento e por conseguinte mais de cem de circuito, toda povoada pelos valentes Tupinambás, gente que das conquistas do Brasil, em terras de Pernambuco, saíram derrotados há muitos anos, fugindo do rigor com que os Portuguezes os iam subjulgando. (84)

Sairam em grandíssimo número, que, despoando ao mesmo tempo oitenta e quatro aldeias onde estavam situados, não ficou de todos eles nenhuma criatura que não trouxessem em sua companhia.

Seguiram, tendo sempre à mão esquerda as fraldas da Cordilheira que, vindo desde o estreito de Magalhães,

(84) Aqui Berredo completa a narrativa de Acuña e dela diverge no que se refere às lendas contadas pelos tupinambás. Diz ele: "Mais abaixo (do rio Madeira), pela parte do Norte, desemboca o de Saracá, depois de ter já desaguado nele o de Urubú (a que o padre Cunha chama Barururú), habitado de muito gentio, que se comunica com os holandêses de Suriname; e a este último antepõe também o mesmo padre (sem dúvida que equivocadamente), não só ao da Madeira mas ainda ao Negro. Pouco adiante de Saracá, correndo para a banda do Norte, passou a armada a boca do rio Atumá, e com mais um dia de viagem a dos Jamundazes. Nessa altura se deixou persuadir a singeleza do padre Cunha de varias novelas, sugeridas todas por uns chamados índios Topinambazes. Maurício de Heriarte chama aos Tupinambás Tupinambaranas, dando as mesmas informações que o padre Acuña. No mapa de Raimundo Lopes os Tupinambás só apparecem já a Leste do Maranhão.

cinge toda a América, e passando pelas cabeceiras de quantos rios correm dela para o Oceano, chegaram alguns a encontrar-se com os Espanhois que habitam nas nascentes do rio da Madeira.

Estiveram com eles algum tempo, e como um espanhol açoitou a um deles, por lhe terem morto uma vaca, aproveitando-se da ocasião do Rio, arrojaram-se todos por suas correntes, vindo a dar na ilha que atualmente habitam.

Falam estes Indios a lingua geral do Brasil, que também é corrente entre quase todos os das conquistas do Maranhão e Pará.

Dizem também que, como saíram tantos, não podendo por aqueles desertos sustentar-se todos juntos, se foram dividindo em tão dilatado caminho, que será pelo menos de novecentas léguas, ficando uns a povoar umas terras e outros outras, dos quais sem dúvida estarão bem cheias todas aquelas Cordilheiras.

São gente de grande coragem na guerra, e bem o mostraram os que chegaram a estas paragens, onde agora residem, pois sendo eles, sem comparação, muito menos numerosos que os naturais deste Rio, de tal modo os devastaram e submeteram a todos aqueles com quem tiveram guerras, que destruindo nações inteiras, a outras obrigaram a deixar suas casas com medo, indo como peregrinos para estranhas terras.

São de corações nobres e afidalgados, embora, como já quase todos que há atualmente sejam filhos e netos dos primeiros povoadores, se vão adaptando às baixezas e manhas dos da terra, com cujo sangue estão misturados.

Mostraram-nos todos bom acolhimento, dando prova de que em breve se haviam de reduzir a viver entre os Indios amigos do Pará; coisa que será sem dúvida muito útil para conquistar todas as outras Nações deste Rio, se se tiver de povoar; pois só ao nome de Tupinambás não há nenhuma delas que não se renda.

NUMERO LXX

Notícias que os Tupinambás deram

Destes Índios Tupinambás, como gente de mais inteligência e que não necessita de intérpretes, por ser corrente entre eles, como já disse, a lingua geral, que muitos dos mesmos Portuguezes falam com perfeição, por nascidos e criados naquelas costas, tivemos algumas notícias que aqui transcreverei, como de gente que, tendo percorrido e submetido toda a circunvizinhança de sua jurisdição, se podem ter por certas.

Dizem que perto de sua residência, pela banda do Sul, em Terra-firme, vivem entre outras, duas nações, uma de anões, tão pequenos como criancinhas de peito, e que se chamam Guayazis, a outra de gente onde todos tem os pés para trás, de modo que quem, não os conhecendo, quizesse seguir as suas pegadas, caminharía sempre em direção contrária à deles. Chamam-se Mutayús e são tributários destes Tupinambás; tem machados de pedra para a derrubada das árvores, quando querem cultivar a terra, o que fazem com esmero, e de continuo estão occupados em sua lavoura. (85)

Da banda de frente, que é a do Norte, dizem que estão enfileiradas sete Provincias bem povoadas, mas de

(85) Desses índios monstruosos fala também o padre Simão de Vasconcelos, tanto dos Coiazis, "anões de estatura tão pequena que parecem afronta dos homens", como dos Matuiús, que Bilac traduz como "de pés virados, marcha avessa e rude, dedos atrás, calcâneos para a frente". Alexandre Rodrigues Ferreira, em suas

gente sem valia, e que só se sustentam de frutas e ani-maizinhos silvestres, sem nunca fazerem guerras entre si nem com outros, de modo que são desprezados.

Também afirmam que com outra nação que confi-na com esta estiveram em paz muito tempo, havendo entre elas commercio do que cada qual tinha com abundância em sua provincia, e o principal de que se proviam os Tupinambás era de sal, que os amigos lhes traziam para seus escambos, e que afirmavam vir-lhes de outras terras vizinhas das suas, coisa que, se se descobrisse, seria de grande utilidade para a conquista e povoação deste Rio.

E conquanto aqui não se encontre, se há de descobrir em grande abundância num rio dos que descem dos lados do Perú, de onde, no ano de trinta e sete, estando eu já na cidade de Lima, saíram dois homens que, de lance em lance, aportaram por aquelas paragens a um certo ponto de onde, baixando por um dos rios, que desaguam neste principal, deram com uma grande montanha de sal, da qual os moradores tinham o estanco, sustentando-se ricos e fartos com as pagas que por ele recebiam, dos que de mais longe vinham buscá-lo.

E não é novidade no Perú e em todas as suas Cordilheiras haver montanhas de sal de pedra excelente, pois é este o que se consome em todo ele, tirando-a de suas jazidas com accradas barretas, em pedaços tão grandes, que cada qual pesa de cinco a seis arrobas.

Ocupa esta Provincia dos Tupinambás setenta e seis léguas de extensão, terminando em uma boa aldeia que está situada a tres graus de altura, como também estava a primeira dos Indios Aguas, aos quais acima já fizemos menção.

Observações gerais e particulares sobre os Mamais, ainda pergunta: "Será certo, que entre as muitas nações de gentios que habitam o Juruá, confluyente do rio dos Solimões, existe a dos Cauanaz, espécie de pigmeus, de estatura tão curta que não pas-sam de cinco palmos?"

Duas notícias das Amazonas

Com o referido também por estes Tupinambás, confirmámos as largas notícias que trazíamos por este Rio sobre as afamadas Amazonas, das quais tomou o nome desde os seus primórdios, não o conhecendo por nenhum outro, senão por este, todos os Cosmógrafos que dele até hoje trataram. (86)

E fôra coisa de admiração que sem mui graves fundamentos, houvesse usurpado o nome de Rio das Amazonas, podendo qualquer um lançar-lhe em rosto de que por ele se queria tornar famoso, sem outra razão que o vestir-se do alheio.

Não me persuado de sua nobreza, nem é crível que, tendo este rio tantas grandezas a que pudesse lançar mão, só quizesse vangloriar-se com um título que não lhe competia, baixeza ordinária de quem, não podendo por seus braços alcançar a honra que deseja, a procura mendigar do vizinho.

Os fundamentos que há para assegurar Província de Amazonas neste rio são tantas, e tão fortes, que seria faltar à fé humana o não lhes dar crédito.

E não trato das grandes informações que, por ordem da Real Audiência de Quito, se fizeram entre os

(86) Veja-se a nota 17.

naturais que o habitaram muitos anos, a respeito de tudo o que continham suas terras; nas quais uma das principais coisas que se asseguram era estar ele povoado de uma Província de mulheres guerreiras, que sustentando-se sósinhas, sem varões, com os quais apenas de tempos em tempos tinham coabitação, viviam em suas aldeias, cultivando as suas terras e alcançando com o trabalho de suas mãos todo o necessário para o seu sustento.

Tão pouco faço menção das que pelo novo Reino de Granada, na cidade de Pastos se fizeram entre alguns índios e particularmente a uma índia, que disse ter ela própria estado nas terras povoadas por estas mulheres, confirmando em tudo o que já se sabia pelos primeiros dizeres.

Só lanço mão do que ouvi com os meus ouvidos e com cuidado averiguei desde que puzemos pé neste rio, no qual não há geralmente coisa mais comum, e que ninguém ignora, que se dizer que nele habitam estas mulheres, dando sinais tão particulares, que concordando todas as suas informações umas com as outras, não é crível que uma mentira se pudesse ter enraizado em tantas linguas e tantas nações, com tantos visos de verdade.

Mas onde mais luz obtivemos do sítio onde vivem estas mulheres, dos seus costumes, dos Índios que têm relações com elas, dos caminhos pelos quais se penetra em suas terras, e dos naturais que os povoam (que é a que aqui darei), foi na última aldeia onde acaba a Província dos Tupinambás.

NUMERO LXXII

Rio das Amazonas

A trinta e seis léguas desta aldeia, correndo rio abaixo, está da banda do Norte o das Amazonas, que com o nome de Rio Canuris é conhecido entre aqueles naturais.

Toma este Rio o nome dos primeiros Índios que sustenta em sua foz, aos quais se seguem os Apontos, que falam a lingua geral de todo o Brasil. Atrás destes estão situados os Taguaís, e os ultimos, que são os que tem relações com as proprias Amazonas, são os Gacarás.

Estas mulheres varonis tem sua séde entre grandes montes e altissimos cerros, dos quais o que mais se alteia entre os outros, e que, como o mais soberbo, é combatido dos ventos com mais rigor, pelo que sempre se mostra descalvado e limpo de vegetação, se chama Yacamiaba.

São mulheres de grande coragem, e que sempre se conservaram sem o comércio ordinário de varões, e mesmo quando estes, pelo acordo que tem com elas, vêm uma vez por ano às suas terras, recebem-nos com as armas nas mãos, que são arco e flechas, que atiram durante algum tempo, até que cientes de que vêm de paz os conhecidos, deixando as armas, acodem todas às canôas ou embarcações dos hóspedes, e tomando cada qual a rede que encontra mais à mão, que são as camas em que eles dormem, a levam para casa, e pendurando-a em sítio

onde o dono a reconheça, o recebem por hóspede aqueles poucos dias, passados os quais eles voltam para as suas terras, repetindo-se todos os anos esta viagem pela mesma época.

As filhas fêmeas que nascem desta união, conservam e criam entre elas, porque são as que hão de levar adiante o valor e costumes de sua nação, mas os filhos varões não se sabe com certeza o que fazem com eles.

Um Índio que, sendo pequeno, tinha ido com seu pai a esta entrada, afirmou que os filhos varões eram entregues aos pais, quando no ano seguinte voltavam a sua terras. Mas contam os outros, e parece o mais certo por ser mais corrente, que reconhecendo-os como tais, lhes tiram a vida.

O tempo descobrirá a verdade, e se estas são as famosas Amazonas dos historiadores, que guardam em sua comarca tesouros que dão para enriquecer o mundo todo.

Esta a foz deste rio, povoado pelas Amazonas, a dois graus e meio de altura.

NUMERO LXXIII

Ponto mais estreito de todo o Rio

Passada a boca deste rio das Amazonas e percorrendo vinte e quatro léguas do principal, desagua da mesma banda do Norte um outro rio mediano, que se chama Urixaminá, naquele ponto onde, como acima disse, se estreita este grande rio em extensão de um pouco mais de quarto de légua. Aí oferece sitios apraziveis para a lavoura, de um e outro lado das fortalezas que não só impeçam o passo aos inimigos, que o intentarem pelo lado do mar, como também, servindo de alfândegas, nelas se registre tudo o que por este rio das Amazonas, caso se venha a povoar, forçosamente descera do Perú. (87)

(87) Ainda aqui a retificação de Berredo: “Setenta e duas léguas do rio Madeira, pelo mesmo rumo, na altura de dois graus e quarenta minutos, desagua o das Trombetas, em outro estreito célebre das Amazonas, que na distância de quatro léguas não excede a largura de tiro ordinário de artilharia; na boca da qual sustenta Portugal outra fortaleza da invocação de Santo António, que domina absolutamente a navegação daquele grande rio; e ao das Trombetas, tão cheio de gentio, como de pau cravo, chama também o padre Cunha Urixaminá”. Vê-se que Portugal se apresara em seguir o conselho dado por Acuña a Pedro Teixeira, já nas lindes com o Pará. Mauricio de Heriarte escreve: Da banda do Norte é que está o rio das Trombetas, mui povoado de Índios de diferentes nações, como são Conduris, Boluis, Arozés, Tabaos, Curiatós e outros muitos. Todos eles são de pouca vergonha.

Desde este logar que está, como acima disse, a mais de trezentas e sessenta léguas do mar, se começam a sentir as suas marés, observando-se todos os dias enchentes e vazantes, embora não tão evidentes como algumas leguas abaixo.

Vivem nós, assim os homens como as mulheres, sem cobrirem as partes vergonhosas". Os Condurizes formam ainda hoje o grande grupo dominante nessa região. No mapa de Bento da Costa está assinalado este rio com o nome *rio de la Trom (petá)*.

NUMERO LXXIV

Rio e nação dos Tapajozes

A quarenta léguas deste estreito desemboca, pela banda do Sul, o vistoso rio dos Tapajozes, tomando o nome da Nação e Provincia que sustenta em suas margens, que é muito povoada de bárbaros, com boas terras e abundantes mantimentos. (88)

São estes Tapajozes gente de brios, muitas vezes temida pelas nações circunvizinhas, porque usam tal peçonha em suas flechas, que só com o chegar a fazer sangue, tiram sem remédio a vida.

Por este mesmo motivo os próprios Portuguezes lhes temeram o comércio por muito tempo, desejando atraí-los por bem à sua amizade, à qual nunca se chegaram de todo, porque os obrigavam com ela a sair do seu natural, vindo a instalar-se entre os já pacificados, coisa que sentem muito estas Nações. Embora em suas terras recebessem com bom agasalho aos nossos, como verificámos, quando acampados perto de uma aldeia sua, de mais de quinhentas famílias, de onde não cessaram, durante o dia inteiro, de vir trocar patos, galinhas, redes, peixes, farinhas, frutas e outras coisas e com tanta confiança, que mulheres e meninos não se afastaram de nós, prometendo que, se os deixassem em suas terras, poderiam os Portuguezes em boa hora vir a povoá-los, que os receberiam e serviriam em paz para sempre.

(88) Veja-se a nota 18.

Opressão que fizeram os Portuguezes

Não bastaram os humildes oferecimentos destes Tapajozes para que fossem admitidos ou pelo menos tratados com cordura e conveniência, pois isto não convinha a pessoas tão interessadas, como são as destas conquistas, e que só arrostam dificuldades com a cubiça de escravos que venham a conseguir. Suspeitando que esta Nação tivesse muitos a seu serviço, tentaram com toda violência ir oferecer-lhes crua guerra, sob o pretexto de que eram rebeldes.

Esta se estava preparando, quando chegámos ao forte do Desterro, onde se reunia gente para tão deshumana façanha.

Desde logo procurei, pelos melhores meios que pude, se não impedir, pelo menos sustar, até que houvesse nova ordem de Sua Magestade e o Sargento-Mor do Estado, cabo e caudilho de todos, que era Bento Maciel, filho do Governador, me deu a sua palavra de que não prosseguiria no seu intento até ter aviso de seu pai.

Mas apenas virei as castas, quando com a maior quantidade de gente que poude, em uma lancha com peças de artilharia e em outras embarcações menores, dando sobre eles de improviso, lhes ofereceu crua guerra, se não queriam boa paz.

Eles logo aceitaram a esta com boa vontade, como sempre haviam oferecido, prontos a tudo o que quizessem dispôr de suas pessoas.

Ordena-lhes que entreguem todas as flechas erradas de peçonha, que tinham, e que era do que mais se podia reear, no que os míseros obedeceram prontamente; e vendo-os agora desarmados, agarra grande quantidade de bárbaros e, encerrando-os todos em um curral, com guarda suficiente, dá liberdade aos Indios amigos que levava (que para fazer mal é cada qual um diabo solto) e que, em pouco tempo saquearam toda a aldeia, sem deixar coisa nela que não fosse devastada, aproveitando-se, como me contou uma testemunha de vista, das mulhres e filhas dos aflitos presos, à vista de seus próprios olhos; e fazendo coisas que, me assegurou esta pessoa que é bem antiga naquelas conquistas, para não as presenciar, não só deixaria de comprar escravos, mas daria de quebra os que possuía.

Não parou aqui a crueldade dos Portuguezes, que, como ia envolta na cubiça de escravos, não ficava satisfeita até ver-se senhora deles.

Ameaçam os Indios encuralados e tímidos, aterrorizando-os com crueldades novas, para que ofereçam escravos, assegurando-lhes que, com isso, não só ficariam livres mas seus amigos e carregados de ferramentas e panos de algodão que lhes dariam por eles.

Que haviam de fazer os miseráveis, presos, sem armas, saqueadas suas casas, oprimidas suas mulheres e filhas, senão render-se a tudo o que aqueles quizessem fazer?

Oferecem mil escravos, mandam procurar os que com o alvoroço da guerra se tinham posto em dobro, e, não podendo juntar mais de duzentos entregam-nos. Com a palavra de que obterão os restantes, deixam os Portuguezes livres aos que, para tal conseguir, ofereciam seus

próprios filhos por escravos, como aconteceu muitas vezes. Despacham todos estes para o Maranhão e Pará, que os vi com meus olhos, e satisfeitos da presa, dispõem logo outra expedição mais para dentro do Rio das Amazonas, onde serão sem dúvida ainda maiores as crueldades, porque vão menos pessoas de categoria, que possam ir à mão de quem a todos comanda. Com isto ficará o rio tão alvoroçado que, quando sua Magestade quizer que se pacifique, terá enormes dificuldades, ao passo que, ficando como a deixei, com muito pouco trabalho se conseguiria.

São estas as conquistas do Pará, este o tráfico de que se sustentam, esta a justíssima causa porque todos andam pobres, sem ter um pão para comer.

E se não fôra pelos serviços que prestaram a ambas as Magestades Divina e humana, resistindo valorosamente ao inimigo Holandês, que varias vezes atacou aquela terra, já nosso Senhor os teria destruído.

Voltando, pois, ao dos Tapajozes e ao formoso rio que banha as suas terras, digo que tem tão boa profundidade que, por ele acima muitas léguas, subiu há tempos atrás uma nau Inglesa de grande porte, que pretendendo assentar nesta Província e firmar colheitas de tabacos com os naturais, lhes ofereceram bons proveitos; mas eles, atacando de improviso os Ingleses, não quiseram outro que matar aos que puderam ter nas mãos e, aproveitando-se de suas armas, que hoje teem, os fizeram deixar a terra mais depressa do que tinham vindo, evitando a gente que ficou na nau, com o fazer-se logo á vela, outro encontro semelhante, no qual todos ficariam destruidos.

NUMERO LXXVI

Curupatuba

A pouco mais de quarenta léguas da boca do rio dos Tapajozes está o Curupatuba que, desaguando no principal das Amazonas, pela banda do Norte, dá nome à primeira povoação ou aldeia que os Portuguezes teem em paz e submissão à sua Corôa. (89)

Não mostra este rio ser muito caudaloso de aguas mas sim de tesouros, se os naturais não nos enganam. Afirmam estes que, subindo por este rio, que eles chamam Iriquiriqui, com seis dias de viagem se acha grande quantidade de ouro, que o apanham nas margens de um riacho pequeno, que banha as fraldas de um monte não muito alto, chamado Iaquaracurú.

Dizem também que perto deste há outro lugar, cujo nome é Picuro, de onde tiram outras vezes outro metal

(89) Escreve Berredo: "Seguindo a armada a sua viagem (depois de passar o Tapajós) pelo mesmo rio das Amazonas, ao Norte dele, avistou o de Sorubiú, muito abundante de pau cravo; passando ao sul o do Curuá, e voltando outra vez ao primeiro rumo, na distância de pouco mais de quarenta léguas dos Tapajós, o de Curupatuba, onde se acham muitas pedras de fino cristal, oitavadas e triangulares, e uns pântanos tão dilatados que se reputam pela longitude de oitenta léguas, cheios todos de arroz de tão excelente qualidade, como o de Veneza". Dá Heriarte como povoando as margens do Corupatuba os Índios Corupatuba, Caraboca, Bubuizes, Mariaú e Serranos.

mais duro, de côr branca, que sem dúvida é prata, de que antigamente fizeram machados e facas, mas vendo não serem de utilidade, e que logo se quebravam, não fizeram mais caso dele.

Há neste mesmo distrito duas serras: uma, segundo os sinais que dão os Indios, é de enxofre; e da outra, que se chama Paraguaxo, asseveram que, quando lhe dá o sol, e também nas noites claras, resplandece de modo que toda ela parece esmaltada de rica pedraria; e de quando em quando rebenta com grandes estrondos, mostra certa de que em si encerra pedras de muito valor.

NUMERO LXXVII

Rio Genipapo

Não promete menos tesouros, segundo as notícias comuns, o rio Genipapo, que, correndo pela mesma banda do Norte, desemboca no das Amazonas setenta léguas abaixo da aldeia de Curupatuba, do qual falam tanto os Índios, e do muito ouro que se pode recolher em suas margens, que a ser assim, só este rio deixará atrás, com seus haveres, aos maiores de todo Perú.

As terras que este rio rega são da Capitania de Bento Maciel Parente, Governador do Maranhão, que além de serem elas sós maiores que toda a Espanha junta, e haver nelas muitas notícias de minas, tem pela maior parte o solo mais fértil e para dar maiores proveitos e melhores frutos do que quantas há neste imenso rio das Amazonas. (90)

Estão todas da banda do Norte; contêm em si grandes Províncias de bárbaros; e o que é mais de estima, encerram debaixo de sua jurisdição as famosas e dilatadas terras do Tucujú, tão suspirado e tantas vezes povoado, embora com seu dano, pelo inimigo Holandês que, reconhecendo nelas as maiores comodidades do mundo

(90) Contando a mesma viagem diz Berredo: "Mais abaixo atravessou a boca do rio Urubucuará, e pouco adiante o de Mapáú. Pela mesma banda viu logo o sítio do Parú que defende outra fortaleza". Na foz do Parú está hoje a cidade do Almeirim.

para enriquecer aos seus moradores, nunca as pode esquecer.

São não só apropriadas para grandes colheitas de tabacos, como estão entre as melhores de descoberto para a instalação de muitos engenhos de açúcar, e mais ricas em suas produções, que pedem pequeno trato e cultivo, como dão excelentes campinas, as quais, com abundantes pastos, sustentarão infinitos gados.

Nesta Capitania, a seis léguas de onde desagua o Genipapo, rio das Amazonas acima, está um forte dos Portuguezes, que chamam do Desterro, com trinta soldados e algumas peças de artilharia, o qual, no que toca à defesa do rio, não serve de nada, apenas dando importância à dita Capitania e pondo algum medo aos Indios, que a ela se vão submetendo.

Bento Maciel deixou este forte com o título de Governador do Gurupá, que fica trinta léguas mais abaixo, onde por muitos anos esteve situado, em localização muito boa, e onde as naus inimigas vinham ordinariamente fazer reconhecimentos.

NUMERO LXXVIII

Rio Paranaíba

Dez léguas abaixo do Genipapo desagua da banda do sul um rio mui bonito e caudaloso que, com duas léguas de boca, entra rendendo párias ao principal. Chamam-no os naturais Paranaíba. Estão em suas ribeiras algumas povoações de Indios amigos que, situados em suas primeiras entradas, obedecem às ordens dos Portugêses, que os governam. E mais para o interior vêm outros muitos, dos quais, e do mais que contém este rio, ainda não há suficientes notícias. (91)

(91) O rio Paranaíba de Acuña e Maurício de Heriarte é o Xingú, que só veio a ser bem conhecido com as explorações de von den Steinen. Diz Heriarte: "Está mui povoado de Indios Guaiapes, Caraus, Juruunas, Cuanis e muitas outras nações. São suas terras plainas, ainda que montuosas de arvôres. Tem infinitas madeiras de cutaras pinimas, que são de muitos lavores, cedros, louros, piquis, piquiranas e muitas castanhas que se criam nos montes".

NUMERO LXXIX

Rio Pacaxá

Desde duas léguas abaixo do Genipapo começa o Rio das Amazonas a dividir-se em grandes braços, que formam a multidão de ilhas que nele se conhecem até desembocar no Oceano, todas povoadas de diferentes nações e linguas, se bem que na maioria entendem a geral daquela costa. (92)

São estas ilhas tantas, e as nações que as habitam tão diversas, que só para elas era precisa uma nova história.

Contudo nomearei aqui algumas das mais conhecidas, como são as dos Tapuias, Anaxiates, Mayanazes, Engaibas, Bocas, Juanes e a dos valentes Pacaxás que teem sua residência nas ribeiras do Rio de que tomaram o nome, e que desemboca a oitenta léguas do Paranaíba. Possuem numero tão grande de aldeias e de moradores, segundo afirmam os Portuguezes que lá estiveram, como qualquer outra das mais povoadas de nosso Rio.

(92) Escreve Berredo: "Com mais um dia de viagem chegou á fortaleza de Santo Antonio de Curupá, onde se deteve; e fazendo-se à vela pelo mesmo rio do Xingú, o largou brevemente, embocando o estreito de Tanajepurú, que o meteu no de Paraitú, que desagua no mar, costeando o qual, saiu por outro muito mais apertado (chamado hoje do Limoeiro) á espaçosa boca dos Tocantins, que deixando logo, o conduziu outro novo estreito, a que dão o nome de Igarapémirim ao caudaloso rio do Mojú". O forte de Gurupá, a doze léguas da fóz do Xingú, estava onde hoje se encontra a cidade do mesmo nome.

NUMERO LXXX

Povoação de Comutá

A quarenta léguas do Pacaxá está situada a aldeia de Comutá que foi, em tempos passados, de grande fama naquelas conquistas, tanto por seus muitos moradores como por ser ali que de ordinário se aprestavam as armas quando tinham de fazer suas correrias.

Mas já não lhe ficaram nem gente, por se ter mudado para outras terras, nem mantimentos, por não haver quem os cultive, nem outra coisa mais que o sítio antigo, sempre bom, com poucos naturais, e que, com sua capacidade e linda vista, está brindando formosura e comodidades aos que a quizerem povoar. (93)

NUMERO LXXXI

Rio dos Tocantins

Atrás do Comutá desemboca o rio dos Tocantins, que, embora naquelas partes goze fama de rico, e ao que parece com algum encarecimento, ninguém conheceu o seu cabedal, senão os Francêses que, quando povoavam suas costas, carregavam naus com a terra que tiravam de suas margens, para beneficiá-la na sua, enriquecendo-a, sem atrever-se nunca a mostrar tais tesouros aos Bárbaros que nele habitam, receosos de que, tomando eles conhecimento do quanto valia, sem dúvida a defenderiam com as armas, para se não deixarem espoliar de tantas riquezas.

Aportaram às cabeceiras deste rio certos soldados Portuguezes que, vindo de Pernambuco, com um sacerdote em sua companhia, depois de atravessar todas as vertentes das Cordilheira, em busca de novas conquistas, e querendo por ele abaixo navegar até ao fim, o tiveram desastrado nas mãos dos Tocantins, em cujo poder, não há muitos anos, se encontrou o Cálice com que o bom Sacerdote lhes dizia Missa em suas peregrinações.

NUMERO LXXXII

O Pará

A trinta léguas do Comutá tem sua séde a fortaleza do Grão Pará, povoada e governada pelos Portuguezes. (94)

Há nela um Capitão Mor, que comanda todos os daquela Capitania, e a quem estão sujeitos outros tres Capitães de infantaria, que aí de ordinário assistem com as suas companhias, para a defesa daquela praça.

Mas tanto estes como aquele obedecem em tudo ao Governador do Maranhão, que tem a sua séde a mais de cento e cincoenta leguas, costa acima, para o Brasil, o que traz graves inconvenientes ao Governo do Pará. Se este rio se povoar, fique este como seu dono, como quem tem na mão a chave de tudo.

Posto que em verdade o sítio onde está presentemente não seja, na opinião de muitos, o melhor que se podia escolher, tendo de ir este descobrimento adiante, será facil mudá-lo para a Ilha do Sol, quatorze léguas mais para o mar, situação na qual todos teem os olhos pela muita comodidade que oferece para a vida humana, tanto de capacidade como de bondade da terra para o sustento da população, como também para a comodidade

(94) Pedro Teixeira chegou a Belém a 12 de Dezembro de 1639.

dos navios que a ela aportassem. Ha aí uma enseada, segura de todos os contrastes, onde eles podem demorar todo o tempo que quizerem, e quando tiverem de se fazer à vela, com a primeira enchente ficam a salvo de todos os baixios que tornam dificultosos estes lugares, o que é não pequena vantagem.

E' esta ilha de mais de dez leguas de circuito, com boas aguas, muito peixe do mar e do rio, uma infinidade de caranguejos, sustento ordinário aonde vão do Pará buscar de ordinário a carne de que necessitam para o seu sustento.

NUMERO LXXXIII

Entra no mar o rio das Amazonas

A vinte e seis léguas da ilha do Sol, debaixo da linha Equinocial, espriado em oitenta e quatro de boca, tendo pelo lado do Sul o Zapparará e do oposto o Cabo do Norte, desagua no Oceano o maiór pélogo de aguas doces que há no descoberto, o mais caudaloso rio de todo o Orbe: a Fenix dos rios, o verdadeiro Maranhão, tão suspirado e nunca acertado dos do Perú, Orellana antigo e, para dizê-lo de uma vez, o grande rio das Amazonas, depois de haver banhado com as suas aguas mil trezentas e cincoenta e seis léguas de extensão, depois de sustentar com suas riquezas infinitas nações de Bárbaros, depois de fertilizar imensas terras e depois de haver passado pelo coração de todo o Perú e, como canal principal, recolhido em si o melhor e mais rico de todas as vertentes.

Este é em suma o novo descobrimento deste grande rio que, encerrando em si grandiosos tesouros, a ninguém repele, mas antes, a todo género de gente convida liberal a que deles se aproveite.

Ao pobre oferece sustento, ao trabalhador recompensa do seu trabalho, ao mercador empregos, ao soldado ocasiões de mostrar o seu valor, ao rico maiores riquezas, ao nobre honras, ao poderoso estados, e ao próprio Rei um novo Império.

Mas os que mais interessados se hão de mostrar nesta conquista, são os zelosos da honra de Deus e bem das almas, pois tanta multidão delas já está clamando por fieis Ministros do Santo Evangelho, para que com a claridade dele se lhes afugentem as sombras da morte, em que há tanto tempo jazem miseráveis.

E ninguem se exima desta empresa, pois há para todos campo descoberto, e quantos mais forem os trabalhadores, maior a messe, e sempre necessitará esta Vinha de novos e fervorosos operários para que a cultivem; basta submetê-la toda sob as chaves da Igreja Romana. Ao que sem duvida acudirá, de sua parte, o nosso Grande e Católico Rei Felipe Quarto, que Deus nos conserve por muitos e felizes anos, dando, com a liberalidade que costuma para o temporal, sustento de tais Ministros. E a Santidade de nosso mui Santo Padre Urbano Oitavo de Gloriosa memória, como Pai e Chefe que hoje é da Igreja, se mostra no espirital não menos liberal e benigno, tendo a grande felicidade que em seus tempos se abra larguissima porta para trazer ao rebanho da Igreja, de uma só vez, mais nações juntas e mais populosas de quantas em toda a América, desde os seus inícios, se descobriram.

Laus Deo Virginique Matri

Memorial apresentado ao real conselho das Indias
sobre o dito descobrimento depois da rebelião
de Portugal.

SENHOR

Cristoval de Acuña, Religioso da Companhia de Jesús, que veio por ordem de vossa Magestade ao descobrimento do grande rio das Amazonas.

Cuidadoso sempre dos maiores aumentos de sua Real Coroa, e receoso de que acontecimentos menos favoráveis, vistos às nossas portas, afoguem e impeçam o luzimento de seus afetuosos serviços, diz que, sendo em verdade a mais importante daquele novo mundo descoberto, para mais depressa começar a gozar dos proveitosos e ricos frutos, que por liberal oferece, a sua boca principal, pela parte que desagua no Oceano das costas do Brasil, sujeita a Portuguezes, é por isso menos apropriada, para que no presente se procure esta entrada.

Mas que nem por isso deve Vossa Magestade desistir nem adiar a conquista deste grande rio, pois com maior facilidade e muito menos gastos o poderá fazer pela Província de Quito, nos reinos do Perú, pelas mesmas entradas por onde ele e seus companheiros desceram.

Disto resultarão sem dúvida grandes serviços de Deus nosso Senhor e de Vossa Magestade e se evitarão não menos inconvenientes, que de não executá-la depressa, em breve se experimentarão e talvez sem remédio.

Tudo se poderá efetuar sem gastos consideráveis da Real Fazenda, bastando enviar ordem à Chancelaria de Quito, para que divida as entradas que mais convenham, pelos rios de sua jurisdição, com algumas das muitas pessoas que à sua custa se oferecem para fazer estas conquistas, só pelos interesses que delas tiram, como sejam as encomendas dos Indios, repartir terras, prover officios e outros semelhantes.

Encarregará ao mesmo tempo do espiritual, no tocante à conversão e ensino dos naturais, aos Religiosos da Companhia de Jesus, que a ela, com título não pequeno, neste particular descobrimento, podem mostrar algum direito, pois seus filhos não só aclararam, à custa de seus trabalhos e desvelos, e também de não poucos ducados, as sombras de um novo e dilatado Império que, banhado por este grandioso Rio, oferece crescidos aumentos à Real Coroa de Vossa Magestade, como se lhes deve pela posse de mais de quarenta anos, adquirida com o sangue do ditoso Padre Rafael Ferrer, derramada pelos naturais, aos quais pregava nas cabeceiras deste rio.

Continuando, o não perder este direito os Padres da Companhia, que por Santiago das Montanhas, há anos que cultivam com a sua doutrina os principais caudais desta nova conquista, e para prosseguir necessitam naquela provincia de Quito menos obreiros que os ajudem em tão copiosa messe.

A isto sem dúvida acudirá Vossa Magestade com a piedade de sempre e a liberalidade que pede a necessidade extrema de tanta imensidade de Nações diferentes.

Do que resultam os seguintes proveitos:

Primeiro (e que sempre o é no Cristianíssimo peito de Vossa Magestade) — darão sem mais demora principio, com a conversão de um novo mundo de infieis, que miseráveis jazem na sombra da morte: obra tão do ser-

viço de Deus, que não se pode oferecer outra que mais lhe agrade, e tal que por ela se dará por obrigada a estabelecer com perpetuidade a Coroa de Vossa Magestade, e de novo dilatá-la a maiores impérios.

Segundo — E economizar-se-ão muitos gastos, que, como forçados, eram inevitáveis, se tivesse de fazer, como se pretendia, pela boca do rio: em conduzir soldados, preparar embarcações, juntar apetrechos e dispôr todo o necessario para formar novas povoações, que sem dúvida tinham de ser muitas.

O que tudo se dispensa, com mandar que se comece esta conquista pelas entradas de Quito, pois os particulares a quem se conceda, farão com prazer todos os gastos, e só necessitarão para o espirital dela, de operários e Ministros aptos do Evangelho, que Vossa Magestade envie de Espanha pela extrema necessidade que há deles naquelas regiões.

Terceiro — Começará Vossa Magestade a possuir o que todos os Senhores Reis, seus antecessores, desde o Senhor Imperador Carlos Quinto que Deus haja, digno bisavô de Vossa Magestade, desejaram e com gastos não pequenos e com diligência procuraram submeter à sua Real Corôa.

Para o que no ano de mil quinhentos e quarenta e nove, o mesmo senhor Imperador Carlos Quinto mandou dar a Francisco de Orellana tres navios com gente sufficiente e apetrechos, para que em seu Real nome tomasse posse deste grande rio das Amazonas (que o mesmo havia navegado nove anos antes) pela muita utilidade que de executá-lo assim se esperava; mas as tormentas e morte de quasi todos os soldados os obrigaram a, reduzidos a uma pequena embarcação, arriba à Margarita, onde com o seu mau successo, cessaram as esperanças que de muitos bens se prometia Espanha, se lhes tivesse a sorte corrido melhor.

E Vossa Magestade, desde o início do seu Reinado, que dure por muitos e felicíssimos anos, ocupou seu desvelo em conseguir isso mesmo, cometendo a execução dêste descobrimento a várias pessoas, como consta em suas Reais Cédulas, despachadas nesta conformidade, nos anos de vinte e um, vinte e seis e trinta e quatro.

A de vinte e um, despachada à Real Audiência e Chancelaria de Quito, para que se estabelecessem as condições que para o dito descobrimento fossem convenientes, com o Sargento Mor Vicente dos Reis Vilalobos, Governador e Capitão General dos Quixos, jurisdição de Quito, que, por chegar-lhe sucessor no governo, não teve resultado.

A de vinte e seis, despachada em favor de Bento Maciel Parente, Português de nascimento, para que pelas provincias do Maranhão e Grão Pará, que ficam na boca deste Rio, começasse o seu descobrimento, o que tão pouco se realizou, por o ter mandado acudir à guerra de Pernambuco.

A de trinta e quatro, despachada a Francisco Coelho de Carvalho, Português, que era então Governador do Maranhão e Pará, com ordem expressa de, com toda a brevidade, com pessoas de sua confiança, e se fosse preciso, ele próprio desse início, por aquélas partes, ao que tanto se desejava, e que nunca surtiu efeito.

E o presente, se o quizer Vossa Magestade, terá feliz execução, e daqui por diante cada día se verão vantagens ainda maiores do que tão ardentes desejos prometiam.

Quarto — Fechar-se-á com isto a porta para que ninguém do Perú tente arrojarse com os tesouros pela corrente deste grande rio, por evitar os direitos que em Cartagena se pagam a Vossa Magestade, e fugir dos riscos de corsários, que quasi sempre são comuns por aquélas partes, o que certamente hão de pretender, moti-

vados pela facilidade com que o poderão executar; ao que de nenhum modo ninguém se atreverá, assegurados os postos principais de suas entradas com as pessoas que por elles começarem a conquista.

Quinto — Impedir-se-á o tráfico e comunicação que tanto desejam firmar os Portuguezes, que assistem na boca deste Rio, com os de sua nação do Perú, o que atualmente será bem prejudicial.

E de modo algum se atreverão a tentá-lo; se o subissem desde já, se prevenia a tempo a sua malícia, tomando as entradas do Rio.

E me consta que intentam esta comunicação os Portuguezes daquela costa do Maranhão e Pará, e, como testemunha do que ouvi muitas vezes tratarem entre si, o poderei afirmar como coisa fora de dúvida.

Sexto — Reduzirá Vossa Magestade à sua obediência as principais Nações deste Rio, e especialmente as que habitam em suas ilhas e nas margens, que são muito belicosas, e que com coragem auxiliarão ao que uma vez reconheçam por senhor; em que haverá pouca ou nenhuma resistência pelas muitas guerras que de contínuo mantêm, umas com as outras, e submetida uma, com facilidade o estarão as outras; poderá pelo mesmo rio abaixo, melhor ainda que pelo mar, expulsar da boca dele a quaisquer outros que com sinistro intento a possuam, e assegurar por este caminho os muitos e riquíssimos frutos que dele se esperam, que tardará em gozá-los o tempo que se demorar em possuí-lo.

E dado o caso de que, com brevidade, como esperamos, ponha freio e se castigue o mal considerado atrevimento dos Portuguezes, e fique desembaraçada a boca deste Rio, para que por ella se prossiga a conquista deste Rio, já começada esta, pelas entradas de Quito, se fará mais facil e precisará de menos gastos para ser terminada com felicidade,

Sétimo — Deve-se considerar com particular cuidado, que já os Índios em todo o Perú, e em quasi todo o descoberto, e especialmente onde há minas ou outras grandearias de importância, que dependem do seu trabalho pessoal, como o podemos afirmar os que percorremos aquelas partes, cada dia são menos numerosos, que em breves anos, por faltarem eles, terão de cessar ou pelo menos diminuir em grande parte os muito interesses que estão ligados à sua existência, dano grande, sem dúvida, e que Vossa Magestade com esforço deverá prevenir a tempo e remediar por todos os meios possiveis, que não há nem se podem imaginar outros, que o tomar muito a peito a conquista e conversão deste novo mundo, onde são tantos os naturais que o habitam, que poderão de novo povoar todos os despovoados do Perú; que se submetem ao jugo do Santo Evangelho e com a paz geral cessarão as contínuas guerras com que cada dia se consomem uns aos outros, e aumentarão de tal sorte que, rompendo, por curtos, os limites que no presente os encerram, será forçoso dilatar-se por mais espaçosos Reinos.

E quando com eles só se beneficiassem as muitas minas e mais vantagens que em suas nações offerece a fertilidade da terra se deveria qual outro novo Perú aceitar logo a sua conquista, e com mais facilidade que aqui se propõe.

Oitavo — Se succedesse que os Portuguezes que estão na boca deste Rio (que tudo se pode presumir de sua pouca Críandade e menos lealdade) quizessem, auxiliados por algumas nações belicosas que lhes são submissas, penetrar por ele acima até chegarem à porção povoada do Perú, ou do novo Reino de Granada, embora seja verdade que por algumas partes encontrarão resistência, por outras muitas haveria muito pequena, por chegarem a aldeias muito pobres de gente, e por fim pi-

sarão aquelas terras vassallos desleais de Vossa Magestade, que em Reinos tão distantes poderia só este nome de desleais causar gravíssimos danos. Pois se unidos com o Holandês, como o estão muitos do Brasil, intentassem semelhante atrevimento, já se vê o cuidado que poderiam dar. E que o Holandês o pretende há muitos anos, e procura com afinco assenhorear-se deste rio é coisa tão certa, que não duvidou em afirmá-lo e publicá-lo João Laeth, Autor Holandês, no livro que intitulou *Utriusque Americae*, que veio a lume no ano de trinta e tres, onde no livro 17, cap. 15, in fine, diz estas palavras:

“Verum tamen, tan hi (scilicet Angeli, etc. Hibrini) quam nostri (scilicet Belgi) a Portugalis, é Pará venientibus, in opinato oppressi, etc. fugati, non leve damnum fuerunt perpesi, ad quod refaciendum et, viribus, institutum repetere, etc. urgere satagunt”.

E no mesmo livro, cap. 2, diz:

“Pos annum ante, 1615 Portugali ad Parae, qui fine dubiu hujus, magni fluminis ramus est, caeperunt incolere, ut diximus, etc. animum, ad caetera forté adjiciente, nisi ab Angelis, etc. Belgis nostris impediatur”.

De onde se conclue bem claramente que o dilatar o Holandês a conquista deste grande Rio das Amazonas, do qual em ambos os logares fala o autor, depende do seu poder, e não que lhe falem desejos, e estima do muito que em executá-lo há de interessar.

Previna Vossa Magestade tão graves danos, como este seu fiel vassallo lhe propõe, e não permita se dê lugar a que algum dia choremos perdas no que atualmente se nos oferecem sobejos ganhos.

Finalmente, se com o andar do tempo, submisso e aplainado o caminho deste grande Rio, e esclarecidas as entradas que há nele por todo o Perú, se quizesse redu-

zir a esta viagem quantas daquelas partes que enriquecem a Espanha, eu me vangloriaria de ter feito a Vossa Magestade um dos maiores e mais proveitosos serviços que se poderiam esperar de um vassalo; com o que não só se economizava grande soma de ducados, em imensos gastos que serão indispensaveis enquanto durar o trajeto pelo Panamá e Cartagena, que por este Rio, por ser por agua, e ajudarem suas correntes, seriam muito moderados. Senão que também (que é o de mais consideração) assegurava Vossa Magestade de uma vez suas frotas, e sem receios de corsários, poria a salvo os seus tesouros, pelo menos até chegarem ao Pará, de onde, em vinte e quatro dias, por mar alto, em galeões, feitos no mesmo rio, em qualquer tempo se punham em Espanha, sem que nenhum inimigo os possa guardar na saída, por ser a costa do Pará tal que nem dois dias podem os navios resistir às correntes do mar. Com o que cessarão de uma vez os contínuos cuidados que todos os dias nos causa tão perigosa e dilatada viagem, como é a de Cartagena.

Tudo, Senhor, se remediará com o que tenho proposto neste memorial: a que só acrescento que a maior parte do bom successo nesta matéria será a presteza em sua execução. E se eu fôr de proveito para alguma coisa, sempre estarei aos pés de Vossa Magestade.

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", à rua Conde de Sarzedas, 38, em São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, rua dos Gusmões, 639, em junho de 1941.*

*GASPAR de CARVAJAL, ALONSO de ROJAS
e CRISTOBAL de ACUÑA*

Descobrimientos do Rio das Amazonas

*Traduzidos e anotados
por*

C. DE MELO - LEITÃO

Serie 5.^a BRASILIANA Vol. 203
Biblioteca Pedagógica Brasileira

Descobrimientos
do
Rio das Amazonas

348

MPW
2343